

COLEÇÃO
PROARTE
LITERATURA

REGINA LÚCIA AZEVEDO DE MELO

OCEANO PRIMEIRO MAR DE LEITE, RIO DA CRIAÇÃO



CULTURA
Edições
Governo do Estado



COLEÇÃO
PRONTE
LITERATURA

Oceano primeiro

Mar de leite, rio da criação



GOVERNADOR DO AMAZONAS

Omar Aziz

VICE-GOVERNADOR DO AMAZONAS

José Melo

SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA

Robério Braga

SECRETARIA-EXECUTIVA

Elizabeth Cantanhede

Mimosa Paiva

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE LITERATURA

Antônio Ausier Ramos

CULTURA
Secretaria de Estado

Av. Sete de Setembro, 1546

69005-141 – Manaus-AM-Brasil

Tels.: (92) 3633-2850 / 3633-3041 / 3633-1357

Fax.: (92) 3233-9973

E-mail: cultura@culturaamazonas.am.gov.br

www.culturaamazonas.am.gov.br

Regina Lúcia Azevedo de Melo



COLEÇÃO
PRO ARTE
LITERATURA

Oceano primeiro

Mar de leite, rio da criação

CULTURA



Edições
Governo do Estado

Copyright © Secretaria de Estado de Cultura, 2012

Coordenação Editorial
ANTÔNIO AUSIER RAMOS

Capa
ROBERTO LIMA

Ilustrador
WILSON PRATA

Projeto Gráfico e Diagramação
GRÁFICA ZILÓ LTDA

Revisão
SERGIO LUIZ PEREIRA

Normalização
EDIANA PALMA

Catálogo da Fonte

M528o Melo, Regina Lúcia Azevedo de.

Oceano primeiro: mar de leite, rio da criação / Regina Lúcia Azevedo de Melo. – Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado de Cultura, 2012.

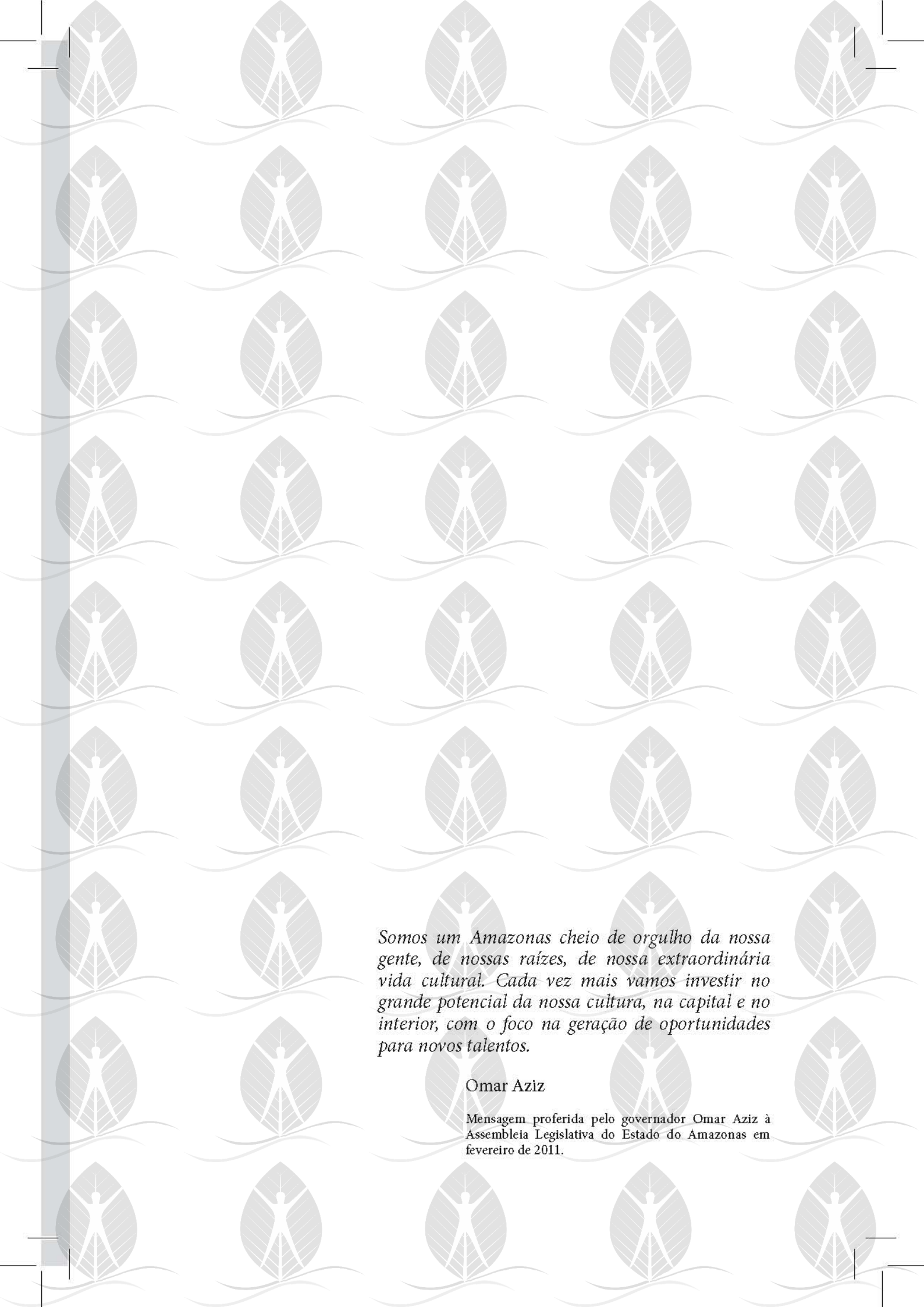
226p. : il. ; 14x21cm. (Coleção Proarte Literatura).

ISBN 978-85-65409-18-6.

1. Literatura Brasileira – Romance. 2. Mitologia. 3. Rio Negro – Amazonas. I. Título. II. Série.

CDD 869.9308

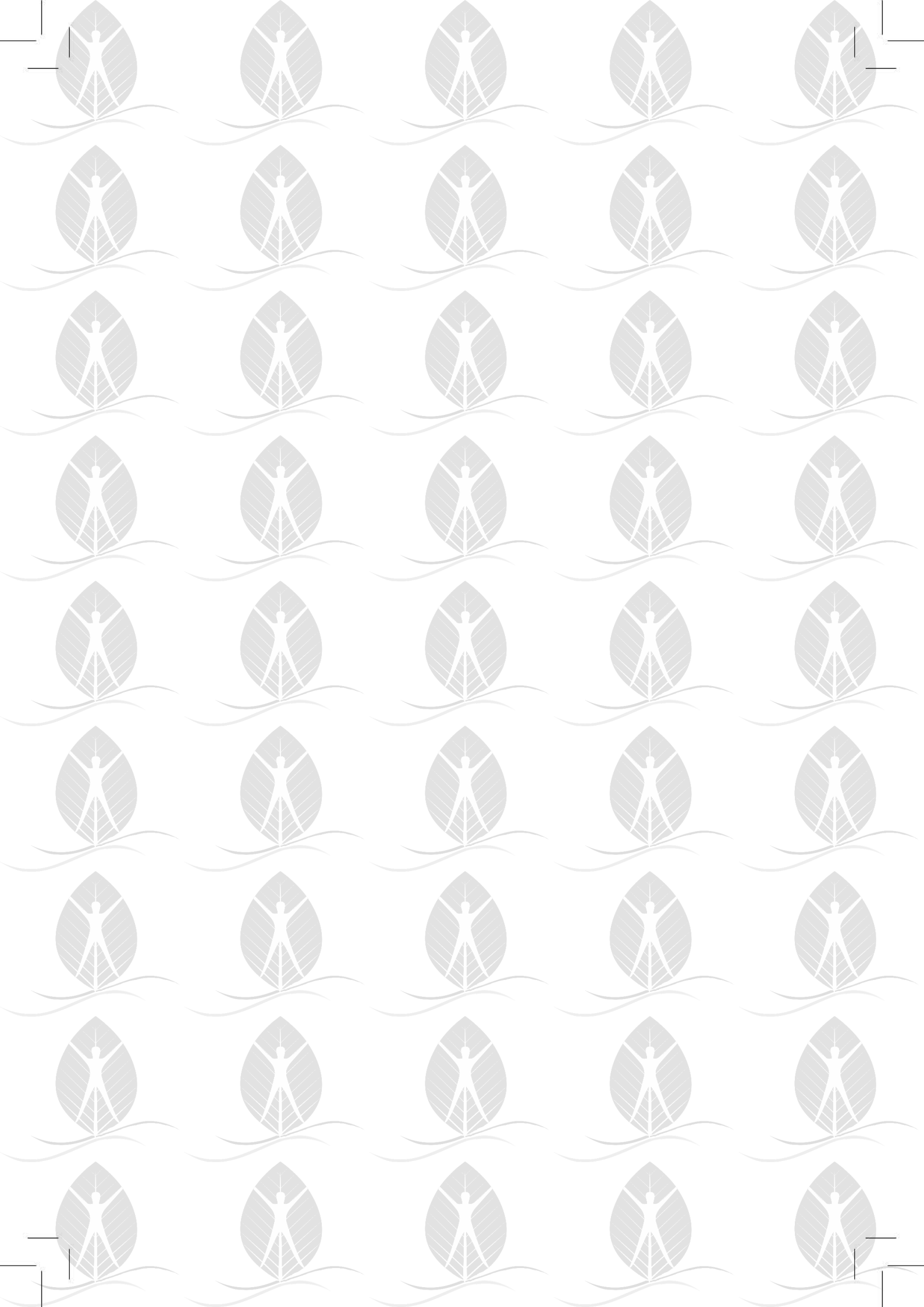
CDU 821.131.3(81)-34




Somos um Amazonas cheio de orgulho da nossa gente, de nossas raízes, de nossa extraordinária vida cultural. Cada vez mais vamos investir no grande potencial da nossa cultura, na capital e no interior, com o foco na geração de oportunidades para novos talentos.

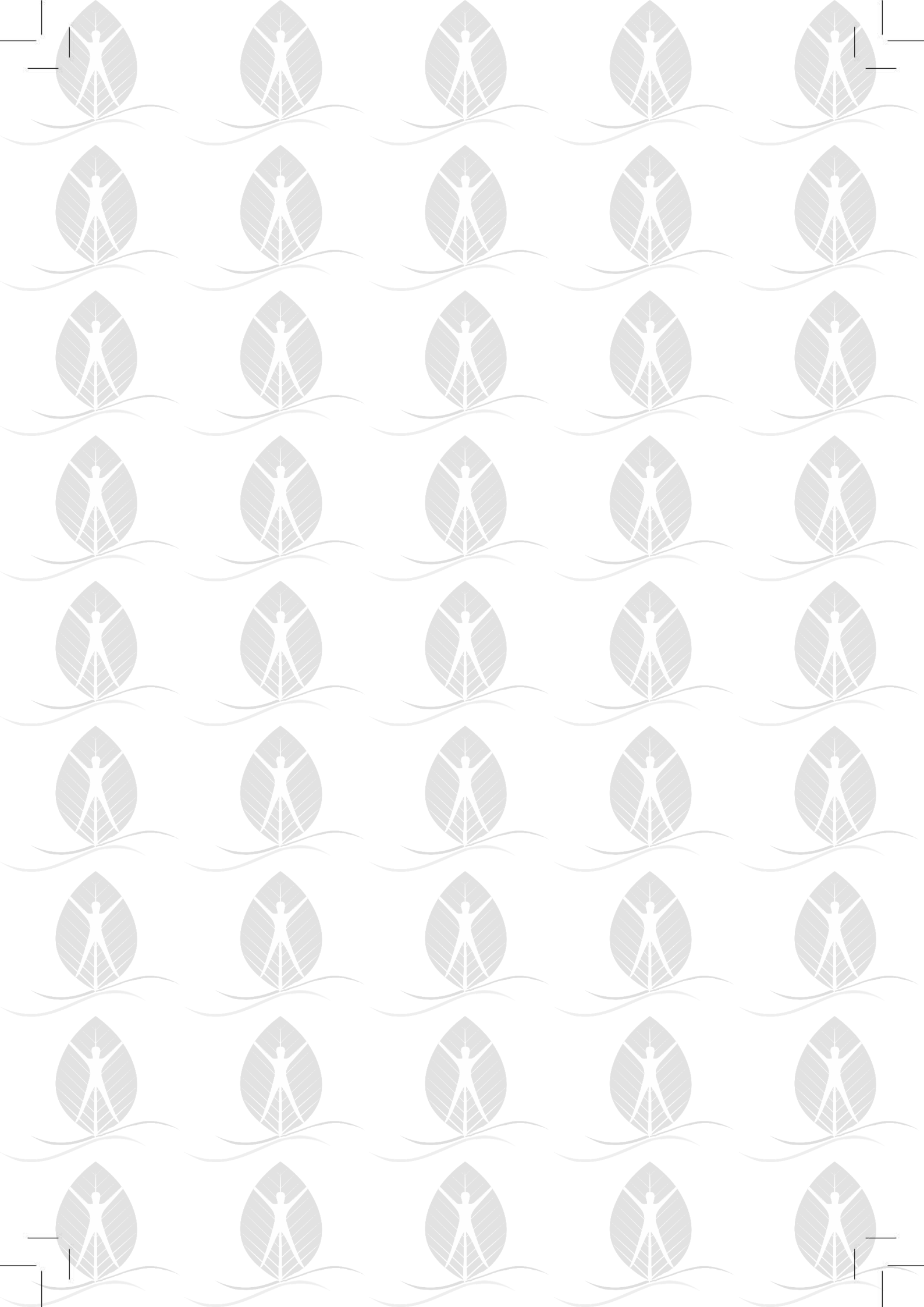
Omar Aziz

Mensagem proferida pelo governador Omar Aziz à Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas em fevereiro de 2011.





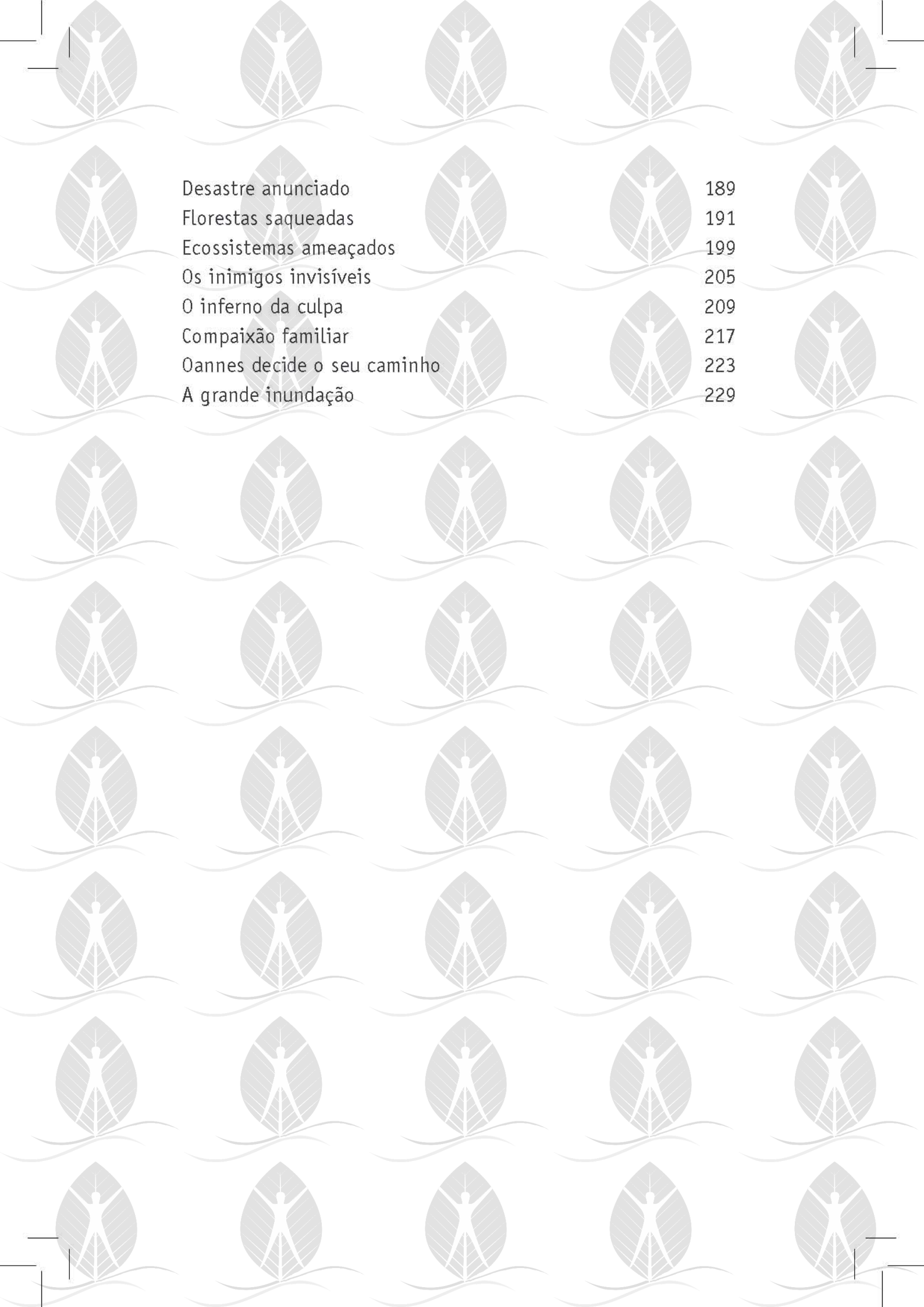
*Cada obra de arte se origina da mesma maneira como se originou
o Cosmos: através de catástrofes que a partir do caótico fragor dos
instrumentos formam enfim uma sinfonia chamada harmonia das esferas*
Kandinsky





SUMÁRIO

A saída	15
Em busca do lugar sagrado	19
O mundo dos Boe	23
O lugar de cada um	37
O rio corre para a vida	41
Da água ao fogo	45
O arquipélago das gentes do rio Negro	51
As vozes da floresta pedem socorro	57
Tempestade tropical	61
Mito primevo	67
Um ser da água	73
A influência dos ventos	77
A dança dos continentes	85
O paraíso perdido	89
A memória da terra	97
O fogo engole as terras do oeste	105
A alquimia da alma	111
O retorno do dragão	121
As doenças da alma	127
Oannes, um ser misterioso	135
O terceiro olho	141
O umbigo do mundo	147
O rio de leite	155
Yepá-Buró – a incriada	163
Peixe-gente	167
O buraco do medo	171
O fogo divino	175
A frágil vida aquática	185



Desastre anunciado	189
Florestas saqueadas	191
Ecosistemas ameaçados	199
Os inimigos invisíveis	205
O inferno da culpa	209
Compaixão familiar	217
Oannes decide o seu caminho	223
A grande inundação	229

APRESENTAÇÃO

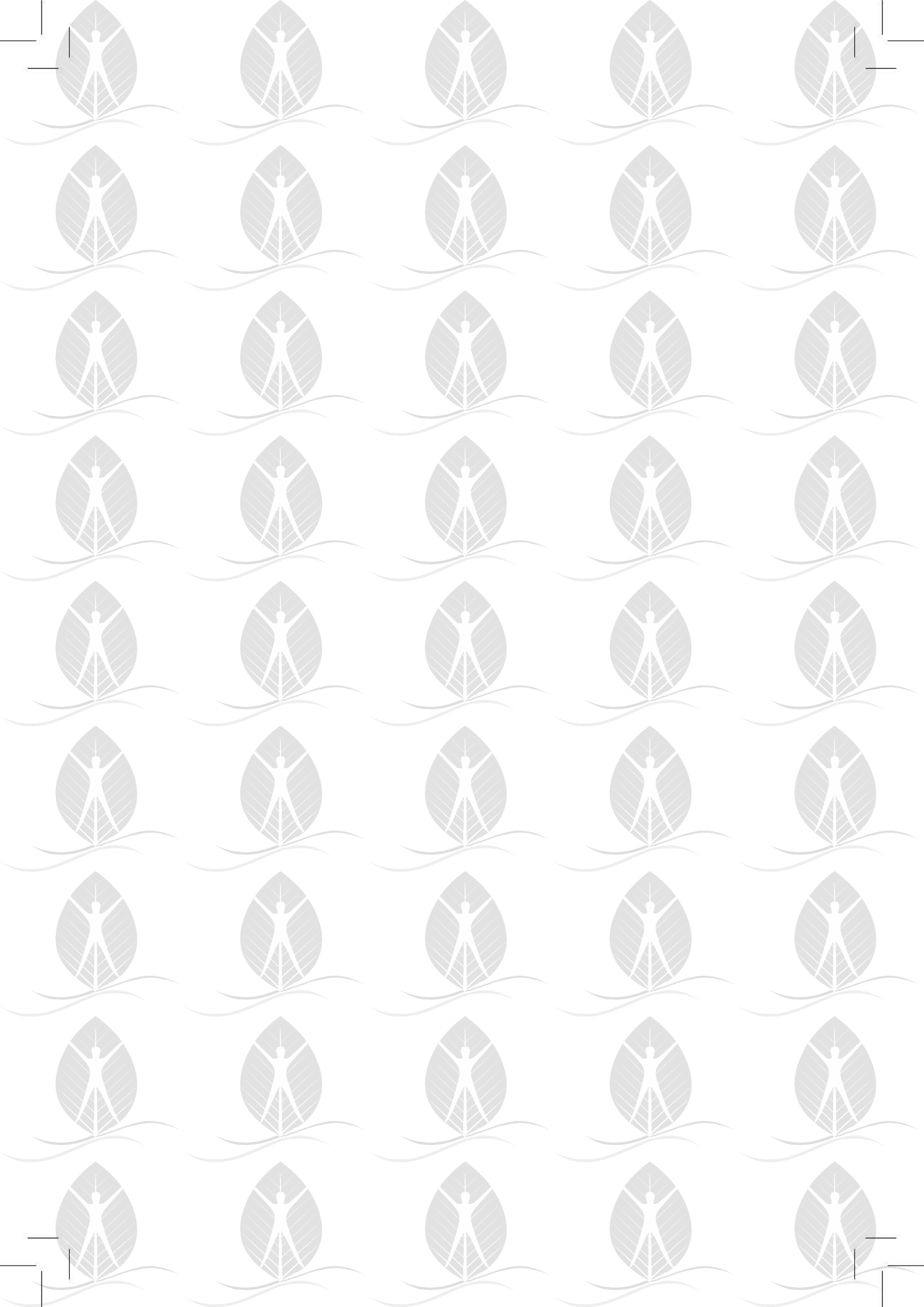
Regina Lucia Azevedo de Melo nos oferece a obra “Oceano primeiro”, prêmio Proarte – Programa de Apoio às Artes, com o qual o governo do Estado por meio da Secretaria de Cultura reconhece e estimula os novos produtores, criadores e agitadores culturais. O subtítulo sugere ainda mais sobre a obra “mar de leite, rio da criação”, demonstra uma intensa pesquisa da autora antes de compor o texto, daqueles que demoram a ser considerados no ponto exato para que seja aberta a criação.

É livro elaborado. É de temática amazônica. Vence a cidade e invade a floresta e as águas, pelo menos este é o desejo ardente da autora, sair do mundo urbano e caótico e viver em meio à natureza pura e bela. Ela diz: “Viver por aqui – último éden do planeta – poderia ter um significado especial para mim, se realmente estivesse em contato com a floresta. Neste lugar, não! Decididamente este não é o meu habit! Preciso estar mais perto do meu mundo. E o meu mundo é a água”.

E ela se inspira em Kafka, Heráclito, Samuel Benchimol, Fernando Pessoa, Galileu Galilei, Baudelaire, Camile Caudel, Victor Hugo e até no Alcorão, para falar de alguns que trouxe na abertura dos textos que oferta em linguagem limpa, lisa, bem construída, daquelas que dá gosto de ler. Eu li de uma sentada, mas com a atenção que a obra merece. Provoca interesse e prende a atenção do leitor.

Regina Melo e seu “Oceano primeiro” bem merece estar na coleção das Edições Governo do Estado e seu livro merece ser lido, debatido, comentado, absorvido. E não foi feito às pressas, portanto, deve ser lido com ânimo de conhecer as últimas palavras que o compõem, mas sem a sofreguidão dos que salteiam parágrafos e páginas e dão por lido. Aqui e ali merece que se retorne à página anterior, ao capítulo antecedente. E basta ter paciência para ler com o intuito de compreender de verdade o sentido desejado pela autora, que se vai perceber o quanto o texto foi elaborado.

Robério Braga



Preciso descansar desse peso sobre as costas. Meu corpo sustenta uma enorme pressão, como se a força da gravidade incidisse sobre o peito, atraindo-me ao chão. Parece estranho, que embora mantenha a estrutura física esguia, o tronco aprumado, algo me puxe pra baixo como propenso a alterar minha constituição física.

Que me sinta extremamente incomodado por viver num lugar prestes a me asfixiar, não é novidade. O cúmulo é ter de buscar aqui estímulo pra resistir à tensão que aos poucos enrijece meus músculos e me contrapõe aos planos traçados.

As tentativas de ocupar meu tempo com atividades acadêmicas tornaram-se vãs. Vou da depressão à desesperança, num exercício penoso que é essa insistência em tentar mudar o mundo. Tento expurgar o fantasma da depressão e a desesperança me alcança, em seguida.

É que substituir a forma fragmentária com a qual nos acostumamos a traduzir a vida por uma visão sistêmica não se constitui em fácil tarefa. Dá-me a impressão de investir numa “barca furada”, que talvez nem todos os esforços sejam suficientes para mudar esse paradigma.

Sinto-me forçado a aceitar as imposições sociais e me alienar, fingindo fazer parte da mesma teia – ou a lutar ferrenhamente contra a ditadura da mediocridade, sob o peso da discriminação e da violência. Ambas as situações parecem-me levar à morte.


Jamais conseguirei viver sob nenhum desses signos, subjugando-me, escravizando-me, ou tendo de suportar a sensação de “dar murro em ponta de faca”, como quem rema contra a maré ou ruma em direção contrária aos ventos. Pois essa, EXATAMENTE, a sensação experimentada, por mais que busque forças, aonde quer que vá.

O ambiente me é hostil, assemelha-se a uma cidade prestes a entrar em guerra, cada um por si; o egoísmo patente nos gestos, nas reações, no comportamento das pessoas.

Tudo aqui beira à exaustão. O calor, o concreto, o trânsito...

Os dias parecem iguais no caótico trânsito da cidade, com engarrafamentos entupindo ruas e avenidas. Só de pensar na agressividade com que motoristas conduzem seus veículos, quais máquinas mortíferas, perco a vontade de me dirigir a locais mais afastados.

Imagino se essas pessoas não levam suas vidas da mesma forma estúpida com a qual costumam agir no volante de seus automóveis; ou até se esse comportamento não é um eco grosseiro de seus gestos cotidianos.



Os finais de semana não são diferentes: vizinhos repetem atitudes grotescas, como desperdiçar água sobre o asfalto pra se livrarem do calor. E, nas noites, dormir tem se tornado insuportável pelo alto volume de seus aparelhos de som.

Experimento a impotência de ter de lutar contra as armadilhas que os humanos constroem pra suas vidas...

Viver por aqui – último éden do planeta – poderia ter um significado especial para mim, se realmente estivesse em contato com a floresta. Neste lugar, não! Decididamente, este não é o meu hábitat! Preciso estar mais perto do meu mundo. E o meu mundo é a água.

...Já tomei minha decisão!

I A SAÍDA

Você pode afastar-se dos sofrimentos do mundo, isto é algo que está livre pra fazer e de acordo com sua natureza, mas este recuo talvez seja precisamente o único sofrimento capaz de evitar

Franz Kafka

Dobrei a carta e coloquei-a num envelope.

Dizem que quando algo precisa ser feito, os ventos conspiram a favor. Pensando assim, decidi que partiria da cidade.

Saí às ruas, depois que a multidão já se esvaíra, repetindo um ritual que me levava a respirar mais livremente, como se o espaço vazio me trouxesse de volta o ar comprimido durante o dia. Não sei por que, mas começava a abominar tudo isso: ruídos, automóveis, asfalto... E até pessoas.

O dia fora de muito calor, com altas temperaturas e umidade. Tem sido assim, o ar sempre morno, abafado. Ficou difícil suportar a falta de educação, a ignorância e o mau humor que permeiam a rotina dos habitantes desta cidade – sem florestas, os igarapés aterrados, destituídos de seus destinos... A cidade de costas para o rio... Porque assim ela foi erguida, ignorando suas margens. E sua gente, sem ver o rio seguir seu curso.

No dia seguinte, comuniquei à direção do Departamento de Filosofia uma decisão que durante meses fora adiada.

– Então você vai mesmo? – indagou-me o amigo.

– Sim. Você poderia avisá-lo da minha chegada? – perguntei, repassando-lhe a carta.

– Pode deixar! É pra Simone? – perguntou-me, balançando o envelope.

– Quero que entregue a ela, assim que retornar das férias.

– Deixe comigo! E não se preocupe, darei um jeito de avisar Ubiracy da sua chegada. De qualquer forma, converse com o comandante do barco e dê-lhe as coordenadas.

Em casa, juntei as roupas, produtos de higiene pessoal, calçado para andar no mato e alguns utensílios básicos. Coloquei na mochila os livros que me restaram. Vesti as largas calças e a camisa desabotoada à

altura do peito. Penteei os longos cabelos negros. Coloquei um chapéu de palha, calcei as sandálias que não comprimiam meus pés...

De frente ao espelho, enxerguei naquela silhueta esguia, uma quase sombra. Assemelhava-me a um homem de meia-idade.

Acertei a conta com a proprietária do imóvel e saí, batendo a porta, apressado.

‘Se não posso mudar o mundo de todos, vou tentar mudar o meu. E só há um meio: preciso chegar ao rio quanto antes. Sinto-me um peixe fora d’água.’

Sem nenhuma comoção, deixei a cidade que me sufocava. Parti ao final da tarde, num desses gaiolas regionais que navegam pelo Amazonas. Ansiava pelo ar da mata; queria respirar, sentir-me vivo. Mais que isso, desejava mergulhar no rio que nasce da floresta. Algo me atraía para esse lugar. Era como se recebesse um chamado para me integrar nesse outro mundo. Estar indo a esse encontro me acalmava e me excitava, ao mesmo tempo.

Senti um arrepio cortar a minha coluna vertebral, em contraste com o vento quente que soprava no meu rosto. A estação seca do verão deixava antever um período em que o clima deveria se apresentar com temperaturas bastante elevadas.

O barco singrava as águas cor de âmbar, levantando espumas que nasciam no imenso tapete líquido. Tudo se vislumbrava numa enorme solidão, mas era o que alimentava minha alma. Os canais, os paranás, os furos formavam as veias do meu corpo. Era como se nas minhas artérias percorressem todas essas águas. Subia o rio, abrindo os pulmões como um velho marujo a caminho de sua plena e total liberdade.

Avançava sobre o rio milenar da Amazônia. Tinha convicção de quanto se fazia necessário estar nesse lugar, de quanto gostava desse rio. Havia algo nessas águas que me acalmava.

O barco atingia, agora, uma sucessão de ilhas, com praias arenosas, entrecortadas por igarapés.

O céu subtraía o horizonte.

Retirei da mochila um pequeno livro com os cinco princípios da filosofia Pratyabhijña, o Shivaísmo da Caxemira, que nos últimos anos orientava minha visão de mundo. Nele busquei apoio espiritual para a viagem.

Senti um cheiro doce de sândalo no ar. Era a luz de Shiva que se manifestava em mim, abrindo-me o coração para as correntes de

energia. Ativei a coroa – o chacra central, no topo da cabeça – para receber a luz branca do lótus das mil pétalas.

‘Quando a luz de Shiva chega, tudo muda!’

Li sobre os cinco princípios que devem nortear a nossa conduta: o *sadvidya* ou *kriya*, o *ishvara* ou *jñana*, o *sadashiva* ou *iccha*, o *shakti* ou *ananda* e o *shiva* ou *cit*; que são os princípios da ação, do conhecimento, da vontade, da percepção de si mesmo e da consciência pura. Evidenciava-se em mim a importância de honrar tais princípios, agora, mais do que nunca, quando me aproximava do sagrado para compreender a totalidade do mundo. A doutrina do reconhecimento haveria de despertar a consciência de Shiva em mim.

Fechei o Shiva-Sutra e respirei profundamente, acreditando haver encontrado a saída.

O barco seguia viagem rio acima, levando indígenas, moradores ribeirinhos e turistas que vinham visitar a região. Abarrotado de mantimentos, vez ou outra, passageiros que ataram suas redes na direção do convés tinham de abrir espaço para que membros da tripulação destampassem uma enorme rampa e retirassem parte da carga de alimentos e bebidas que seriam consumidos durante a viagem.

Foi servido o jantar. Logo, as luzes dos compartimentos destinados ao recolhimento dos passageiros apagaram-se, e muitos foram se deitar.

Começara a chover. Nuvens cor de chumbo se agigantavam sobre o dossel da floresta. Relâmpagos riscavam faíscas em quase todas as direções. Meu olhar observava atento o que se passava à nossa volta. De repente, formou-se no rio um enorme banzeiro que ameaçou a estabilidade da embarcação.

As luzes voltaram a se acender. Assustados, os passageiros procuraram informações sobre a gravidade do evento. A navegação tornou-se difícil, embora tentativas para manter o barco em equilíbrio fossem realizadas. O gaiola ia e vinha ao encontro das ondas, levado pela força das águas.

A despeito da tensão provocada pelo fenômeno, era-me impossível não sentir que o choque entre as massas cinzentas promovia um espetáculo musical de raríssima qualidade. Acordes sonoros de várias frequências e tons eram lançados pela fúria da natureza.

Raios retumbavam gravemente sobre a floresta; e esta, sob a força do vento, respondia ao ritmo das vibrações como chicote nos galhos e nas folhas que se encharcavam em silvos alucinantes. O súbito clarão punha em movimento as aves e animais terrestres, que, afugentados,

emitiam vocais agudos de dor. Enquanto a mata reverberava, o rio anteriormente calmo agitava-se com fúria. A tripulação do barco se sobressaltava, e os passageiros mostravam-se alteradamente nervosos. A tempestade produzia um concerto tropical de contrastes. ‘Seria um presságio de mudanças?’

A força dos ventos arrastava grandes toras de madeira que vinham de encontro ao barco e desciam correnteza abaixo. O banzeiro aumentava de volume tão rapidamente, que balançava ainda mais a embarcação. Era como se, de repente, o rio virasse mar. As águas se encrespavam em ondas violentas, numa cena de terror que durou aproximadamente quarenta minutos, a tempo de o comandante fazer o barco adentrar um igarapé e prendê-lo entre matupás. Por pouco a embarcação não virou.

Finalmente, a chuva diminuiu e a lua surgiu radiante. As águas demoraram a se acalmar; mesmo assim, o comandante do barco retomou a viagem. Acomodados às suas redes, os passageiros voltaram a dormir. À exceção dos pontos luminosos que surgiam nos pedaços de terra, descortinando alguma povoação ribeirinha que avistávamos a certa distância, tudo era breu.

Passava das duas horas da madrugada. Uma calmaria absoluta, em que somente ouvíamos na floresta o som ortóptero de grilos e esperanças. Era música pura. Fiquei feliz quando me avisaram que alguém viera me buscar. O barco diminuiu o movimento, enquanto eu saltava para a pequena embarcação. Cumprimentei Ubiracy, agradecendo-lhe a generosidade de receber-me àquelas horas da manhã.

Seguimos ao som do motor da canoa sobre as águas. Quando encostamos à praia, avistei, um pouco mais acima do terreno, uma casinha bastante simpática. Tirei os sapatos, pisei a areia e caminhei até ela. Pouco dava para percebê-la, mas meus sentidos percorreram-na toda. Não resisti e atravessei-a pela sua direita, como que, sentindo-a mais perto, dentro de mim. Por fim, entrei na casa, até a sala onde Ubiracy me aguardava. Ele, então, fechou a porta com uma tranca de madeira e me conduziu pelas escadas ao quarto que me fora destinado. Agradei-lhe a acolhida e desejei-lhe boa noite.

Nunca estivera tão perto de casa.

II EM BUSCA DO LUGAR SAGRADO

Instalar-se num território equivale, em última instância, a consagrá-lo
Mircea Eliade

Sempre me pareceu que as ilhas do oceano Pacífico eram pedaços de um continente que submergiu. Templos de pedra, pirâmides, cavernas, criptas, colinas e outros vestígios monolíticos não seriam meras suposições. Assim como as figuras colossais de granito, ruínas abandonadas, geoglifos em formas de pássaro, peixe, macaco, aranha, lagarto e cão nos Andes não pertenceriam a cenários fictícios de um megaprojeto cinematográfico. Por seu turno, o nome original de *Tapy K'ala*, “povo da pedra central”, para Tiahuanaco – a se distanciar cada vez mais do mar, no alto do planalto Titicaca – também não seria apenas mais um detalhe.

Eram vestígios da existência de Mu. Mas algo dentro de mim dizia que não havia indícios somente ali. Havia pedaços de Lemúria também noutras partes do mundo. Nas características humanoides de indonésios e polinésios, na similaridade de crenças, rituais e arquiteturas, como as pirâmides do Egito, México e América Central, além de semelhanças linguísticas em vários alfabetos, como o maia, o grego e o sânscrito; nos símbolos da cruz, círculo solar e, principalmente, da serpente, utilizados por instituições filosóficas e religiosas, dentre as quais o cristianismo.

Enfim, Mu estava presente em muitos lugares e culturas do mundo. Pena que a geografia não repercutisse o tempo mitológico, pois o que não foi engolido pelas águas permanece enevoado num manto de enigmas indecifráveis.

Esses assuntos me perturbavam, moviam meu destino, inquietavam meu ser, beiravam à loucura... Mas faziam parte da minha trajetória, talvez não fosse mais possível interrompê-la. Inevitavelmente, seria levado a buscar as razões pelas quais mantinha dentro de mim um continente perdido, um local sagrado. E esse lugar emergiria de mim onde estivesse.

Rio Negro, Amazonas. É onde me encontro agora. Na maior floresta equatorial do planeta. Região Norte do Brasil. Continente sul-

americano. Clima tropical, quente e úmido. Fugindo, a poucas horas, de um ambiente que pouco tinha a me acrescentar, a não ser a irritadiça contradição de minha condição, agora, nesse mundo.

O vento frio da madrugada invadiu o quarto, trazendo um agradável aroma adocicado que me era bastante familiar. Debrucei-me sobre a longa janela – telada, para evitar a entrada de insetos, carapanãs e outros mosquitos da Amazônia – e pus-me a observar o cenário opaco e imperceptível do rio. Era como se pudesse penetrar no impenetrável, decifrar o indecifrável, conhecer o incognoscível.

‘Minha primeira noite na floresta’, pensei. ‘Como me mantive distante do que ela teria a me oferecer... Por que permaneci num ambiente que só tolhia meus sonhos e me privava dessa convivência? Como sobrevivi numa cidade que, nascida no meio da selva, tornou-se arredia a ela? Uma cidade que bane seus espaços verdes com a mesma voracidade com que se consome na inércia de seus habitantes, sufocados de calor e agressividade... E quase fiz dela minha casa! Aqui seria diferente! Aqui ficaria em perfeita harmonia com a floresta.’

O cheiro do rio, do mato orvalhado pela noite, a sinfonia dos pássaros, o movimento do motor do barco de linha ainda zunindo nos meus ouvidos, a casa na areia e suas belas árvores de copa alta, em volta... Tudo me dava impressão de adentrar um ambiente familiar, porém não identificado.

Acordei com o barulho vindo dos arredores. Olhei o relógio, era pouco mais das oito da manhã. Levantei-me e fui à janela. Entre os galhos de uma enorme árvore, a cena se descortinou: um bando de caititus a perseguir aves domésticas. Atrás, uma senhora magricela, aparentando seus sessenta anos, a correr de um lado a outro com uma vassoura nas mãos, na tentativa de afugentá-los. Desci as escadas – a toalha ao pescoço, a pasta de dentes e a escova numa das mãos –, e adentrei a cozinha, onde uma jovem se encontrava tomando seu café matinal.

- Bom-dia! – cumprimentei-a.
- Bom-dia, senhor...
- Oannes – respondi-lhe. – Você é a...
- Cíntia.

Um nome mitológico, cujo significado lembra o da deusa Artemis, rainha dos bosques. E, de fato, a jovem lembrava uma ninfa. Teci-lhe um elogio:

- Nome bonito!

- Obrigada!
- A senhorita poderia dizer-me onde fica o banheiro?
- Pois não: saindo da casa, à sua direita.
- Com licença, já volto!

Desci a pequena escada de três degraus e me dirigi até o fundo do quintal, ao banheiro que tinha acesso pela parte externa da casa. Sua parede não alcançava dois metros, deixando à mostra, até a altura do teto, as árvores do pomar. Liguei o chuveiro e uma deliciosa ducha me pôs em contato com aquela nova realidade. Imaginei que Ubiracy talvez tivesse um estilo requintado, a julgar pelos detalhes que balizavam a arquitetura da casa. Além disso, sua localização, às proximidades da praia, tornava-a particularmente distinta das demais casas ribeirinhas.

Após realizar a higiene matinal, caminhei em torno da casa, e percebi, à luz do dia, a beleza do lugar. Dessa vez, fiz o caminho inverso da noite anterior, percorrendo-a pela esquerda da porta principal. Uma das árvores que avistara pela manhã era uma frondosa mangueira, cujos frutos começavam a aflorar, conforme pressentira na noite anterior. Reportei-me ao antigo quintal da casa onde morei durante parte da minha infância, e me vi arrancando a manga do pé, com um puxão, para chupar a polpa pelo buraco da casca. Não resisti e, num salto, para alcançar um dos seus extensos galhos que se pendiam para baixo, apanhei-a, mordendo-lhe a casca e apertando a fruta para extrair-lhe o suco, tal como fazia antigamente.

Aquela mangueira imponente, de quase vinte metros de altura e uma copa de dez metros, era nativa do sudeste asiático, principalmente do meu país de origem, a Índia, onde é considerada a fruta nacional, com registros fósseis de trinta milhões de anos. Nos climas tropical e subtropical, em área com boa drenagem e solo ligeiramente ácido, tem boa adaptação, razão por que muitas das suas variedades se ajustaram ao solo amazônico. Eu, particularmente, sempre apreciei a manga-espada, suculenta e fibrosa – a mais deliciosa ao meu paladar.

Agora, que se aproximava o final de ano, as frutas voltavam a aparecer. Lembro-me de que, ao surgir um problema no estômago, logo chupava manga. Não só no estômago, mas nas vias respiratórias, no sangue... Assim, ao sinal de qualquer mal-estar ou prognóstico de doença, logo me diziam: “chupa manga, que passa!”

Como ela é sugestiva! Sempre frondosa e acolhedora, a “chuta”, como é conhecida em sânscrito, parece amolecer a gente.

A recordação trazida com a imagem da mangueira inspirou-me os versos de um poeta amazonense, Luiz Bacellar, que conheci há poucos anos. O seu poema “Ciranda à roda de um tronco” é uma homenagem singela à lembrança dessa que é uma das mais grandiosas e elegantes frutíferas. Com a permissão do poeta, e tocando o seu tronco, tomei-lhe emprestado os versos que há muito decorara, para enaltecer essa jovem mangueira, de folhas rosa-alaranjadas e flores miúdas e cheirosas:

Mangueira de minha rua/ Do velho tronco enrugado/ Que serves de alcoviteira/ Ao casal de namorados/ O vento mexericando/ Com tuas folhas assanhadas/ Te arrepias as verdes franjas/ Em murmúrios assustados.

As formas dos papagaios/ Te pendem das galharias/ Como brancos esqueletos/ De duendes enforcados/ Te escorre o luar das folhas/ Com seu brilho niquelado/ Como um colar de rainha/ Sobre um dossel desfiado.

Mangueira de minha rua/ Vivo cheio de cuidados/ Pela ingrata que tortura/ Meu coração macerado/ E hei de quebranto e saudade/ Morrer contigo abraçado.

Reverenciando-a, cumprimentei todas as árvores e plantas vizinhas. ‘Bom-dia!’.

Segui adiante e deparei, à frente da casa, com um imenso ipê a reluzir seus cachos amarelos à luz do sol. Era setembro.

III O MUNDO DOS BOE

A história é um pesadelo do qual eu estou tentando acordar
James Joyce

Desde a infância eu era o que se poderia chamar de um “devorador de livros”, especialmente os de aventura que me faziam viajar para lugares onde, talvez, jamais pudesse conhecer pessoalmente. Na juventude comecei a ficar incomodado com as leituras sobre civilizações antigas. A partir dali, começou a se processar uma grande mudança em mim. Passei a experimentar sensações estranhas quando me punha em contato com a água. Decidi aprofundar estudos sobre autoconhecimento, pois, às vezes, parecia que eu não era eu. Senti que minhas origens estavam em algum lugar, mas não sabia onde. Precisava encontrar o elo perdido de mim mesmo, conhecer a minha história.

Os estudos me levaram aos mistérios ocultos, às religiões arcaicas, à filosofia, à física quântica. Ao conhecer a teoria sistêmica, resolvi que seria professor, ajudaria na mudança de atitude das pessoas para o bem-estar do planeta. Acreditei que algumas delas, até, poderiam fazer a diferença, intercedendo por uma vida mais ecológica, e não unicamente humana, pois isso muitos já o tinham feito e os resultados foram catastróficos. Mas plantar essa semente ia na contramão do mundo moderno; cada área encontrada parecia árida demais para que florescesse. E sem terra fértil para germinar, tudo se tornava inútil.

Era o momento de desprender o conhecimento dos livros: ou aprendera a lição que me ensinaram e a traduziria nas minhas ações, ou não saberia para o que serviriam, nunca.

Trocar a cidade pela área rural representava inverter o processo histórico – ou seja, fizemos tudo errado, desde sempre! Era preciso interromper o caminho destrutivo. Os livros, entretanto, acompanharam-me aonde quer que fosse. Por essa razão, ainda pesavam na minha mochila, enquanto o restante descansava nas prateleiras da casa de Simone, com quem nos últimos tempos aprofundara amizade e falara sobre o desejo de realizar uma viagem pelos rios da Amazônia.

Retroceder milhares, milhões ou mesmo bilhões de anos para conhecer a pré-história da Terra se constituía num empreendimento

difícil, senão improvável para um cidadão comum, embora me despertasse o estranho sentimento de poder alcançar êxito. Na verdade era muito mais que isso; exigia-me uma resposta urgente, como se intuisse deparar com uma civilização perdida, um acontecimento antigo ainda não conhecido ou registrado na história. Além da pretensão, sabia ser algo a me exigir bem mais que os anos de pesquisas me possibilitaram chegar. Não adiantaria, apenas, estudar geologia, biologia, astronomia, avançar nos estudos evolucionistas e fenômenos universais, conhecer a teoria das espécies e, até mesmo, as estâncias profundas do conhecimento – o que vinha fazendo, até então. Era preciso mais! Talvez tivesse de percorrer caminhos abstratos que me levassem a adormecer e a sonhar bastante, para, quem sabe, daí, vislumbrar um pouco dessa história não revelada que, como um bom junguiano, acreditava existir. São questões relativamente novas para a ciência, mas bem antigas para os conhecimentos teosóficos já identificados em estudos realizados. Sei que uma sequência de fatos desencadeou a construção do nosso mundo e que, possivelmente, essas ocorrências contribuíram para a formação da vida em nosso planeta. Quem sabe se essa nossa história oculta não estaria camuflada em alguma cultura, ainda existente? Pois vestígios desses acontecimentos estão impressos na própria Terra, em ruínas que apontam para antigas civilizações; quiçá resguardados na cultura do povo ariano, ou embutidos nas mitologias dos povos americanos, germânicos, celtas, egípcios e indianos. A mim, interessava desvendar a história de Lemúria, porque ali estava o mito primeiro, relacionado à água; quem sabe, a uma civilização surgida no espaço, cujas asas teriam sido convertidas em barbatanas, escamas, guelras e outras características anfíbias. Uma história anterior à Atlântida ou, provavelmente, contemporânea desta. A intenção era realizar o caminho de volta que possibilitasse vislumbrar outras percepções de mundo, alterando o modelo masculino existente para uma representação senão contrária (como um arquétipo feminino), uma terceira via que freasse esse desejo incontido de conquista, de dominação. De Atlântida, rumo à cultura helênica, passando por Atlas, Poseidon e Zeus, deuses gregos, de forças positivas, masculinas e solares; para chegar – quem sabe? – aos deuses oceânicos, cujas forças negativas e femininas poderiam fazer ressurgir o mito original e ajudar na reabilitação do planeta.

Empreender essa viagem significava estabelecer a relação entre a geologia e a mitologia, tarefa de um visionário do porte de Júlio Verne

que, de acesso a informações privilegiadas, em sua época, antecipou muitas das descobertas científicas.

– Você soube o que aconteceu, ontem à noite? – perguntou-me a filha de Ubiracy, quando adentrei a cozinha.

– Você se refere a um temporal, presumo! – antecipei-lhe a resposta, acreditando tratar-se do mesmo assunto, já que, naquela ocasião, eu me encontrava dentro de um barco, no rio Negro.

– Vocês passaram por um sufoco, imagino...

– Pois, se não! Mas o piloto e a sua tripulação conseguiram colocar o barco, a tempo, num local seguro. Buscamos abrigo à entrada de um igarapé.

– O noticiário da rádio fala em dezenas de mortos e de alguns barcos afundados.

Como eu continuava em pé, ela me apontou o banco à mesa, convidando-me a sentar ao seu lado.

– Tome café comigo!

– Obrigada! – agradeci-lhe. – Tivemos muita sorte, ou então não era a nossa hora – respondi-lhe, sentando-me ao seu lado. – As pessoas ficaram assustadas, mesmo aquelas que me pareceram acostumadas a navegar pelos rios da região.

– Tem ficado perigoso viajar de barco. Parece que os donos das embarcações estão pegando o costume das grandes cidades.

– Qual costume? – perguntei curioso.

– A superlotação de passageiros. Isso transforma qualquer viagem numa aventura perigosa.

– É mesmo! – confirmei. – Os barcos saem repletos de cargas e passageiros.

A mesa do café estava farta, com pães, bolachas, um bolo e frutas regionais. Enquanto cortava uma fatia do bolo, vinha-me à mente a confusão ocorrida quando da saída do barco: as pessoas se avolumando, entrecruzando-se, atropelando-se umas às outras, em busca de um local para atar suas redes. É preciso paciência para enfrentar essa empreitada, para não se irritar com quem tenta se apropriar do espaço já reservado. Na maioria das vezes, o melhor a fazer é “marcar território”, “guardar lugar”, até que o barco dê a partida. No mais, é relaxar, e não deixar de ser benevolente se for necessário compartilhar um pequeno espaço com alguém, mesmo já o tendo ocupado. E saber de antemão que, independente do esforço para se escolher a melhor posição, as redes

ficarão amontoadas umas às outras, em fileiras, porque todos precisam estar acomodados quando da partida do barco.

A gentil senhorita me serviu café e leite. Notei que já havia terminado seu desjejum.

– Pode deixar... Eu mesmo me sirvo! Você deve ter outras coisas para fazer... – disse-lhe.

– Não tenho! Além do mais, estou adorando estar aqui, conversando com você!

– Verdade?

– Sim. Gosto de um papo-cabeça! Fique à vontade! Faço-lhe companhia.

– Está bem.

Sorri-lhe, agradecendo a atenção.

– O que o traz aqui? Papai me disse que é pesquisador.

– Não, não, senhorita! – esbocei um sorriso. – Apesar de viver atrás de pistas.

– Pistas?

– Desculpe-me, menina Cíntia...

– Menina? Eu não sou mais uma menina! – ela retrucou.

– Não é por mal, é pelo seu jeito...

– Tenho jeito de criança?

– Digamos que você passa uma doçura, uma delicadeza. É por isso... – quis explicar-me.

– É bem simpático, mas me soa diferente.

Enquanto comia, ela me observava com atenção. Depois falou:

– Você tem uma expressão de sofrimento.

– Como assim?

– Sei lá! Você é desse jeito, mesmo? Triste?

– Pareço triste?

Ela balançou a cabeça, comprovando o que dissera.

– É que passo por um momento delicado na minha vida, senhorita.

– Por quê? Você está doente?

– Não, não é isso! – respondi-lhe, com um sorriso.

– O que é então?

– Sinto que preciso recuperar algo que perdi.

– O que você perdeu? – dessa vez foi ela a rir.

– Sarna pra me coçar – retribuí-lhe o gracejo. – Você conhece o ditado? Foi-me necessário sair da cidade, por uns tempos, para um tratamento, digamos, espiritual. Sou filósofo, por formação, e até bem

pouco tempo, educador. Mas me interesse por outros estudos porque venho obtendo respostas que ciência nenhuma sozinha é capaz de me dar...

– Quais estudos?

– Além da filosofia, sou fascinado pelos estudos da geologia, mitologia, astronomia, religião... Essas coisas...

– ...Você é um estudioso, então? – arguiu.

Tornei a sorrir para aquela doce menina, enquanto tentava definir-me:

– Talvez eu seja um estudioso dos problemas contemporâneos. Mas tenho algo a resgatar.

Em tom zombeteiro, ela disse:

– Um ser misterioso, falando assim... Isso é o que você é!

– É mesmo paradoxal, algo que me vem afligindo... Mas que só a mim cabe resolver.

– Você tem um segredo? – perguntou-me, com uma ponta de riso, enquanto eu procurava o que dizer.

– Como um filósofo, você busca respostas – ela continuou, fixando seus olhos nos meus. – Não sei por que filósofos fazem tantas perguntas, se não as podem responder.

– Você tem razão, mas é essa a nossa função: questionar, discutir, buscar respostas, tentar se achar no mundo...

– Você está tentando se achar no mundo?

– É assim que me vejo: tentando me achar. Não sou mais nenhum adolescente, mas me sinto perdido.

– Então, relaxe! Algumas pessoas levam mais tempo que outras nesse processo. Você não é o único, nem o primeiro. Muito menos será o último no mundo a querer se encontrar... Apesar de já bem grandinho! – tornou a zombar de mim.

– Sim. De uma forma ou de outra, todos passamos por isso. Uns mais, outros menos.

– Você acha que encontrará aqui o que procura?

– Acredito que a floresta tem esse poder de cura e de aprofundamento espiritual, que estou buscando. Além disso, estava insuportavelmente insatisfeito por morar na cidade.

– “Insuportavelmente insatisfeito”?

– A redundância reflete como me sentia. – O trânsito, a falta de educação, o egoísmo, a ausência de uma consciência crítica a respeito de problemas, como a escassez de água, por exemplo, que mesmo não

nos atingindo diretamente, é grave. São alguns dos motivos que me empurraram da cidade para a floresta.

– É difícil, para muitos, pensar dessa forma crítica, morando nas margens do maior rio do mundo – rebateu.

– Pois é. As pessoas não contribuem para diminuir o problema, às vezes até o agravam, por egoísmo ou uma ganância desmesurada.

– Não estamos preparados para enfrentar essa situação – ela sentenciou.

– Mas temos de enfrentá-la.

– É uma questão de ordem educacional, acho.

– Não creio que seja apenas educacional. É uma questão de todas as ordens, econômica e política, principalmente. Porque educação se pensa em longo prazo, mas ambiente requer urgência.

– É verdade. E você, como educador, também tem responsabilidade nisso – ela disse, em tom de provocação.

– Claro! – concordei. – Na verdade, todos nós temos! Devemos ser educadores, mas precisamos deixar de ser hipócritas.

– Hipócritas?

– Você conhece aquele ditado: “Faça o que eu digo, não faça o que eu faço?”. Pois é! De certa forma, as pessoas já sabem o que devem e o que não devem fazer, mas continuam fazendo como não devem. Preferem agir como se alguém já tivesse feito ou estivesse fazendo por elas. É como se dissessem: não preciso fazer a minha parte, alguém já a faz por mim, como se isso as livrasse de sua responsabilidade.

– Você tem razão.

– Precisamos internalizar o problema. Somente trazendo-o para dentro de nós, poderemos realmente mudar a maneira irresponsável de lidarmos com essas questões relacionadas à vida no nosso planeta.

Pensei no meu drama como um ser da água, tendo de sobreviver num habitat cuja realidade urbana se constituía na minha maior contradição e contra a qual vinha lutando tenazmente.

– Existe uma situação confusa a envolver os habitantes das cidades sem que eles se deem conta do risco que correm em ignorar a floresta ou avançar sobre ela.

– O que você quer dizer com isso?

– As pessoas estão com a floresta ao redor da sua casa e continuam avançando sobre ela, dizimando-a, como se isso as protegesse, deixasse-as mais seguras. É um equívoco, um comportamento que só tem servido

para tornar o ser humano cada vez mais acuado. O pior é que quanto mais ele avança sobre a floresta, mais ele fica desprotegido.

– As pessoas têm medo da floresta. É como se ela fosse um labirinto, sei lá...

– No entanto, é o quintal da sua cidade, que precisa estar protegido e bem tratado.

– Mas como tratar bem desse quintal? Enchê-lo de cercas, para que não avancemos sobre os animais, ou os animais não avancem sobre nós?

Cíntia demonstrava uma sutil e inteligente ironia em suas opiniões. De fato, é um quintal maltratado, a floresta... Ademais, malvisto, mal-amado, mal compreendido... Os humanos ainda não despertaram para a sua importância. Prova disso é sua relação canibal de subsistência com os outros animais. Para mim, uma situação mal resolvida.

Ela prosseguiu:

– Quintal bom é aquele de concreto: você lava, fica limpinho...

– Esse é um péssimo hábito, nem sei de onde veio – comentei. – As pessoas compram um terreno e a primeira coisa que fazem é “limpá-lo”, ou seja, arrancar as árvores todas.

– Para depois “beneficiá-los”. Você sabe o que é isso?

– Sim – respondi. – Plantar árvores frutíferas; desmatá-lo, para deixá-lo “limpinho”... Você anda sem o risco de ser picado por algum inseto ou réptil.

Abordávamos uma prática bastante utilizada pelos cidadãos, ao adquirirem terrenos nas periferias ou área rural da cidade: a retirada de sua vegetação para depois serem plantadas novas árvores, geralmente frutíferas.

– Por falar nisso, você aceita um suco de graviola? – perguntou-me, soltando uma gargalhada.

– Claro! Adoro suco de graviola – respondi-lhe.

– A árvore foi plantada pela prima da minha avó – informou.

– Ainda bem que as pessoas plantam. – Plantam, sem que seja preciso desmatar, o que é mais importante.

Ela abriu a geladeira e retirou a jarra com o suco. Olhei-a, com atenção, enquanto nos servia: a mente é de mulher, mas o corpo é de menina, pensei. Serena, esperta e brincalhona, ao mesmo tempo.

Perguntei:

– E você... Está estudando?

– Sim. Faço Psicologia.

– Olha só! E nós, aqui... Tratando de questões fundamentalmente psicológicas!

No interior da mata amazônica, desfrutava de uma agradável conversa com a jovem estudante. Não é à toa que certos encontros acontecem, sempre tive essa certeza. Nada acontece por acaso, nem o mais puro acaso! Estamos sujeitos às ações invisíveis, sem nos darmos conta da rede que se forma em torno de nós, e a partir de nós.

O momento era propício para expor-lhe minha inquietação:

– Você não pensou, ainda, em estudar o comportamento das pessoas, no trânsito? Defendo a tese de que esse comportamento é cultural, provém da ausência de uma educação, nesse sentido. As pessoas agem no trânsito, como agem nas demais atividades do seu dia a dia.

– Tem fundamento!

– Fico feliz por isso, menina Cíntia! Penso que o estudo do comportamento humano pode ajudar a nos tornar melhores do que somos.

– E somos tão ruins, assim?

Percebi o tom jocoso e não pude deixar de rir também.

– Você quer a minha resposta sincera?

– Claro! Diga...

– Acho que ainda somos bastante rudes e perversos. Psicólogos podem ajudar...

– Podem? Como?

– Acredito que podem nos ajudar no entendimento da alma.

A julgar pelo brilho do seu olhar, percebi que o assunto lhe interessava. Mas logo ela deixou transparecer uma preocupação.

– Também acredito nisso, embora sinta que devesse procurar uma profissão para dar continuidade ao trabalho de meu pai – disse, para, em seguida, declarar: – Paciência! Não conseguiria fazer outro curso, mesmo. Pelo menos, por enquanto. Além do mais, sinto-me bem cursando Psicologia.

Entendi que ela estava satisfeita com a sua escolha. Concordei:

– Devemos fazer aquilo que nos deixa bem.

– Eu até que gostaria de ajudá-lo, de alguma forma...

– Decerto que pode!

Mesmo sem arredar o pé da sua decisão, ela se ressentia por não apoiar; não estar mais presente, perto do pai. Expus a minha opinião, dizendo que a situação não era preocupante, que cada um de nós, independente do que faça, tem como contribuir para melhorar o

ambiente em que vive. Podemos trabalhar como entendemos ser correto e ajudarmos dentro das nossas possibilidades. Esse é o legado da nossa geração! – disse-lhe. – Hoje, sabemos que as disciplinas podem estar integradas, que o conhecimento não se constrói num campo único do saber. Seja qual for o ramo da ciência para o qual nos dediquemos, haverá como complementar o conhecimento com informações de outras áreas.

– Creio que sim. E acho mesmo que posso ajudá-lo! – reconheceu.
– Embora ainda não saiba como! Sei o que o deixaria feliz: um bom curso de veterinária, para cuidar dos seus porcos – disse, soltando mais uma das suas gargalhadas.

Nesse momento, a senhora que vi, cedinho, adentrou a cozinha, esbaforida.

– Se o seu Ubiracy não der um jeito de contratar alguém para cuidar desses porcos, eu juro que não fico mais nem um minuto aqui.

Cíntia se esbaldava de tanto rir.

– O que ocorre? – perguntei.

– Depois que papai fez um curso, em Belém, de criação em cativeiro da fauna silvestre, resolveu ampliar a criação de caititus. Acha que pode ser um negócio rentável. Quem não gosta é dona Maria, que resmunga todas as manhãs.

– O problema é que ele está sozinho nessa empreitada – reclamou a senhora, pondo a vassoura a um canto da cozinha.

Terminei a refeição com a Cíntia, e fui até Ubiracy, no criatório de caititus, a uns duzentos metros da casa. Encontrei-o preparando a ração dos porcos.

– Bom-dia, Oannes! Dormiu bem?

– Sim, muito bem! Agradeço a você por me acolher em sua casa.

Ubiracy, que nem me conhecia e me recebera pela recomendação de Daniel, nosso amigo indigenista, tratava-me como a um velho conhecido.

– Essa energia da floresta me fazia falta... – desabafei.

– Você parece angustiado.

– Sinto-me um peixe fora d'água. É como se algo dentro de mim estivesse gritando para eu reagir.

– ...Então?

– Por isso, estou aqui.

– Fique o tempo que precisar.

– Obrigado, mais uma vez.

– Daniel me falou que você faz pesquisa sobre o rio Negro...

– O rio Negro é um rio misterioso. Isso me atrai. Mas não é apenas isso... A verdade é que precisei deixar a cidade.

– Ah, é?

– Cheguei a uma situação crítica de não suportar mais nenhum ruído urbano. Precisava de silêncio... Ou do barulho das vozes rurais.

Ubiracy sorriu.

– Então você veio para o mato pra se curar?

– Creio que sim.

– Sei o que é isso! Também busco a cura aqui.

– Verdade?

– Vim pra cá há sete anos. E não penso em deixar esse lugar. Até mesmo sair daqui por alguns dias me custa.

– A cidade esgota as pessoas. Corremos para descansar... Para corrermos, novamente. Ando cansado disso.

– Você é jovem ainda, para se sentir cansado. Quantos anos tem?

– Trinta e dois.

– A cidade envelhece cedo as pessoas.

– Pois é, sinto-me um velho.

– Não quis dizer isso.

– Mas é como me sinto.

– Também penso que no campo se vive mais – disse Ubiracy.

– No campo nos harmonizamos com a natureza, vivemos sem pressão. A gente se integra ao ambiente, passa a fazer parte dele. Na cidade, somos cobrados da hora em que acordamos à hora em que adormecemos.

– Você se sentia cobrado?

– Sim.

– Por quê?

– Por algo para o qual nunca me senti propenso a corresponder.

– Como assim?

– Jamais gostei da cidade.

– Que mal a cidade lhe fez?

– Não sei, exatamente!

– Não saber o que queremos, custa-nos caro.

– Quero ser feliz.

– E para você, a felicidade está na floresta?

– Penso que sim.

– Nem todas as pessoas são felizes por aqui...

– Mas quem decide viver aqui, pode ser feliz.

– Costumam dizer que o caboclo é preguiçoso, mas aqui se trabalha muito.

– Certamente...

– O que acontece é que aqui vivemos com simplicidade, cultivamos outros valores...

Concordei com Ubiracy. Era exatamente como eu pensava.

Observando-o com seu criatório de caititus nas margens do rio Negro, percebia a nossa extrema singularidade: ele, um híbrido de branco e índio, como se costuma classificar um mameluco; eu, um descendente de indianos. O que tínhamos em comum? Parecíamos, os dois, obstinados e podíamos ser facilmente confundidos: ele, como um caboclo; eu, como mulato ou cafuzo. Ainda que nenhum dos dois fosse amazonense, conforme ele me revelou, era como se corresse em nós o sangue baré, do autêntico habitante do Amazonas, já que os Baré se constituíram no grupo indígena que mais se distribuiu pela região. Além disso, Ubiracy parecia compartilhar de ideais semelhantes aos meus; senti isso desde o primeiro momento.

Estávamos integrados ao ambiente amazônico, portanto. O que me fazia pensar assim? Ora, a Terra inteira já se dividiu tantas vezes, que temos um bocadinho de nós em cada lugar. Não somos mais estrangeiros – se é que chegamos a sê-los, um dia! – Mas nativos de um mesmo planeta, habitantes telúricos desta grande nave-mãe que é a Terra.

A criação de catetos ou caititus – porcos-do-mato de coleira, como são popularmente conhecidos –, Ubiracy disse que representava um resgate para com a sua cultura, uma herança pessoal e afetiva que ele se esforçava por manter, tentando conciliar dois problemas básicos: de sustentação econômica e de repovoamento da espécie em seu hábitat. Nisso, essencialmente, constituía-se o seu principal conflito: repovoar ou vender?

Sua maior preocupação era de ordem sentimental, uma vez que, no seu entendimento, esses animais formavam uma espécie de gente, conforme o mito que lhe fora repassado pela mãe:

Houve um tempo em que os homens saíam para pescar, mas nada traziam à aldeia. Além de decepcionados, regressavam tristes, pois sabiam que iriam encontrar as esposas furiosas. Elas os desafiavam, mas eles nada pescavam. Até que, um dia, elas resolveram pescar. Ao invés disso, chamavam as ariranhas que mergulhavam e pescavam por elas.

Ao voltarem à aldeia, vinham carregadas de peixes. Os homens iam à desforra, mas nada conseguiam.

Depois de certo tempo, eles começaram a desconfiar. Mandaram um pássaro espiá-las, e esse pássaro contou tudo pra eles. No dia seguinte, eles foram ao rio, chamaram as ariranhas e estrangularam-nas. A situação se invertera, agora eram os homens que brigavam com as mulheres, que não conseguiam pescar. Para se vingarem, elas lhes ofereceram uma bebida de pequis, sem retirar-lhes os espinhos do caroço. Sufocados com os espinhos, que ficaram atravessados na garganta, eles grunhiam ‘u, u, u, u’, até se transformarem em porcos-do-mato.

A transformação dos homens em porcos-do-mato traduzia um conflito de gênero, é bem verdade, porém expunha a frágil diferença entre os seres vivos. Ao discorrer sobre o drama entre a gente humana e as outras gentes animais, Ubiracy demonstrava como esse e outros mitos influenciaram o comportamento do seu povo.

Emocionado, fez revelações surpreendentes sobre a sua vida na aldeia. Disse que sua mãe pertencia à tribo dos índios Bororo Orientais, também conhecidos como Coroados ou Porrudos. Os Boe, como eram chamados, habitavam antigamente um vasto território que ia do Brasil à Bolívia, passando pelos rios Araguaia, das Mortes e rio Taquari. Era uma terra enorme, de trinta e cinco milhões de hectares.

– Um grande território! – concordei.

– O nome Bororo foi o homem branco quem deu. Surgiu de um mal-entendido dos exploradores durante uma visita à aldeia. O pessoal da tribo falou a palavra “bororo”, que na língua macro-jê significa “pátio da aldeia”, e eles entenderam que esse era o nome da tribo. E assim ficou: Bororo, como é conhecido até hoje.

Apoiado no alambrado que separava o curral do criatório, Ubiracy contou-me que o seu povo enfrentou várias expedições de extermínio, mas, por serem nômades, bravios e indomáveis, resistiram por muito tempo às investidas dos colonizadores; o que não ocorreu com os índios Bororo Ocidentais, estabelecidos na margem leste do rio Paraguai, perto das missões salesianas, que se deixaram levar pelas conversas dos jesuítas espanhóis e bandeirantes, e acabaram extintos.

– Mas o sossego dos Boe só durou até a metade de século passado, porque a política indigenista, iniciada pelo Serviço de Proteção ao Índio acabou por reduzi-los a pouco mais de mil pessoas, distribuídas em cinco terras indígenas, todas no Estado de Mato Grosso: Jarudore,

Meruri, Tadarimana, Teresa Cristina e Perigara, ocupadas por frentes de mineração, pecuária e agricultura, da qual a soja é o carro-chefe.

– E como eles conseguem sobreviver?

– Ainda da agricultura e do artesanato, mas é uma situação bastante delicada, porque a agropecuária e as atividades madeireiras avançam, produzindo problemas de toda ordem, desde poluição das nascentes dos rios à desnutrição e fome, alcoolismo e outras drogas; além de muita violência, que chega a tentativas de massacre e até assassinatos.

– Infelizmente, isso parece não ocorrer somente por lá...

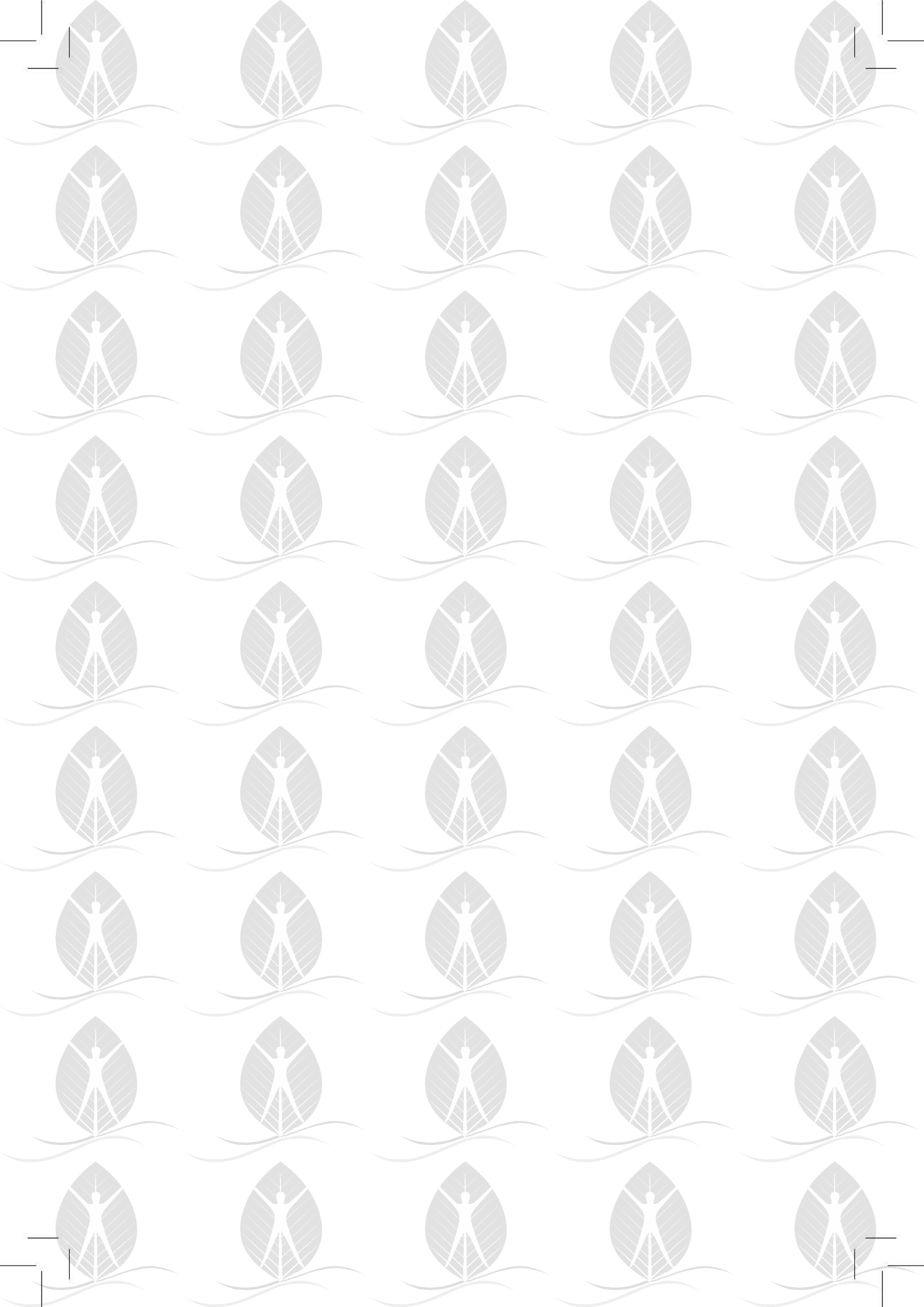
– ...Não! – concordou. – Os grandes projetos econômicos se estendem pra todos os lados, inclusive para a Amazônia.

– É verdade! Pouco a pouco eles vão abocanhando a floresta.

– É, meu amigo, o negócio é sério! O desmatamento já vem desencadeando períodos de intensas secas e cheias por aqui.

– As alterações no regime dos rios têm sido imprevisíveis e terríveis.

– As previsões são muito ruins! – concluiu Ubiracy.



IV O LUGAR DE CADA UM

Está perto o fim do grande sofrimento. Não podemos viver sem peixe, sem buriti, sem babaçu e sem cerrado. Não podemos viver sem terra e principalmente sem onça. Seria uma vida triste e sem cor
Kadagari Bororo Bari (pajé) da aldeia Bororo de Córrego Grande

Um cheiro almiscarado tomou conta do local onde nos encontrávamos – ao pé da soleira do curral, apegados à cerca do criatório de aproximadamente quatrocentos metros quadrados. O forte odor, segundo Uiracy, provinha de uma substância oleosa, expelida por glândulas localizadas nos dorsos dos machos, utilizadas para demarcar seu território.

– Eles costumam esfregar suas glândulas de cheiro uns nos outros, ou nas árvores. Estão agitados, porque atrasei o horário da alimentação.

– Pensei que fosse por minha causa.

– Logo se acostumarão com você.

Passava das dez horas. Apanhei as vasilhas com uma mistura de farelo de trigo e milho e o ajudei a alimentar os animais.

– Uiracy, você sabia que o caititu é natural da América do Sul, mas seu ancestral habitou a Eurásia há mais de trinta e sete milhões de anos, ainda no período Eoceno? A migração se deu pela América do Norte...

– Você, por acaso, é biólogo? – perguntou, em sorrisos.

– Não! Sou um filósofo que se interessa por estudos pré-históricos. Ele me olhou, com surpresa. Continuei:

– Os pecaris foram os primeiros mamíferos norte-americanos a chegarem à América do Sul...

– Não é comum um filósofo dominar tão bem assuntos relacionados à paleontologia ou à geologia... – rebateu Uiracy, com uma pitada de ironia.

– Também não é comum um suinocultor distinguir tão bem a especificidade desses assuntos – rematei, em igual tom.

– Eu estudei, Oannes...

Fiquei deveras desconcertado.

– Desculpe-me, Ubiracy, não quis ofendê-lo. Juro! Não foi essa a minha intenção...

– ...Eu sei, Oannes! – respondeu-me, sorrindo. – Pode não ser comum, por eu ser índio...

– ...Por isso não, Ubiracy! De maneira alguma! Não tenho esse tipo de preconceito.

– Hoje, os indígenas estão quase todos inseridos na sociedade envolvente.

– Claro. Sei disso! Mesmo porque têm de estar preparados contra a apropriação de suas terras, de suas riquezas... Precisam conhecer as “armas” daqueles que agem contra seus interesses.

– Pensando bem, não é nada comum nós dois estarmos aqui, discutindo assuntos tão complexos – ele concluiu.

– Comum, não é! Mas ainda bem que estamos.

– Você tem razão.

– Sabe, Ubiracy, penso que, se quisermos entender a Terra como a nossa casa, precisamos pensá-la antes e depois da chegada do homem. Como ela se comportou durante esse processo de evolução da vida. Quando passamos realmente a ocupá-la e de que forma. Afinal, o que era esse planeta há dezoito milhões de anos, por exemplo?

– Por que esse período?

– Porque, a partir daí, o ser humano teria feito a sua aparição na Terra.

Ele me olhou, de soslaio, como a matutar sobre o assunto:

– Não creio ter havido tanto tempo...

Franzi a testa, num sorriso fechado, inquiridor.

– ...Não tanto tempo assim – continuou.

– Há controvérsias... – rebati.

– Será?

Sáímos do criatório. Perguntei a Ubiracy quando começou a sua criação de caititus.

– É uma longa história. Pra começar, os pecaris sempre fizeram parte do meu dia a dia. Minha vida sempre foi no meio dos bichos. Nos cerrados, nos pântanos, nas florestas...

– Quando você pretende comercializá-los?

– Ainda tenho dúvidas. Existem algumas coisas que precisam ser resolvidas.

– Parece que há um mercado em expansão no Brasil.

– Não só no Brasil, mas no exterior também. Venezuela, Nova Zelândia, Canadá, Austrália...

– Então?...

– O meu interesse vai além da atividade comercial. A criação de pecaris, hoje, em cativeiro, tem ajudado a repovoar áreas onde a espécie está extinta, ou ameaçada de extinção.

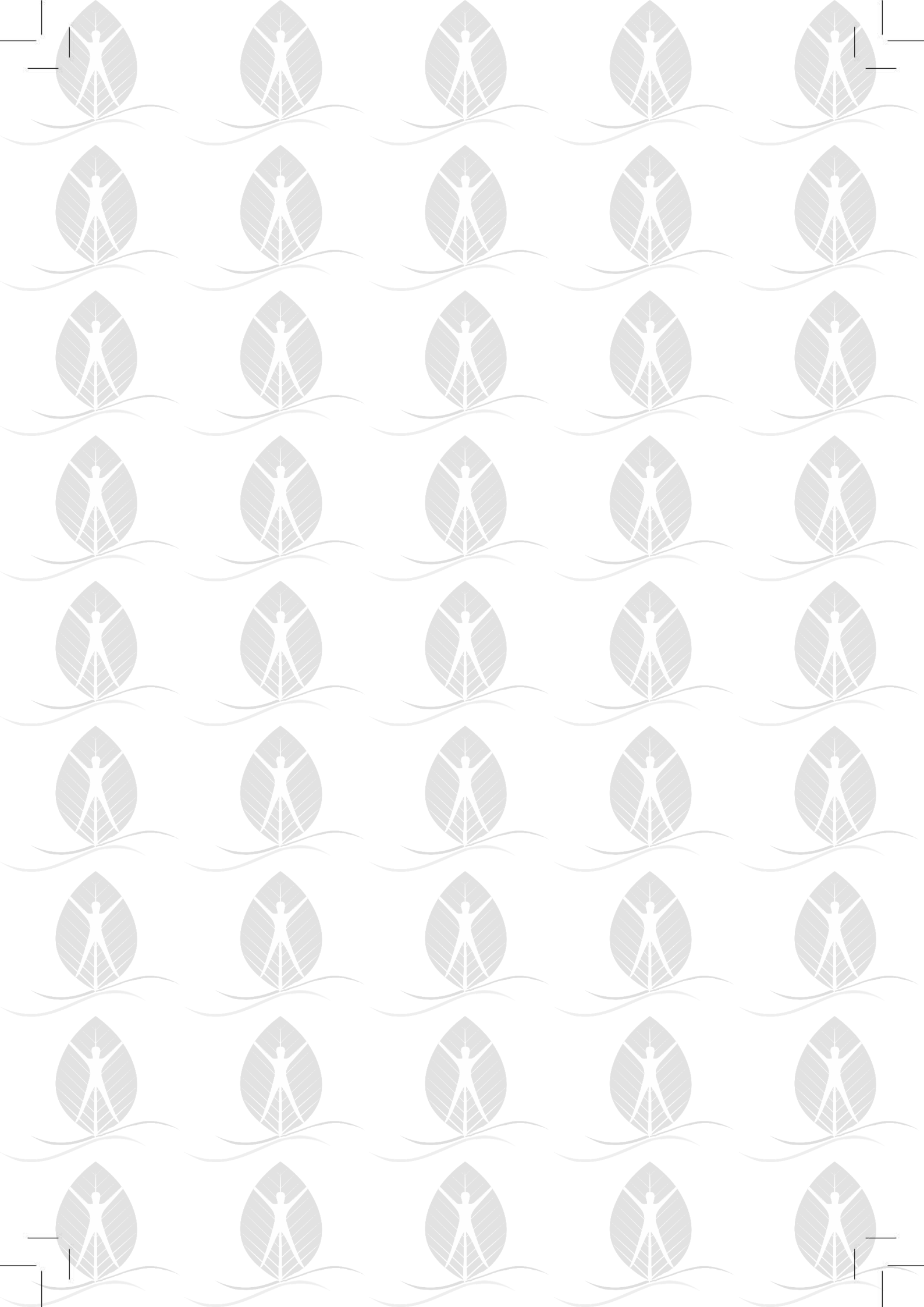
– O seu interesse é colaborar com a sua readaptação no ambiente natural...

– Mas não deixa de ser uma atividade comercial, também. A carne do pecari é saudável, tem muito menos gordura e colesterol que a do porco doméstico – revelou.

Do criatório, caminhamos até um pequeno igarapé que deixava entrever árvores cobertas de água. Dependendo da intensidade da cheia, a floresta permanece submersa de três a onze meses por ano. Mesmo inundada, porém, ela desnuda as belezas do igapó, com sua rica avifauna. De longe, observamos o sobrevoos das ciganas e anambés-pretos em busca de frutos e sementes. No cenário, surgiam também araras, periquitos, papagaios, mutuns, tucanos e outros parentes: japiins, japus, uirapurus e curiós. Ubiracy identificava um a um, imitando seu canto e demonstrando se entender bem com todos eles. Dizia-se feliz por habitar um lugar tão mágico como as paragens do rio Negro. Soube, então, como chegara até ali. Sua mãe lhe pedira que a conduzisse para perto da prima, que vivia na Amazônia. Ele assim o fez, trazendo, junto, a filha, de pouco mais de treze anos de idade. Quando aqui chegaram, a prima se encontrava sozinha, atrapalhada com a criação de caititus. A velha senhora não resistiu a uma malária, mas a família resolveu ficar por aqui.

Depois que a mãe morreu, havia pouco mais de dois anos, Ubiracy ficou indeciso sobre o que fazer. Mais pelas fortes lembranças da mãe e da infância do que pelo negócio rentável que a criação em cativeiro podia lhe proporcionar, resolveu investir no criatório.

A filha, ele trazia de um breve casamento com uma artista de teatro que conhecera em Brasília. Quando Cíntia nasceu, a mãe desapareceu não se sabe pra onde. Restaram-lhe as duas mulheres na sua vida. Vir para as bandas da Amazônia, quando os remanescentes de sua tribo se espremiavam entre as plantações de soja, pareceu-lhe a alternativa mais sensata.



V O RIO CORRE PARA A VIDA

Tudo flui, nada persiste ou permanece o mesmo
Heráclito

Se fora possível descobrir que os rios da Amazônia corriam para o Pacífico ao fim da epopeia dos dinossauros, também seria possível investigar culturas antigas por métodos de datação aplicados para identificações mais remotas. Se o movimento das placas tectônicas é capaz de separar continentes, ao ponto de modificar a topografia da Terra, também o homem e outros seres haveriam de se estender espacialmente, de um lugar a outro, no decurso de milhares e/ou milhões de anos. Entre essas hipóteses, Lemúria ressurgiria das névoas, a despeito de pesquisadores céticos, oferecendo-nos provas cabais de que as águas e as terras do planeta têm mudado constantemente, visto que os contornos dos continentes e ilhas não permanecem iguais por uma hora, ou um segundo sequer. As águas quebram incessantemente as bordas da costa, e o que esta perde em extensão num lugar, ganhará num outro pelo acúmulo de lama que se condensará em pedra sólida, novamente, até se erguer acima do nível do mar, como uma terra nova.

Por essas e outras, me chamariam, como tantas vezes, de maluco. Era um enigma que beirava ao absurdo e que somente a literatura para avançar a essas centenas de milhares de anos. Pensava em Campbell e sua teoria de difusão cultural. Lembrava Jung e a dimensão dos sonhos que se estende nos arquétipos da mente humana. Desejaria encontrar essa tênue linha que separa um passado pré-histórico, ainda não desvendado, de uma história já registrada pelas leis darwinianas e haeckelianas da evolução.

Fumava um cigarro, ao pé do ipê, com a perna direita estendida sobre o largo banco que ia de uma ponta à outra da fachada da casa. Notei que Cíntia me olhava, atentamente, à janela. Apaguei o cigarro e me aproximei pra falar-lhe.

- Gostou do criatório de papai? – ela perguntou.
- Sim. Ele faz um bonito trabalho com a criação dos caititus.
- Hoje, com vinte matrizes. – ela revelou.

– E com muitas possibilidades de estender a criação, pois o ambiente natural colabora para que os animais se sintam felizes e com maior capacidade de reprodução.

– Não havia pensado nisso.

– É um comportamento observável em ambientes nativos.

– Só sei que aqui eles se sentem à vontade.

– E não permanecem apenas nas pocilgas. Haja vista os passeios pelo galinheiro...

Ela sorriu.

– Eles também gostam das frutas que caem das árvores.

– Não há dúvida de que são bem tratados.

– Você ficará muito tempo por aqui?

– Não sei, exatamente...

Não me preocupara com isso. Sabia, entretanto, que, enquanto fosse bem-vindo, usufruiria da paz que esse ambiente me proporcionava. E, na necessidade de locomover-me para qualquer outro lugar, os recursos financeiros que havia juntado nos últimos anos seriam suficientes. Além do mais, se precisasse mesmo resolver alguma questão burocrática, a cidade estava a algumas horas do sítio.

– Você quer visitar a região das ilhas?

A pergunta me deixou animado.

– Sim!

– Conheço algumas pessoas que fazem esse percurso, levando turistas para conhecê-la.

– Seria ótimo!

– Quer a minha companhia?

– Se você puder...

– Posso, sim. Aproveito para visitar meus amigos, em Novo Airão. Faz tempo que não os vejo. Além do mais, daqui a alguns dias deverei voltar à cidade. Minhas aulas recomeçam na próxima semana. Nossa turma está envolvida num seminário sobre psicologia da alma. Estamos lendo vários autores, desde Huxley, Darwin a Jung. Sabe de uma coisa? Temos observado que as diferenças entre os seres vivos são bem pequenas...

A jovem acabara de surpreender-me. Então, ela aprofundava o conhecimento da alma nos estudos acadêmicos? Pensava a existência sob a perspectiva da evolução? Parabeneizei-a pela determinação em trilhar esse caminho. Disse-lhe que as recentes pesquisas com o genoma

têm-nos colocado todos como parentes. Há mais semelhanças que diferenças entre os seres vivos.

– Estamos estudando justamente isso!

– Já faz algum tempo que a psicologia passou a ter uma nova interpretação do cérebro e dos sentidos. Antes, a alma humana era considerada algo dissociado da pessoa. Era como se vivesse dentro de nós alguma entidade.

– Uma assombração, talvez? – sugeriu, demonstrando seu bom humor.

Rimos.

Contei-lhe sobre um livro que lera, no qual o autor, Richard Dawkins, polêmico defensor da teoria evolucionista, dizia que todos nós somos um rio de DNA, fluindo e formando afluentes através do tempo geológico. A metáfora do rio para a formação da vida era oportuna, porque ilustrava como os genes se recombinaem sempre, de modo independente, na geração seguinte. Somos, conforme as suas palavras, “um demorado adeus”. E sendo “um demorado adeus”, dividimo-nos e nos metamorfoseamos no decorrer do tempo. O que vai acontecer, dependerá muito de para onde o rio de DNA estiver correndo.

– Estamos em mutação contínua, então?

– Exatamente. Mas, segundo o cientista, esse rio corre com o tempo geológico. E a separação geográfica tem sido fundamental nessa demorada e constante transformação.

– No estudo da biologia molecular observamos quão próximos estamos de outros grupos de animais. O código genético é exatamente idêntico em animais, plantas e bactérias observados.

– Pois é! Sob esse ponto de vista, somos todos parentes.

– Isso significa que há um único ancestral para todos os seres vivos.

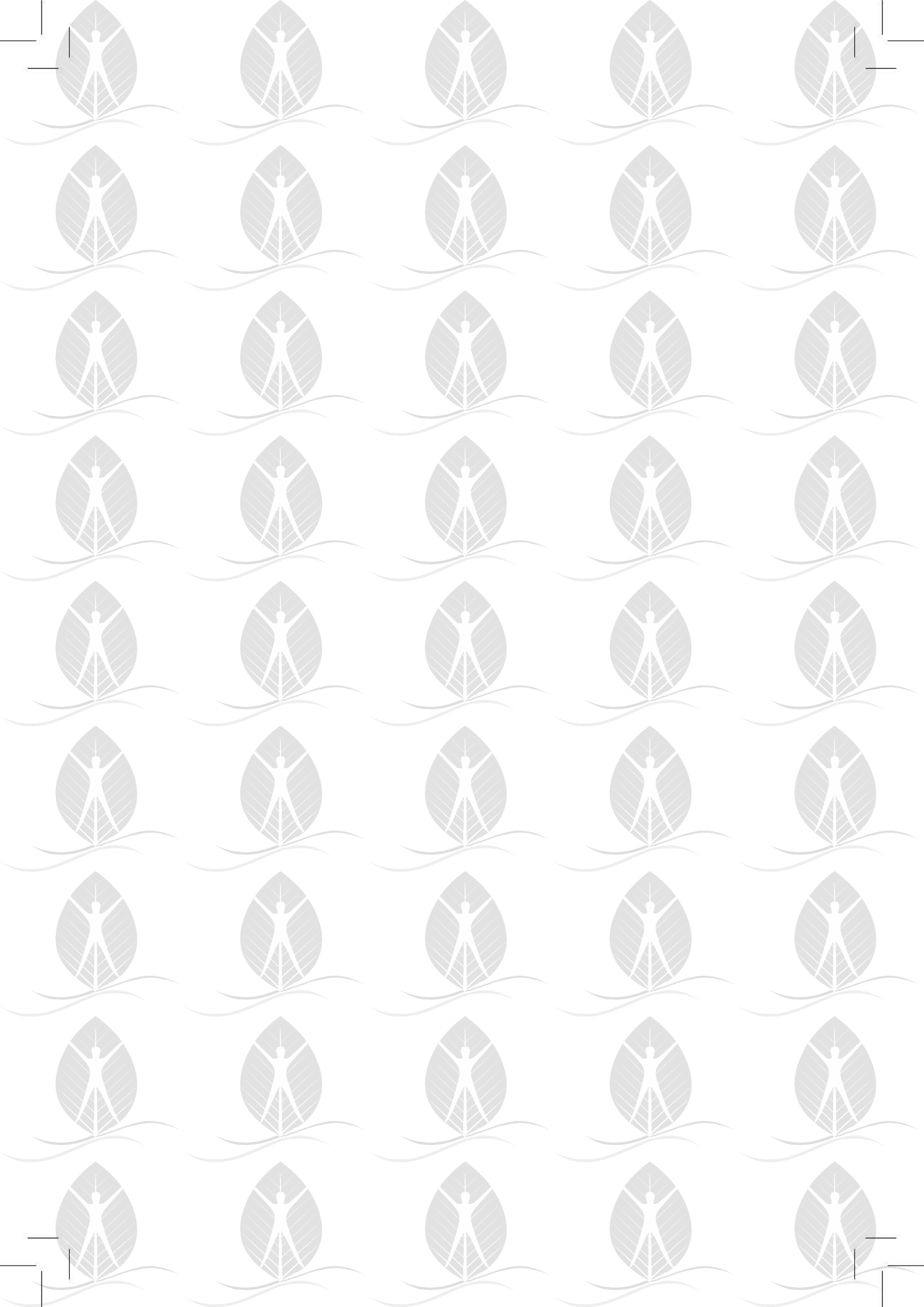
– Com certeza! – confirmei.

– É bom saber que tudo à nossa volta são partes da seleção natural. A coleira dos caititis, a cor do rio Negro, as árvores de copa alta, o canto dos pássaros, as penas das galinhas, as asas das borboletas, as cores dos peixes... – disse, olhando em volta da casa e apontando para o rio.

– Você é muito observadora.

– Sou descendente dos Boe – ressaltou, com orgulho.

– E muito espirituosa, também – concluí.



VI DA ÁGUA AO FOGO

Todas as coisas são uma mesma mudança para o fogo e, do fogo, para todas as coisas, como os deuses, são para o ouro e o ouro para os deuses
Heráclito de Éfeso

Saboreamos um delicioso feijão, com muitas verduras regionais, bem ao gosto local, feito, “principalmente, em homenagem à Cíntia” – conforme palavras de dona Maria – que, para agradar a filha do patrão, esmerava-se em produzir os mais variados pratos, caprichando nos temperos, porque sabia, de antemão, que a comida seria apreciada. “Cíntia tem um bom paladar”, ela dissera. Retribuindo o elogio, a gentil mocinha revelava sentir saudades do cheiro e do sabor da sua cozinha, deixando-a envaidecida. Por isso, entre uma conversa e outra, uma receita diferente ela tirava das suas lembranças, tornando a refeição bastante animada. A despeito do seu jeito atarantado, que a tornava divertida, dona Maria tinha realmente o talento para preparar uma alimentação de dar água na boca.

Degustamos a “feijoada cabocla”. Cíntia confirmou para o dia seguinte a nossa visita às ilhas Anavilhanas. Ubiracy, que consentira com o passeio, elogiou o trabalho da filha, habituada a trabalhar, desde a adolescência, como guia de turismo, na região do arquipélago.

Terminado o almoço, eles subiram para a sesta – momento reservado a um breve sono –, enquanto permanecemos na cozinha, para um café; eu e dona Maria.

- Seu Oannes, gostaria de lhe pedir um favor.
- Pois não, dona Maria. Pode falar.
- Amanhã, quando o senhor for à vila, poderia resolver um assunto pra mim?
- Claro! Do que se trata?
- Não sei como lhe falar.

A senhora não resistiu e chorou. Olhei seu rosto sofrido, que me despertou compaixão. Apertei, com firmeza, suas mãos para que se acalmasse e lhe perguntei o que podia fazer para ajudá-la.

– Estou muito preocupada, seu Oannes. Fiquei sem notícias da minha filha e do meu neto. E vocês vão passar por lá, amanhã...

– Lá onde?

– Na vila... Precisaríamos que o senhor me fizesse um favor... Faz tempo que não tenho notícias dos dois, preciso saber como estão... Estou com um pressentimento ruim.

– Calma, dona Maria! Explique melhor.

– Está bem. – respirou forte. – Tenho uma filha doente, seu Oannes. Ela vive com o filho, que é ainda um garoto, na casa de uma conhecida. Vá lá ver como estão, por favor. Eu lhe suplico!

– Vou sim, dona Maria. Fique tranquila!

Suas mãos tremiam quando retirou do bolso um pedaço de papel de embrulho com o endereço da pessoa a quem deveria procurar.

‘Dona Vera’.

– É a dona da casa onde eles estão.

– Há quanto tempo a senhora não tem notícias dos dois?

– Há mais de três meses.

Dobrei o pedaço de papel e o guardei no bolso.

– Deixe comigo. Vou até lá para buscar notícias.

Ela abraçou-me, agradecida. Seus gestos nervosos demonstravam aflição.

No quarto, refleti sobre a minha recente estada naquela casa. Em pouco tempo me entrosara com os seus moradores, experimentara a amizade da família, gozara de sua hospitalidade e passara a conhecer o drama íntimo de cada um: no interior das cidades é assim, as pessoas abrem seu coração, sem armadura.

Minha atenção, mais uma vez, voltava-se à “outra cidade”, onde, a meu ver, as pessoas poucos se incomodariam pela dor alheia. Não assim, dessa forma transparente.

Mas na cidade também não seria diferente, considerei. Apesar das minhas críticas ao comportamento dos cidadãos, sei que muitos abririam a porta da sua casa para acolher quem precisasse de ajuda. A Amazônia tem dessas coisas...

Pela janela telada observei a enorme mangueira, com toda a sua imponência; a pitombeira a frutescer seus primeiros cachos de pitombas; a ingazeira com seus frutos compridos; e, mais abaixo, o cupuaçueiro, pequeno, mas não menos elegante. Enquanto olhava as árvores, tentava entender o que se passava no coração dos meus novos amigos, levando-me a compartilhar de suas emoções.

Todos deveriam estar dormindo, à exceção de mim e de dona Maria. Entre um serviço e outro, ela estaria envolvida em seus pensamentos, perturbada com seus problemas. Ela, tão espevitada, que chegava a ser engraçada, era, na verdade, uma sofredora. Deveria vir descansar a sesta, também. Mas não. Permanecia irrequieta, entretida com seus afazeres.

No interior da mata, depois do almoço, não havia nada melhor que um cochilo. Era só entregar-se ao costume e repousar também. Ao contrário do que pareceria ao visitante novato, isso não representava uma atitude de desdém, mas uma necessidade orgânica às peculiaridades ambientais da região. A Amazônia pede uma sesta! Uma sesta equilibra as funções orgânicas e recompõe as energias do habitante local.

A “leseira baré”, como se costuma insinuar por aqui, já me pegava. Retirei-me também para o breve descanso.

Quando acordei, tive a exata dimensão de como o rio de águas escuras e profundas me atraía. E de quanto estavam sufocadas minhas origens. Talvez por isso desejasse tanto estar aqui. Necessitava do rio.

Deixei a casa e caminhei pela beira d’água. “Este mundo é parte de mim”, pensei. “Eu sou isso!”

Pude, então, compreender a intensidade do meu desejo. Depois de muito caminhar, joguei-me sobre a areia. O pôr do sol, refletindo a cor âmbar na margem do rio... A água morna sobre meus pés... Um odor característico... Aquele cheiro de peixe...

Isso não é uma miragem, constatei. Não é um devaneio. Tem um significado.

Ao mesmo tempo em que contemplo essa natureza, sinto que ela também me contempla. Aqui a vida se espelha e se expande em novas e numerosas espécies, a começar pelos insetos...

...É possível ouvir o silêncio. A sinfonia de sons vivos e naturais, como o encostar das águas na areia, a repetir o mesmo tshiii... tshiiii... O barulho do remo da canoa na água... Páa... páa... O caboclo que passa, ilustrando a paisagem... Um tronco à deriva... Um boto que mergulha, a brincar com as águas... Os peixes em piracema... As garças e marrecos em piruetas pelo ar...

Bichos, plantas, rio... Nesse ambiente seguro, pensei, será possível encontrar o que procuro. É preciso que tenhamos toda esta natureza dentro de nós, para que possamos percebê-la. Que queiramos olhá-la pra que sejamos vistos por ela. O meu olhar pra ela não é mais importante do que o dela pra mim...

A Terra é mãe. A água é mãe. Ambas têm natureza feminina. Tire a terra, e o rio morrerá. Tire o rio, e a terra é quem fenecerá.

Escuto a voz das águas. É preciso ouvi-la! As gentes locais sabem ouvi-la. As pessoas mais simples conhecem seus mistérios.

Se mergulhar nessas águas, decerto descobrirei seus segredos...

Não esperei mais. Desatei as sandálias, tirei a camisa, arriei as calças e mergulhei. Vim à tona e retornei, ao fundo, inúmeras vezes. Emergi. Submergi. O sol verticalizava seus últimos raios sobre o líquido negro que ardia no lençol do rio.

Pouco a pouco, sem que percebesse, a noite se poria sobre a selva, onde tudo voltaria a ser breu. Meus olhos se concentravam, agora, naquela réstia de luz que se afinava, cada vez mais, sob o sol poente.

De repente, as águas me pareceram se movimentar num imenso redemoinho que foi se alongando e se abrindo numa cratera de luz.

– O que é isso? – assustei-me. – Será minha imaginação?

Nem bem concluí o pensamento e o rio distendeu-se... Plaft! Uma centelha de fogo rasgou as águas escuras e pesadas. Apertei meus braços, toquei minhas pernas, para ter a certeza de que não estava sonhando. Ou, se estivesse, pudesse saber do que se tratava. Voltei os olhos para a casa na praia... A luz em volta se acendia. Tornei a olhar em torno do redemoinho e aquela centelha de luz se dissipou no ar num jato de fogo.

A floresta enegreceu, tal como o rio.

Voltei a casa.

– Onde você esteve? – perguntou-me Cíntia.

– Não resisti à vontade de percorrer a praia e me banhar no rio.

– Fez bem! – ela me disse, à janela.

– Nadou com os botos? – perguntou-me Ubiracy, sentado no banco, a descascar tucumãs.

Rindo, respondi-lhe:

– Nadei!

– Eles são dóceis! – disse Cíntia.

– Viu algum peixe-boi? – continuou Ubiracy.

– Não! E tem, por aqui?

– Se tem? Tem mesmo! – retrucou Maria, que limpava a frente da casa com uma vassoura de cipó. – Por causa disso, não resistem aos pescadores.

– Como assim?

– São presas fáceis porque são mansos e têm também uma carne muito apreciada – respondeu Ubiracy.

– Ai! Tenho tanta pena! Eles são tão caladinhos... – acrescentou dona Maria. – Vez em quando encontramos um filhote perdido no rio e entregamos para as meninas, no centro de preservação.

– Centro de preservação?

– Centro de Pesquisa e Preservação dos Mamíferos Aquáticos – CPPMA. Fica em Balbina – informou Cíntia.

– As meninas são tão boazinhas com eles! A Márcia, então, nem se fala!

Antes que eu perguntasse sobre a quem dona Maria se referia, Cíntia antecipou-se em explicar:

– Márcia é uma das biólogas que cuidam dos filhotes resgatados nos rios.

– As meninas sempre fazem campanhas para protegê-los! – revelou Ubiracy.

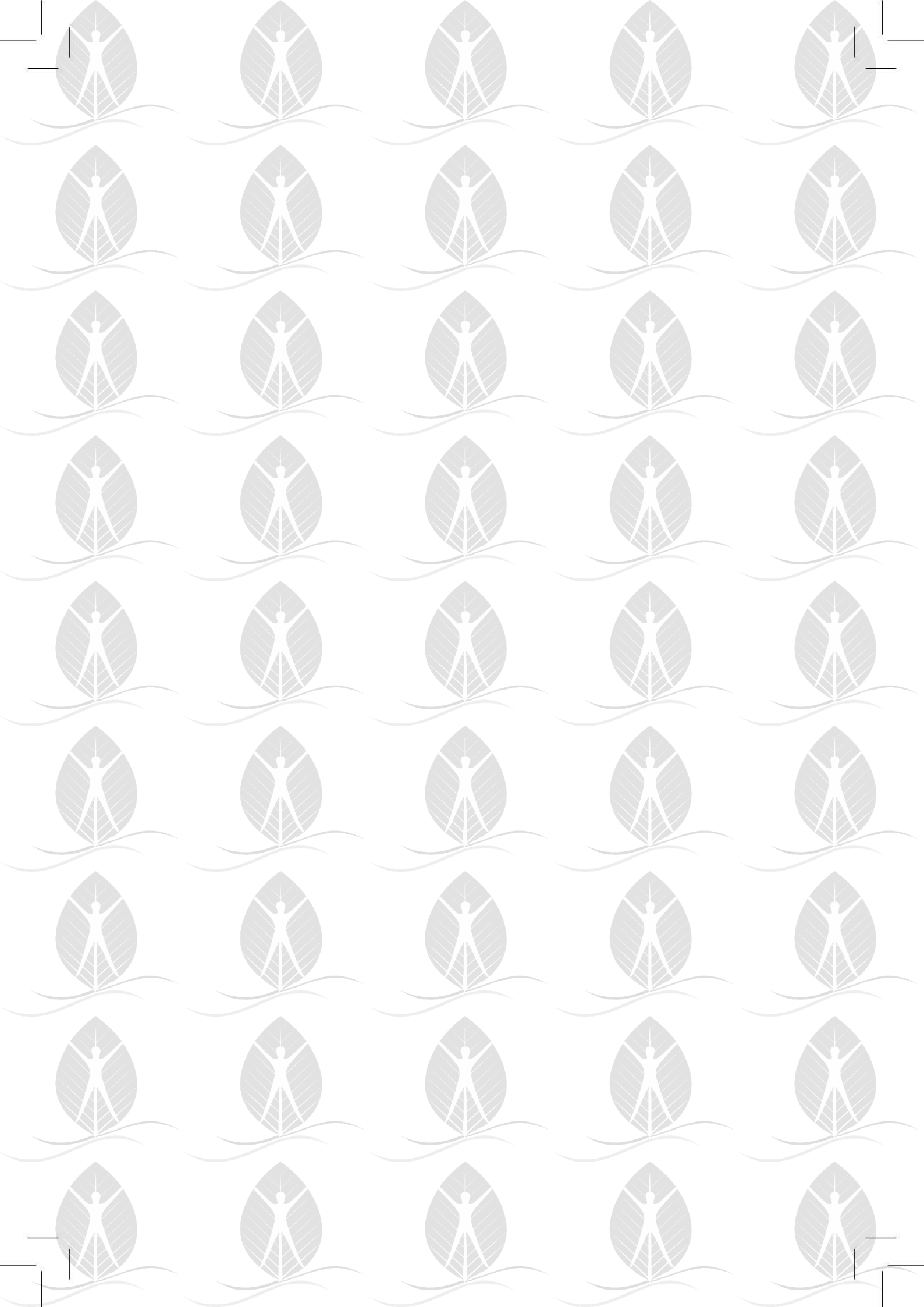
– Se você quiser conhecer o trabalho do Centro de Pesquisa, poderemos ir durante as minhas férias de final do ano. O que você acha?

– Gostaria muito.

Ubiracy contou que a formação do lago de Balbina gerou muitas alterações no hábitat dos mamíferos aquáticos da região, como a separação dos animais em grupos e a mudança no tipo de alimentação.

– O centro ajuda no resgate de muitos animais encontrados feridos nos rios, vítimas de pescadores inescrupulosos. Na maioria das vezes, são filhotes que perderam suas mães, quando estas foram capturadas por pescadores. A construção da hidrelétrica causou muitos estragos ambientais, e o centro trabalha para diminuir os impactos que ficaram. Se bem que depois que o mal está feito, pouco há o que consertar – alegou.

Aquele assunto despertou em mim enorme interesse, pois a relação predatória que o ser humano estabelece com outros animais, incluindo os que têm nas águas o seu hábitat, e que são vítimas do desregrado consumo, é nociva e desencadeia um desequilíbrio em seu ecossistema, com alterações graves que irão incidir sobre todos nós.



VII O ARQUIPÉLAGO DAS GENTES DO RIO NEGRO

Existe um relacionamento e virtual interdependência entre a sociedade humana e a natureza representada pela biosfera, atmosfera e geosfera. Nelas coabitam, coexistem e convivem homem, flora, fauna, peixes, rios, mares, terras, outros fatores e agentes abióticos que caracterizam os diferentes ecossistemas, que dão sustentação à vida

Samuel Benchimol

Ubiracy nos deixou cedinho em Novo Airão, cidade simpática, de ruas largas e limpas, que me causou boa impressão. Caminhamos até a casa de Abelardo, um jovem de dezessete anos que se juntou a nós no passeio às ilhas. No caminho, perguntei-lhe sobre o endereço que deveria procurar. Ele me respondeu que ficava perto de sua residência.

- Estou feliz por finalmente conhecer Anavilhanas.
- A estação é linda, você vai ver.
- Quatrocentas ilhas... – acrescentou Cíntia.
- O segundo maior arquipélago fluvial do mundo.
- Por que o segundo? Qual é o primeiro? – perguntei a Abelardo.
- O primeiro fica mais acima, em Barcelos; na região de Mariuá.
- Mais longe, mais protegido...
- É verdade...
- Aqui estamos pertinho do perigo, hein?
- Pois não é? – ele concordou.

Referia-me aos crimes contra a fauna aquática e silvestre, nativa ou em rota migratória, bastante comum nesta região.

Abelardo ajudou-nos a subir no barco e fomos até um posto fluvial para abastecer a lancha. Retirei algumas notas do bolso e paguei o combustível. O roteiro ficou por conta dos dois.

- Podemos ir? – ele perguntou.
- Com certeza! – respondeu Cíntia.
- Por onde começamos?
- Vamos, inicialmente, à Ilha do Jacaré, pelo rio Baependi, na parte norte. Depois seguimos pela margem direita do rio Apiaú, a noroeste. Assim, fazemos a parte sul, na Ponta do Seringal; e, pela margem direita, fechamos o perímetro.

Seguimos rumo àquele ecossistema de rios de águas pretas e de floresta tropical densa. Era um daqueles típicos dias de calor, por isso usamos protetor solar e chapéus, presos com elásticos abaixo dos lábios, para evitar que voassem à velocidade da lancha.

– Você sabia que o arquipélago fica entre Manaus e Novo Airão?
– indagou-me Cíntia, para, em seguida, completar: – Só que mais de setenta por cento da área estão em território de Novo Airão.

– Sei que é um ecossistema frágil, precisa de proteção...

– Foi declarado sítio do Patrimônio Cultural da Humanidade, pela Unesco, e é protegido por legislação federal.

– São algumas formas de resguardá-lo, não?

Ela concordou, porém acrescentou que faltava melhor fiscalização para evitar que os crimes ambientais ocorressem.

– Infelizmente, atividades criminosas de pescadores e caçadores têm dilapidado essas riquezas naturais e violado seus ecossistemas, por estupidez e ganância.

Começamos nosso passeio percorrendo igarapés, paranás e os canais entre as ilhas. Perguntei a origem do termo Anavilhanas, que dá nome ao arquipélago, e Cíntia me respondeu que era uma corruptela de “Aneuene”, o rio. Ela explicou que ali viveram, no século 17, os índios Cauauri e Aruak; e, no século seguinte, os Manáo, Baré e Tikuna.

Minha curiosidade se aguçou:

– Ainda existem índios por aqui?

– Os Tikuna e os Baré, que se misturaram aos caboclos – respondeu.

– A propósito, a Ilha do Jacaré, para onde estamos nos dirigindo agora, é uma área indígena.

Continuamos nossa visita pelas ilhas. Avistamos, de longe, alguns dos mamíferos aquáticos: lontras e ariranhas; e identificamos várias espécies de palmeiras, como o açaí e o patuá. Cíntia me disse que as ilhas também eram habitadas por macacos-de-cheiro, guaribas, macacos-da-noite e iraras.

– Ainda hoje, não tanto quanto no passado, é possível encontrar capivaras, onças e grandes gaviões. A estação também recebe aves migratórias da América do Norte, como os maçaricos, que vêm invernar na Amazônia.

– Como sabe tudo isso?

– Estudei durante quatro anos para atuar como guia na região.

Mais uma vez, senti-me privilegiado por estar ali. Cíntia surpreendia-me com seu conhecimento. Lembrei-me do que ouvira a respeito do rio Negro.

– Como pode um rio com tanta diversidade ser considerado um “rio pobre”? – Ah! – ela fez pouco caso. – Também discordo dessa opinião. Anavilhanas, por exemplo, tem uma ictiofauna rica, e isso se deve às matas de igapó que fornecem abrigo e alimentos consumidos pelos peixes, sejam frutos, sementes e folhas, ou insetos e outros invertebrados. A fauna entomológica também é rica, com centenas de espécies adaptadas ao ambiente das ilhas.

Enquanto Cíntia discorria sobre a cadeia alimentar do arquipélago, o pequeno barco se aproximava das campinaranas do Apiaú, pondo à mostra uma infinidade de orquídeas que ilustravam e enriqueciam, ainda mais, a paisagem. Adentramos as florestas de igapó, nas faixas estreitas dos rios, e observamos a floresta densa de terra firme, na margem esquerda do arquipélago, com suas exuberantes árvores altas e finas.

Fiquei um tanto triste com a quantidade de lixo encontrada em alguns pontos da zona de visitação da estação.

–   difícil conscientizar as pessoas que esse lixo um dia se voltará contra nós – ela comentou.

Sei que ainda havia muitos lugares a serem visitados, mas já passava das quatorze horas e ainda teríamos de encontrar o tal endereço. Retornamos a Novo Airão e almoçamos num restaurante, no centro da cidade. Cíntia me contou sua história. Não me pareceu ressentida pelo abandono da mãe; disse-me, até, que chegava a admirá-la pela coragem de investir na sua carreira, mas que a considerava uma desalmada por deixá-la sob a responsabilidade do pai. “Ele sofreu muito, embora não costume tocar no assunto” – confessou-me. A av , a quem o pai era muito apegado, ajudou muito na sua criação. “Um dia, talvez a procure, se houver essa possibilidade”, falou.

Depois de almoçarmos, seguimos cada um para um lado. Ela tomou um caminho para visitar as amigas e eu sa  em busca do paradeiro dos parentes de dona Maria, com as referências fornecidas por Abelardo. Encontrei uma senhora de meia-idade, em frente à casa que procurava.

– Boa-tarde!

– Boa-tarde...

– ...dona Vera?

– Sim... Eu mesma! Em que posso ajudá-lo?

– Procuo pela filha e neto de dona Maria.
– Quem é o senhor?
– Sou Oannes, hóspede do senhor Ubiracy. Vim aqui a pedido de dona Maria, para saber notícias de sua filha e neto.
– Por favor, entre!
– Obrigado.

Adentrei a pequena varanda. Ela me convidou para sentar numa cadeira de embalo, feita com trançado de palha regional.

– Você aceita um copo d’água?
– Se não for incomodá-la...
– De jeito nenhum! O senhor me aguarda um pouquinho?
– Pois não!

Da varanda, observei um menino, que devia ter por volta de oito anos de idade, brincando com bolinhas de gude, no quintal. – Deve ser o neto de dona Maria – imaginei.

Dona Vera retornou com o copo d’água.

– Muito obrigado!
– O verão promete!
– É verdade! Os dias têm sido muito quentes!
– Aqui nem sempre é quente, mas este ano...
– Aquele garoto?... – arrisquei, olhando em direção à criança que brincava com as bolinhas de vidro.

– ...É o neto de dona Maria, sim! – confirmou.
– E a mãe?
– Voltou a se internar – respondeu. – Sofre de problemas mentais e, quando surta, precisa tomar uns remédios que não temos por aqui. Nonô fica comigo. – E, virando-se para a lateral da casa, chamou-o:

– Nonô, vem cá!

O garoto juntou as bolinhas de gude, colocou-as no bolso e, apoiando-se no parapeito da varanda, deu um salto para dentro, até onde nos encontrávamos. O suor escorria-lhe da face ao pescoço e os olhos amarelos estavam avermelhados do sol.

Olhou-me, curioso. Perguntei-lhe:

– Como você se chama?
– Claudionor! – respondeu.
– Você está estudando?
– Neste ano, não!

Quis saber por que, embora me parecesse óbvio. Virando-me para dona Vera, perguntei:

– O que está faltando?
– Ficou sem matrícula, porque a mãe perdeu seus documentos.
– E agora?
– Minha filha, Elisa, que mora na capital, falou que, quando Júlia melhorar, vai com ela até o cartório e tirar uma segunda via da certidão de nascimento.
– Ele foi registrado na capital?
– Foi lá que ele nasceu. Elisa foi quem ajudou Júlia, quando ela engravidou... São amigas desde a infância...
– Entendi!
– Agora só no ano que vem!
– Claro! Bem, não me devo demorar, pois ainda vou me encontrar com Cíntia. Daqui a pouco seu pai virá buscar-nos.
– Diga pra dona Maria não se preocupar com o menino, que procure se acalmar. Vai dar tudo certo!
– Direi, sim. Pode deixar!
– Vá com Deus!
– Obrigado! Até logo!

Passava das dezesseis horas e trinta minutos. Havíamos marcado com Ubiracy no atracadouro da cidade às dezessete, para chegarmos ao sítio antes do anoitecer. Encontrei-me com Cíntia na praça, de onde seguimos até a beira do rio, onde ficavam as embarcações.

Notei que alguém nos seguia. Era Claudionor.

– Você não deveria estar em casa? – perguntei.

Cíntia virou-se e ele correu até ela, abraçando-a:

– Olá, Nonô. Como você está?

– Queria ir com vocês pra casa do rio.

Olhamos um para o outro. Eu não sabia o que dizer.

Cíntia lhe disse:

– Vamos combinar pra você ir numa outra oportunidade, está bem?

O menino nada respondeu, apenas caminhou de mãos dadas com ela até o local onde Ubiracy nos aguardava.

– Olá, Nonô! Como vai?

– Vou bem! – respondeu, desanimado. – E o senhor?

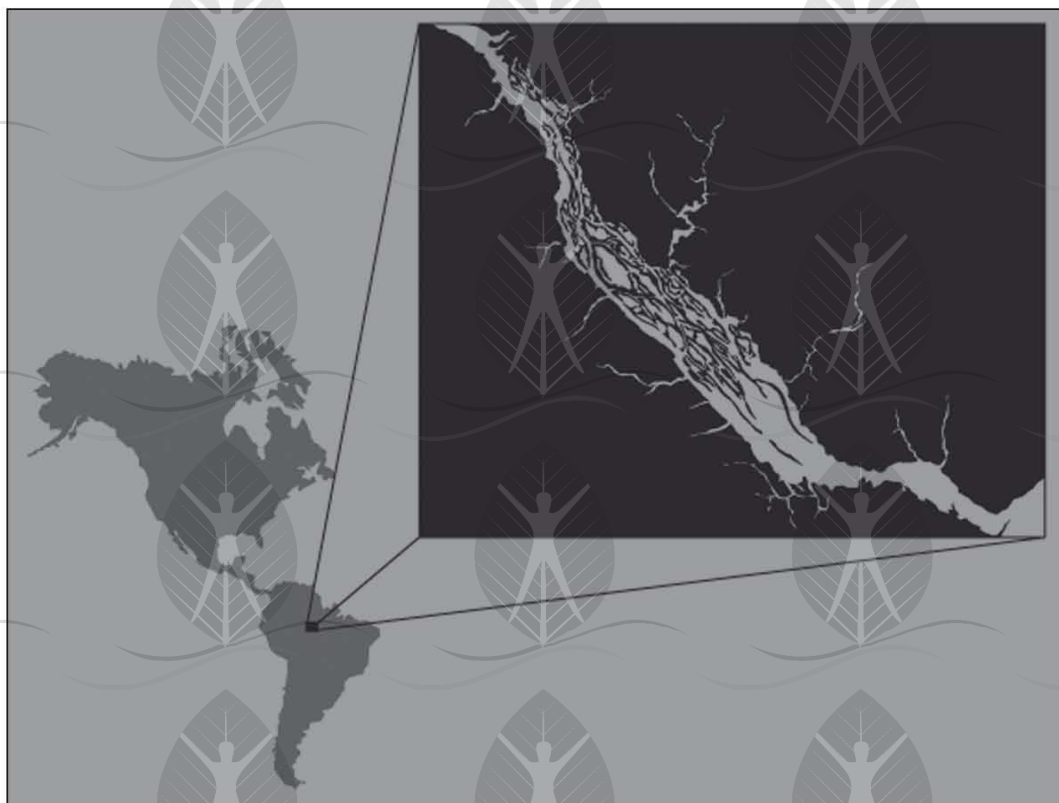
– Estamos todos bem. Cadê sua mãe?

– Está no hospital.

– Venha cá. Dê-me um abraço.

O garoto pulou na rabetá – pequena canoa, com motor de propulsão de pequena potência – e agarrou Ubiracy pela barriga. Na

presença do pai, Cíntia repetiu para Nonô que ele poderia passar uns dias na “casa do rio”, se a sua avó consentisse, proposta acatada pelo pai, que lhe prometeu conversar com dona Maria para recebê-lo em casa. Despedimo-nos, mas confesso que fiquei preocupado com aquela criança que não tirou os olhos do barco, até nos distanciarmos.



Arquipélago das Anavilhanas: delta do holoceno ou labirinto tectônico?

VIII AS VOZES DA FLORESTA PEDEM SOCORRO

...A Terra não pertence ao Homem; o Homem pertence à Terra. Isto sabemos: todas as coisas estão ligadas, como o sangue que une uma família. Há uma ligação em tudo. O que ocorre com a terra recairá sobre os filhos da terra. O Homem não teceu o tecido da vida: ele é simplesmente um de seus fios. Tudo o que fizer ao tecido, fará a si mesmo...

(Cacique Seattle, em carta ao presidente norte-americano, em 1854)

O cheiro da cozinha veio ao nosso encontro, quando atracamos à praia. Cíntia seguiu para o banho e eu me dirigi à cozinha para informar dona Maria sobre o estado de saúde de Júlia. Ela ficou preocupada, mas repeti o que ouvira de dona Vera: que procurasse se acalmar, porque, ao final, tudo daria certo. Subi para pegar toalha, escova de dente, sabonete e nova muda de roupas, e fui aguardar Cíntia desocupar o banheiro, fumando um cigarro à frente da casa. À mesma hora, na noite anterior, assistira a uma estranha aparição de fogo sobre as águas.

Havia feito muito calor durante o dia, daqueles de deixar incomodado até o caboclo da região, acostumado com as altas temperaturas locais. Agora, a temperatura se invertia com a chegada de um ar mais frio. O resfriamento repentino foi tomando conta do ambiente, tornando a noite agradável. Essa sensação me fez lembrar o comportamento do clima no meu país, onde os ventos quentes e úmidos dos verões no oceano Índico exercem influência continental ao norte; ao sul, as temperaturas esfriam pela proximidade do oceano Antártico.

Ali, a variação de temperatura entre oceano e continente provoca monções – ventos que mudam de posição, anualmente. Na Amazônia a umidade, que entra do Atlântico pelo norte do país, vira chuva, mas apenas a metade é drenada de volta ao mar; a outra metade é absorvida pela floresta, que a distribui entre as regiões.

A floresta amazônica regula o funcionamento dos ventos dos oceanos; e estes, por sua vez, contribuem para o regime das chuvas na região. A interação entre chuva e floresta contribui para melhorar o ar de outras partes do país e do mundo. Tudo isso colabora para o

funcionamento do clima global. As correntes de ar animam os oceanos e movimentam o fluxo da vida.

Nos últimos anos, as secas provocadas pelo aumento de temperatura nas águas do Atlântico pareceram arrastar os rios para um deserto. Eventos geológicos, como terremotos e tsunamis, têm sacudido o planeta e até alterado o eixo de rotação da Terra. A queima de combustíveis fósseis e outros poluentes combinados, as queimadas e derrubadas de florestas têm aumentado a temperatura, causado o derretimento de geleiras e elevado o nível dos mares; situações que vêm estressando ainda mais rapidamente o planeta.

Mais uma vez, reportei-me a Campbell: “o extremo de um é o ponto de encontro do outro”.

Nesse ambiente de aparente silêncio seria extraordinário se as vozes da floresta gritassem por socorro, mas a verdade é que elas pedem que prestemos mais atenção a elas.

Caminhei em volta da casa para verificar minhas suspeitas. As árvores guardavam um temor, eu senti. Toquei alguns de seus galhos, como a dizer-lhes: “boa-noite”; “fiquem bem”. Tinha certeza de que era entendido por elas, que me devolviam a gentileza balançando suas folhas.

Tudo é tão simples, pensei. Como o homem dito civilizado é prepotente em pensar que tudo isso lhe pertence. A floresta tem uma força que germina em sua escuridão. É como um coração bombeando sangue para a terra se alimentar.

Não esperei mais a menina Cíntia terminar seu banho. Aquela brisa fresca me convidava à união com uma divindade profundamente inquietante. Minha pele umedecia. Senti um ardor anfíbio, como se tivesse nadadeiras no peito e caudas nas pernas. Dirigi-me à praia e, sem mais resistir, atirei-me n'água. Estava tão decidido, que meu passado onírico romperia o mais duro metal, a mais grotesca rocha, e se moveria nos lençóis da Terra, onde repousam os sonhos.

Enquanto nadava, apenas ouvia o som das águas. O movimento dos meus braços a me afundar sobre elas. Logo, todo o meu peso era nada. Estava absorvido, mergulhando, flutuando nelas que me sustentavam, enquanto a minha musculatura se movimentava sobre o seu imenso corpo caudaloso. Abracei-me a ele, a esse precioso líquido, puro na profundidade da sua escuridão... Repetidas vezes, mergulhei.

Nadei até ficar exausto. Estava extremamente sensível. Quando retornei a casa, já me aguardavam à mesa.

– Nossa! Como está esfriando... – disse dona Maria, esfregando as mãos, ao servir o jantar.

– É mesmo! Essa friagem não é comum, nesta época do ano – acrescentou Ubiracy.

– ...O clima está enlouquecendo! – ela continuou.

– Não vou me surpreender se a região sofrer mais abalos sísmicos, como o que ocorreu no baixo Amazonas.

Ubiracy se referia a uma onda de aproximadamente dez metros, que anos antes provocara o desmoronamento de uma área de quase três quilômetros nas proximidades do município de Parintins.

– Tomara que essas ondas gigantes não cheguem até aqui. Cruz Credo! – benzeu-se dona Maria.

– Eventos cada vez mais fortes estão se tornando frequentes. Não podemos ignorá-los, pois nos parece óbvio que estão associados às mudanças climáticas – comentei.

– Temo de, em breve, nada mais possa ser feito – revelou Ubiracy.

– É a ação do homem sobre a natureza que está contribuindo para que esses fenômenos ocorram – alfinetou Cíntia.

– ...Não há mais como ignorarmos a sucessão de eventos catastróficos que vêm da fúria da natureza... As pessoas estão começando a perceber que ela mata, tanto quanto o homem – completei.

– Só sei de uma coisa... – arguiu dona Maria. – ...que esse rio parece calminho, calminho, mas se tiver um temporal brabo, aí vocês vão ver como ele vai reagir.


– Não sei se ocorreria um evento desses, como um tsunami, por exemplo, mas acho que tem possibilidade de algo brusco acontecer por aqui, sim. Por que não? – considerou Ubiracy.

– O risco é iminente – continuei. – A história da Terra tem demonstrado que sempre houve desastres naturais para os quais não temos nenhuma proteção. O que me assusta é pensar que podem estar a caminho fenômenos mais destrutivos, acelerando o que levaria centenas, e até milhares de anos, para voltarem a ocorrer.

– O senhor é bem sabido, hein? – retorquiu-me dona Maria. – Então fale: como poderia acontecer uma coisa assim, como esse... Esse... Como é mesmo o nome?

– Tsunami – completou Cíntia.

– Pois é. Como é que poderia acontecer uma coisa dessas, assim... Por aqui?



– Bem, dona Maria. Um tsunami pode ser causado por muitos motivos: um terremoto, algum cometa ou asteroide que caia no oceano, um grande deslizamento de terra submarino... Ou mesmo o afundamento de uma ilha. Qualquer dessas situações pode fazer com que as águas aumentem a sua velocidade, devastando as terras que se encontram próximas dos oceanos. Mas a Amazônia não está isenta de sofrer terremotos, tempestades tropicais, ciclones, e principalmente secas e inundações.

Continuamos nossa conversa, durante o jantar. Comentamos sobre o aquecimento global e biomas ameaçados. Ubiracy lembrou-se da mata atlântica, do cerrado e do pantanal, que também sofrem com a inconsequência humana. Pude sentir a emoção desses meus novos amigos ao se reportarem aos indígenas do planalto central do Brasil. Ali a catástrofe era de ordem social e ambiental, motivada pelos projetos econômicos.

IX TEMPESTADE TROPICAL

Ao tempo em que as possantes águas chegaram, contendo o germe universal que produziu Agni
Rig Veda

A janela se abriu repentinamente, sobressaltando-me. Um vento frio invadiu o quarto. Lá fora, trovões anunciavam chuva. Levantei-me e vi, por detrás das árvores, um jato de luz transpassar o caminho do criatório dos caititus. Uma aparição breve, mas bem definida de um fogo-fátuo a se movimentar na escuridão. Num segundo, tudo ficou escuro, novamente.

O forte barulho da chuva no telhado parecia o tilintar de vidros. ‘Só faltava esta, uma chuva de granizos!’

Fechei a janela.

Lia um manual de geologia sobre evolução e formação da Terra, que explicava, com detalhes, a consolidação das rochas a partir do resfriamento superficial do magma e a formação da litosfera e atmosfera.

Assim como nós, a Terra também é um ser em evolução. Para adquirir a forma que tem hoje, passou por diversas fases, até solidificar-se: ígnea, semi-ígnea e pastosa...

Interrompi a leitura. Deitei a cabeça no travesseiro.

Fechei os olhos e pus-me a reconstruir na memória a imagem do planeta, todo azul, tal qual a visão de Yuri Gagarin, em 1961. Parecia-me irreal imaginar que o centro da Terra fosse uma bolha de metal líquido a transportar calor e eletricidade para a crosta terrestre até afundar, novamente, em resfriamento; mas era exatamente assim que se comportava esse gigantesco dínamo, invertendo seu campo magnético ora para o norte, ora para o sul.

Custamos para descobrir que a crosta terrestre é formada por doze placas tectônicas, que boiam sobre um magma pastoso; que colidem, formando cadeias ou cordilheiras de montanhas, ou afundam uma por dentro da outra, tal como aconteceu com os Andes – do choque entre as placas de Nazca e Sul-Americana – e o Himalaia, do choque entre a Índia e a Ásia; além das Rochosas, dos Alpes e outras.

Era incrível que assim ocorresse, mas da mesma forma que os continentes permanecem à deriva, nós passamos a maior parte de nossas vidas sem conhecer como esse organismo reage. Sem saber que o universo levou quinze bilhões de anos para formar-se e a Terra quatro bilhões e seiscentos milhões. Que a vida no planeta surgiu por volta de três bilhões e meio de anos, ainda na Idade Arqueana, mas tão somente quando o oxigênio formou-se em quantidades significativas na atmosfera. Também era inacreditável que, segundo os conhecimentos arcaicos, o ser humano tenha feito sua primeira aparição há dezoito milhões de anos.

Compreender esse complexo sistema equivalia a respeitar as leis do universo, concluí. Temos de ficar atentos para não sermos surpreendidos pela nossa ignorância.

Levantei-me e, novamente, abri a janela. A chuva continuava forte, com ventos vindos sabe-se lá de quais direções. Fechei-a e voltei a me deitar.

Acordei cedinho com o barulho dos porcos-do-mato, que já se encontravam em volta da casa. Dona Maria, com sua vassoura, atravessava de ponta a ponta na esperança de devolvê-los ao criatório. Ubiracy tentava subir numa escada até o telhado. Desci para ajudá-lo.

- Deixe que eu entregue as telhas a você.
- Obrigado.

A força do temporal derrubara também a cerca do criatório, além de fazer outros estragos, que observamos a distância e combinamos para conferir, em seguida. Dona Maria pôde, enfim, acuar os animais até a pocilga.

- Choveu pedra, ontem à noite! - interveio, à mesa do café. - Muitas árvores caíram. Até aquela andirobeira plantada pela sua mãe, seu Ubiracy.

- Que pena! - lamentou. - Foi plantada com tanto carinho.
- Eu lembro! - E, voltando-se ao episódio de logo cedo, falou:
- ...E os porcos, hein? Amanheceram malucos!
- Isso não é mais de se estranhar, não é, Maria? - retrucou Ubiracy.
- Mas hoje foi pior. Desembestaram todos.
- Ainda bem que consertamos a cerca. - ele disse, levantando-se.
- Você me acompanha, Oannes?
- Vamos lá!
- Cíntia ainda está dormindo?

– Está sim. O senhor sabia que, com o temporal, ela foi bater lá no meu quarto? Até demorou a dormir, eu lhe fiz companhia. Prometi que hoje lhe ensinaria a fazer aquela geleia de carambola, que ela tanto gosta. O senhor sabe que ela vive me pedindo isso, antes de voltar pra cidade, não é mesmo?

– É verdade, Maria – respondeu Ubiracy. E, virando-se para mim, mais uma vez:

– Vamos, Oannes?

– É pra já!

– Até depois, Maria! Antes do almoço, estaremos de volta.

– Até mais, seu Ubiracy.

Saímos para conferir o que o temporal havia provocado. Percorremos toda a extensão do terreno, entre árvores e galhos caídos que procuramos retirar do caminho. Por onde passávamos, sentíamos a ação violenta da tempestade. Alguns animais, na ânsia de correr dos ventos e das chuvas, acabaram atingidos pelas árvores.

Ubiracy ficou penalizado.

– Nunca vi algo assim! – revelou entristecido.

O dia amanhecera nublado. Um vento forte vinha de encontro ao rosto. Adentramos a trilha da floresta. Ubiracy, à frente, com um terçado à mão, ia cortando e retirando os galhos caídos, para abrir passagem. Um pouco atrás, eu o ajudava a limpar o caminho e a afastar as árvores mais pesadas.

– Acho que vem mais chuva por aí – arrisquei.

– Parece que sim. Já nem sei mais. O clima tem mudado tão depressa, que é difícil previrmos quando vai chover.

Continuamos a caminhada, reparando, quando possível, os danos causados pela fúria da natureza. Ubiracy, à frente, parecia ter pressa. Finalmente, soltou a voz:

– Oannes, gostaria de pedir-lhe um favor.

– Pois sim, Ubiracy. Pode pedir!

– Preciso ausentar-me daqui por uns dias, pra acompanhar o seminário da Cíntia e resolver algumas pendências na cidade. Você tomaria conta do sítio, durante esse tempo?

– Com certeza. Pode contar comigo!

Andamos durante horas pelas trilhas, sempre limpando e afastando as árvores caídas pelo caminho. Quando retornamos, Cíntia, que assistia ao noticiário local, comentou que a meteorologia previa mais chuvas para a região.

Voltamos a percorrer o terreno, depois do almoço. Durante a caminhada, Ubiracy revelou preocupação com o futuro da filha. Disse que desejaria ficar mais perto dela, mas que também tinha vontade de permanecer no sítio. Lembrei-me de como fora difícil tomar a decisão de largar a cidade e seguir em busca do que realmente me era importante. É comum projetarmos um lugar ideal para vivermos, embora na maioria das vezes estejamos sempre em busca desse lugar.

A situação me reportava, ainda, a Campbell: “Não é preciso fazer peregrinações para encontrar o seu local sagrado. Você pode seguir a sua felicidade e alimentar sua imaginação criativa”. Mas esse não parecia ser o caso de Ubiracy, que, a meu ver, já havia encontrado o seu lugar sagrado.

– Sinto-me mesmo como um índio aculturado, indeciso entre permanecer na aldeia ou voltar à cidade – confidenciou-me.

– Compreendo você.

– Toda vez que Cíntia vai embora, tenho essa sensação.

– E como ela fica na cidade?

– Divide um apartamento com mais duas colegas de faculdade.

– Ela parece ser bem responsável.

– Sim, ela sempre foi muito ajuizada.

– Acho importante ela buscar seu caminho. Quem sabe, não descobre que também é aqui?

Continuamos a conversa, dessa vez, retornando ao criatório. Ubiracy me mostrou as telas que deveriam ser presas no alambrado como baldrame, para evitar que os caititus escavassem a terra, vindo a fugir em direção a casa – o que deixaria dona Maria desnorteada.

– Ela não consegue controlar um bando de cinquenta caititus. Aliás, ninguém consegue! Eles ficam ferozes quando estão em bandos – disse Ubiracy. – Mas o que fazer, se eles adoram as frutas do quintal, e já se acostumaram a comê-las, pelas manhãs?

– Será que esse comportamento não é por sua distribuição parcial em hábitat?... Por ficarem divididos entre o cativo e a mata nativa?

– Sim, é isso mesmo! – confirmou Ubiracy.

– Lidar com muitos deles, ao mesmo tempo, é penoso.

– O porco-do-mato é um animal simpático, muitas vezes criado, até mesmo dentro de casa. Mas quando estão juntos, são unidos e se protegem.

– Você amadureceu o projeto de comercializá-los?

– Tenho pensado muito no assunto. Esse é o outro motivo pelo qual estou indo à cidade. Vou sondar o mercado local e conversar com Daniel sobre a proposta de repovoamento, que tenho em mente.

– Boa sorte, então! Diga-lhe que mando lembranças.

– Pode deixar!

Ubiracy me explicou detalhadamente os horários de fornecimento da alimentação, limpeza e acompanhamento dos hábitos dos caititus em seu deslocamento ao redor dos piquetes. Acendi um cigarro e, enquanto checávamos as providências para a manutenção do criatório, pude ver que uma réstia de sol riscava o horizonte. Pedi licença para tomar um banho de rio.

– Fique à vontade! Aliás, você parece mesmo um peixe, e peixes vivem n'água. Vá nadar com os botos, vá!

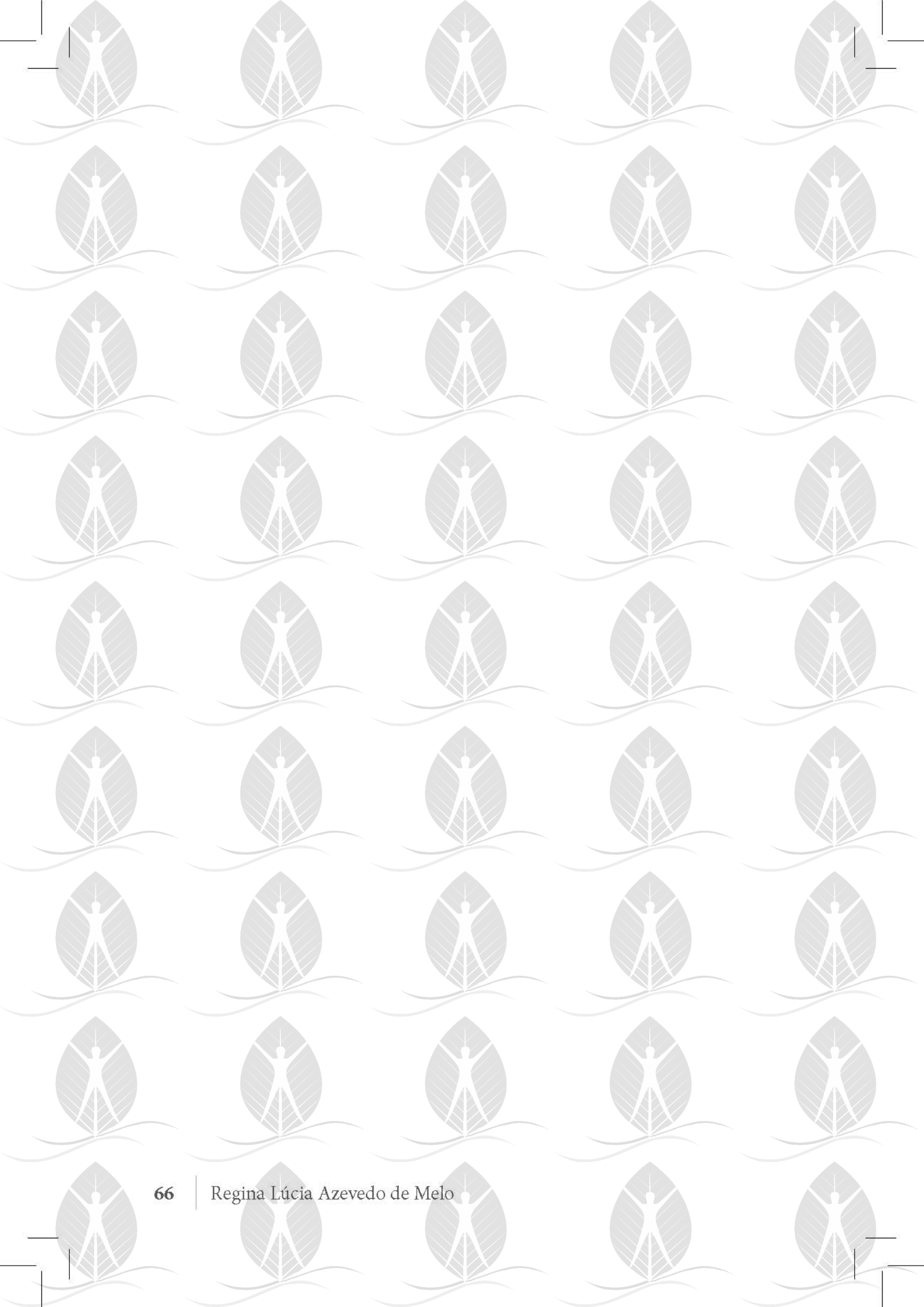
Guardei a ponta de cigarro dentro da caixa de fósforos, como de costume, e caminhei rapidamente em direção à praia. O cheiro da geleia de carambola me acompanhou até a beira do rio.

Ainda foi possível ver o pôr do sol, em sua derradeira imagem. O rio me chamara, novamente, instigando-me à entrega.

Tirei a camisa, a bermuda e as sandálias. Soltei os cabelos e mergulhei profundamente naquele líquido enigmático, naquela mais profunda escuridão. Senti-me sugado ao ventre materno, à minha essência primeva.

Quando submergi, era como se uma nova energia reacendesse toda minha força, ligando-me à minha ancestralidade. Estava leve, sem aquele peso nas costas.

Tive a impressão de estar sendo observado, mas não havia ninguém por perto.



X MITO PRIMEVO

*Ele que criou os céus e a terra; e para vós fez a água cair do céu;
E nós com ela pudemos cultivar jardins plenos de beleza cujas árvores
nunca poderíeis produzir.*

*Existe um deus com Deus? Não, mas eles são um povo que Lhe
confere semelhantes*

Alcorão

Embarquei Ubiracy e Cíntia no início da tarde, da mesma forma com que desembarcara recentemente. Desejei a ela um feliz seminário, pelo que me agradeceu, prometendo revelar os resultados. Parecia-me mais tempo, mas só estava ali havia alguns dias.

Do rio, vi o barco-recreio seguir viagem rumo à capital.

Reparei no surgimento de escoriações nas minhas nádegas. Seria fruto da minha imaginação? Afinal, não poderia estar sofrendo uma alteração cutânea tão imediata. De qualquer forma, convinha observar melhor a irritação que avançava sobre o meu corpo.

A caminho do criatório topei com dona Maria, que me espreitava por detrás das roupas do varal. Apesar do susto, continuei o trajeto até o fundo do terreno para verificar a alimentação e a água dos caititus. Depois de executar a tarefa, retornei à beira do rio.

Estirado na areia, tentei relaxar. De olhos fechados, senti as águas mornas tocarem meu corpo. Minha memória aquática me reportou para dentro do oceano. Dele surgira a vida, fecundada por estrelas e pedras do céu.

Há seis bilhões de anos um enorme redemoinho, formado por uma nuvem de pó e gás cósmico, atingia o nosso sistema solar. Tal como nos demais planetas, naquele momento a nossa nave-mãe iniciava a sua epopeia. Uma elevada temperatura provocou seu resfriamento, com uma chuva de milhões de anos que fez transbordar as fendas abertas, dando origem ao primeiro de todos os mares, Miróvia, há três e meio ou quatro bilhões de anos.

As partículas concentradas no interior desse primeiro oceano juntaram-se paulatinamente até formar uma grande massa continental,

denominada pelos cientistas de Rodínia, cujo significado é “terra junta” – isso há um bilhão de anos.

Há setecentos e cinquenta milhões de anos, Rodínia se fragmentou em oito continentes, para se juntar, novamente, numa “nova terra”: Panótia – há seiscentos milhões de anos. Panótia também se dividiu, depois de cinquenta milhões de anos, e renasceu em Pangeia, a “Grande Mãe”, há trezentos milhões de anos.

Enquanto isso, vastas extensões de água salgada tomavam conta do planeta. E Pangeia também se partiu em dois continentes: Laurásia e Gondwana. Banhados pelo grande oceano Panthalassa – pelo sentido de “todo o mar” –, Laurásia e Gondwana igualmente se partiram. O primeiro, Laurásia, no pedaço de terra que é hoje a América do Norte; e em outro, Eurásia, que abrangia a Europa e Ásia juntas. Para os cientistas, isso teria ocorrido entre cento e quarenta e cento e cinquenta milhões de anos atrás.

Gondwana, o segundo continente, fragmentou-se em vários pedaços de terra que são atualmente a América do Sul, África, partes do sul da Ásia, Austrália e Antártida – entre noventa e oitenta milhões de anos atrás.

A origem do nosso planeta me remetia inevitavelmente à mitologia grega, ao surgimento de Oceano, filho de Gaia com seu primogênito Urano (deus do firmamento). Oceano, pai de todos os rios e o mais velho dos titãs, despertou quando Gaia serpenteou nas calhas e teceu a vida nas pedras. O filho da Grande-Mãe (Deusa Terra), ignorando o caos, fez com que as paisagens surgissem de seus movimentos.

A história geológica da Terra cabe no mito grego da criação, inferi. Decerto Platão, ao citar Atlântida, não estava apenas filosofando, mas contando histórias reais. Infelizmente essas histórias até hoje não foram devidamente esclarecidas. Pelo contrário, tornaram-se cada vez mais enigmáticas. As datas e as pistas são aleatórias; não encontram ressonância científica.

Mas o que seria Atlântida e quando ela teria existido, então? Hoje não se fala em um continente-mito que teria submergido, mas em dois: Lemúria e Atlântida. O primeiro, no oceano Pacífico, a Pacífica dos cientistas, que afundou de forma drástica e catastrófica, de uma única vez. E o segundo, no oceano que hoje deriva de seu nome – Atlântico –, desaparecido em três momentos distintos, e que, portanto, seu último pedacinho seria a ilha grega de Santorine. Disso trata a doutrina teosófica de Helena Blavatski, em sua *Antropogênese*.

Tinha convicção de que meu passeio filosófico-mítico seria de longa duração, nessa tentativa de descobrir os signos contidos nas diversas correntes científicas e religiosas.

Ensaiei um mergulho no rio Negro, pensando no princípio inteligente de Alan Kardek e no corpo astral – ou duplo etérico – da senhora Blavatski. Compreendi que, embora houvesse pontos polêmicos entre as interpretações do espírita e da teósofa, ambos tratavam a natureza da alma de forma científica. O mito vinha à tona, novamente. Emergi do Negro com a sensação de que de dentro do magma terrestre provinha a resposta de tudo. Vinha do núcleo, do âmago do planeta. E pensei na menina Cíntia, buscando em Darwin e Jung, aparentemente opostos, as respostas para a interpretação científica da vida.

Subi de volta a casa. Dona Maria me aguardava, à janela, convidando-me para tomar o café, que acabara de fazer. Enxuguei rapidamente o corpo, vesti a camisa, e adentrei a cozinha. O aroma do café, que ela tão bem sabia preparar, tinha um segredo: os grãos costumavam ser torrados e moídos na hora, para dar um toque peculiar à bebida.

Sentados, estávamos eu e aquela senhora angustiada pelas vicissitudes de seu destino, a princípio de mundos tão diferentes, colocados frente a frente. Devia haver um motivo.

Ela irrompeu o silêncio, com a seguinte pergunta:

– O que o senhor faz por aqui, seu Oannes?

A súbita indagação me assustou. Tentei reorganizar os pensamentos, de forma a levá-la a compreender os motivos que me trouxeram a este lugar.

Ela prosseguiu:

– O senhor parece tão novo. Quantos anos tem? Não deve ter mais de trinta.

– A senhora errou por dois anos. Tenho trinta e dois.

– Olhe, eu tenho observado o senhor...

– Como assim? – retruquei de imediato, temendo que a sua curiosidade representasse um sinal de que estava me vigiando.

– Ah, o senhor parece muito estranho. Como se diz na língua popular, “muito na sua”, desligado das coisas. Parece até que guarda algum segredo...

Suas palavras provocaram nova reação em mim. Quem era, na verdade, esta senhora? E o que fazia aqui, também?

Finalmente lhe respondi:

– Dona Maria... Há momentos em que precisamos parar pra refletir. É o que está acontecendo comigo.

– Pra mim, isto é falta de Deus. Só isso!

– Hãan? – reagi, espantado, com a assertiva. – A senhora acha? – perguntei, de repente. Na verdade não é bem isso...

– ...Como não? A pessoa que tem Deus no coração não fica por aí, vagando, que nem o senhor.

Mesmo sem me conhecer, a senhora de comportamento exíguo cutucava estranha ferida. Mas não pude deixar de evitar que me escapasse um sorriso pela forma com que me interpelava. Mesmo séria, ela se tornava engraçada.

Respondi-lhe:

– Não é bem assim, dona Maria. Eu estou até descobrindo Deus, sabia?

– Oh, seu Oannes, não me diga! – ironizou. – Pois, então vou lhe fazer um convite: Vamos, nesse domingo, à missa, em Novo Airão? Ia até lhe pedir esse favor... De me levar para ver meu neto. O senhor faria isso?

– Claro que sim, dona Maria! Acompanho a senhora até Novo Airão, no domingo. Não me custará levá-la.

– Oh, muito obrigada, mesmo! O senhor não vai se arrepender, vai ver como é bom ter Deus no coração.

Jamais contrariaria o credo de dona Maria, mas minhas convicções, por certo, não passavam pela prática da doutrina cristã, embora não contestasse a existência de Deus. Mesmo cientificamente, o princípio antrópico que o físico Brandon Carter defendia, previa um planejamento da ordem cósmica. “Nada é tão aleatório assim, Deus existe”, segundo sua teoria. Entretanto, aquela visão dogmática não fazia parte dos meus planos. Não buscava Deus por essa via doutrinária. Penso até que as pessoas procuram a igreja em busca da salvação para as suas almas, porque as estruturas religiosas possibilitam o encontro com Deus por meio da projeção do próprio “eu”; ou seja, assim o fazem porque criaram um Deus à sua imagem e semelhança. O ser humano não consegue conceber Deus de outra forma. Além do mais, acredito que a cura psicológica, propriamente dita, surja somente por um processo de individuação, e não pela catarse coletiva que acontece dentro da igreja.

Vinha-me à mente o que Jung avançara sobre as profundezas da alma, e que teria levado, no século anterior, Nietzsche à loucura.

XI UM SER DA ÁGUA

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce. Deus quis que a terra fosse toda uma, que o mar unisse, já não separasse. Sagrou-te, e foste desvendando a espuma, E a orla branca foi de ilha em continente, Clareou, correndo, até ao fim do mundo, E viu-se a terra inteira, de repente, surgir, redonda, do azul profundo

Fernando Pessoa

O pôr do sol anunciou a noite sobre o rio Negro. Meu olhar traduzia as luzes douradas que seus últimos raios salpicavam sobre o imenso tapete líquido. Os botos vinham dançar seu balé vespertino, à beira-d'água. Tudo ficava claro para mim, nesse instante: Deus desenhava-se no horizonte, era preciso percebê-lo! Chorei de alegria, tal uma criança, ao ver os seres aquáticos surgirem e ressurgirem à minha frente, enquanto o sol riscava cores na água, pondo o horizonte a descoberto. Quando o último fio de luz alcançou o poente, vi-me em casa. Novamente, sem roupas e sandálias, atirei-me no rio. Soltei a tira dos cabelos, que escorreram lisos nas águas. Foi então que notei os botos afastados do ponto onde me encontrava. Olhei em volta e, ao me revirar, novamente, não os vi mais. Continuei a nadar, mas me senti repuxado, cada vez mais, para a praia. As águas começaram a formar movimentos circulares, até abrirem-se num buraco, de onde vi sair uma imensa labareda de fogo. Dessa vez, pude observar melhor a imagem ígnea. Era algo radiante, uma silhueta de mulher, um corpo de luz; algo formidável e inusitado a se movimentar numa dança atmosférica sobre as águas e a espalhar chamas amarelas e laranjas, pela noite negra.

Fiquei extasiado com aqueles movimentos incandescentes a iluminarem o rio. Ofuscado pela luz, acompanhei, perplexo, o fogo-fátuo dissipar-se no ar. Voltei meus olhos em direção a casa, imaginando se dona Maria não assistira àquela aparição. Quando retornei à praia, trazia no corpo um odor forte de peixe.

Aquela imagem de figura humana, em forma de fogo, saíra do mundo das águas, disso tinha certeza. Subi apressadamente ao quarto, a fim de pegar toalha e sabonete e ainda ter tempo de correr para o banheiro, sem que dona Maria tivesse a chance de sentir o odor ativo

de peixe, que era puro pitiú, a exalar do meu corpo. Para meu alívio, porém, o cheiro emanado da sua cozinha já se sobrepunha ao ambiente. Depois, à mesa do jantar, acertamos a nossa ida, no domingo, à sede de Novo Airão.

No quarto, iniciei uma leitura, mas meus pensamentos se perderam novamente na imagem da melusina.

Passei a noite sonhando com aquela perturbadora figura de mulher que difundia chamas; vinda, quem sabe, do magma terrestre. Aproximava-me dela, tentando retê-la, mas ela se esvaía como uma nuvem, levada pelos ventos. Experimentava uma sensação de extrema felicidade, um êxtase, com aquela irradiação que alterava minha pulsação e fazia os meus músculos vibrarem; como se fosse uma descarga elétrica atravessando as minhas veias, dilatando os vasos e provocando uma excitação por todo o meu corpo. Uma corrente magnética atingia minha glândula pineal, produzindo uma ação nervosa em meu sistema cérebro-espinhal. Contorcia todo o meu corpo, suscitando estremecimentos e arrepios que me levaram a uma ereção. Acordei molhado.

Dona Maria espantava os caititus do quintal. Desci, rapidamente, ao banheiro e, em seguida, ajudei-a a levá-los de volta ao criatório. Eles sempre conseguiam, em bandos, empurrar a cerca, por mais que a deixássemos seguramente trancada.

– Vá tomar seu café, seu Oannes. Eu cuido deles! – ela disse.

Presumi que essa função diária se constituía num lazer para dona Maria, não obstante a sujeira que os animais deixavam. No fundo, ela parecia apreciar a brincadeira.

– Ufa! Esses porcos me cansam! – comentou, pondo a vassoura a um canto da porta.

– Deixe o resto comigo. Vou alimentá-los, agora, está bem?

A caminho do criatório, pensava na noite anterior. Aquele misterioso fogo que lampejou no meu cóccix o kundalini, a energia do poder divino, shakti, era a presença de Shiva em mim.

Seria tudo obra do acaso, ou tinha relação direta com os fluxos de energia cósmica de alguma situação prestes a ser deflagrada, tornava a me perguntar. Seria aquele acontecimento uma revelação? Uma manifestação divina de uma espécie de nixie, mensageira premonitória de que algo estivesse por vir?

O sonho continuou vivo na minha mente. O fogo agora era parte do todo, não apenas a água. “O raio dirige todas as coisas”, era a máxima de Heráclito, embora tenha dito também que “não nos banhamos

duas vezes no mesmo rio”, prova de que a conjunção das substâncias é compatível com o paradoxo da forma – a água como nascimento e morte; o fogo como transformação e espiritualidade. A união dos opostos apontando o caminho da transformação: alma e mundo.

Relembrei meus sonhos, sempre ligados à água. Agora o fogo ditava a sua força, sua energia. Como discípulo de Jung e Campbell, tentava decifrar toda essa simbologia, entender a dimensão desse universo local e sua relação com o todo.

Dona Maria passou o restante da semana falando sobre o encontro que teria com o neto. Planejava, quem sabe, trazê-lo para ficar conosco uns dias. Escutei, na maioria das vezes, absorto, em meus pensamentos, prometendo apoiá-la no que fosse preciso.

No domingo saímos cedo para a missa das oito horas. Deixamos o sítio com o dia clareando, na rabeta que ficava ancorada à praia. Mais para dentro permanecia atracado um barco um pouco maior, de cobertura. Dona Maria ia rezando o terço que, segundo me contou, fora presenteado por umas das freiras da Congregação Salesiana, durante a primeira comunhão de sua filha Júlia.

Acompanhei-a até a igreja, mas não entrei, o que a deixou contrariada. Fiquei na praça, fumando um cigarro e observando a estátua de um dinossauro, construída por um escultor local, que poderia ter convencido todos que aquela região fora habitada por animais da era terciária. Se não conseguisse, pelo menos agradaria a criançada, como de fato acabou acontecendo e o “Dino” foi adotado como diversão.

Quando terminou a missa, dona Maria saiu resmungando, porque não participei da celebração. E não adiantou dizer-lhe que depois explicaria meus motivos, porque ela simplesmente não me quis ouvir. Nesse clima, fomos à casa de dona Vera, tomar tento da situação dos seus parentes.

A senhora, delicadamente, explicou-nos que recebera notícias, pela sua filha, de que Júlia apresentara sensível melhora, mas que ainda não teria alta.

Uma cabecinha de menino surgiu detrás da porta de acesso à varanda. Era Nonô. Dona Maria o viu, e falou para que se aproximasse. Rapidamente, ele recostou-se nos braços da avó.

– Bom-dia, avó Maria!

– Bom-dia, Nonô. Como vai?

Agarrado a ela, e sorrindo, ele respondeu:

– Vou bem! E a senhora?

– Um pouco preocupada com você e sua mãe.

– Bom-dia, Nonô! – cumprimentei-o.

Revirando a cabeça, em minha direção, ele também me respondeu:

– Bom-dia!

– Vimos convidar você para passar uns dias conosco. Vamos?

Nonô nem respondeu. Correu para se arrumar.

Enquanto esperávamos, conversamos com dona Vera, que nos revelou toda a situação. Nos últimos tempos, Nonô vivia a passear pela praia como se esperasse alguém. E quando algum conhecido da família aparecia, ele tentava embarcar junto, como fizera conosco.

– Ele tem amigos? – indaguei.

– E como! Mas as estórias da mãe devem ter mexido com a cabeça dele, acho. Vocês sabem como é... Não é mesmo?... Aquela estória das formigas...

Nonô chegou com a mochila às costas, e dona Maria aproveitou para se despedir:

– Dona Vera, muito obrigada pelo que a senhora tem feito pela minha filha e pelo meu neto. Um dia espero lhe retribuir.

– Não se preocupe com isso!

Dona Maria emudecera. Seu olhar ficou distante.

Seguimos em silêncio. Nonô, tomado de alegria, enfiava a mão nas águas para brincar com as espumas que surgiam do movimento da rabeta.

XII A INFLUÊNCIA DOS VENTOS

Somos feitos da mesma matéria que compõe os sonhos; e nossa breve vida está envolta em sono
Shakespeare

Dona Maria preparava o almoço. Chamei Nonô para um passeio pelo terreno. Mostrei-lhe os estragos do último temporal. Contei-lhe que se aproximava um fenômeno climático, conhecido como La Niña, que transformaria aquela onda de calor dos últimos meses.

Levantando a cabeça, ele me perguntou:

– La Niña? O que é isso?

– É o resfriamento das águas do oceano Pacífico, o maior da Terra. É como se um enorme ventilador estivesse esfriando as águas do oceano, fazendo com que os ventos frios chegassem até nós.

– Por que esse ventilador faria isso?

– Porque é assim que funciona o clima no nosso planeta, Nonô. Existe outro fenômeno, chamado El Niño, que provoca o inverso; ou seja, faz com que as águas do oceano Pacífico se aqueçam. Esses dois fenômenos mexem com o clima do mundo inteiro. É uma mudança brusca, que acontece mais fortemente do que de costume. Ninguém sabe ao certo quando ela vai ocorrer, mas num período de aproximadamente sete anos, no máximo, ela acontece.

– Como você sabe que isso vai acontecer?

– É um pressentimento, Nonô. Geralmente, quando esquenta muito, acontece, depois, algo que faz com que esse calor acumulado provoque nuvens de chuva, que terminam por esfriar o clima.

– Ah, entendi. É por isso que, às vezes, quando está muito quente, acaba chovendo...

– Você disse certo. É às vezes mesmo que isso acontece, embora aqui na Amazônia ocorra com mais frequência, por causa da floresta. Como o clima é muito quente e úmido, o calor que sai da terra se transforma em vapor, formando as nuvens de chuva.

– Ah, é?

– Só que às vezes isso pode demorar, também.

– Por quê?

– Os cientistas dizem que é por causa da retroalimentação estabilizadora – respondi.

– Nomezinho complicado, hein?

– É mesmo, mas explica porque um organismo aquece ou esfria. Quer ver?

– Quero!

– Se nós ficarmos muito quentes e abafarmos o nosso calor dentro de um cobertor, nós vamos suar. Não vamos?

– Vamos! Quando a gente tem febre, a gente se enrola no cobertor pra suar...

– ...Mas quando estamos com frio, sentimos arrepios no corpo...

– É mesmo!

– Esses arrepios fazem com que o nosso corpo acabe se esquentando. Ele reage para se aquecer. É como se tivéssemos um relógio controlando a nossa temperatura pra não deixar o corpo esfriar ou esquentar demais.

Com a Terra acontece o mesmo.

– Ué! A Terra não é gente!

– Aí é que você se engana!

– Ah, Oannes! Você está pirando, é?

Caminhávamos por dentro da mata pela trilha que contorna o terreno, retirando os galhos que o temporal havia deixado.

– A Terra tem vida. Por isso é que conseguimos viver nela, Nonô... E é por isso que, se não cuidarmos de protegê-la, ela vai perder o seu mecanismo de controle do clima.

– Como assim: controle do clima?

– Ela vai se arrefecer, perder sua vida. Ficar muito quente e depois congelar.

– Vixe!

– Não vai mais ter aquele relógio para controlar o calor e o frio, e evitar que o pior aconteça, entendeu?

– Mas que diabo de relógio é esse?

– Vou explicar para você, mais uma vez.

– Está bem, Oannes! Explique direito.

– A Terra esquentou ou esfria, conforme o clima, Nonô. É o clima que tem esse relógio parecido com o nosso, que não deixa esfriar ou aquecer muito; que mantém o clima estável, sem grandes alterações. Se o clima endoidar, a Terra pode perder o seu relógio de controle.

– Que relógio, hein?

– É um mecanismo conhecido como “hipótese Gaia”, em homenagem à deusa Terra, Gaia. Foi um cientista brilhante que nos ajudou a desvendar esse mistério. O nome dele é James Lovelock. Por causa dessa descoberta, muitas pessoas passaram a entender melhor o comportamento do nosso planeta... Porque ele disse que a Terra se comporta que nem gente...

Nonô parecia matutar sobre o que eu dizia. Piscou os olhos, apertou os lábios e depois perguntou:

– Você acha que pode ficar muito frio por aqui?

– Talvez isso possa acontecer, um dia... Mas não logo... Ainda teremos muito calor.

– Não sei o que é pior... – reclamou.

– Ah! Também não vamos ser pessimistas!

– Mas do jeito que você fala...

Havia tocado num assunto delicado com aquele garoto de apenas oito anos de idade, mas era a forma que eu tinha de expressar meu sentimento com relação à nova situação que estávamos experimentando; de fazê-lo compreender quão importante é permanecermos atentos quanto às questões que envolvem a nossa sobrevivência no mundo.

– Nonô, os bichos, as plantas, os rios, a floresta... Todos são importantes para que a vida continue na Terra...

Chegávamos ao final da trilha. Ele me ouvia, atento. Olhava para cima, para baixo, retirando também os galhos caídos ao chão e jogando-os mais para dentro da mata, entre as árvores.

De repente, perguntou:

– Será que vai chover?

– Certamente! – respondi. – Talvez não hoje, mas a chuva virá.

– Como é que você sabe?

– Porque tudo está interligado. Os ventos que circulam em volta do nosso planeta também fazem com que as águas se movimentem tanto em cima como embaixo dos oceanos. Só que, com temperaturas diferentes.

– Como assim?

– Dentro dos oceanos existem rios de água salgada que correm numa temperatura diferente da de cima. São as correntes marítimas. Mas tudo é influenciado pelo que acontece em cima. Ou seja: o que está em cima influencia o que está embaixo.

– Ah, é? Como é que pode o que está em cima influenciar o que está embaixo?

– Na natureza tudo está ligado, tem uma conexão. Talvez você nem acredite, mas o que faz tudo isso acontecer está em volta de nós, em torno da Terra...

– ...Deus! – respondeu-me, subitamente.

– A gente pode até chamar assim porque ocorre no espaço, no céu, e porque os astros são divinos. Tudo, porém, o que acontece na Terra é influência da movimentação do nosso planeta em volta do sol e da lua em torno da Terra.

– Como assim?

Tentei explicar a Nonô, de uma forma bem simples, utilizando as mãos para forjar o movimento gravitacional da Terra com os dois astros.

– O sol e a lua exercem um poder de atração sobre a Terra, Nonô. Mas como a lua está mais perto da Terra que o sol, exerce uma força gravitacional maior, que influencia nas águas dos oceanos...

– Influencia?

– É como se os oceanos acompanhassem o movimento que a lua faz na órbita celeste; como se dançassem em sua direção...

– Sério? Como é que isso acontece?

– A lua viaja ao redor da Terra e a Terra ao redor do sol. Cada um com um movimento e uma velocidade diferentes, mas acabam sincronizados. Isso favorece o nosso planeta Terra.

– Os dois são importantes para a Terra, então?

– Exatamente.

– Essa natureza, hein?

– Como assim? – perguntei.

– Ela é toda ao contrário e, ainda assim, dá certo!

Não aguentei e ri. Não é que ele tinha razão?

Estávamos de volta. Havíamos contornado os limites do terreno, através da trilha aberta na mata. De repente, fez-se sombra. Nonô, que se precipitara à frente, estufando o peito, respirando fundo, interrompeu a caminhada para pronunciar a seguinte frase:

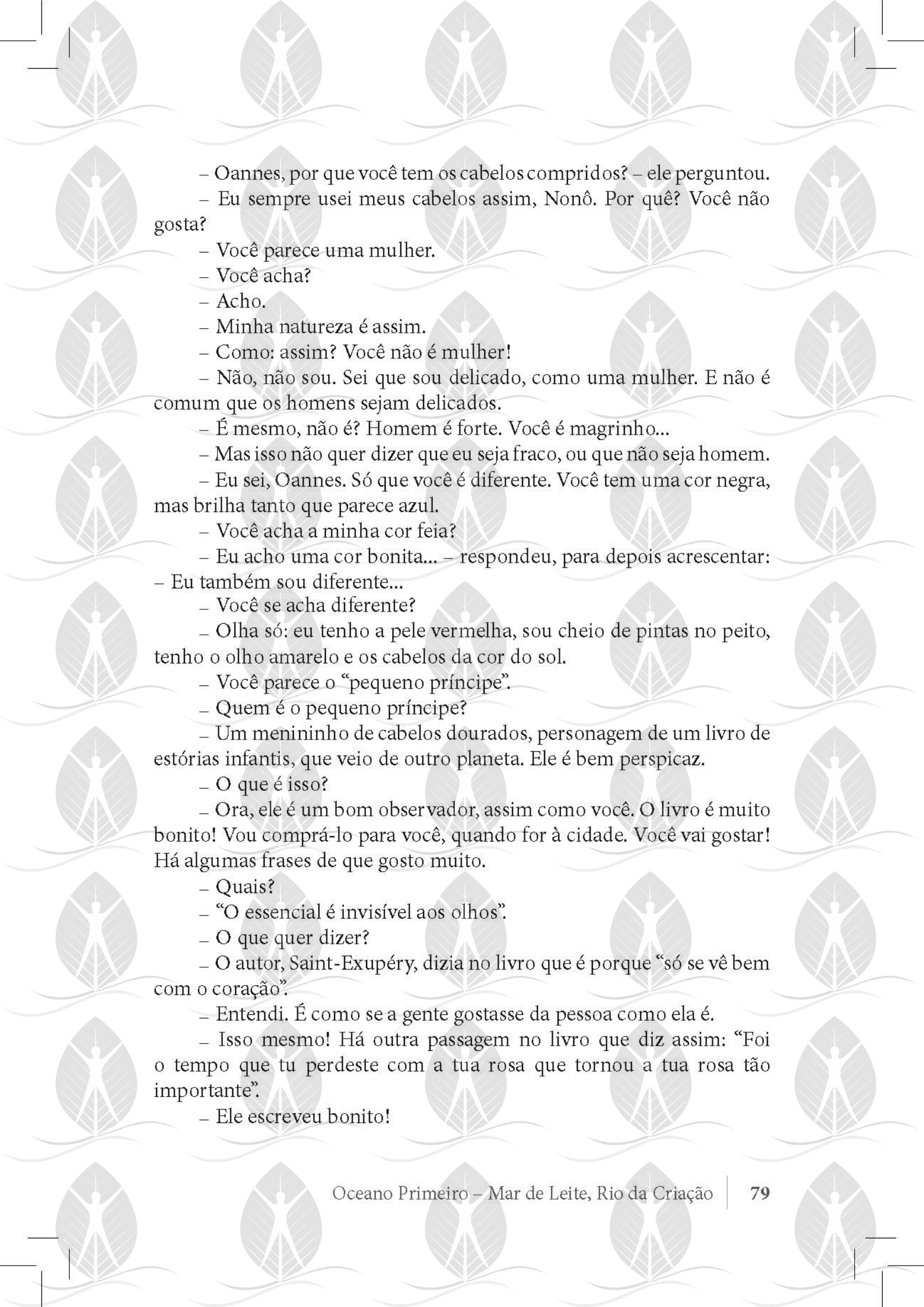
– Ih! O sol foi beber água!

Quando as nuvens cobrem o sol de forma inesperada, as crianças costumam dizer que o sol ficou com sede.

– Está quente! – reclamou.

– Vamos tomar um banho, antes do almoço.

Tiramos as roupas e caímos n'água. Soltei os cabelos, deixando que deslizassem no rio. Ao molhá-los, escorreram pelo meu peito, chamando a atenção de Nonô.

- 
- Oannes, por que você tem os cabelos compridos? – ele perguntou.
- Eu sempre usei meus cabelos assim, Nonô. Por quê? Você não gosta?
- Você parece uma mulher.
- Você acha?
- Acho.
- Minha natureza é assim.
- Como: assim? Você não é mulher!
- Não, não sou. Sei que sou delicado, como uma mulher. E não é comum que os homens sejam delicados.
- É mesmo, não é? Homem é forte. Você é magrinho...
- Mas isso não quer dizer que eu seja fraco, ou que não seja homem.
- Eu sei, Oannes. Só que você é diferente. Você tem uma cor negra, mas brilha tanto que parece azul.
- Você acha a minha cor feia?
- Eu acho uma cor bonita... – respondeu, para depois acrescentar:
- Eu também sou diferente...
- Você se acha diferente?
- Olha só: eu tenho a pele vermelha, sou cheio de pintas no peito, tenho o olho amarelo e os cabelos da cor do sol.
- Você parece o “pequeno príncipe”.
- Quem é o pequeno príncipe?
- Um menininho de cabelos dourados, personagem de um livro de histórias infantis, que veio de outro planeta. Ele é bem perspicaz.
- O que é isso?
- Ora, ele é um bom observador, assim como você. O livro é muito bonito! Vou comprá-lo para você, quando for à cidade. Você vai gostar! Há algumas frases de que gosto muito.
- Quais?
- “O essencial é invisível aos olhos”.
- O que quer dizer?
- O autor, Saint-Exupéry, dizia no livro que é porque “só se vê bem com o coração”.
- Entendi. É como se a gente gostasse da pessoa como ela é.
- Isso mesmo! Há outra passagem no livro que diz assim: “Foi o tempo que tu perdeste com a tua rosa que tornou a tua rosa tão importante”.
- Ele escreveu bonito!

– É um livro que todos deveriam ler, seja a pessoa adulta ou criança. O pequeno príncipe aparece num monte de lugares diferentes. Numa hora está num deserto; noutra, num planeta desconhecido. É um livro de aventuras.

– Eu nunca fui nem em Manacapuru, que fica pertinho de Novo Airão. Nunca fui nem mesmo a Velho Airão...

– Você terá oportunidades de conhecer esses lugares.

Começava a ventar bastante. Deixamos o rio e subimos para nos enxugar. O cheiro da cozinha já se entranhava no ambiente.

A referência sobre Velho Airão me reportou à história das formigas. Fiquei intrigado, mas não me arriscava a tocar no assunto com dona Maria. Pelo menos, não nesse momento. Mesmo calada, ela demonstrava sua irritação. Já não bastara o episódio da minha ausência na celebração da missa, que lhe alterara o humor; havia agora essa situação, que eu bem entendia, ela não tinha meios de resolver.

Durante o almoço, resmungava como se falasse com uma entidade dentro dela mesma. Nonô, ao contrário, transparecia sua alegria, deixando-me feliz com a sua presença. E nem bem nos conhecíamos assim, para que nos sentíssemos tão à vontade um com o outro.

Sentado à cadeira de balanço, observava-nos, enquanto lavávamos a louça.

– A senhora quer notícias de sua filha, não é mesmo?

Ela me olhou, com lágrimas nos olhos, aparentando temeridade.

– Só há um meio...

– Qual? – ela me perguntou.

– A senhora ir pessoalmente visitá-la.

– Mas como? E quem cuidará da casa?

– Fale com Ubiracy.

Ela se calou, como se não houvesse alternativa.

– Além do mais, o caso de sua filha pode nem ser tão grave, a ponto de tornar difícil a sua convivência com as pessoas.

– O que o senhor quer dizer com isso?

– Que talvez ela possa retornar à sua convivência social.

– Seu Oannes, uma pessoa que não consegue ficar de pé, porque acha que a terra vai se partir, como vai poder ter uma vida normal junto das outras pessoas?

A dor irrompia do seu coração. Fitei-a nos olhos.

– Eu penso que...

– Isso só acontece porque as pessoas não alimentam Deus no coração! – afirmou.

Gostaria de dizer que havia muitas maneiras de se ter Deus no coração, mas a teimosia “divina” de dona Maria impedia que eu manifestasse meus argumentos.

– A minha filha nunca quis se voltar para a religião, por isso deu no que deu, seu Oannes! Meteu na cabeça que tem uma missão na Terra... Que as pessoas têm de ouvi-la... Que o mundo está se partindo... E é ela quem não consegue ficar de pé! As pessoas riem dela, entendeu? E ela é mãe, tem um filho...

– Sei o que a senhora sente. Mas por que não procura entendê-la?

– Entendê-la? Então o senhor acha normal alguém acreditar que uma cidade vai ser atacada pelas formigas?

– Ora, e a outra não foi?

– Essa é outra história... – resmungou.

– A saúde da sua filha pode ter sido prejudicada por alguma coisa que lhe aconteceu... – tomei coragem e lhe perguntei: – A senhora tem lembrança de quando ela adoeceu?

– Essa história começou depois que ela fez uma viagem a Velho Airão com o pai, ainda adolescente.

– Qual a idade dela, nessa época?

– Treze anos.

– Eles foram conhecer a primeira cidade?

– Sim. A cidade que foi abandonada, por causa de uma invasão de formigas.

– Qual era a relação da sua filha com essa cidade?

– Nenhuma. Mas ela voltou de lá muito impressionada com o que viu. Logo depois, começou a assumir um comportamento estranho e a repetir que o mesmo iria acontecer com Novo Airão. Que a cidade também ia ser atacada por uma praga incontrolável de formigas, que poria todo mundo pra correr de lá.

E continuou:

– Ah! Mas nem sei se isso é importante.

– É importante, sim! E deve ser conversado com o seu médico. Essa ideia fixa de que o chão está se partindo tem um significado muito forte.

– Qual, seu Oannes? Por favor, me diga, porque eu não sei como tratar dessas doenças da cabeça.

– Dona Maria, não sou psiquiatra, nem psicólogo, mas essas doenças têm tratamento e deve haver um jeito de se ter um controle sobre a da sua filha.

– Ai, como eu queria que tivesse, mesmo!

– E sabe quem poderia nos ajudar?

– Quem?

– A menina Cíntia! – respondi-lhe. – Como estudante de Psicologia, pode nos ajudar.

– Mas como vamos falar com ela?

– Perguntaremos a Ubiracy, quando retornar de viagem... Ou, quem sabe, eu mesmo vou à cidade descobrir o que está se passando.

– Oh! Seu Oannes... Seria tão bom! Vou ser eternamente grata ao senhor, se fizer isso...

Nonô ouvia tudo calado, observando-nos atentamente.

Nem sei por que, mas criava laços fraternais com essa gente, pois sentia que não tinha como não me envolver com seus sofrimentos. Era como se, ao abrandá-los, eu conseguisse “escorrer” os meus, entender meus processos internos, para que também não viesse a ser uma vítima dos meus medos.

Uma forte ventania sacudiu a tarde. Recolhemo-nos, cada um ao seu canto, para a sesta. Menos dona Maria.

XIII A DANÇA DOS CONTINENTES

*Mais fácil me foi encontrar as leis com que se movem os corpos celestes,
que estão a milhares de quilômetros, do que definir as leis
do movimento da água que escoam frente aos meus olhos*
Galileu Galilei

Depois da sesta, caminhei pela praia até a beira-d'água. O sol já se punha, riscando o rio. Entregue aos meus devaneios, procurava expurgar o que, porventura, houvera carregado demasiadamente sobre os meus ombros. O repuxar das águas na margem me atraía para o seu interior. Minhas costas comichavam, mas não me atrevia a coçá-las, evitando, assim, uma irritação. Sentei-me na areia, e pensei nas tantas histórias escritas sobre a Terra de Mu, Lemúria, o continente perdido no Pacífico que os cientistas já vislumbraram como a hipotética Pacífica.

Estar nesse momento sobre uma massa continental, que bem antes de fragmentar-se em América do Sul poderia ter estado presente em todos esses continentes anteriores – Gondwana, Pangeia, Panótia, e até mesmo Rodínia –, confesso, perturbava-me e estimulava-me, tremendamente. Será que esta parte do continente americano já esteve em todas as etapas de formação da Terra, como dizem alguns? E quando fragmentada, transformou-se numa grande ilha que passou a vagar no oceano até chocar-se com a placa tectônica de Nazca, dando origem à Cordilheira dos Andes, entre quinze e vinte milhões de anos? Seria possível que tivesse pertencido à Lemúria? À terra que propiciou o surgimento da vida?

Gondwana – “o mais abominável mistério”, segundo Darwin – oferecia-nos indícios de que Lemúria sempre estivera por perto. Quando o grande continente se partiu, fazendo com que a América do Sul se deslocasse para oeste e a África para o leste, dando origem ao novo oceano, o Atlântico, um pedaço dela ficou em cada um dos lados. E quando a paisagem amazônica foi transformada em lago e ecossistemas alagados, o leito dos rios e as paredes dos seus vales escavados, ou quando passaram a correr em grande velocidade, com a diminuição do nível dos mares – ali, na era terciária –, também um pedacinho dela ficou na grande ilha. Mesmo quando os rios equatoriais alteraram seus

curiosos do Pacífico ao Atlântico, passando a acompanhar o traçado da linha do Equador, também ali Lemúria se encontrava.

É certo que de lá pra cá, a paisagem mudou. Mas um pedacinho de Lemúria sempre esteve presente em qualquer lugar onde a terra se reerguesse.

Releio algumas das várias interpretações científicas, para ter a confirmação de que estou no caminho certo, mas o tempo geológico é de grande complexidade. É tudo muito sutil. Meu ponto de partida – que nem mesmo sei se poderia chamá-lo assim, visto que se trata de um caminho que vem sendo percorrido desde Aristóteles – é aproximar a mitologia dos estudos científicos, tais como a geologia e a astronomia, por exemplo, pelas descobertas fundamentadas na natureza etérea.

Por Lemúria, fui levado a investigar culturas antigas, em busca de pistas que sabia existirem em lugares repletos de histórias ocultas. Muitas vezes tive receio de que esses estudos beirassem à ficção, mas descobri que estavam impregnados de verdades científicas atuais. Há séculos, aventar tais possibilidades denotaria em estúpida ilusão. Hoje, a ciência confirma que nos últimos duzentos e cinquenta milhões de anos, ou seja, desde a formação dos supercontinentes Laurásia e Gondwana, no início da era terciária – ou mesozoica –, os polos da Terra já foram alterados em torno de vinte e cinco posições diferentes, segundo a teoria da deriva continental, do meteorologista alemão Alfred Lothar Wegener. Ele, que fora ridicularizado pelos colegas da academia, confirmou a hipótese sugerida por Francis Bacon, em 1620, de que os continentes já estiveram reunidos.

Apoio meu pescoço num monte de areia... Fecho os olhos...

Renasço num rio que despeja um quinto da água doce nos oceanos.

Reporto-me à Amazônia, num tempo geológico não muito distante, quando a bacia sedimentar começou a ser formada pelas areias e argilas das montanhas que afundaram sobre o próprio peso, na crosta terrestre. Nos últimos cem mil anos, quando o nível do oceano subia, o rio ficava bloqueado e formava um grande lago, de centenas de milhares de quilômetros quadrados, causando o refluxo de outros rios afluentes. O oceano Atlântico inundava o vale amazônico. A vegetação crescia em seus solos arenosos tornando escuras as suas águas...

Sou despertado pelo toque de Nonô no meu ombro, chamando-me para um café.

‘...Estou num rio peculiar da Amazônia, com suas águas negras e puras. Ficou claro para mim porque me encontro aqui. Lemúria ainda

trepida na memória da Terra. Pelos meus batimentos cardíacos, é quase certo de que eu me encontro em casa.

Subimos até a casa e encontramos dona Maria cortando o bolo de laranja, que acabara de preparar. Ela não parava. Compensava a preocupação nos afazeres domésticos.

Saboreamos o bolo, com o aromatizado café, e fomos, eu e Nonô, ao criatório inspecionar a alimentação dos caititus. Verificamos um comportamento diferente numa das fêmeas, acuada a um canto. Ao me aproximar, notei suas mamas alteradas. Acredito que nem Ubiracy sabia, mas ela estava a um passo do parto. Lembrei-me de que algumas fêmeas procuravam mais alimento que os machos, ultimamente, e de como estavam gordas. Com cuidado, retiramos a futura mamãe do piquete e saímos, levando-a pelas patas, com cuidado, até a baia mais próxima do curral. Forramos o chão com estopa e puxamos um cabo de luz, até o recinto. A intenção era deixar o ambiente confortável e acompanhá-la durante a noite, se necessário. Fechamos a cancela da baia e fomos contar a novidade à dona Maria.

Nonô corria à frente, antecipando-se à notícia. Atônito, quase tropeçou na entrada da casa. A preocupação de dona Maria foi logo providenciar uma armadilha para os mucuras, espécie de ratazanas silvestres, que costumam atacar as aves e animais domésticos.

Nessa tarde, especialmente, não tomei o costumeiro banho de rio. Procedemos à limpeza das baias do curral e piquetes que, propositadamente, localizavam-se, lado a lado, nas proximidades do criatório. Depois do jantar, ainda voltamos para checar as acomodações da mamãe caititu. Dona Maria se retirou, deixando-nos de sentinelas, eu e Nonô – que não queria perder, “por nada no mundo”, o acontecimento. Quando os três filhotes nasceram, já era noite alta. Um de cada vez e com muito esforço da mãe.

Protegemos a baia das ratazanas e trancamos o curral. Nonô não se aguentava de sono e subiu para dormir, ao lado da avó.

Permaneci, ainda, à frente da casa para fumar um cigarro. A lua, mingando no firmamento, deixava a floresta sem ilustração. Um silêncio somente quebrado por grilos e rãs retraía a noite que passaria desatenta não fossem os fortes ventos de chuva. Apaguei – como sempre – o cigarro dentro da caixinha de fósforos, adentrei a casa, subi as escadas, peguei a toalha e sabonete para banhar-me, antes que a chuva se precipitasse das nuvens.

No banheiro, já sem roupas, tive uma forte palpitação, provocada por um raio seguido de um estrondo de trovão. Procurei acalmar aquela súbita agitação, entoando o Gayatri, invocando a luz da inspiração cósmica:

Om... Bhur... Bhuva... Swaha... Tat... Savitur...

Varenyam... Bhargo... Devasya...

Dhimahi... Dhiyo.

Yo... Nah... Prachodayat.

Pedia ao sol noturno, ao deus Savita, que transita abaixo da linha do horizonte, para me dar a sustentação do dharma – “aquilo que é firme” – a fim de poder cumprir com o que me fora predestinado. Era uma forma de buscar dentro de mim o fogo da luz divina, que arde e sustenta, queima e alimenta, cria e destrói, para nos manter vivos. Precisava dessa energia para despertar minha percepção espiritual.

Repeti o mantra algumas vezes, enquanto massageava levemente a testa, no espaço entre as sobrancelhas. A água escorria sobre o meu corpo. Um raio azul iluminou meu peito, que se abriu numa imensa flor de lótus. Manifestava-se em mim a consciência de Shiva, da coragem e da sabedoria.

Depois de algum tempo, inteiramente relaxado, enxuguei o corpo e vesti a roupa para dormir. Já era madrugada e tudo me pareceu estável.

XIV O PARAÍSO PERDIDO

O mito é, pois, a história do que se passou in illo tempore, a narração daquilo que os deuses ou os Seres divinos fizeram no começo do tempo. 'Dizer' um mito é proclamar o que se passou ab origine
Mircea Eliade

Atlântida estava esplendorosamente bela, como antes. Lembrava os áureos tempos quando a vida resplandecia em verdejantes bosques, colinas, planícies, vales, lagos, rios, riachos e extensos pântanos onde vicejavam enormes samambaias...

Encontrei Tiamat junto às nascentes de água quente que brotavam do solo sob alta pressão. O dragão que me adotara, quando criança, estava agora envelhecido na terra perturbadoramente silenciosa.

Aproximava-se com dificuldades de seu amo. Meu cheiro atraía-o para junto de mim. E ele vinha... Com suas asas abanando em minha direção... Lentamente... Sem aquela habilidade de antes, mas com igual formosura e elegância, movimentando o seu comprido pescoço em minha direção... tateando... cumprimentando seu amo. Ao chegar perto, baixava a cabeça, até tocar o solo, e eu podia sentir que durante todo aquele tempo ele me aguardara. Passei a mão carinhosamente pelo seu pescoço escamoso, e ele se prostrou ao meu lado, imóvel.

Eu era um exímio voador de dragão. Poucos voavam como nós, sobre os altos rochedos costeiros, contornando as habitações feitas de blocos de pedra e grossos troncos de árvore que, colocados um ao lado do outro, formavam paredes impenetráveis. Eu fora o escolhido de Tiamat, já que são os dragões que escolhem seus amos, e não o contrário. Nossa amizade era para todo o sempre.

Voávamos alto, pois gostava de admirar a imponente arquitetura de Atlântida. As torres, as escadarias em espiral, as casas enfeitadas com entalhes, afrescos e outros motivos pintados, com cores fortes e brilhantes. Os templos, as capelas, a bela região arborizada que cercava a cidade, as vilas residenciais... Eram locais por onde costumávamos passear...

Visitava a “Cidade dos Portões de Ouro”, na altura da costa leste, aproximadamente a quinze graus ao norte do Equador... Atlântida estava

ali, como nos tempos áureos, a cento e cinquenta metros da planície... A cadeia de montanhas, a oeste...

As águas, que antes jorravam de uma fonte instalada na residência do imperador e circulavam por canais, até desaguar no oceano, não existiam mais; a suntuosa arquitetura agora era decadente. A cidade se encontrava estagnada. Sem vida, sem gente, sem máquinas voadoras, sem dragões, sem nada... Tiamat, a última resistência do portentoso Império do Sol, sim, ainda estava ali.

Ao meu lado, quieto, apenas aguardava. Tive vontade de montá-lo, como fazíamos, especialmente, nos finais de tarde, com toda nossa alegria, quando explorávamos as longínquas regiões do oeste.

Agora era outro tempo. Como eu poderia alçar voo em seu dorso, como outrora? O paraíso achava-se estático. Somente nós dois nos movíamos. Melhor dizendo, Tiamat quase não se movia. Era uma viagem no tempo, sem tempo algum. Os *vailxi*, as aeronaves movidas a vórtices de mercúrio – quais *zeppelins*, ou *vimanas* indianos – repousavam abandonadas num velho hangar. E dos dragões voadores, somente a sombra de Tiamat.

Meu dragão resistira por centenas de milhares de anos. Vira sucumbir, por três vezes, aquela terra misteriosa de *rmoahals*, *tlavatlis*, *toltecas*, *turanianos*, *semitas*, *acadianos* e *mongóis*. Seguiu-os pelas distantes regiões do planeta. Assistiu-os em muitas ocasiões digladiarem entre si, das quentes, úmidas, pantanosas e escuras florestas da África às extremas planícies da Groenlândia. Esteve, por diversas vezes, com todos eles. Com os *rmoahals* na costa nordeste da ilha; com os *tlavatlis*, do promontório nordeste para oeste, na extrema costa sudeste e na ilha escandinava; e com os *toltecas*, rumo ao oeste, quando estes saíram para povoar as costas do continente americano, de norte a sul...

Tiamat presenciara essa migração de atlantes, de cores e alturas distintas. Conhecera-os, profundamente. Os *rmoahals* eram gigantes de três metros e meio de altura, tinham a pele escura. Os *tlavatis*, a cor marrom-avermelhada. E os *toltecas*, também gigantes – embora não tão altos quanto os *rmoahals* – tinham a cor vermelho-cobre e características físicas que lembravam os gregos. Todos, colonizadores e cruéis.

Os *rmoahals* e *tlavatis* receberam instrução sobre a existência de um ser supremo, simbolizado pelo sol. Os *turanianos* criaram o conceito de “Trindade na Unidade”, com a personificação dos poderes cósmicos do universo como Criador, Preservador e Destruidor, mas também realizaram experiências com feitiçaria, pela criação dos

elementais, criaturas chamadas à existência, pelos poderes malignos. O culto aos *elementais* incluía rituais sangrentos e sacrifícios oferecidos em santuários.

O poderoso império tolteca foi acompanhado por Tiamat – a “Cidade dos Portões Dourados” teve o seu Culto a Manu, o Criador.

O disco solar – inicialmente o único símbolo permitido em Atlântida – deu lugar, bem mais tarde, à imagem de um homem arquetípico, colocada nos templos e adorada como representação divina: Quetzacoatl. Havia adoração ao sol, com ofertas sem sangue – apenas flores e frutas à divindade benigna.

Foram cem mil anos de poder e glória, até que a feitiçaria, os rituais sangrentos, as guerras e as catástrofes levaram o império à degeneração e ao declínio.

A ‘Idade de Ouro’ de Atlântida chegou ao seu final, por volta de duzentos e dez mil anos atrás.

Acordei, como de costume, com o barulho dos porcos-do-mato a afugentar as “galinhas de dona Maria” e esta a acuá-los para o curral. Minha testa suave como se houvesse empreendido esforço demasiado. Onde estivera? Seria um sonho? Outra revelação? Teria sido mesmo para Atlântida que minha mente me conduzira?

Levantei-me, tentando entender a razão para essa inspiração divina – se é que podia chamá-la assim. Era a segunda vez que me punha em contato com essas revelações míticas.

Seria a memória da natureza que me transportara à ilha que apaixonou filósofos, escritores, poetas, pensadores, literatos e curiosos, desde o advento da civilização grega? À Atlântida de Platão, cuja história lhe fora repassada pelo bisavô, que a ouvira do avô, que a ouvira do pai, que a recebera de Sólon; e este, dos sacerdotes egípcios de Saís?

Que eu buscasse essas histórias para tentar interpretá-las e entendê-las era algo que não poderia negar; mas que viessem dessa forma, revelada, chegavam a me surpreender. Estaria transpondo estâncias profundas, penetrando habitações nunca dantes reconhecidas?

Que passagem era essa? Que lugar difuso era esse? Seriam essas imagens, verdades impressas nos labirintos da memória?

Da revelação, porém, a presença de Tiamat, envelhecido, foi o que mais me incomodou.

O dilúvio delimita a história humana, sei disso. Todos nós temos uma nostalgia do paraíso perdido, do lugar que não chegamos a conhecer – o Éden, de que nos fala a religião cristã. Desde Platão, que

proferiu o mito, até hoje, sabemos que Atlântida está um pouquinho em cada parte do mundo. E mais: habita o nosso interior, ainda que nunca a tenhamos imaginado ou venhamos a conhecê-la. Provavelmente surgirá – como ocorreu no passado e ocorre ainda hoje – séculos mais tarde, da cabeça de algum indivíduo, uma vez que se encontra impressa em nossa memória coletiva.

Quando Platão a disseminou, abriu espaço para muitas interpretações: Ignatius Donnelly, um deputado de Minnesota, para quem Atlântida foi o berço da civilização, historicizou-a; o norte-americano Edgar Cayce, com o aprofundamento de seus conhecimentos psíquicos, clarividenciou-a; a teósofa Helena Petrovna Blavatsky estudou-a cientificamente. Assim, Atlântida sobrevive como o maior dos mitos já revelados. Todos nos sentimos um pouco atlantes. Temos uma relação, embora não revelada, com o paraíso perdido, situado, por Platão, entre os Pilares de Hércules e o Monte Atlas.

Dirigi-me à cozinha, onde já se encontravam dona Maria e Nonô. Os olhos do menino arregalaram-se de felicidade, ao contar-nos, animado, que já havia visitado o curral.

– Eu vi! Eles estão mamando na mãe-caititu! – afirmou. – Parecem “mortos” de fome.

Tomei uma xícara de café e chamei-o para irmos ao curral. Apaguei o bico de luz que havia puxado até a baia, com o intuito de manter o calor no ambiente, e entramos para verificar se tudo havia corrido bem durante a noite.

– Nossa! Você está vendo como estão esfomeados?

– Nem parece que nasceram há algumas horas, não é mesmo? Venha, ajude-me aqui, com a ração. Coloque um pouco nesse recipiente.

Enquanto Nonô colocava a mistura de soja e babaçu na alimentação da mamãe caititu, eu providenciava a balança para a pesagem dos bebês, anotando na caderneta, inicialmente, o sexo, as características físicas de cada um, de modo a facilitar a sua identificação no decorrer das semanas. Duas fêmeas e um macho, pesando, cada, quinhentos e setenta e oito, quinhentos e oitenta e quatro e quinhentos e oitenta e sete gramas. A recente mamãe voltou a deitar-se, e os filhotes adormeceram entre as suas patas. Nonô estava inebriado com a intimidade demonstrada entre mãe e filhotes.

– Eles se dão muito bem, não é mesmo?

– Pois não é? Parece até que já se conhecem há bastante tempo – respondi. – É assim mesmo! Os mamíferos têm um forte instinto

materno. Também é um comportamento característico da espécie. Se não controlarmos, eles permanecem ligados durante meses.

– Mas isso não é bom para eles crescerem com saúde? – indagou Nonô.

– Claro que é! Mas se deixarmos... Até a próxima ninhada, que leva em torno de dez meses, eles ainda estarão mamando...

– Ah, entendi. E agora, o que nós vamos fazer?

– Vamos ao criatório colocar a comida para os outros caititus.

Nonô, afoito, corria à frente, para se antecipar à tarefa de alimentação dos porcos-do-mato.

A lembrança da última noite reacendia o meu desejo de entender de que maneira, no passado, os continentes estiveram reunidos. O Éden fora Lemúria, mas também Atlântida. Ambos são lugares sagrados, tragados pelas águas, e constituem o arquétipo do paraíso perdido.

Sabia que a busca pelo passado da Terra, pelo conhecimento de nossa história *não contada*, estava em cada um de nós, mesmo adormecida entre as nuvens e neblinas da memória. Assim como o povo das águas precisou desesperadamente de um deus para navegar com segurança pelo grande oceano – e convocou Mu, a Grande-Mãe, para ajudá-lo na travessia, iniciando a sua longa viagem rumo ao lugar seguro –, assim, também, estamos nós, assentados na terra que se move, a invocar nossos deuses, sendo guiados pelas estrelas e buscando quem nos conduza nessa longa e constante viagem em volta do sol.

Recuava aos primeiros estágios da vida, de maneira a entender como a matéria da criação fora animada para gerar o espírito que faz girar o eixo terrestre e fecundar o ovo cósmico. Noutras palavras, canalizava minhas energias no entendimento do princípio divino que anima a vida, buscando respostas no frágil, mas sutil equilíbrio planetário. Lembrei-me de que tudo isso fora revelado nas *Estâncias de Dzyan*, pergaminhos antigos de origem tibetana, e nos *Puranas*, de origem hindu.

E agora, o que vamos fazer? – perguntava Nonô. E eu me transportava de novo para essa outra realidade.

Com os porcos alimentados, pouco havia a ser feito. Mirei o rio, o sol a resplandecer sobre as águas...

– ...Que tal um passeio pela praia?

– Eu topo! – ele respondeu.

– Então, vamos!

Caminhamos pela praia, até o barranco que separava o terreno de Uiracy dos demais vizinhos, com o propósito de nos sentarmos debaixo das palmeiras jauaris. À sombra, nós dois ficamos a observar o rio, sentindo a brisa da manhã nos nossos corpos.

– Você percebeu? – ele perguntou.

– O quê, Nonô?

– Como as águas derrubam o barranco...

– Foi sempre assim, Nonô! As águas sempre levaram a terra embora... – disse, acendendo um cigarro.

– Então toda essa terra vai desaparecer, e só vai ter água?

– Não é bem assim. A água faz a terra virar lama, que no fundo dos rios e mares vai se formar numa outra terra, e essa outra terra vai surgir, muito tempo depois, em algum outro lugar, novamente.

– Jura? – Os olhos de Nonô se arregalaram.

– É o que tanto a ciência quanto os ensinamentos antigos parecem confirmar.

– Como assim?

– Tem uma história bem antiga, que conta a existência de uma terra perdida, onde teria começado a nossa humanidade.

– Qual era o nome dela?

– Um cientista, que pesquisava animais, era um zoólogo, deu-lhe o nome de Lemúria, pela existência de alguns tipos de animais mamíferos... Por falar nisso, você sabe o que é um animal mamífero?

– Que mama. Que nem os caititus.

– Certo. Os mamíferos se caracterizam pelo desenvolvimento do embrião no útero da mãe, que será o seu futuro filhote. Pois bem: lêmure é um animalzinho mamífero, com jeito de macaco, mas que lembra um esquilo, com dois olhões, assim, oh! – arregalei os olhos com os dedos polegar e indicador das duas mãos. – Mas tem focinho que nem o de uma raposa. Sabe aquele bicho que tem corpo parecido com o de um cachorro, mas que tem um rabão?

– Êita!

– O que foi?

– Que animal mais esquisito!

– É mesmo! É que ele parece ser bem antigo. Por conta disso é que aquele pesquisador chegou a afirmar que seria um parente nosso e dos macacos. O lêmure habitou uma área daquele oceano grande, o Pacífico, do qual já lhe falei noutro dia, quando conversamos sobre o clima, lembra?

– Lembro. O oceano do La Niña.
– Isso mesmo! Esse animalzinho habitou uma região onde hoje estão dois países, conhecidos como Índia e Madagascar, que ficam do outro lado do mundo... Lemúria era uma terra gigantesca.

Olhei para Nonô e vi que permanecia com os olhos arregalados, como se tivesse feito uma espantosa descoberta.

– Nossa! – expressou.

– O que foi, Nonô?

– Não sabia que todos esses animais eram meus parentes, não.

– Mas são!

– Que coisa! – repetia assustado. – Será que eu já fui assim?

– Assim como?

– Assim, assim... Com esse “olhão”, que você falou? – respondeu, imitando meu gesto anterior.

– Com esses olhos arregalados, você até que lembra um. Mas não é para ficar assustado, e, sim, feliz, porque ninguém é estranho para ninguém, aqui na Terra. Todos nós, seres humanos e bichos, somos parentes.

– Quando foi que descobriram isso?

– Os cientistas vêm estudando isso há algum tempo. Mas essa é uma história bastante longa. Na verdade, o que eles dizem, outros já o disseram. Só que não foram entendidos.

– Como assim?

– Existem ensinamentos antigos que contam o que só agora a nossa ciência começa a comprovar.

– O quê?

– Por exemplo: na sabedoria dos antigos, o fogo é considerado o espírito primordial, ou seja, o princípio da criação. Para a ciência, o fogo é um “mar de magma”, de onde tudo se originou. Se um é o princípio da criação, e o outro é a origem de tudo, você não acha que significam a mesma coisa?

– Sei lá. Acho que sim.

– O que acontece é que cada um pode contar a história de um jeito diferente, mas todos falam sobre a mesma coisa, você me entende?

– Entendo.

– Que bom! O que você acha de cairmos n’água, agora?

– Vamos!

E já se atirou no rio.



Mapa da legendaria Atlântida.

XV A MEMÓRIA DA TERRA

Toda construção e toda inauguração de uma nova morada equivalem de certo modo a um novo começo, a uma nova vida. E todo começo repete o começo primordial, quando o Universo viu pela primeira vez a luz do dia
Mircea Eliade

Foi como se aquele banho me despertasse de um transe. O rio massageou minhas costas irritadas pelo sol. Nadamos pouco. Quando retornamos à praia, Nonô observou que a minha pele, da cintura para baixo, apresentava uma textura diferente, escamosa.

– Nossa, Oannes, o que é isso em você?

Dobrei a cabeça para trás, de modo a enxergar melhor, acima das nádegas, aquela lesão na pele.

– Venha comigo. Preciso cuidar dessa irritação.

Nonô me aguardou na entrada da casa, enquanto subi para pegar um sabonete à base de benzoato de benzila e uma pomada de cânfora. Tomei um novo banho, passei o remédio e troquei de roupas.

Encostado à parede do banheiro, ele me fitava.

– Começou num dia desses. Ainda não sei o que é.

– Parecem escamas de peixe – ele disse.

– Gostaria que não comentasse sobre esse assunto com ninguém.

– Pode deixar, Oannes. Não vou contar, não!

Pedi-lhe que me deixasse no quarto para organizar algumas coisas pessoais, mas ele parecia não querer se afastar de mim. Prometi-lhe, então, que o levaria comigo para encontrar-se com a mãe, tão logo Ubiracy retornasse da viagem, o que não tardaria a acontecer. Ele correu para contar a novidade à avó.

Sozinho, pude analisar melhor o prurido. Uma das nádegas estava coberta de escamas, enquanto a outra, bastante irritada, começava a apresentar fissuras. Seria de causa sistêmica, um distúrbio no sangue... Enfim, somente um médico para diagnosticar.

O sonho veio-me à memória, mais uma vez. O lugar mítico que fora paulatinamente desaparecendo num decurso de milhares de anos pela ação vulcânica, guerras e experiências atômicas, era apenas parte

de um quebra-cabeça muito maior, que me fazia retroceder a centenas de milhares, ou mesmo a milhões de anos.

Lemúria. Ali, sim, estaria a resposta. Mas onde encontrá-la? Em qual lugar, submersa?

“Berço da raça humana”, como Haeckel sugeriu, embora se reportando aos símios pré-históricos que teriam originado os antropoides, e, entre esses, o ser humano – Lemúria, demonstrada cientificamente, em 1864, pelo naturalista inglês Phillip Lutley Sclater, era uma hipótese aceita por estudiosos ocultistas, por povos como o Tamil, na Índia; por cientistas, entre os quais, Alfred Wallace. E por mim.

Meu corpo parecia formigar, como se estivesse prestes a desencadear um processo metamórfico, de proporções inimagináveis. Mu pulsava no meu sangue. Era um chamado interior para o retorno às origens, como se a memória da Terra gravitasse em meu espírito, ou meu espírito gravitasse em torno dela.

Meu pensamento se reportou à era paleozoica.

Há quinhentos milhões de anos, quando oceano Primeiro, o Panthalassa, cobria o norte dos trópicos, Gondwana – da linha do Equador ao polo sul – ainda se encontrava quase em sua totalidade submersa. Naquele momento, um clima suave, com temperaturas médias e atmosfera bastante úmida, fez com que surgissem as primeiras espécies marinhas.

Eram os graptozoários, os trilobites e os braquiópodes, primeiros invertebrados marinhos. Conviviam com algas vermelhas e verdes, peixes primitivos, cefalópodes, corais, crinoides e gastrópodes. Pouco a pouco, as plantas foram surgindo...

Gondwana se estabeleceu numa planície a perder-se de vista, com belas árvores a perfumarem de sândalo a grande ilha. Descrever essa paisagem exuberante é imaginar um paraíso, pois evoluiriam daí as primeiras formas de vida.

Nesse cenário, as terras eram férteis, irrigadas por cursos d’água, rios e lagos. A vegetação, próspera e luxuriante, misturava espécies exóticas de palmeiras, pinheiros e sequoias.

Surgiram os primeiros seres gigantes, os artrópodes marinhos, de dois metros. Aí estavam os lamelibrânquios, protocordados que se transformariam nos primeiros peixes sem mandíbulas – bentônicos pertencentes à classe Agnatha – representados, hoje, pela lampreia e peixes-bruxa. Outros também se destacariam: os cefalópodes – moluscos predadores eficientes e com desenvolvimento semelhante aos

vertebrados, com cérebro grande, órgãos dos sentidos, sistema nervoso, circulatório, excretor e digestivo –, que evoluíram sem mandíbulas, barbatanas ou escamas.

Num decurso de quatrocentos milhões de anos eles penetrariam em estuários e cursos de água doce, sofrendo as adequações necessárias para sobreviverem num meio onde a concentração de sais era inferior. Ressurgiriam como peixes ósseos, os elasmobrânquios, regressando, depois, aos mares; ajustando-se, mais uma vez, às condições exigidas ao novo ambiente, mais salgado que os mares originais. Com o passar do tempo, eles se adaptariam a outras situações diferentes: rios caudalosos, lagos e profundezas do oceano.

A ciência vislumbrara a evolução dos seres vivos a partir dos invertebrados marinhos, seguidos dos peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos. O estado larval fora o ponto de partida.

Comecei a observar meu corpo. No peito surgiam escoriações que reproduziam o desenho de nadadeiras. As costas pareciam riscadas por unhas de gato. As nádegas apresentavam placas delgadas, quais escamas de peixe. E as pernas, davam-me a impressão de quererem juntar-se numa cauda. Impressionado, julguei estar rompendo os limites da condição humana. Foi quando percebi o surgimento de uma luz prata, quase branca, que aos poucos envolveu todo o espaço do quarto. Tive a impressão de ser erguido do chão, como se estivesse fora do meu corpo material.

Da chama branca irrompeu uma silhueta feminina, que me fez a seguinte afirmação:

– A Terra é a “Rainha das Serpentes”.

Mantive-me estático diante daquela intensa claridade, enquanto ela prosseguia.

– São sete globos, sete peles, sete raças...

“...Sete peles, sete raças... São ensinamentos teosóficos. Deve ter alguma relação com as mudanças geológicas e as sete rondas do planeta” – deduzi.

Ela continuou:

– Tudo foi nutrido pelo éter. O sopro de vida veio do sol para a raça astral primitiva. Os primeiros seres nasceram da lua, de si mesmos, não tinham ossos. Deles vieram os nascidos do suor, no continente Hiperbóreo. Eram também seres etéreos, porém mais densos, mais materiais que os primeiros. Tinham corpo de consistência gelatinosa, semelhante a uma água-viva, e possuíam um rudimento de mente, sem

ponte entre espírito e matéria. Guiavam-se, inconscientemente, por instintos.

Por alguns segundos imaginei estar sonhando. Aquela luz difusa emitia uma mensagem oculta. Não havia dúvidas de que estava sendo levado a visitar os conhecimentos arcaicos.

– Os que nasceram do suor habitaram a região do Ártico, além dos Bóreas, no Polo Norte. Eram rudes para desenvolver uma mentalidade, mas foram os que viram nascer a aurora boreal. Assexuados, em seus primórdios, tornaram-se andróginos, gradualmente. Ao final de seu período evolutivo, deram origem aos nascidos do ovo.

Num impulso, tentei me levantar, sem sucesso. Meu corpo permaneceu imóvel. A imagem, ou melhor, o espectro de imagem que eu não conseguia consolidar na minha mente, dava voltas no quarto e falava à viva-voz, diretamente em minha direção, sem que eu tivesse a chance de retê-lo num ponto qualquer, onde, afinal, projetaria a sua sombra e visualizaria a sua forma. Enquanto falava e se distorcia, eu acompanhava os seus movimentos circulares. Tentava compor sua silhueta, entendê-la. Mas a figura se distorcia e voltava a se amoldar, novamente, sem que eu a retivesse na memória. Ia e vinha, em minha direção, e eu não podia tocá-la.

Fiquei tonto com aquele frenético rodopiar de luzes pelo quarto. Eu, que até pouco tempo acreditava desvendar os mistérios dos continentes perdidos se penetrasse nas estâncias profundas do conhecimento e ultrapassasse os limites das abordagens científicas convencionais, tinha agora, à minha frente, um enigma a ser decifrado.

Ela prosseguiu:

– Com o surgimento dos sexos – há vinte e três milhões de anos – os nascidos do ovo deram origem aos nascidos da placenta. Esses foram os primeiros representantes realmente humanos, com ossos sólidos. Como, porém, ainda não possuíam forma exterior uniforme, fizeram surgir, nesse processo, seres intermediários, antropomórficos.

Depois dessas palavras, a massa nebulosa foi se desmanchando, até diluir-se no ar. Tive consciência de estar retornando ao meu corpo, e a minha visão, também, pouco a pouco, foi voltando ao normal. Abri e fechei os olhos, inúmeras vezes, para me certificar de que não havia sonhado. A revelação não era onírica, a figura realmente tinha estado ali. O feixe de partículas prateadas era a mensageira dos mistérios ocultos.

Agora tinha a chave para a questão: há vinte e três milhões de anos os primeiros representantes humanos ainda não estavam prontos.

Segundo a Doutrina Secreta, somente por volta de dezoito milhões de anos é que o homem orgânico surgiu – um tipo físico colossal, de cerca de quatro a quatro metros e meio de altura. Era um atlante, um titã.

Uma sensação de leveza foi tomando conta de mim. Aquela luz branca, assemelhando-se a algo divino, deixara-me a impressão de poder entender os mistérios não revelados.

A Terra é a Rainha das Serpentes. A mãe de tudo que se move. Costuma trocar suas peles velhas, tal como a serpente, no começo de cada Ronda, após um período de obscurecimento. Estaria a Terra a caminho de trocar sua pele? Passaríamos por uma mutação genética? Chegaríamos a uma nova raça-raiz, como nos prega a doutrina teosófica, depois de evoluirmos de seres etéreos, hiperbóreos, lemurianos e atlantes, até o estágio atual da raça ariana?

‘Quão ínfimos somos diante do universo. Talvez, tão somente o sonho de um dia de Brahma’, admiti.

Ergui-me do chão, com certa dificuldade. Era cedo demais para sofrer uma modificação genética. Meu corpo, no entanto, tornava-se cada vez mais espesso como se estivesse envolvido numa carapaça de escamas.

Debrucei-me à janela, atraído pelo barulho do vento. Lá fora, as árvores balançavam ao som dos primeiros sinais de chuva. Uma tempestade se aproximava. Desci, rapidamente, as escadas, até o curral, para proteger a baía dos filhotes e trancar as cercas do criatório. Nonô me acompanhava.

De volta a casa, dona Maria nos aguardava para o almoço.

Fiquei um pouco tenso, depois daquela nova revelação. A chuva forte que caiu durante toda a tarde me ajudou a relaxar. Nonô e dona Maria se recolheram aos aposentos, e eu aproveitei também pra descansar.

‘Tudo é cíclico e tem lugar num todo maior’, pensei.

Universos cabem em universos. Há microcosmos dentro de macrocosmos e macrocosmos dentro de megacosmos. Em cada ser existe um cosmo, com milhões de átomos, que se movem num todo maior, o nosso planeta. Este, por sua vez, engloba-se num universo que lhe excede em tamanho – o nosso sistema solar – que representa uma unidade de um cosmo ainda maior.

O mistério revelado no Dirghotamas é que a árvore macrocós mica guarda em si a árvore microcós mica; e é nesta que a Serpente da Eternidade e da Sabedoria Absoluta se manifesta.

“São sete rondas, sete voltas, sete raças distintas”, recordava. Segundo a linha teosófica, as vindouras – a sexta e a sétima – serão raças de universalismo e síntese, porque têm correspondência com os princípios unificadores ou de unidade: buddhi (sabedoria intuitiva) e âtman (o eu espiritual).

Esses conhecimentos, extraídos da Doutrina Secreta, da senhora Blavatski, ofereciam-me elementos para reforçar a existência de Lemúria – o mesmo continente que Edward Suess definiu como a terra dos gonds, antigo povo da Índia Central, os habitantes da floresta.

Pensar na água era pensar no primeiro oceano, entendia. Desde o seu surgimento, sua origem na crosta terrestre, como resultado de chuvas torrenciais causadas pela condensação de nuvens de vapor, expelidas do interior da Terra, por uma infinidade de vulcões ativos.

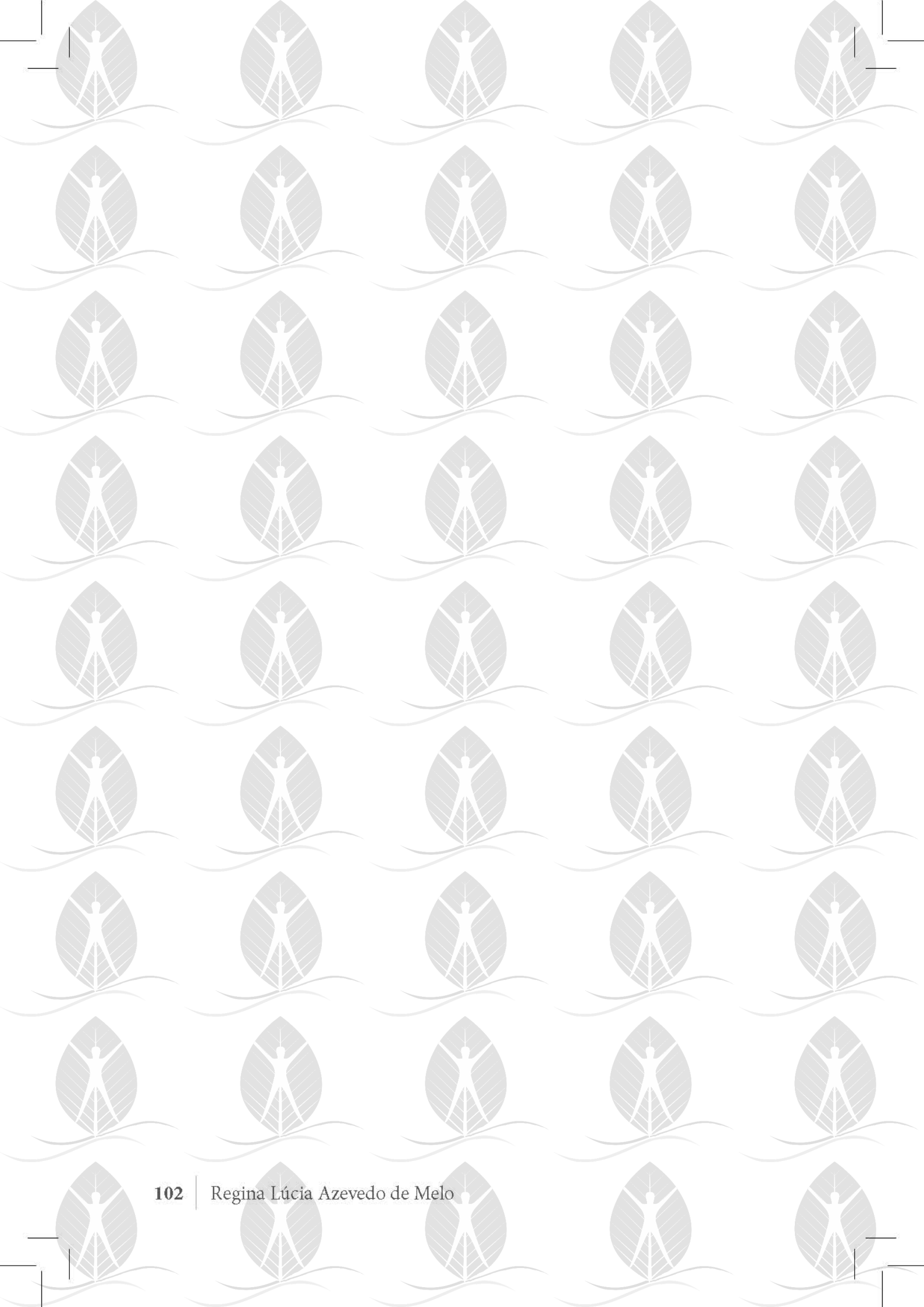
Lemúria desaparecera pelo fogo; Atlântida, pela água – o dilúvio, universalmente conhecido.

Leio trechos do *Mahabharata*, que afirmam: “Quando um milhar de Éons é transcrito, há uma seca por muitos anos; há poucos recursos e as criaturas morrem de fome (...) fogos destruidores submetem esta terra (...) impressionantes névoas obscuras elevar-se-ão. (...) Quando o fim desta idade se estiver a aproximar, não choverá, não haverá colheitas...”.

Tragédias ambientais estariam apontando para essa profecia?



Mapa de Lemúria ou Mu, o primeiro Éden do planeta.



XVI O FOGO ENGOLE AS TERRAS DO OESTE

As águas se abatem sobre as planícies e as cobrem. Onde existem obstáculos formam-se praias e os turbilhões de água agitam a terra; as águas estendem-se sobre todo ser vivente e que se move; os fundamentos da terra cedem e Mu fica submersa. Ficam fora d'água apenas os picos das montanhas, os turbilhões sopram e o vento resfria a terra. No lugar dos vales existem grandes abismos glaciais. Nos pontos circulares formam-se lamaçais. De uma abertura, saem vapores e lavas vulcânicas
Descrição (em maia) contida no Alfabeto Grego Moderno, 403 a.C.

Mu era uma vasta planície com palmeiras e samambaias gigantes, irrigadas por cursos d'água, rios e riachos que desaguavam, através de estreitos canais, em lagos onde florescia o lótus sagrado. Tinha como capital Uighur, também conhecida como Ilha Branca, por onde corria o Mar de Leite. Por meio dela, a grande planície ia encontrar-se com o mar. Sob o seu império estendiam-se vastas regiões.

Terra-mãe, berço da vida, ocupava quase a metade do oceano Pacífico. A posição verticalizada da Terra, numa leve inclinação de 23 graus no plano elíptico, proporcionava uma temperatura ideal para que a vida nela florescesse sem intempéries ou alterações climáticas que abalasses a sua aparente tranquilidade.

Entretanto, havia um perigo iminente rondando as suas entranhas. Assentada sobre um cinturão de gás com numerosas ramificações entre as cavidades de granito – formadas ainda durante o período arqueano – Mu não teve como evitar o pior: gases vulcânicos com impetuosidade bombástica exerceram pressão sobre o seu teto, fazendo com que movimentos telúricos violentos prodigalizassem seu fim.

Era tardinha quando as câmaras de gás sobre as quais Mu se sustentava começaram a romper as fundações subterrâneas de granito. Quando as explosões vieram, varreram grande porção da superfície, ao norte. Os vulcões vomitaram sua lava nos rochedos e cobriram uma longa extensão de terras, a oeste. O Império do Sol sucumbia à noite, num turbilhão de água e fogo.

Passagens submergiram. Ligações continentais foram interrompidas. A crosta terrestre se elevou. Surgiram enrugamentos e montanhas. Parte da pátria-mãe se deslocou e passou a vagar pelo oceano, no sentido leste-nordeste. Muitos que escaparam à destruição saíram em busca da terra segura pelos canais que alimentavam um mar interno. Intitulavam-se Filhos da Terra do Sol, os “adoradores de *Ah-ac-chapat*” – a serpente nutridora e geradora do ovo primordial, que passou a ser o símbolo da destruição de Mu.

A terra segura ficou à deriva por milhões de anos, até chocar-se com uma placa interna, dando origem à maior cadeia de montanhas da Terra, o Himalaia. Em suas proximidades, no rio Mekong, perto do Grande Lago, novos povos reconheceram em Angkor, atual Cambodja, a primeira colônia de Mu. Lá, tornaram-se nagas – os “adoradores da serpente”, a naga de sete cabeças –, seres semidivinos, com cabeças humanas e caudas de serpente, dos quais os khmers foram seus seguidores.

Outras correntes, mais tarde, também seguiram a rota da “terra segura” e aportaram na parte meridional do que sobrou do Grande Império – os tamils, de raça negra, traços cinzelados e cabelos negros duros, e os uighurs, antepassados das raças arianas.

Uighur, a capital do poderoso império, foi o que restou do Mar de Leite, que corria pela Ilha Branca. Soterrado sob quinze metros de rochas, pedregulhos e saibro, num planalto com altitude média de novecentos metros, na Ásia Central, é hoje uma área deserta de um milhão cento e sessenta e seis mil quilômetros de extensão, em Gobi, entre o sul da Mongólia e o nordeste da China.

Os primeiros sinais da existência da Terra do Sol num passado remoto da Terra surgiram com as famosas tabuinhas sagradas de terracota, os escritos de Mayax, a descoberta do Codex Cortesianus, a epopeia hindu *Ramayana* e o manuscrito *Troano*. Todos fazem menção ao “país de Mu”, à sua destruição pelo fogo, à vinda dos naacals para a Birmânia, à terra localizada no Pacífico e aos símbolos encontrados na Índia, Birmânia e Egito.

Anoitecia. Dona Maria preparava-nos um caldo de feijão com torradas. Nonô apreciava a chuva da janela. Convidei-o a me acompanhar até o criatório para verificar a acomodação dos caítitus. Com capas de chuva, chegamos ao curral, onde encontramos os filhotes dormindo entre as tetas da mãe.

Depois do jantar, organizamos a limpeza da cozinha e subimos. O tempo fechado convidava-nos ao recolhimento.

Aproveitei para reler alguns textos sobre a deriva continental, movimento interno do planeta e placas tectônicas. Tudo tão mágico, tão grandioso e belo, que compreender Deus em condição semelhante à invenção humana parecia-me mesquinho, pequeno, e até injusto para com toda essa gigantesca criação.

Relampejava e trovejava bastante. A força dos ventos repuxou os galhos das árvores que balançaram, em frenesi. Um súbito clarão rasgou a escuridão, iluminando a noite. Pensei na minha sereia onírica e sedutora. Por detrás das pedras, a luz continuava forte. Talvez fosse a minha encantadora melusina, com toda sua fogosa presença. Estiquei-me à janela, na tentativa de enxergá-la – quem sabe, não seria ela mesma?

Os fortes raios, seguidos de trovoadas, assustaram-me, subitamente. ‘Com a natureza não se brinca’, concluí. ‘É melhor fechar a janela e dormir.’

Mas a imagem da melusina não me saía da cabeça. Precisava vê-la. Senti mais uma vez a sua presença que estava impregnada nos meus pensamentos. Aquele forte clarão talvez fosse ela. E eu desejava alcançá-la.

Desci as escadas, com cuidado, para não acordar dona Maria e Nonô, que a essas horas já deveriam estar dormindo. Abri a porta, devagar. A chuva diminuía. Caminhei em direção ao local, onde cismeie que estivesse, na esperança de encontrá-la – bem ali, entre as pedras nas quais costumava sentar-me para olhar o rio. As estrelas começavam a reaparecer, tornando a noite sutilmente iluminada.

Ao me aproximar, senti um brusco estremecimento nas pedras e vi surgir das águas uma enorme serpente de sete cabeças. Parecia provir de longe, das profundezas do primeiro oceano. Não me assustei dessa vez, pois senti que o extraordinário ofídio era a personificação mitológica de naga, a protetora dos povos das terras do oeste, dos que conseguiram fazer a travessia.

Por que despertara do seu sono profundo, milhões de anos depois que seu povo alcançou a “terra segura”?

“Foi preciso”, ela respondeu. “No início o universo não passava de uma alma ou espírito. Tudo era inanimado e sem vida. A imensidão do espaço era o nada. Apenas o Espírito Supremo, o Grande Poder, o Criador, Narayana existia nesse abismo de trevas. Senti o desejo de criar mundos e os criou. Senti o desejo de criar a terra, habitada por seres viventes, e criou a terra e tudo o que ela contém”.

O grande ofídio se movimentava nas águas. A cada momento uma das cabeças executava uma pantomima e personificava a criatura.

“O mundo foi criado sob sete mandamentos”.

– Sete mandamentos? Que mandamentos são esses?

A Serpente de Sete Cabeças revelou que as tabuinhas de terracota foram traduzidas, mas não a sua mensagem oculta, porque “nem todas as inscrições são decifráveis”.

“No início, o gás não tinha forma. Vivia espalhado pelo espaço. Determinei para que se reunisse num turbilhão e originasse o universo. Depois, que se solidificasse e formasse a Terra. Os volumes de gás envolveram o mundo, mas as trevas imperavam e não existia nenhum som, porque ainda não haviam sido formadas a atmosfera e as águas. Bradei para que o gás do exterior se separasse e a atmosfera e as águas surgiram. O gás se separou: uma parte formou as águas, que se espalharam pela superfície da Terra e a cobriu toda; e a outra, que não formou as águas, passou a constituir a atmosfera. A luz foi incluída nessa atmosfera. Dessa forma, os raios de sol se encontraram com os raios de calor e trouxeram a vida. Exigi que o gás contido no interior da Terra a fizesse subir acima da superfície das águas. As águas se afastaram e o fogo do centro da Terra deu surgimento às ilhas e continentes. Convoquei as forças para que uma nova vida surgisse, a partir das águas. Os raios do sol se encontraram com os raios da Terra no lodo das águas e formaram-se os ovos cósmicos (germes da vida), entre as células do lodo. O ambiente era propício ao surgimento da vida. O mundo preparava-se para receber seus filhos. A vida surgiria sobre a Terra. Os raios do sol se encontrariam com os raios da Terra no pó e formariam os ovos cósmicos, dos quais a vida poderia evoluir sob os sete mandamentos da criação. A última realização era a mais complexa de todas, porque a partir daí surgiria uma nova condição que deixaria a criação com vontade própria. O homem receberia o espírito vivente e imperecível que é a inteligência de Narayana. Isso que os tradutores naacals não entenderam sobre o significado em língua naga-maya, da frase “reinar sobre a terra”, pois segundo essa representação, o homem, ao nascer dotado de poder mental e místico, tinha condições para utilizar essas qualidades com sabedoria. Para tanto, lhe fora dado um ambiente pronto, um Éden, onde deveria governar com respeito sobre todas as outras criaturas geradas anteriormente. Mas não foi isso que ele fez, ou vem fazendo. Dotado de vontade própria, o homem vem desencadeando uma guerra com todas as outras criaturas, pondo em risco a sua existência

na Terra. Mas existe uma sabedoria para a qual todos precisam estar atentos: *O que está em cima é igual ao que está embaixo.*

– Quem é você?

– Sou o espírito de Narayana! Vim para confirmar a quarta das sete revelações que lhe estão destinadas.

Dito isso, a Grande Serpente de Sete Cabeças desapareceu na escuridão do rio.

– Narayana! – gritei, mas ela havia partido.

Acordei com uma picada de mosquito no rosto. As águas batiam nas pedras, molhando o meu corpo estirado nas margens do rio. A imagem de Narayana estava impressa dentro de mim.

Ao me levantar, deslumbrei um céu, todo azul e prata.

Narayana, o espírito sem-fim, que habita as águas do oceano infinito, onde ocorre o movimento incessante de nascimento, vida e morte. O deus-serpente Vishnu, de cujo umbigo nasceu a flor de lótus e da qual emergiu Brahma.

‘A vida é a inteligência de Narayana’, constatei. O espírito vivente em cada um de nós. É seu espírito de sabedoria que nos orienta sobre todas as coisas. Talvez estivesse a me dizer que todas as coisas são uma só. Mas qual seria a correspondência da mensagem para com as minhas indagações? O que estaria a Serpente de Sete Cabeças querendo dizer-me sobre a Terra de Mu, sobre o mito do continente submerso que os primeiros mayas levaram consigo à terra segura, depois da longa travessia? Eles, que disseminaram os ensinamentos do Império do Sol pela Birmânia, Índia, Iucatã, Babilônia, Caldeia, Pérsia, Grécia, Egito?... Será que Narayana tencionava dizer-me, em sua linguagem hermética, que os vestígios de Mu estariam tanto em cima quanto embaixo? Que poderiam ser encontrados nos enormes templos, colunas e estátuas espalhadas em Angkor, México, Egito, e também na Colômbia, Peru, Bolívia, ilhas do oceano Pacífico, ou até mesmo em terras submersas, ou em qualquer outra parte da Terra?



Correntes migratórias da Terra de Mu.

XVII A ALQUIMIA DA ALMA

A compaixão para com os animais é das mais nobres virtudes da natureza humana
Charles Darwin

Ubiracy retornou no dia seguinte, à hora do almoço. Vimo-lo, de longe, eu e Nonô, quando caminhávamos para um banho de rio. Trazia, além da mala, uma sacola com mantimentos e alguns pacotes, que o ajudamos a carregar.

– Tenho muito que conversar com você, Oannes. Mas preciso, antes, trocar essa roupa, tomar um banho. Você me aguarda?

– Estou à sua disposição.

– Bom-dia, seu Ubiracy! Fez boa viagem? – cumprimentou-o dona Maria, à porta da casa.

– Sim, Maria, correu tudo bem! – respondeu, adentrando a cozinha para deixar as compras sobre a mesa.

– Que cheiro bom! O que você está nos preparando?

Era “surubim ao molho”. Dona Maria escolhera o cardápio, como tantas vezes, para surpreender-nos com o seu paladar, sem se importar com a chegada do patrão, grande apreciador de sua cozinha. Com ela, o preparo do peixe, principal alimentação dos habitantes da Amazônia, sempre resultava em pratos simples e saborosos.

– Posso arrumar a mesa?

– Sim, desço num instante – e, virando-se para mim, disse: – Conversamos em seguida, Oannes. Pode ser?

– Claro! Você é quem manda!

Aguardamos Ubiracy, à mesa do almoço, com o “surubim ao molho”.

Dona Maria deu a receita de como prepará-lo: “Tempera o peixe, cozinha; frita o alho na manteiga e mistura com chicória e cebolinha. Acrescenta molho de tomate e refoga. Por último, coloca coentro”.

Depois desse chamamento, só nos restava sentarmo-nos à mesa, deliciar-nos com o resultado da receita e elogiarmos a cozinheira.

Ubiracy contou-nos o que ouvira de um comandante de barco sobre esse piscívoro de hábitos noturnos, numa de suas viagens pelo rio

Negro. “O surubim sempre foi apreciado, mesmo quando a população tradicional só consumia peixe com escamas”. A razão para isso é que, em certa época, existiu um pensamento de que o dourado, um peixe branco-avermelhado, que chega a atingir um metro e meio de comprimento, provocava doenças, dentre as quais, a hanseníase, ou “mal de Hansen”. Por esse motivo, por muito tempo, a população rejeitou os peixes lisos, que havia em abundância pelos rios da Amazônia. O surubim, no entanto, sempre foi uma das poucas exceções. O prato suculento agrada ao paladar das gentes da região.

Dona Maria, embora quase nunca sentasse à mesa conosco, permanecia ao redor, sempre participando das conversas.

– Ainda bem que a gente planta, seu Ubiracy. Olha só o resultado: comida boa, gostosa...

– Parabéns pra você, Maria, que cuida da horta!

– Da horta... Do quintal... Da casa... Dos caititus... Não é, seu Ubiracy?

Dona Maria reclamava, mas tinha prazer em realizar essas tarefas.

– É bom plantar e colher... – respondeu Ubiracy.

– Claro que é! Mas tem que cuidar... – ela completou.

Ubiracy elogiou, mais uma vez, o prato preparado por dona Maria. Depois, revelou ter gostado que Nonô estivesse ali.

– Seu Ubiracy, nasceram os filhos da mãe-caititu – Nonô contou.

– Ah, foi? Não sabia que tinha mamãe caititu pra dar à luz.

– Se tinha... Tinha mesmo! E foram... Três! – bradou, mostrando três dedos da mão direita.

– Deu tudo certo?

– Tudo certo. Pesamos os filhotes e temos acompanhado o crescimento deles – respondi-lhe.

– Sou-lhe muito grato, Oannes.

– É bom quando podemos participar. Nonô me ajudou.

– E Cíntia? – quis saber dona Maria.

– Está bem. O seminário foi um sucesso. Eu até participei.

– Conte pra gente como foi, seu Ubiracy.

– Fui só para assistir, mas acabei participando...

– E o que o senhor falou? – perguntou dona Maria.

– A discussão no seminário foi sobre existência da alma. Cada grupo elaborou sua pesquisa e decidiu como iria apresentar seu trabalho. O resultado foi muito bom, porque todos contribuíram de alguma forma, para a compreensão do assunto.

– O que os alunos perguntaram pro senhor?
– Como nós nos relacionávamos com o reino animal. Se eu acreditava que os animais têm alma. E se também acreditava que a alma de uma pessoa podia reencarnar em algum animal. Essas coisas...

– E o que o senhor respondeu?

– A bem da verdade, que era o que eles queriam saber... Se nós, índios, temos uma boa relação com os animais. Falei que não maltratamos os animais, porque entendemos que nós somos todos parentes.

– Eu mesma, não! – replicou dona Maria. – Eu não tenho parentes animais.

Nonô, bastante curioso, acompanhava a conversa. Olhava para mim, para Ubiracy e para dona Maria, procurando ouvir a opinião de cada um.

– E o que mais eles perguntaram?

– A pergunta mais difícil: se comíamos carne animal.

– Aqui se come muito peixe e feijão! – exclamou dona Maria.

– Nós, os Boe, não comíamos carne. Éramos agricultores e coletores, mas com o tempo passamos a caçadores também – disse Ubiracy, explicando as alterações nos hábitos alimentares do seu povo.

– O que a gente mais come por aqui é peixe! – ela retrucou.

– É verdade, Maria. Comemos muito peixe. Mas de uma forma geral, não costumamos comer carne.

– Por que comemos carne de peixe e não comemos outra carne? Peixe é um animal, também... – rebati.

– Ora, mas se for assim, o que vamos comer, então? – perguntou dona Maria.

E, voltando-se para Ubiracy, disse:

– Continue, seu Ubiracy! O que o senhor respondeu?

– Que temos uma restrição, certa regra quanto a nos alimentarmos de animais. E que em nosso grupo, especialmente, não consumíamos caíditus.

– E Cíntia, não falou nada?

– Falou. E falou bonito!

– Foi mesmo? – perguntou dona Maria, curiosa. – Pois, olhe que eu cheguei a ficar preocupada com essa história de alma de bichos. Quem tem alma é gente!

– As meninas do seu grupo estudaram bastante. E fizeram bonito! Até fiquei emocionado.

– Conte para a gente, seu Ubiracy – ela pedia, com insistência.

– A equipe da Cíntia expôs sua visão a respeito do significado da alma, apresentando algumas semelhanças entre seres humanos e outros animais. Embora muita gente nunca tenha parado para pensar nisso, os animais, assim como os seres humanos, demonstram sentir prazer, dor, felicidade e sofrimento...

– ...E isso tem a ver com a alma dos animais? – interrompeu dona Maria.

– Tem a ver que são sentimentos comuns. Esse foi um dos argumentos do grupo, para provar que existem mais semelhanças que diferenças. Eles mostraram vários pontos de vista de cientistas famosos, como de Charles Darwin, por exemplo, um dos responsáveis pela teoria da evolução, que apregoa que os seres vivos estão em contínua transformação.

Dona Maria olhava para Ubiracy, querendo que ele realmente a convencesse daquilo que para ela era de difícil entendimento. Tornou a perguntar:

– Seu Ubiracy, por favor, não complique! Em que essa tal teoria tem a ver com a alma dos animais?

– Tem muito a ver, Maria, porque deixa “cair por terra” aquela visão de que o ser humano foi criado para reinar sobre os outros animais; que o paraíso foi criado para ele, tão somente.

– Darwin foi muito corajoso em demonstrar compaixão pelos animais, exatamente quando lhe cobraram coerência racional em suas ideias. Acho que, a partir daí, rompemos com algumas cercas que nos separavam dos outros animais.

– Havia muito preconceito sobre seus pontos de vista...

– ...A sociedade da época tinha dificuldades em aceitar seus argumentos, porque era algo inteiramente novo...

– ...Ele não foi compreendido. A sua obra *A origem das espécies* é, em sua essência, polêmica, porque contraria o pensamento religioso que vigorava, havia séculos, no mundo ocidental, da cultura criacionista.

– “Cultura criacionista”, que é isso? – quis saber dona Maria.

– Uma forma de explicar o surgimento da vida por meio da criação inteligente de alguém.

– Está certo! Está certo! – repetia dona Maria. – Enfim, uma coisa que tem fundamento!

Olhei Ubiracy e ele torceu os lábios, num sorriso.

Respondi:

– A verdade é que existem muitas formas de se entender o surgimento da vida, dona Maria. A questão não é só acreditar num pensamento, ou noutro. Muitos estudiosos, inclusive, já combinam diversas opiniões para explicar a origem do mundo e das pessoas.

– E a alma, seu Oannes? A alma? – ela tornou a perguntar.

– Já que a senhora insiste, vou lhe dizer o que penso: a alma é o princípio do movimento. Sem alma, o corpo não vive. A matéria, por si, é passiva.

– Ah! Enfim, então, a alma existe! Ave-Maria! – concluiu dona Maria, juntando os pratos da mesa, sob o olhar atento de Nonô.

– Sim. Em graus diferentes, nos animais... e até nas plantas.

Ela me olhou com certa irritação. E eu nem poderia expor-lhe meu verdadeiro pensamento: de que tudo tem alma. De que todas as coisas contêm o espírito inteligente de Narayana. Isso abriria espaço para uma polêmica ainda maior, de difícil compreensão no momento. Recorri à filosofia:

– Um pensador grego, Pitágoras, dizia que os animais, assim como a gente, têm alma.

– Se vocês ficarem nessa conversa de alma de animais, o melhor que fazem é não comerem mais a carne deles.

– Você tem razão, dona Maria – respondi. – Não é por aí que resolveremos esse impasse, não é mesmo? Senão vamos acabar avançando para uma questão ainda mais polêmica.

– Qual?

Respirei fundo:

– De que tudo que tem vida e respira, sente. E, se sente, tem alma. A alma das árvores, das plantas, por exemplo... Se arrancarmos os vegetais da terra, da sua casa, eles também sentirão dor.

– Se for assim, desse jeito, então é melhor não comer mais nada, não existir mais nada...

– Maria, deixe eu lhe perguntar uma coisa – voltou-se Ubiracy. – Você tem uma profunda compaixão pelos botos e peixes-boi, não é verdade?

– É claro que sim!

– Por quê?

– Porque eles são mansinhos. Parecem até gente...

– Ah! Parecem? Explique melhor...

– Parece que eles entendem a gente; parece até que têm sentimento.

– E os outros animais? Não parece terem sentimento?

– Há muito animal perigoso.
– Há seres humanos perigosos também.
– Ah, seu Ubiracy! O senhor sabe do que estou falando. Uma pessoa não vai sair por aí atacando outra pra comer, pra se alimentar. E muitos bichos fazem isso.

– Então, deixe eu lhe fazer outra pergunta: o que é a “alma”, para a senhora?

– Alma é o espírito de Deus, que a gente recebe quando nasce.

– E os outros animais, não merecem o espírito de Deus?

– Olha, seu Ubiracy, essa conversa é muito complicada pra mim! – resmungou, e deixou a mesa, entoando um hino de louvor à sua igreja.

Agradei à dona Maria, pelo almoço. Perguntei a Ubiracy o que mais acontecera no seminário.

– Você acabou não terminando de contar como foi a sua participação.

– ...E deu tempo?

Rimos.

– Vamos até o criatório. Conto no caminho.

Nonô ia nos acompanhar, mas dona Maria pediu-lhe para auxiliá-la com a lavagem da louça.

– Houve um momento em que a discussão esquentou. Quando me perguntaram como os índios viam os animais.

– E como você se saiu?

– Lembrei-me de que, para os índios, de uma maneira geral, os animais eram humanos que perderam essa condição. Chegou a ser engraçado, porque um dos alunos quis saber se eu não achava que os animais se viam como humanos e nos viam como animais. Eu respondi que acreditava ser possível e que isso era uma questão de ponto de vista. Eles gostaram, e riram. Outro quis saber se eu concordava com a tese de que, para os animais, o sangue da caça poderia representar tão somente uma bebida, assim como o sumo da mandioca fermentada é cerveja para os índios...

– E daí?

– Respondi que era possível e que, por causa disso, não nos convinha provocá-los; isto é, cada um na sua.

Perguntei por Cíntia, se ela ficara feliz com o seminário. Ubiracy confirmou que ela havia ficado satisfeita.

– Houve polêmica durante a sua apresentação, mas isso é que foi bacana. Um sinal de que o assunto e a forma de abordagem que eles

utilizaram despertaram o interesse da turma. – E, voltando-se para mim, perguntou:

– E você, está gostando daqui?

– Muito! Mas gostaria de poder ajudar a resolver um problema.

– Qual?

Expliquei-lhe a situação da filha de dona Maria, ao que ele ressaltou ser um caso antigo, que vinha se arrastando por muitos anos e que gostaria de ver solucionado.

– Prometi-lhe que buscaria notícias de sua filha... Acho que Cíntia poderia nos ajudar.

– Claro!

– Vamos, eu e Nonô, visitá-la no hospital – comentei.

– Então vou perder o ajudante?

– Por poucos dias, apenas. Somente o tempo de resolver as coisas por lá, e deixar dona Maria mais tranquila. Vai ser bom também para Nonô poder ver a mãe.

– Sem dúvida!

Ajudei Ubiracy com a limpeza do criatório e, depois, fomos ao curral visitar a recente mãe caititu. Expliquei a ele todos os procedimentos que adotamos, e ele se deu por satisfeito.

– Tenho algo pra lhe mostrar – revelou.

– Estou curioso!

Sáímos do curral e voltamos a casa. Dona Maria nos serviu o habitual café.

Ubiracy abriu o pacote que trouxera da viagem, estendendo sobre a mesa um enorme croqui de uma casa Boe – o bai, como é conhecido. O desenho original, de arquitetura simples, cobertura cônica de palha, duas aberturas opostas como portas, diâmetro de cem metros e orientação norte-sul expressava, de forma singela e representativa, o universo cosmológico dos Boe.

– A casa, o bai, é a chave do universo de representação dos Boe. É o clã. E é a reunião dos clãs que constrói o Boe-e-wa, a aldeia. Não posso reproduzir a aldeia aqui, por isso vou construir o bai em homenagem à minha mãe. É uma forma de traduzir, aqui, tudo que ela me ensinou.

Elogiei seu gesto de construir, no lugar que escolhera como morada, o universo representativo de sua cultura, o “centro do mundo”. Construí-la no sítio denotava uma forma de estabelecer ali a sua casa, o seu lugar sagrado, mesmo sem a presença dos outros parentes.

Ubiracy demonstrou preocupação com os espaços restritivos, aos quais se encontravam confinados seus parentes, no planalto central.

– Aqui é o paraíso! – desabafou. – Esse rio é uma dádiva da natureza.

Concordei.

– Também tenho uma ligação muito forte com este lugar – revelei. Estávamos os dois na cozinha. Ubiracy recolhia a planta do bai, ao tempo em que me perguntava:

– O que este rio representa para você, Oannes?

– O mesmo resgate a que você se refere, de lugar sagrado. O rio Negro representa para mim o rio primordial, o primeiro oceano, as primeiras águas. Ousaria dizer até... A minha casa.

– Você sabia que o bai aparece no mito da grande inundação?

– Não, não sabia. Mas gostaria de conhecer.

– Pois bem: contam os antigos que, na origem do povo Boe, houve uma inundação, da qual sobreviveu um único índio, Meriri Póro, que ficou ilhado no cume de um morro. Ali, acendeu o fogo para aquecer as pedras que jogava nas águas. O calor das pedras provocou uma evaporação que fez com que as águas retornassem ao seu nível normal. Meriri Póro encontrou um guaçuetê fêmea, uma cervã, e com ela procriou. Quando os primeiros filhos nasceram, com as características da mãe, foram sacrificados. Os que nasceram semelhantes ao pai sobreviveram, e deram nova origem ao povo Boe, dispostos em aldeias circulares, tal como estavam organizadas, antes da inundação, numa espécie de refecundação das aldeias Boe.

Ubiracy estava emocionado. E me deixou também com os olhos rasos d'água. O mito Boe continha o mesmo princípio evolutivo de outras culturas.

XVIII O RETORNO DO DRAGÃO

Deste-me o lodo, e dele fiz ouro

Charles Baudelaire

Nonô havia me cobrado a visita à mãe. Respondi-lhe que começasse a se preparar, pois empreenderíamos a nossa viagem dentro de dois dias. Prometera à dona Maria visitar Júlia no hospital e encaminhar as providências ao seu tratamento.

Estava introspectivo nesta manhã. Depois de ajudar Ubiracy com os porcos, revelei-lhe a necessidade de ficar sozinho. Ele me sugeriu um passeio de barco pelos arredores.

Nonô ainda dormia, quando deixei o sítio. Precisava ficar só, para refletir sobre a necessidade iminente do súbito retorno à capital.

A cidade me incomodava, precisava preparar-me para esse regresso.

De rabetá, atravessei a outra margem do rio. Adentrei o interior da mata tal qual um dervixe, determinado a me libertar dos “cascarões” do corpo e transmutar-me em energias de luz.

Inspirando e exalando o aroma silvestre, segui a esmo para um lugar onde pudesse despojar-me da matéria, desprender-me dos vícios, volatizar-me, até dissolver-me em essência divina. Como um bodhysattva que, muito em breve alcançará o estado búdico, ou um filósofo iogue que transcendeu a todos os desejos e pensamentos mundanos. Enfim, um sannyâsi a principiar o cumprimento dos votos de renúncia total de mundo.

Buscava na sabedoria ascética um modo de vida para alcançar a liberação, o moksha. Enveredava pelo caminho da floresta, para o encontro com a minha natureza. No seu interior, denso e escuro, integraria o meu mundo, meu local sagrado. Superaria desafeto, julgamento, raiva, pessimismo e desesperança, sentimentos inerentes à condição humana.

Andei pelas trilhas abertas na vegetação nativa, à procura de uma clareira – um “portal”, como diria um xamã – que me possibilitaria descarregar toda a tensão acumulada durante anos. Quando a encontrei, estendi meus braços para o alto, em agradecimento, pois entendi que era

o local apropriado. Inspirei pela boca e expirei o ar pelo nariz, diversas vezes, para me conectar com o sol central, por meio da respiração do fogo. Expeliria, agora, emoções nocivas à minha saúde mental, espiritual e física, como uma catarse cósmica, lançando para o alto todas as mazelas que interferiram na minha caminhada em busca do sagrado. O sol central se encarregaria de transformar em cinzas sentimentos mesquinhos, rancores, dores; e espalharia essas partículas na natureza etérea para que a vida se renovasse.

Nesse percurso, visualizei cores que representavam os elementos terra, água, fogo e ar; indo do carmesim ao escarlata, ao azul-escuro e ao róseo; até que a energia de kundalini alcançou meu coração. Visualizei, então, o branco como a lua para a região da garganta, chegando, finalmente, ao ajna, ao quinto elemento – o éter. Senti-me como um vulcão, pronto a expelir sua lava. Entreguei-me ao poder de kundalini. A corrente espiritual percorreu meu corpo, da coluna vertebral ao órgão genital e ao umbigo, despertando a serpente dormente pelo caminho.

Minha consciência espiritual havia sido despertada.

Sentado, na posição de lótus, controlava, agora, o ar, exercitando a prānāyāma, respirando profundamente; primeiro por uma narina e depois pela outra, até a respiração se tornar profunda e silenciosa. Fechei os olhos; as veias a pulsarem toda a força da criação.

Permaneci assim, por muito tempo. Um raio dourado penetrou no meu peito, tocou meu coração e expandiu sua luz em volta de mim, irradiando energia pelo meu corpo, dilatando-me as narinas e fazendo-me transpirar por todos os poros. Uma sensação de bem-estar restabeleceu meu equilíbrio, proporcionando-me serenidade.

Abri, aos poucos, os olhos lacrimejados. Olhei em volta, os galhos das árvores balançavam sob o ritmo do vento e espargiam o perfume agreste que se soltava plenamente dos meus pulmões, agora revigorados. Os raios de sol salpicavam de luz as pontas das folhas, que derramavam sua seiva no chão da floresta. Luzes de todas as cores e matizes resplandeciam, como se Binah, o Grande Oceano, associado a Chokmah, a Sabedoria, houvessem extraído meu sofrimento, com as energias da Cabala.

Renascia do Grande Oceano, sob a proteção da Mãe Natureza. Ao som da sinfonia dos pássaros, eu dancei. Senti que toda a floresta dançava comigo. Era como se aquele peso insustentável não existisse mais sobre as minhas costas. Havia sido tocado pela energia de Shiva. Estava mais leve. Minha densidade esmorecera diante de alguma substância sutil,

vaporosa, etérea. Ao meu redor, a vida tangia seus elementares, pondo-me em contato com ninfas, silfos, gnomos e salamandras.

Enfim, chorei, até verter a alma.

Na minha infância eu tinha um sonho recorrente. Sonhava estar numa cama enorme e sentindo o meu corpo pesado, feito chumbo. Sentia infinitamente o peso da minha mão, como se nela estivesse todo o meu corpo. Sentia o meu corpo na minha mão. Sentia também a minha cabeça, totalmente pesada – ela era mais pesada que todo o meu corpo. Era como se sustentasse todo o peso do meu corpo. Depois, era como se a cama rodopiasse, enquanto eu levitava; como se esse movimento estimulasse a transposição do meu corpo. Nunca entendi o seu significado. Hoje, considero um chamamento para uma alquimia das dimensões da consciência. Como se eu precisasse galgar vários degraus espirituais, indo do núcleo de cristal de ferro no interior da Terra ao buraco negro, no centro da Via Láctea. Esse “chamado” para explorar meu universo despertava a ânsia submersa no paraíso perdido. Teria de escavar meu sonho para livrá-lo do mais terrível pesadelo: o de ser afogado dentro do próprio mundo.

Eu era um ser da água.

Entusiasmado, segui pela trilha da floresta, na direção do rio. Só então percebi que havia passado muito tempo naquele lugar.

Na praia, tirei a bermuda e as sandálias, como sempre fazia, e me atirei nas águas pesadas e negras. O sol já se punha, riscando o horizonte nas cores púrpura e cinza. Mergulhei no ponto em que a luz canalizava seu último raio no leito do rio.

Misturava meu corpo nessas águas puras, que não sofreram a influência direta dos Andes. Era uma sensação tão forte, que me provocava arrepios pelo corpo. As águas estavam agitadas.

Massageei o terceiro olho para receber a réstia de luz que incidia sobre o manto líquido.

Algo começou a movimentá-las mais intensamente, contraindo-as, cada vez mais, para a praia, e sugando-me, junto. A noite chegou, escurecendo tudo. A retranca pôs-me sentado em terra, e eu pude ver, fascinado, o surgimento de círculos de luz a flamejar faíscas sobre a noite escura.

As águas foram se abrindo, dando surgimento àquela espiral de cores que tanto me encantara. A Senhora das Águas de Fogo finalmente reaparecia em sua dança de chamas que cristalizava segredos e expandia liberdade.

Atraído pela luz, entrei no rio, na tentativa de sentir a sua presença.
– Ignis! – chamei-a, nadando para que, mais perto dela, a absorvesse em mim.

Aos poucos, o que seria o primeiro contato físico com aquela criatura divina, provida de substância ígnea, a escorrer fogo sobre as águas, desvaneceu-se, esvaiu-se no ar. Em seu lugar, surgiu um enorme animal com cauda de serpente, lombo de escamas e cabeça de dragão. Os dentes agudos como espada, lembravam Leviatã, a grande serpente bíblica, o maior dos monstros aquáticos, que, ao se levantar, fazia tremer as ondas do mar e afastar as vagas. Ela mexeu o tórax e balançou o rabo, e eu pude antever o caminho evolutivo que empreendera. Era um anfíbio, um réptil ou um peixe? Ou uma deusa tríplice: sereia, serpente e dragão?

– Ela despertou – pensei. A Grande Serpente despertou de seu sono profundo.

Senti-me abruptamente arrancado das águas e estendido nos ares, alçado a um plano superior. Era o momento de atravessar o limiar do inconsciente para resgatar a “pedra filosofal”, a segurança sobre mim mesmo.

Físico-químico-espiritual. Todos esses fenômenos juntos fizeram com que meus músculos se distendessem, meus ossos fossem triturados, e eu fosse engolido por inteiro, destituindo-me de mim. Por fim, fui jogado de volta a terra.

Despertei com vozes chamando por mim. Olhei em volta e não vi mais nada. As águas estavam tranquilas e o céu cheio de estrelas. Desancorei a rabeta e me dirigi de volta ao sítio. Encontrei Nonô e Ubiracy à minha espera, à beira da praia.

Estavam preocupados.

– Você está bem? – perguntou Ubiracy.

Nonô me interpelou:

– Onde você estava?

– Já nos preparávamos para procurá-lo.

– Desculpem-me se preocupei vocês. Acabei adormecendo à beira do rio.

– Vamos! Tem algo muito bom aguardando você – disse Ubiracy.

Em casa, tomei a sopa de legumes, em silêncio. A avó e o neto me olhavam, curiosos.

Para a Cabala, aquele que entrou no paraíso e sabe sair é feliz; mas aquele que entrou e não sabe sair, melhor seria se não tivesse entrado.

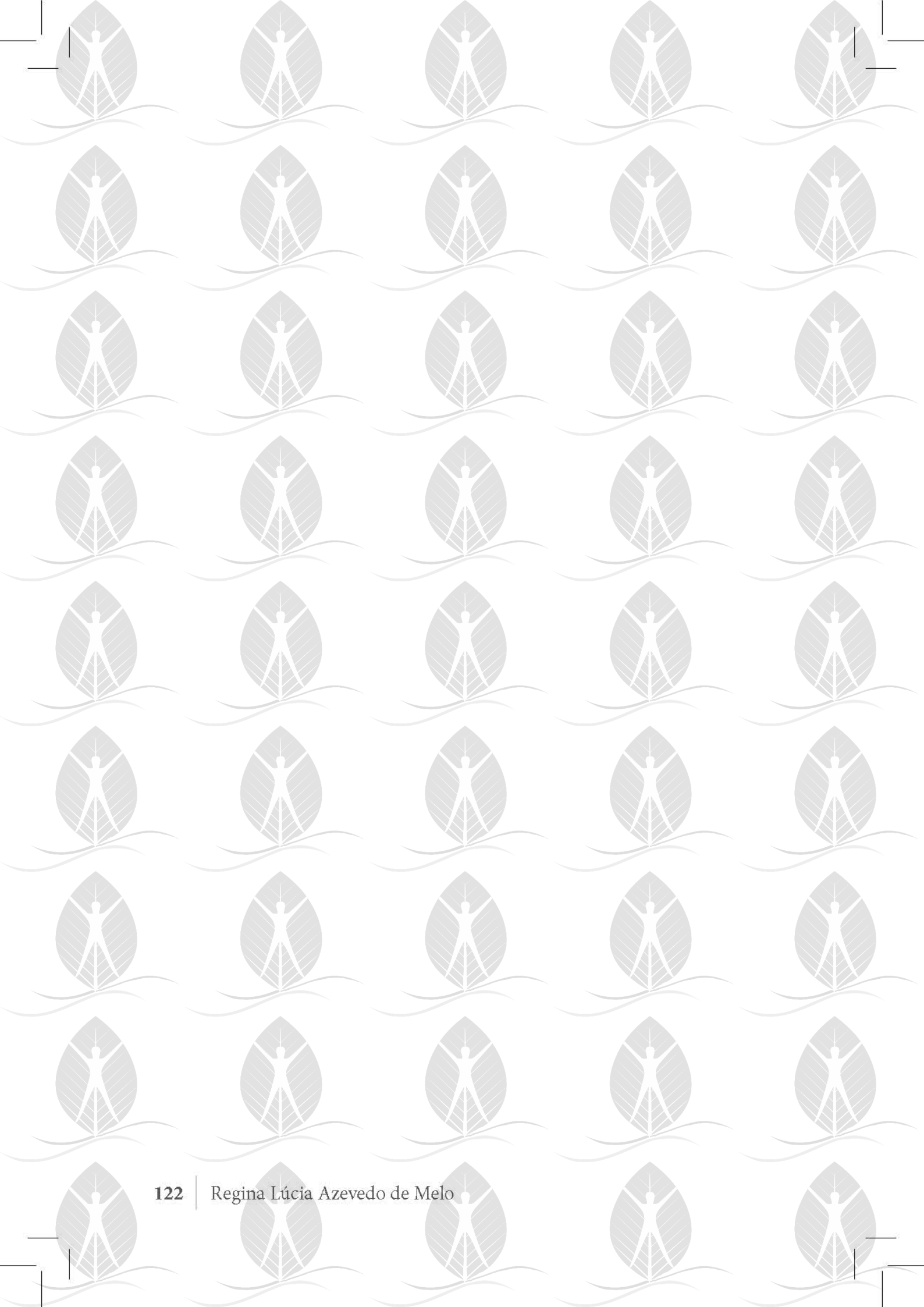
No meu caso, era justamente o contrário: eu saíra do paraíso e deveria retornar, mas estava difícil encontrar o caminho de volta.

A Grande Serpente havia despertado. Ela, que estivera adormecida nas profundezas das águas; nas entranhas do primeiro oceano, onde residem os organismos desaparecidos da superfície terrestre, junto a formas zoomórficas e seres primitivos de eras passadas: humanos com duas cabeças, caudas de peixe, centauros e minotauros. Seres que ressuscitavam de seu sonho antropomórfico e se manifestavam no espírito da Grande-Mãe. Assim despertava a Grande Serpente!

Percebi que tudo estava apenas no início, que muito ainda me aguardava.



Deusa tríplice: serpente-sereia-dragão



XIX AS DOENÇAS DA ALMA

Há sempre algo de ausente que me atormenta
Camile Claudel

Voltar àquela cidade de ruídos esquizofrênicos me angustiava, mas enfrentaria o desafio, como uma nobre missão. O que mais me importava era minimizar a situação de aflição que pairava sobre aquela família. Não havia outra pessoa para desempenhar essa tarefa; cabia a mim, nesse momento, executá-la.

Existem situações na vida da gente que nos cobram uma atitude superior às nossas fraquezas. Não poderia ignorar o que acontecia à minha volta, como se não fizesse parte da minha vida. Estava tudo ligado. Certamente era um trabalho hercúleo enfrentar aquela cidade entupida de carros. Isso me estressava, mas se fazia necessário.

Mesmo que nada tivesse a ver comigo, precisava chegar até ela. Por isso, não me furtaria a passar por situações que tanto me incomodavam. Empreenderia a jornada do herói: “Ou deciframos o enigma, ou seremos devorados por ele”. Havia um segredo a ser desvendado, não tinha como evitar os riscos. Se os evitasse, mais adiante teria de os enfrentar – a vida é um constante desafio!

Respirei fundo, enquanto arrumava a bagagem com os objetos de uso pessoal que deveria levar na viagem.

Nonô me aguardava de mochilas às costas, quando descii para o café. Sentou-se à mesa comigo. Dona Maria me agradeceu a ajuda “naquele momento difícil”. Disse-me:

- Deus o abençoe!
- Obrigado, dona Maria.
- Cuide do meu neto.
- Pode deixar. Fique tranquila!

Ubiracy saíra cedo para alimentar os caititus. Encontrei-o a pouco mais de vinte metros da casa. Bastante esperançoso em realizar o projeto do bai, falou-me que já tomara as primeiras providências para a sua construção. Expliquei-lhe que precisava encontrar-me com a Cíntia e ele me repassou o número de seu telefone.

– Precisaremos dela para acompanhar o caso de Júlia. Quem sabe, ela nos ajuda...

– Ela ajudará, com toda certeza! Diga-lhe que está tudo bem por aqui.

Mais tarde, quando o barco de linha se pôs à vista, Ubiracy embarcou-nos na rabeta, ao seu encontro.

Algumas horas nos separavam da cidade, podia sentir nas palpitações do peito. A inquietação voltava a formigar meus pensamentos. Havia algo a superar, por isso retornava àquele lugar. Bom mesmo era saber que estaria ali só de passagem, isso já me deixava mais calmo. Embora quisesse vencer as dificuldades de viver nessa, ou noutra cidade conturbada, morar nela ou numa outra era algo que eu não queria. Bastaram os males que me haviam feito.

O final de verão ainda nos deixava ver uma ou outra praia. Eu e Nonô, recostados numa das laterais da proa do barco, assistíamos passar as gentes da Ponta do Tatu e Lago das Araras. Alguns passageiros conversavam sobre o horário de desova das tartarugas e das “melhores” capturas de peixes-boi. Quase lhes disse: “Antes os jacarés, que são predadores naturais”.

Que costume ruim, este! A pesca predatória junto à extração de madeira tem sido uma ameaça à conservação desse ecossistema. O que seria necessário fazer para as pessoas entenderem que é incorreto agir assim? E depois, dizem que só os animais agem por instinto. Será que não pensam?

Nonô não ouvia nada, encantado que estava por apreciar o sobrevoos das garças, socós e trinta-réis. À noite, esses últimos saíam à caça de filhotes de tartaruga, em sua corrida rumo à sobrevivência nos rios e lagos. A viagem pelo rio de águas pretas desvendava um cenário de campinaranas, florestas de terra firme e igapós que principiavam suas alagações.

– Olha um corta-água, Oannes! – apontou.

Era uma ave singular, que tinha a parte inferior do bico mais longa que a superior e que por isso voava baixo, rente à superfície d’água, pra se alimentar.

Nonô mostrava-se um conhecedor da região. Na sua ingênua felicidade, celebrava a vida conforme a sentia.

A natureza amazônica é surpreendente! A paisagem é capaz de nos deixar inebriados durante horas e horas, sem nos darmos conta do tempo. E tão sutil, que somente ao olhar atento do viajante, ela se

desvenda. Caso contrário, mantém-se numa repetição de cenários, tal a imensidão de terras, florestas e águas.

O barco de linha, barco-recreio, ou gaiolas regionais – como também são conhecidas as embarcações locais – faziam um barulho intermitente nas águas, provocado pelo movimento do motor de popa, semelhante ao som vibratório de uma roldana; porém num ritmo mais devagar, assim: tu tu tu tu tu tu tu... que eu e Nonô tanto gostávamos de repetir.

De onde estávamos, dava para apreciar todas as paisagens, tanto de um lado quanto de outro. Agora, nuvens escuras começavam a deixar o céu sombrio. Chovera muito nas últimas semanas, e o fenômeno La Niña parecia não dar trégua. A previsão era de uma enchente acima da média para o ano seguinte, o que normalmente acontece na região num período de vinte em vinte anos, aproximadamente, quando o nível das águas sobe além da média, causando uma situação de calamidade para muitos habitantes ribeirinhos.

Contei para Nonô que o rio Negro nascia nas cabeceiras da Colômbia, na região pré-andina, e vinha se encontrar com o Solimões, logo abaixo da capital do Estado, para formar o rio Amazonas.

– É um rio de mil e novecentos quilômetros de extensão, sendo que mais de dois terços dele fazem parte do território brasileiro. Ele é imponente, sinuoso como uma serpente, cheio de mistérios e histórias não desvendadas.

– Como assim?

– Por ser bem antigo, guarda muita coisa que desconhecemos.

Os olhos amarelados de Nonô permaneciam atentos ao movimento do motor do barco nas águas.

– Está feliz por ir ao encontro da sua mãe?

– Estou! – respondeu.

Mas revelava tristeza. Talvez se sentisse inseguro.

– Estou com saudades dela. Faz tempo que viajou.

– Conte para mim como ela é.

– Bonita! – ele afirmou, levantando a cabeça, sorridente.

Em seguida, calou-se, baixando-a novamente. O sentimento que demonstrou ter pela mãe me emocionou. Por alguns instantes, ficamos em silêncio, observando a chuva que começava a cair. As laterais do barco foram protegidas por uma cortina de lona. Da proa, ao lado da cabine do comandante, vimos os pingos de chuva pinicarem as águas.

Pareciam fazê-las dançar. E o rio também parecia gostar disso. O barco escorregava sobre as ondas que se formavam.

– Mas ela está doente da cabeça – disse. – Às vezes sai falando umas coisas esquisitas pela rua. Eu não gosto!

Pausou novamente, antes de prosseguir:

– Têm uns meninos que me provocam, mas eu não ligo.

– Como assim?

– Quando eu passo, eles ficam me chamando de “filho da doida”.

– É mesmo?

– Mas eu não ligo.

– Não? E como você consegue não ligar?

– Eu finjo que não é comigo e vou passando. Só que um dia eu estava num lugar que não dava pra fingir que não era comigo. Daí... Sabe o que eu fiz?

– O que você fez?

– Fiquei repetindo para mim: “não estou ouvindo”, “não estou ouvindo”.

– E deu certo?

– Deu.

– Sabe para onde vamos, quando chegarmos à cidade?

– Pra onde?

– Para um hotel.

– Eu nunca fui num hotel.

– Mas agora vai. Também podemos sair para jantar em algum lugar, perto do hotel.

– Ih, estou com fome!

– Vamos ver o que podemos comer aqui.

No início da noite, as luzes, ao longe, apontaram a cidade. Nonô estava com sono, mas despertou assim que desembarcamos no cais do porto. Chegamos a um hotel localizado no Centro, onde liberamos o peso das mochilas e saímos para jantar. Depois, demos um passeio pelas proximidades, mas logo voltamos. Precisávamos descansar porque o dia seguinte seria curto para as providências que precisariam ser tomadas. Ele estava ansioso para rever a mãe. Dormimos e acordamos bem cedo.

Júlia estava internada num hospital psiquiátrico fazia dois meses. Na recepção, informaram-nos de que doutor Leandro – um dos médicos responsáveis pelo seu tratamento – nos receberia. Aguardamos pacientemente, até que fomos chamados. Ao adentrarmos a sala, deparamos com um rapaz jovem, que nos convidou a sentarmos.

Eu e Nonô nos sentamos lado a lado, à sua frente, e nos apresentamos.

– Apesar de debilitada, e de inspirar alguns cuidados, ela tem chance de se recuperar – explicou-nos.

Nonô e eu nos olhamos, aliviados. Ele continuou:

– Nesse momento, ela precisa de acompanhamento médico, mas a família deve colaborar com a sua recuperação.

Contei-lhe o que sabia sobre Júlia. Ele nos disse que a demora em buscar atendimento pode ter contribuído para agravar seu problema.

– A ignorância em lidar com os transtornos mentais gera preconceito e estigmas – informou. – O agravamento da situação, na maioria das vezes, ocorre pela incompreensão da família.

– Como ela está? – perguntei.

– No momento, sob medicação, por causa dos delírios e alterações de motricidade, que apresentou. Temos tentado entender os sintomas, sem deixar de atenuá-los, com medicação adequada.

– Que sintomas são esses?

– Ela tem visões de que o chão está se partindo. Chega a cair. Reclama das pernas machucadas...

– Ela fala sobre a família?

– Não muito, mas menciona algo a respeito de castigo e pecado.

– A mãe é muito religiosa...

– Mas o trabalho terapêutico tem-lhe ajudado a organizar os pensamentos.

Contei para o especialista o que sabia sobre Júlia, conforme ouvira de dona Maria:

– Quando tinha por volta de treze anos, Júlia visitou as ruínas de Velho Airão com o pai e ficou bastante impressionada com a história das formigas. Segundo a sua mãe, depois disso teriam começado os surtos. O que aconteceu lá, pouco se sabe; a não ser pelo que Júlia passou a contar, anos depois... de que Novo Airão repetiria o evento das formigas.

– Que evento é esse?

– A população conta que, na cidade antiga, os habitantes eram muito rudes. Matavam quem roubava, matavam quem fosse pego em adultério, e daí por diante. Até que mataram um padre, que antes de morrer rogou praga para que a cidade fosse castigada. Dizem que, a partir daí, começou a peste das formigas. A cidade virou um enorme formigueiro. As formigas acabaram com os alimentos, as casas, as roupas, tudo, expulsando os moradores que migraram para uma nova

localidade, abaixo da antiga, onde construíram outra cidade com o nome de Novo Airão. Isso, o povo conta. Mas o que aconteceu lá, na visita que fez com o pai, só mesmo um dos dois para revelar.

– O que mais o senhor sabe sobre a sua vida?

– Ela trabalhava com uma senhora, ajudando-a a fazer pães caseiros e doces, que eram vendidos com a ajuda do filho – aponte para Nonô.

O médico sorriu-lhe.

– Tudo bem, rapaz?

Nonô confirmou com a cabeça. O médico continuou:

– Essa história pode ajudar a compreender os delírios e fazê-la se sentir melhor. Não há coisa pior para uma pessoa fragilizada que ser abandonada. O trabalho que ela costumava realizar será importante para que possa retomar a sua convivência social. Aqui, ela se deu muito bem com as ocupações terapêuticas. A produção de pães e doces poderá contribuir para que fique bem.

– O senhor acha que o reconhecimento dessas alucinações poderá ajudá-la?

– “Ver” o chão se partindo denota uma necessidade de ser ouvida. Inconscientemente, ela nos pede ajuda. Precisamos ouvi-la mais.

– O senhor acredita haver algo que Júlia guarda “a sete chaves”?

– Talvez. Não podemos assegurar o que pode ocasionar esses transtornos, mas é evidente que o seu tratamento passa pela superação de alguma situação vivida. Seu estado emocional, sua afetividade precisam ser levados em conta.

Perguntei se poderíamos visitá-la, e ele nos levou à enfermaria, onde Júlia dormia.

Nos últimos dias estivera agitada, falando e se movimentando muito. Por isso houve necessidade de lhe aplicar tranquilizantes à base de clorpromazina, como sedativo emergencial, disse o doutor.

Nonô abraçou-a e ela despertou.

– Bom-dia, Júlia! – Cumprimentou-a o médico.

Também a cumprimentamos, eu e Nonô. Ela nada respondeu. Virou-se de costas para a parede, deixando o filho triste.

Cheguei mais perto da cama e falei:

– Júlia, nós vimos ver como você está. Sou Oannes, amigo de Nonô. Conversamos com o seu médico. Assim que você melhorar vai poder deixar o hospital.

– Mamãe! – Nonô chamou. – Nós vamos poder voltar pra casa, o doutor disse!

Ela virou o rosto, fitando-me nos olhos.
– Vim a pedido de sua mãe, Júlia. No momento, você precisa ficar aqui, mas logo poderá voltar para casa.

– É, mãe, o doutor disse! – Nonô repetiu.

Foi então que ela, movimentando o corpo, pegou a mão de Nonô e a beijou. Permaneceu, por alguns momentos, em silêncio, até que falou:

– Quero voltar pra casa.

– Você voltará, em breve, Júlia – respondeu doutor Leandro.

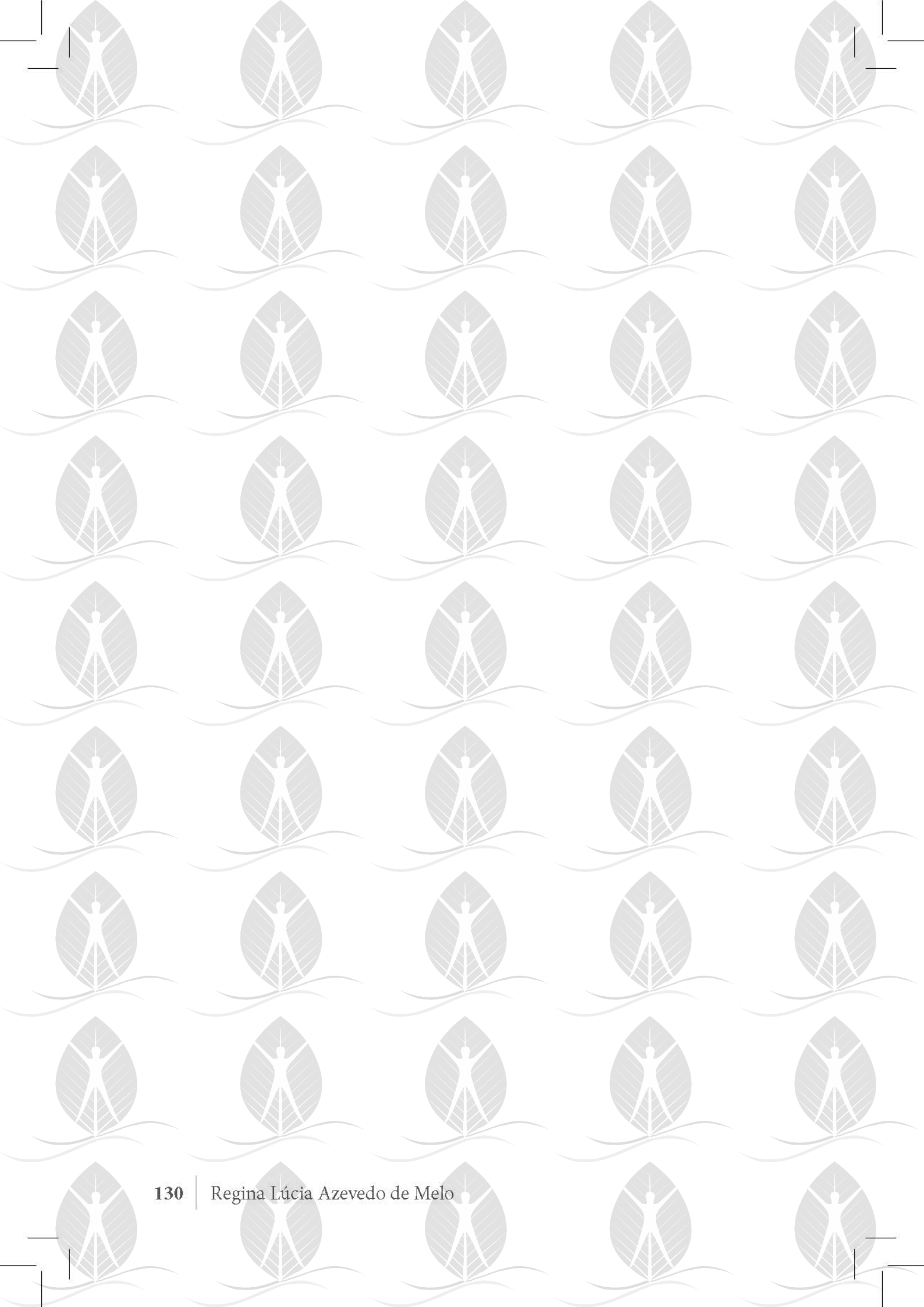
– É, mãe, você vai voltar. Assim que ficar boa...

Júlia tinha pele branca e cabelos louros, respingados de vermelho do sol. Aparentava uns quarenta anos, mas tinha apenas vinte e um. A mesma idade da Cíntia; entretanto, dois mundos diferentes. O médico nos pediu licença para fazer outro atendimento. Agradecemos por termos recebido e deixamos o telefone de Cíntia para que ela pudesse ser informada sobre o seu estado de saúde. Nonô ficou um longo tempo abraçado à mãe.

Saiu chorando do hospital. Lembrei-lhe o que o doutor dissera: que Júlia tinha condições de ficar bem e que a atividade com os pães seria importante para a sua recuperação.

– Mas ela vai ficar sozinha...

– Não pense assim. Pense que há pessoas cuidando da sua saúde para que ela possa voltar para casa.



XX
JOANNES, UM SER MISTERIOSO

É com sangue de dragão que se prepara a tintura filosófica
Etienne Perrot

Agora era a minha vez. Aproveitei a estada na capital para ir ao dermatologista tratar das escamações na pele. Ele me perguntou se tomara algum antibiótico ou outro medicamento que pudesse ter causado alergia. Respondi-lhe que não. Perguntou-me se tive contato com produtos à base de tintas ou solventes, porque as escoriações poderiam ter sido causadas por esse tipo de substância. Também lhe respondi que não. Ele, então, coçou a cabeça e me confessou estar diante de um caso raro de dermatite, que poderia se agravar, se eu não cuidasse.

– Geralmente – disse ele – as escamações têm relação com algum processo inflamatório de fundo nervoso ou estado emocional alterado. Esses fatores neuropsíquicos estimulam o desenvolvimento da doença. – Você tem algum problema de ordem psicológica, que talvez possa estar-lhe perturbando?

Respondi-lhe que até bem pouco tempo convivera com um drama existencial, de solução complexa, pois buscava compartilhar valores que sob o meu ponto de vista eram fundamentais, mas sem “cotação de mercado”. E que, no momento, essa situação tinha mudado porque me encontrava junto de pessoas com as quais me identificava. Afora isso, somente a vontade de morar perto do rio, estava conseguindo concretizar. Ele levantou as sobrancelhas e riu.

Receitou-me remédios à base de corticosteroides para combater a vermelhidão e borbulhas, e, para evitar a evolução do problema, orientou-me quanto a alguns cuidados: não ingerir alimentos gordos, álcool, bem como reduzir o consumo de condimentos muito intensos e pesados. Nenhum problema quanto a isso. Passei numa farmácia e comprei os medicamentos.

Depois, entrei numa livraria e comprei um presente para Nonô. *O pequeno príncipe*, de Antoine Saint-Exupéry.

– Oba! – alegrou-se. – Vou começar a ler, hoje mesmo.

Almoçamos num restaurante do centro da cidade e voltamos ao hotel. Nonô deixava transparecer sua felicidade com o livro. Telefonei para Cíntia e Simone, com as quais marquei encontro no largo da cidade. Dormi a tarde toda, enquanto Nonô lia. Quando acordei, ele já havia avançado em mais de trinta páginas.

– Parabéns! Você já “devorou” uma boa parte da estória. Não sabia que lia tão rápido.

– Estou no terceiro ano.

– Que bom!

– Só que eu não estou estudando.

– Eu sei. Mas voltará a estudar, em breve.

– Você não sabe o que descobri...

– O que descobriu?

– Que o pequeno príncipe gosta do pôr do sol, que nem você.

– Ah! É verdade...

– Eu achei incrível, porque num só dia ele viu o pôr do sol quarenta e três vezes.

Perguntei-lhe se estava gostando do livro e ele me respondeu no seu sotaque tipicamente regional: – “Tô mesmo”!

Arrumamo-nos para o passeio no Largo de São Sebastião, no centro da cidade.

Havia uma programação de artes, com filmes e música, em volta do suntuoso Teatro Amazonas. Nonô passeou de bondinho, assistiu aos filmes projetados no telão e caminhou pela praça, enquanto nós três conversávamos, sentados à mesa de um dos bares, bem à frente de antigos casarões da época áurea do comércio da borracha.

– Pensei que eu não voltaria a vê-lo, depois da carta... – disse-me a amiga Simone.

– Não há distância que separe os amigos – respondi-lhe. Ela riu.

Fora uma boa ideia chamar para o encontro junto com Cíntia aquela que nos últimos anos vinha sendo a minha amiga confidente, Simone. Houve um entrosamento imediato entre as duas.

Enquanto conversavam, eu pensava sobre a maneira de como resolver aquela estranha situação...

Parecia prestes a virar anfíbio, quando o princípio evolutivo pregava justamente o contrário.

‘De onde vim, exatamente? O que se passa comigo? Será possível que eu esteja virando um homem-peixe, semelhante ao personagem do mito caldeu, enveredando por um processo metamórfico, involutivo?’

Que estava em andamento uma regressão, disso eu não tinha dúvidas! Havia sido visitado por Tiamat, personagem dos meus sonhos de criança, com quem vivenciara inúmeras aventuras ao redor das civilizações... Enveredara pelos conhecimentos iniciáticos da Ordem Hierárquica dos Dragões da Sabedoria... O que mais estaria faltando? Virar um sáurio voador?

Oannes, o homem-peixe, fora o avatar Matsya, primitiva manifestação corporal de Visnhu, aquele que preparou os primeiros homens sábios, ou iniciados e adeptos, para a Hierarquia das Serpentes e Dragões da Sabedoria. ‘Mas quem sou eu? A única coisa que sei é que cheguei da Índia, ainda menino. Não tenho lembrança de pessoas, sequer da minha mãe, embora me lembre de lugares, especialmente da geografia de lugares por onde passei, ou que talvez nunca tenha estado, mas que conheço de alguma forma.’

Envolvido em meus pensamentos, não atentei para o diálogo entre as duas amigas. De repente, fui chamado a participar da conversa. Dizia a estudante de psicologia para a minha amiga professora de Inglês que já não havia variações genéticas consideráveis entre as populações europeia, asiática e africana, para que fossem classificadas de formas distintas; e que também não havia diferenças consideráveis entre o código genético humano e de outros animais.

– Dessa forma, o conceito de raça perde totalmente o sentido! – observei.

– Os estudos realizados no projeto Genoma demonstraram que a classificação biológica anterior era subjetiva e cultural. Hoje, somos classificados *Homo sapiens sapiens*, onde *Homo* é o nosso gênero; o primeiro *sapiens*, nossa espécie; e o segundo, a subespécie.

– Que avanço, hein! – exclamou a amiga Simone.

– Para a medicina, principalmente. O mapeamento genético possibilita descobrir as causas e a cura de muitas doenças.

– Tenho receio do que possa ser feito a partir dessas descobertas...

– Você tem razão, Oannes. Trata-se de uma questão polêmica e delicada, que precisa ser pautada na ética. Hoje, a pergunta que se faz é: quais as pequenas sequências de DNA que nos fazem humanos? Porque já sabemos que a diferença do código genético do homem para o do seu parente mais próximo – o chimpanzé – é de apenas um e meio por cento.

– Somos um rio de DNA, já disse o evolucionista Richard Dawkins. E também todos em um, segundo o homólogo chinês Hen to pa – o “um

é o todo” –, a sabedoria de Shankara e Sai Baba, transmitida de geração a geração, pelos alquimistas.

– No caso dos nossos parentes próximos – os primatas – é provável que entre vinte e um e trinta e três milhões de anos essa distinção se tenha iniciado, com a duplicação do gene, criando características mais novas e específicas para os seres humanos – explicou-nos Cíntia.

– Não há mesmo base científica para o preconceito – afirmei.

– É verdade! – ela concordou. – ...Além do mais, foi o fator geográfico que definiu o intercâmbio de genes entre a espécie humana. O processo de dispersão para os continentes europeu, asiático e africano deu origem às populações branca, amarela e negra.

– Você está se esquecendo da vermelha... – argumentei.

– Qual?

– A população do continente americano.

– Ele se refere aos toltecas, descendentes dos atlantes, Cíntia!

Oannes tem perseguido a teoria da existência de continentes que submergiram – disse Simone.

– Ah! Por isso, os estudos... – inferiu a doce menina.

– Tenho buscado respostas nos ensinamentos arcaicos. O que percebo é que muitas informações ocultas têm mais coerência que muitas verdades científicas.

– A gente se acostumou a pensar que a evolução da vida remonta há apenas alguns milhares de anos, mas não é verdade. Concordo com Oannes, quando afirma que há muitos ensinamentos ainda não revelados, coisas que desconhecemos e que já aconteceram há muito tempo na Terra – disse Simone.

Fiquei entusiasmado em conversar sobre temas tão pouco considerados. Não sabia por que essas questões mexiam tanto comigo, ou porque mexiam comigo mais do que com outros indivíduos. Ao meu lado estavam duas pessoas interessadas em aprofundar esses conhecimentos. Isso me confortava.

Como um ser da água, precisava dessa energia para viver e respirar. Disse isso às minhas amigas, tão logo pediram a minha opinião. Mais: declarei minha paixão pelo rio Negro e seus mistérios...

Pensei naquele ser ígneo a espalhar centelhas na noite escura, a visitar meus sonhos, a emergir das profundezas da Terra, rasgando o rio, fazendo com que tudo se manifestasse por meio da sua substância; como se comportasse todos os elementos, um espírito da trindade cósmica primordial: fogo, água e ar.

Não era novidade para as amigas que eu estivesse num momento introspectivo. Quando deixei a cidade, procurava nova orientação para a minha vida, a fim de evitar as doenças da alma que tão comumente atingem a nossa sociedade moderna. Fugia da ignorância, mas temia a loucura. A dicotomia entre corpo e alma me exigia um realinhamento espiritual, que somente seria possível se mergulhasse no mais profundo oceano interior e dissolvesse todas as rochas escondidas nas crateras da alma, que aprisionavam meu ser. A cura viria, acreditava, com o rompimento da visão maniqueísta, que divide o mundo em contrários (como se fosse possível separar a flor do espinho, a água do fogo...). Tudo era alquimia. A própria Terra era alquímica. A divindade, a matéria-prima, a pedra filosofal – Deus! – haveria de se manifestar. Para tanto, precisava fluir como o rio. E isso era tão sutil, como as águas brotando das rochas.

Cíntia disse lembrar-se de um professor que residia no baixo Amazonas e que tinha muito interesse por todas essas questões. Assistira a uma palestra sua sobre mitologia, que muito lhe interessara.

– Se você quiser, passo-lhe o endereço. Você gostará de conversar com ele.

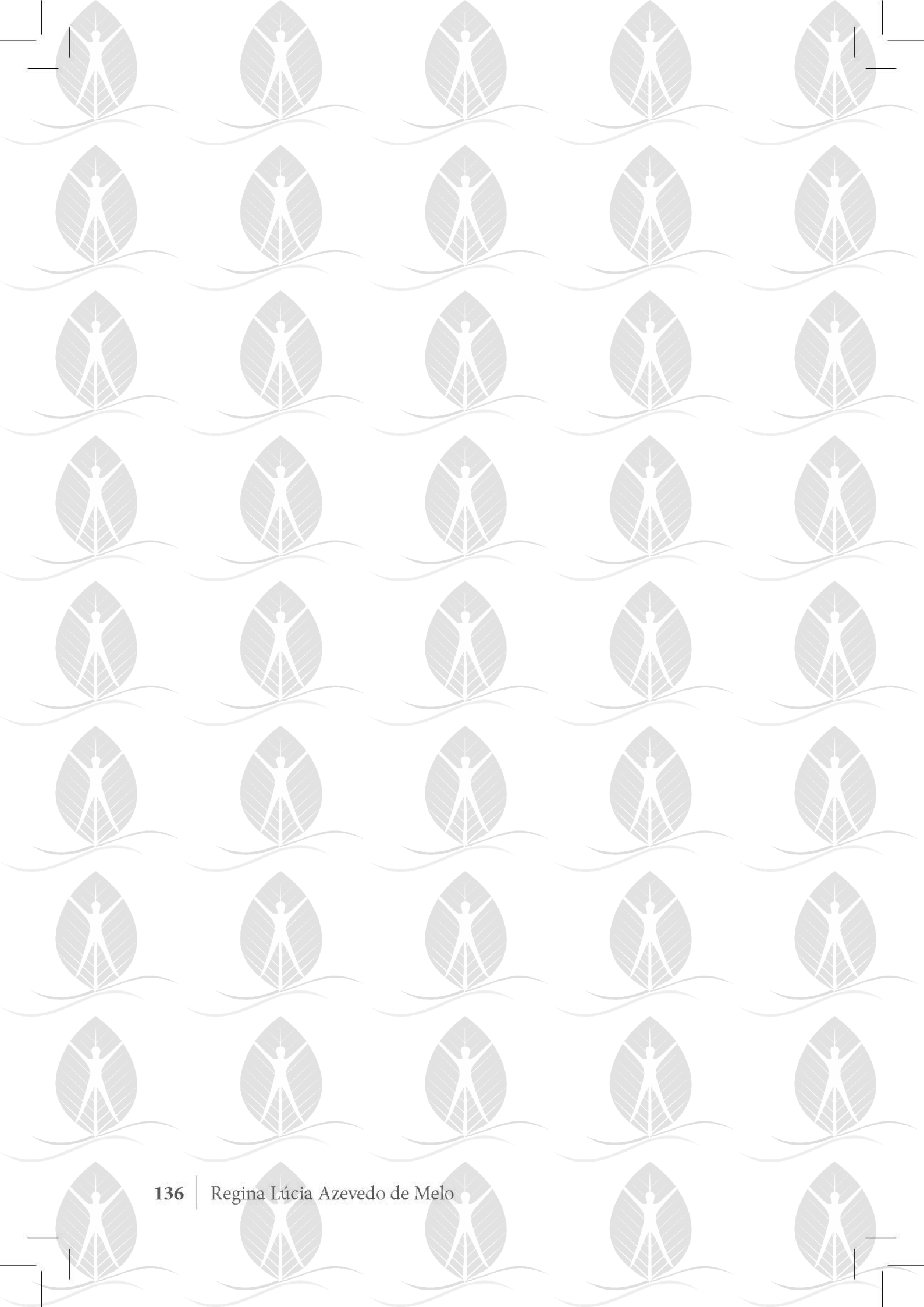
– Serei grato a você, por isso... – respondi-lhe.

Nonô se aproximou para pedir-nos um saco de pipocas.

Conversamos sobre Júlia. Cíntia comprometeu-se a acompanhar o seu tratamento e nos informar sobre a sua recuperação, bem como lembrar Elisa de providenciar a cópia da documentação de Nonô.

Descobri que algo muito sutil separava a esquizitise de Júlia da minha busca espiritual; a melancolia de dona Maria, do conflito de Ubiracy; a psicologia profunda da menina Cíntia, da corajosa liberdade de Nonô. Todos nós éramos meio órfãos, mas parecíamos intrinsecamente ligados por algo familiar. Tínhamos uma jornada a empreender. Precisávamos acolher os fantasmas, sonhos, imagens, impulsos afetivos que despontavam de nós como mensagens divinas a nos exigir a retroalimentação das nossas energias.

Não era uma fácil tarefa. Admitirmos a prisão escura de nossas vidas custa-nos muito e me faz lembrar o simbolismo alquímico do Etna: “está gelado, mas queima”.



XXI O TERCEIRO OLHO

*Se queres conhecer o invisível,
abre os olhos ao visível*
Axioma talmúdico

Embarcamos de volta ao sítio, ao final da manhã. Nonô vinha calado. Eu, confiante, porque as notícias sobre Júlia eram alvissareiras. Cabia-nos aguardar a sua recuperação e prepararmos a sua volta. Apesar de vê-la naquelas condições, sem um acompanhamento profícuo dos parentes, dava certo alívio saber que estava sob cuidados médicos e que poderia voltar ao convívio de todos, em breve. Além disso, contávamos com o apoio de Cíntia, que ficara de acompanhar seu caso para nos informar sobre o término da internação, a fim de providenciarmos o seu retorno.

Navegávamos novamente, eu e Nonô, nas águas do Negro, o rio que lembrava o Estige, como definira Wallace, quando aqui esteve, com Bates, em 1848 – não fossem suas ‘alvas areias’ a rebrilhar ‘laivos dourados’. Sem dar as nove voltas no globo terrestre, como o outro, infernal, o Negro é empurrado pelo Solimões, mas permanece com sua resistência férrea.

Era difícil não voltar a pensar que sua história geológica datasse de antigos continentes. E que os primeiros pedacinhos de terra que se juntaram, há três bilhões e meio de anos como resultado da lava que jorrou de vulcões submarinos, tornaram-se partes do território brasileiro, que se consolidou há quinhentos e cinquenta milhões de anos. Antes, porém, há seiscentos milhões de anos, a bacia amazônica havia iniciado a sua formação.

Considerava essa descoberta fantástica. A informação mexera tanto comigo, que me levava a investigar a esse respeito. Então, as terras brasileiras possuem formação sedimentária arqueana? E a plataforma amazônica, formada a essa época, juntamente com as plataformas das Guianas e do São Francisco, está entre os crátons mais antigos da história geológica da terra?

Continuamos nossa viagem. O dia se mostrara nublado, mas o sol teimava em aparecer entre as nuvens de chuva. A atenção de Nonô

voltava-se para a paisagem verde-negra que a floresta projetava no rio. Ao vê-lo assim, a olhar tão compenetrado para a natureza amazônica, senti que éramos muito parecidos. Seus olhos amarelados e sua pele alva como a bruma nada tinham a ver com meus olhos esverdeados e minha pele negra, quase azul. Mas ao seu lado, sentia-me como um irmão mais velho.

Ambos desconhecíamos o medo. Como eu, Nonô demonstrava não ter medo algum. Não precisei vencer o dragão, porque o dragão era meu amigo. Ingenuamente, também Nonô fora jogado no universo da criação. Parecia viver a sua vida, sem nada temer.

Tínhamos, entretanto, uma diferença: enquanto eu buscava descobrir a ligação que possuía com este lugar, ele nem se importava, já sabia no seu íntimo que pertencia a este mundo. Era livre no seu desejo de ir e vir. Pra mim, no entanto, isso implicava em resgatar minha verdadeira identidade. Precisava descobrir quem eu era, já que vivera bastante tempo sozinho com um primo distante, com quem minha mãe deixara-me ainda criança – exatamente na idade em que Nonô se encontra agora. Nunca mais tive notícias suas.

Mas não apenas eu e Nonô tínhamos algo em comum. Cíntia, Ubiracy e dona Maria também comportavam semelhanças. Nonô tinha a mãe-metade, pelas dificuldades de exercer a maternidade. Cíntia era filha de mãe ausente, que nem chegara a conhecer. Ubiracy, que teve a mãe ao seu lado, arranjara um jeito de trazê-la de volta, reverenciando a sua memória. E dona Maria? A impressão que me dava era de que tinha uma carência maternal. Por sinal, isso era algo que gostaria de saber. Qual seria a imagem que aquela senhora guardava de sua mãe?

Meio órfãos, como na verdade todos nós somos, estávamos juntos por alguma circunstância que nenhum, talvez, saberia dizer qual era. Rompemos com o cordão umbilical que nos unia ao mundo-mater e fomos jogados na orfandade, quando desabrochamos para a vida. Eu me acostumara com a solidão em meio a tanta gente. No entanto, agora havia encontrado pessoas que me pareciam familiares.

Até a ansiedade diminuía. A sensação de liberdade que este rio despertava em mim extrapolava o desejo de admirar suas águas empurrarem troncos, correnteza abaixo. Era algo que me atraía para dentro do seu manto negro, como se ali eu pudesse suprir a ausência do leite materno, encontrar o ventre da mãe que me expelira para o mundo.

Entrar e sair da cidade fora importante para constatar que agira corretamente ao decidir pelo caminho das águas, para ter a certeza de que a floresta era exatamente o que buscava para a minha vida. Não

precisava mais correr para chegar ou voltar a lugar algum; podia me deixar levar, agora, pelo barco que subia o Negro, conforme o leme do comandante o conduzia. Não tinha mais pressa. Aquela correria que me levava a dormir sem dormir, acordar sem acordar, trabalhar por trabalhar – nada disso me importava mais. Afinal, era tudo tão dual, maniqueísta, antagônico. E eu precisava da composição da natureza, polifônica, harmoniosa; indispensável para fazer-me sonhar, fazer com que a vida tivesse sentido.

Por isso vim beber da seiva da floresta. Aqui haveria uma ponte a me conduzir para um caminho novo, iluminado; uma ponte a me transportar para um ambiente divino, junto a Shiva ou Shakti, Sin, T'ai Yuan, Bodhisattva; fossem eles da Índia, Babilônia, China, Tibete... Precisava de um deus andrógino, que fosse pai e mãe a um só tempo. Um deus que pudesse fazer a travessia para o centro, sem perder a totalidade. Que fizesse com que a essência permanecesse única. E quando precisasse chamá-lo para que me dissesse quem eu era, para que me fizesse sentir a sabedoria divina de me perceber vivo sem me macular ou me perder num embaraçoso doutrinamento, com os pensamentos enraizados em tolas convicções, ele viesse com toda a sua força e me libertasse.

Era esse deus que buscava. Mas meu sentimento era de que algo me faltava, como se tivesse ficado para trás, na memória da Terra. Algo partido, tal como expusera Aristófanes, em *O Banquete*. Como se o rompimento do cordão umbilical tivesse essa natureza andrógina, a nos acompanhar por toda a vida.

Quis o destino que fôssemos filhos de Hermes e Afrodite, natureza proto-humana; espírito fecundante e fecundidade plasmante: hermafrodita. A mediação divina de Hermes e o fogo amoroso de Afrodite fizeram com que espírito e substância se juntassem em nós, numa alquimia de mistérios tão profundos que a alma permaneceu em local ignorado. Ainda hoje lutamos por compreendê-la e localizá-la. Daí a nossa ligação com o divino ser mais forte que o físico e o espiritual. Como se tivéssemos a morte impregnada na alma.

O aroma da cozinha chegava até nós. Chamei Nonô para o almoço. Depois, voltamos a nos estender na lateral do barco, onde, recostados, apreciamos a paisagem, com o vento frio a soprar-nos a pele, situação rara no Amazonas.

Encontramos Ubiracy fincando as estacas para a construção do bai, ajudado por dois moradores locais. A escolha do local se deu a oeste da casa, a pouco mais de duzentos metros. Acenei com a mão

para eles e adentrei com Nonô, a casa, para deixarmos as mochilas e conversarmos com dona Maria, que já terminava de coar o café para nos servir. Sentada, ao nosso lado, ouviu atentamente o que dissemos sobre Júlia e o seu provável restabelecimento. Conforme o médico, Júlia poderia ficar no hospital até que apresentasse melhora no seu quadro de saúde. Dona Maria me pareceu aliviada, pois suspirou profundamente e me deu um beijo no rosto, agradecida.

Subi para trocar de roupas e descí de bermudas, com algumas peças à mão, que ela se ofereceu, gentilmente, para lavar; pelo que dispensei, educadamente, evitando que o forte odor exalado de medicamento viesse a ser motivo de algum comentário indesejado.

Depois de lavá-las e estendê-las no varal, fui ao local de construção do bai. Ubiracy estava feliz com o andamento da obra. Disse acreditar que a casa sagrada dos Boe estaria concluída até o final do ano. Os dois ajudantes, Clóvis e Sebastião, sugeriram inaugurá-la na véspera de Natal, ao que Ubiracy prontamente acatou, convidando-os para estarem presentes, na ocasião.

Faltavam dois meses para a festa religiosa, evento que a comunidade cristã gosta de comemorar de forma gastronômica, após assistir à famosa “missa do galo”. Seria a oportunidade de reunir todos; quem sabe, até Júlia, nesse importante evento de inauguração do espaço.

Ajudei-os a carregar algumas peças de madeira para um galpão improvisado próximo à construção do bai. Depois deixei aos amigos o ofício, para usufruir de um passeio pela beira do rio.

O final de tarde irradiava uma luz trina, que se manifestava como fonte de vida, fertilidade e fecundidade, como acredita a maioria das religiões. O céu mostrava-se riscado de azul com amarelo, rosa com azul e amarelo com rosa. Ora mais, ora menos, intercalavam-se, gerando a chama sétupla, que se estendia pelas águas do Negro. Uma matéria-prima de fazer inveja a Tales de Mileto, que acreditaria serem essas águas um elemento divino, de onde Deus retirou a inteligência para gerar a vida. Platão também as encararia como a “alma do mundo”, aquilo que “compõe e decompõe os corpos compostos”. Águas de todos os povos e de todos os deuses; prakiti, onde o ovo cósmico, Bramanda, foi chocado e Narayana, o deus hindu, flutuou, fazendo com que de seu umbigo brotasse a árvore cósmica. Água de Fórcis, Proteu, Nereu, Poseidon, Netuno, Zeus, Tritão, Glauco. Mas não apenas. Água de Tétis, de ondinas, nereidas, sereias. Ou, antes de tudo: águas primevas, águas únicas, primeiro oceano, rio da criação.

Mergulhei.

À mesa do jantar, comentei com Ubiracy que deveria retomar minha viagem.

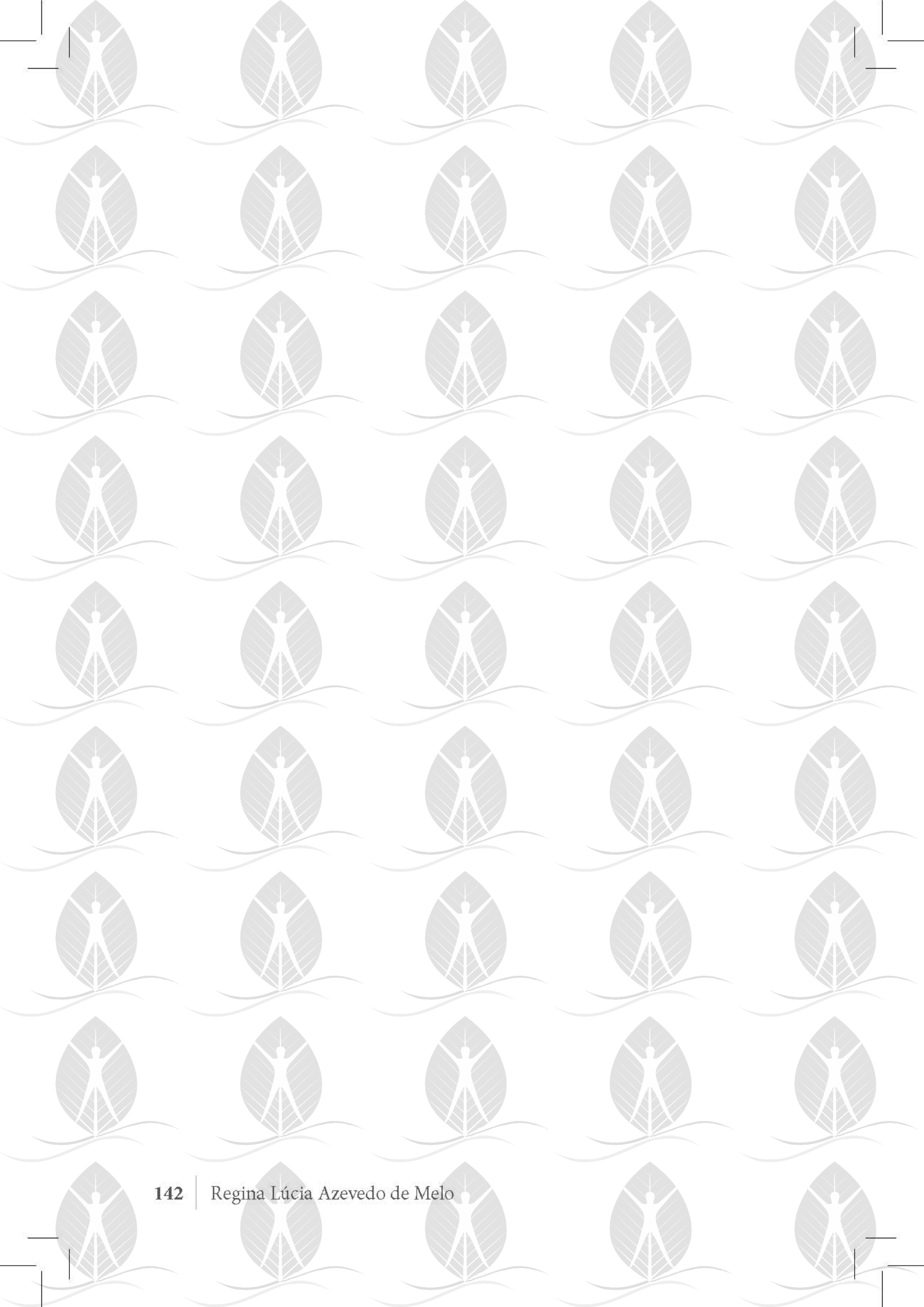
- Para onde você vai? – perguntou-me.
- Para o baixo Amazonas. Devo me encontrar com um professor.
- Oannes! Posso ir com você? – pediu-me Nonô.
- Não sei. Precisamos saber se dona Maria consente...
- Se não for atrapalhar o senhor... – ela falou.
- Não vai atrapalhar, não.
- Oba! – alegrou-se Nonô.
- Então, está combinado: você vai comigo!

Mais tarde, no quarto, em postura yogue, exercitava a posição da montanha, procurando, com isso, alongar a parte superior do corpo. Uma fina dor de cabeça me fizera pedir licença a todos para recolher-me aos aposentos. Com os olhos fechados, massageei levemente a testa, localizando e apertando com firmeza o ponto central de onde provinha aquela dor aguda, buscando, com isso, liberar a tensão que comprimia a minha cabeça. Exercitei a respiração prānāyāma para limpar o caminho espiritual, susumnā, e fazer acordar a serpente adormecida na base da coluna vertebral.

O raio vermelho-escuro ativou na minha mente o “ajna”, poderoso centro de visão astral, despertando em mim um sentimento ainda não experimentado. Na Índia, o terceiro olho, ou “olho de Shiva”, é considerado um remanescente do olho ancestral, que costuma ser despertado na maturidade da nossa consciência. É a intuição espiritual. Seu poder cósmico, concentrado em dobras de matéria cinza-avermelhada, é a ligação com o sagrado.

Senti a energia de kundalini a me guiar por um caminho desconhecido, num tempo remoto, onde me vi circundado por um grande mar de leite, o rio-oceano.

Toda a Terra suave. Estranhas convulsões ocorriam no interior das rochas. Lá fora, chovia. As fendas das crostas enchiam-se de água e transbordavam. Um único e vasto oceano formava-se. A Terra construía sua alma... Quando a alma ficou pronta, a Terra engravidou e começou a gerar seus primeiros filhos: moluscos, caracóis, ostras, estrelas-do-mar, corais, medusas, esponjas, escorpiões-do-mar e caranguejos-ferradura.



XXII O UMBIGO DO MUNDO

A ciência sem a religião é aleijada. E a religião sem a ciência é cega

A. Einstein, Escritos da maturidade

Iniciamos nossa aventura pelo umbigo do mundo. Não o umbigo das cercanias do Monte Parnaso, onde estava localizado o Oráculo de Delfos. Ou a lendária Rapa-Nui, Ilha de Páscoa – a Shambali (ou Shalmali), de Haeckel – remanescente de Lemúria, a oeste da costa da América do Sul. Nem mesmo Cuzco – como pensaram os andinos. O ônfalo era mesmo aqui, no ponto onde as águas se encontram; nesta floresta de cinco milhões e meio de quilômetros quadrados, que abriga a maior biodiversidade do planeta, e cujos rios respondem com vinte por cento de toda a água doce dos oceanos; uma floresta que armazena centenas de trilhões de toneladas de carbono e libera outros trilhões de toneladas de água, para a atmosfera. Aqui é o umbigo do mundo, por onde correu e continua correndo o Rio de Leite.

Fora necessário descer à capital para embarcarmos. Atei nossas redes, em meio a tantas outras, e Nonô, cansado, logo adormeceu. No início da noite o barco partiu do cais do porto. Subi ao andar superior da embarcação para observar as estrelas. A noite estava bem iluminada.

Deixamos as águas pretas e adentramos as barrentas e volumosas águas do Amazonas, cuja velocidade crescente empurra o Atlântico por quilômetros de distância, até a noite de lua nova, quando, vencidas, provocam um fenômeno conhecido como “pororoca”, que derruba barrancos e árvores do caminho e modifica o leito do rio.

O local para onde nos dirigíamos ficava muito antes da pororoca. Uma ilha chamada Nhamundá, localizada na margem esquerda do rio que leva o mesmo nome, entre os Estados do Amazonas e Pará. Terra das mulheres guerreiras ykamiabas, portadoras dos amuletos da “boa sorte”, o muyrakytã. Ali, morava a pessoa com quem iria me encontrar. Estava previsto chegar à cidadezinha entre um dia e meio a dois.

Quedei-me diante dos sonhos que se alvoroçaram sobre mim.

Acordamos com o cheiro do primeiro café, às seis da manhã. O barco viajava a pleno movimento.

– Vamos lavar o rosto, escovar os dentes? Hein, hein, garoto? – mexi com Nonô, fazendo-lhe cócegas.

Ele pulou da rede e nos dirigimos ao banheiro. Lá, aguardamos em fila, pois havia outras pessoas à nossa frente. Enquanto esperamos, pusemo-nos a admirar o movimento das águas. Era incrível, mas tanto eu quanto Nonô parecíamos atraídos por elas. Bastava que parássemos um pouco e logo ficávamos assim, feito dois lesos, abobalhados. Olhando... Olhando... Tínhamos de ficar sempre olhando. Parecia que as águas enfeitiçavam a gente.

Um único oceano, mas com características peculiares. Ora doce, ora salgada, ambas nutritoras. Rios de leite, como são consideradas todas as águas, mesmo diferentes. Um segredo que talvez esteja na diversidade da natureza – que as transforma, mantendo a unidade. As águas mudam de cor e consistência, dependendo do lugar por onde correm. Mas todas se resumem no mesmo leite materno.

Na Amazônia, o rio de leite tropical também muda de cor, de acordo com o material que encontra pela frente. Fica amarelo, se turva nos terrenos aluviais ou argilosos. Preto, se brota de dentro da floresta, em meio a restos de folhas, raízes e outros vegetais em decomposição. Quando azul, vem das montanhas, rochas e areias.

Olhando assim, de longe, o Amazonas me parecia uma imensa sopa, de tão caudaloso e quente que se apresentava.

Foi Nonô que me chamou a atenção para outra faceta do rio de águas brancas.

– Então pra você, ele tem cor de café com leite? – perguntei.

– Você não acha?

– Acho sim! – concordei. – Você sabe por que ele tem essa cor?

– Por quê?

– Pela quantidade de sedimentos. Noutras palavras: lama, que vem das terras altas, onde ele nasce.

– E onde ele nasce?

– No alto de uma grande montanha de gelo, a cinco mil metros de altitude. Num riacho chamado Huarco, que fica no Peru, país que faz fronteira com o Brasil.

– Sério? Ele vem de outro país?

– Vem. E antes de chegar ao Brasil e receber o nome de Solimões, troca sete vezes de nome. Só depois que se encontra com o Negro é que vira rio Amazonas. É o maior rio do mundo em tamanho e quantidade de água. Antes se pensava que o maior rio era o Nilo, que fica no norte

da África, outro continente. Mas depois se descobriu que, além do rio Amazonas ser o primeiro em volume de água, também o é em extensão em cerca de cento e quarenta quilômetros.

– Uau! Então nós estamos no maior rio do mundo?

– Exatamente. Você ainda vai saber mais sobre este rio, quando voltar a estudar. O rio Amazonas tem seis mil, quinhentos e setenta quilômetros de extensão. É um rio muito grande.

Sua fisionomia mudou.

– O que foi, Nonô?

– Bem que você disse que ele tinha lama... – resmungou.

– Por que você está falando assim?

– Parece que só tem barro. O meu rio é mais bonito.

– É por isso que essas águas são chamadas de barrentas. Você está acostumado com o rio da sua cidade, que tem a cor preta por causa da decomposição de materiais orgânicos – folhas, raízes, troncos e frutos – e também pela areia que existe no fundo das suas águas. O rio Amazonas é diferente, porque recebe com mais intensidade as águas do Solimões, que nasce na grande montanha gelada, num local de deslizamentos de terras.

– Sêrio?

Confirmei com a cabeça. – Se bebermos dessa água é como se estivéssemos bebendo um pouco da montanha dos Andes, que são esses sedimentos trazidos desde lá de cima, rio abaixo.

– Credo!

– O que foi?

– Então a montanha está derretendo?

– Parece que sim. Têm outras montanhas de gelo no planeta que também estão derretendo.

– Nossa, Oannes! Isso é muito perigoso!

– Se é!

– Se isso acontecer, vai alagar tudo...

– Você é bem sabido. Vamos lá, chegou a nossa vez. Deixemos as águas cor de café com leite seguirem o caminho delas. Nós vamos atrás...

Escovamos os dentes e fomos para a cozinha do barco para a nossa primeira refeição do dia. Sentamos, eu e Nonô, num banco comprido, junto aos outros passageiros.

Minha disposição estava em alta porque, finalmente, conseguira desancorar, partir sobre as águas, como desejara desde o início. Mas

partir não era apenas o que eu queria. Queria também chegar nalgum lugar, que eu não sabia exatamente onde ficava; tampouco qual seria.

Um ótimo indício de como eu me encontrava bem foi ter parado de fumar por aqueles dias. Não sentia falta do cigarro que me acompanhara havia alguns anos e que vinha, aos poucos, alterando o meu estado de humor. Nem sentia as incômodas coceiras no corpo, ou a ardência na pele.

A viagem durou dois dias. Chegamos aos rios de águas claras de Nhamundá, num final de tarde...

Abri, novamente, o papel com o endereço do professor.

Benjamim era o seu nome.

Com as mochilas às costas, saímos atrás de sua residência. Encontramo-la na esquina de uma das principais ruas da pequenina ilha, circundada por uma cerca de madeira, pintada de branco. Fomos recebidos por uma mulher de aparência jovem, que nos encaminhou a uma extensa varanda, com muitas flores e plantas, onde aguardamos o professor.

Também jovem, ele nos cumprimentou sorridente. Disse-nos que havia chegado naquela manhã de Santarém, município vizinho, onde fora participar de uma reunião para discutir problemas relacionados à extensão da pecuária bovina no Amazonas.

– Estamos travando uma luta árdua, por aqui – disse.

– Imagino...

– Foi um erro do governo brasileiro, durante o regime militar, apostar em pecuária no Amazonas. O que se perde com área desmatada não se ganha com as cabeças de gado. Precisamos de atividades que possam manter a floresta em pé, como a piscicultura, os produtos florestais não madeireiros, os alimentos vegetais, o artesanato... Mas é difícil. A maioria das pessoas quer ser pecuarista.

– É mesmo uma situação preocupante.

– A soja também é outro problema! Muitos prejuízos, desde ambientais a fundiários... Se ficarmos enumerando, vamos desfiar um rosário! Estamos fortalecendo as associações para ampliarmos essas lutas.

– Você está certo!

O professor transparecia preocupação, embora com esperança de virar o jogo.

– A verdade é que não podemos vacilar. Toda atenção ainda é pouca.

– É uma luta diária!

– Vamos nos sentar! Desculpe-me o desabafo!
– Entendo perfeitamente. Não quero tomar seu tempo. Vim por indicação de uma aluna da Universidade. Sou Oannes, também professor, embora afastado das atividades acadêmicas. Este aqui é Claudionor, meu amigo! Mais conhecido como Nonô.

– Como vai?

– Bem! – respondeu Nonô.

– O que me traz aqui, na verdade, são questões, digamos, pessoais. Adoeci e vim em busca de um tratamento espiritual.

– Não se iluda! Como vê, aqui também estamos cheios de problemas... – disse, num sorriso.

– Soube que esteve recentemente na capital...

– Hoje, me divido entre as atividades associativas e aulas especiais. Yara, minha esposa, está concluindo o mestrado, em Belém.

– Então tive sorte de encontrá-lo.

– De certa forma, sim. Embora estejamos sempre por aqui.

A jovem senhora aproximou-se de Nonô e o convidou a entrar na casa.

– Com licença. Estou preparando o jantar – disse, desculpando-se.

Não sabia como abordar o problema, o que no íntimo se passava comigo. Como dizer-lhe que minha memória registrava iminente perigo, que meu cérebro sinalizava a aproximação de eventos catastróficos e que na floresta essa consciência parecia ativar-se. Como explicar tudo isso, sem que me tivesse como maluco?

Disse-lhe:

– Há algo que me vem incomodando profundamente. Sinto no meu organismo sinais de vulnerabilidade do planeta.

– Sei o que sente! Há uma relação simbiótica entre os seres vivos e a Terra. É natural que capturemos esses sinais de risco.

– Há uma tese que relaciona os registros da natureza à reorganização das moléculas físicas da matéria que compõem o cérebro. Segundo antigos pergaminhos tibetanos, os eventos passados encontram-se armazenados na memória da Terra e, conseqüentemente, na nossa.

– A Terra é o repositório da sua história – disse Benjamim. – Tudo que aconteceu com ela incidiu no que se criou nela e sobre ela; em todas as formas de vida que surgiram dela. O seu comportamento é o registro dessa memória. É por essa razão que tudo que age sobre a Terra, age também sobre todos nós e vice-versa.

Pensei nas sete experiências místicas, pelas quais teria de passar. Quatro já me haviam sido reveladas. ‘Não sonhamos com o que não existe. Não imaginamos o que não pode ser imaginado. Em suma, tudo que é despertado em nós faz parte da natureza. Existe, de alguma forma...?’

– Você acredita em eventos geológicos experimentados pela Terra, que teriam incidido na submersão de continentes? – perguntei-lhe. – A Pacífica...

– Lemúria!

– Sem dúvida! Apesar do tempo geológico não se coadunar com o tempo mítico. A submersão dos continentes parece ser mais remota do que a hipótese de existência dessas civilizações. Não importa o nome que se lhes deem: Lemúria, Pacífica ou Gondwana; existem evidências para que essa hipótese seja creditada, ainda que muitos míticos tracem períodos que não se encaixem com o tempo geológico dos cientistas.

– Cientistas também já erraram, e muito, sobre o tempo geológico.

– É verdade! – concordou o professor. – Entendo sua preocupação. E sei aonde quer chegar. De uma coisa eu não tenho dúvida, a Terra está prestes a repetir eventos parecidos.

– Um novo dilúvio?

– ...Novas alterações geográficas.

Criava coragem para lhe falar sobre o meu problema pessoal. Senti que o professor Benjamim poderia me ajudar na solução para as escamações na pele.

– Há algo que preciso mostrar-lhe. Você se importa? – Comecei a desabotoar a blusa. – Posso?

– À vontade...

Desnudei minhas costas escamadas.

– Estou desenvolvendo escamas no corpo. Há mais, nas nádegas.

– Que estranho! Parece um caso raro de dermatose.

– Já procurei um especialista, mas não está adiantando muito. Elas continuam surgindo.

– Você podia tentar outra forma de tratamento – arriscou o professor.

– Qual?

– No médio rio Tiquié há um pajé que talvez possa lhe ajudar. Acho que deveria tentar. Há dois anos, estivemos, eu e Yara, percorrendo aquelas regiões e conhecemos seu poder curativo.

– Gostaria muito.

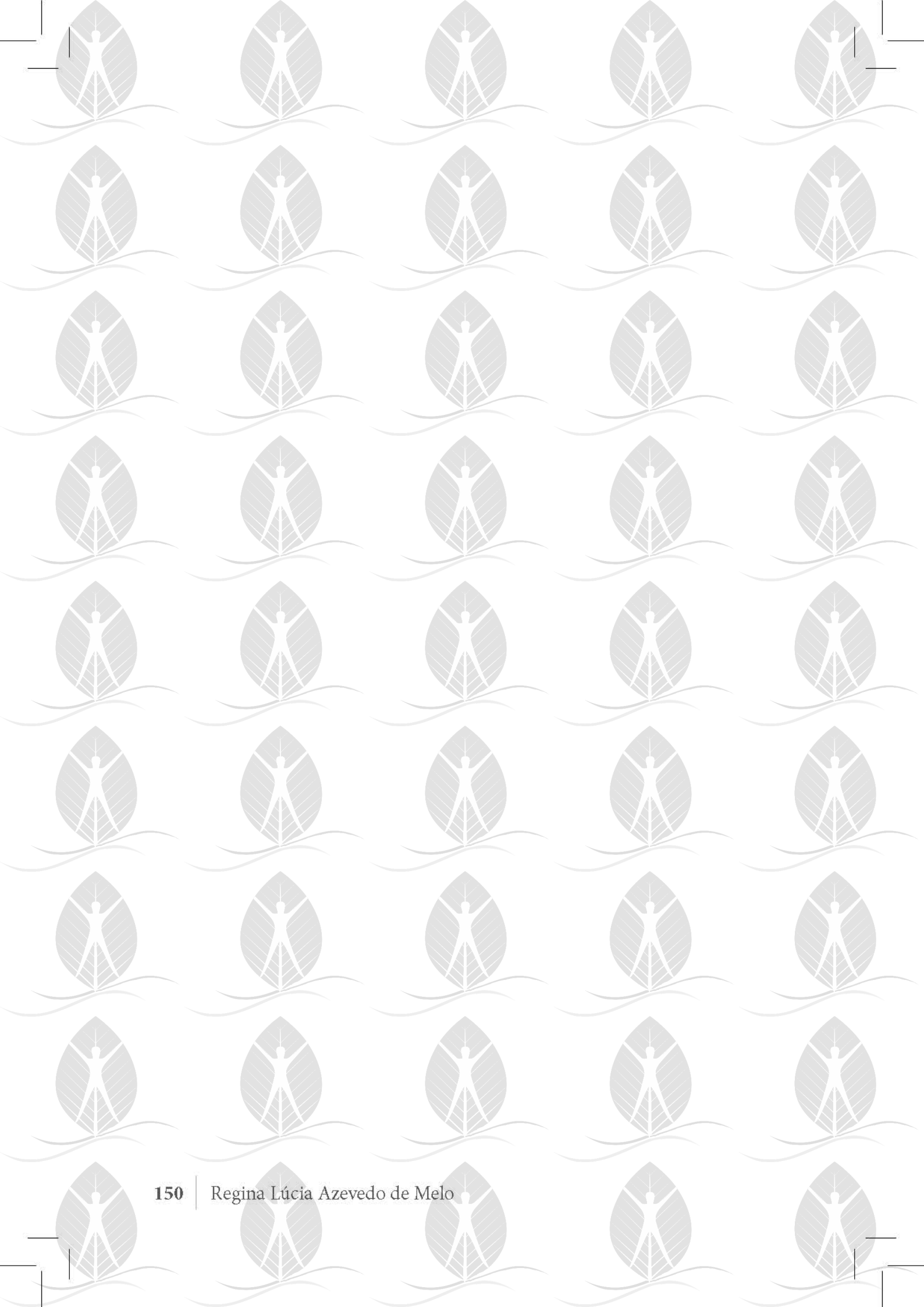
– Vou pegar o contato pra você.

Enquanto o professor se retirava para buscar o endereço do pajé, eu antevia os acontecimentos. A minha cura provavelmente estivesse mais relacionada às questões espirituais do que supunha.

Benjamim entregou-me um mapa com referencial geográfico da residência do pajé curador e da instituição indígena que deveria procurar para me auxiliar na viagem. Depois, ele e a esposa convidaram-nos para sentarmos à mesa do jantar, ao que prontamente aceitamos. Contaram-nos como chegaram à região do baixo Amazonas, motivados pelo desejo de proteger da depredação a serra mítica, conhecida como Monte Ykamiaba. E, como juntos a outras pessoas, estavam organizando uma associação para defendê-la de mineradores.

Foi uma noite mágica. Conhecemos alguns mitos contados pelos dois, de forma divertida e bem-humorada. Agradei a boa receptividade e a ajuda prestada pelo professor, no meu caso particular. De volta ao barco, atamos nossas redes e nos deitamos. Acordei, mais tarde, quando já navegávamos pelo encontro das águas do rio Nhamundá com o Paraná do Aduacá.

As coceiras ainda incomodavam, e Nonô, por diversas vezes, prontificou-se a passar o medicamento em meu corpo – o que não ajudou muito, pois as costas continuaram sensivelmente irritadas.



XXIII O RIO DE LEITE

Toda bebida feliz é um leite materno
Gaston Bachelard

Voltei à casa de Ubiracy para deixar Nonô. Essa viagem eu deveria empreender sozinho. Expliquei que, dessa vez, subiria o rio Negro, o que deixou dona Maria intrigada.

– Por que o senhor tanto viaja? – Ela me perguntou, à saída da casa.

– Preciso encontrar-me com alguém muito importante – respondi, deixando-a com a “pulga atrás da orelha”.

Despedi-me de Nonô, agradecendo-lhe a companhia nos últimos tempos. Ele não se importou muito, até falou que preferia ficar no sítio. Estava cansado de viajar de barco. Além disso, queria voltar a ler o livro que se esquecera de levar na viagem ao baixo Amazonas. Abraçou-me, dizendo que não me esquecesse de passar o remédio.

– Pode deixar! – prometi.

Lá fora, os vizinhos retomavam a construção do bai. Depois de vários dias, o trabalho seguia adiantado, com as estacas fincadas ao chão.

É muito bonito ver o sonho de Ubiracy se concretizando, pensei.

Mais uma vez, em pouco tempo, deixava o sítio. Ubiracy embarcou-me quando o recreio atravessou o caminho do rio. E eu novamente descii à cidade para seguir viagem; dessa vez do porto de São Raimundo, que é de onde partem as embarcações com destino ao alto rio Negro. Preferi esse percurso a ter de me aventurar a pegar o barco na subida, o que me custaria algumas noites mal dormidas. Dificilmente arranjaría espaço apropriado para armar a rede, visto saírem abarrotados de cargas e passageiros. Os barcos que navegam pelos rios da Amazônia transportam produtos que vão abastecer as cidades vizinhas.

A viagem é uma verdadeira aventura, não apenas pelo tempo de duração de quase uma semana, mas pelas declividades do rio. Subi-lo, portanto, não é um desafio dos mais simples. Mas o povo da floresta tem seus segredos.

Deixei a cidade à noite. Chovera bastante durante o dia, o que tornou o tempo sombrio. Suspendi minha rede num espaço entre as

muitas já atadas, e, próximo à parede de um dos camarotes centrais do barco, estendi a mochila. Além do creme à base de cortisona, pouca coisa trazia comigo: algumas peças de roupa, uma escova de dente, um dentrífico, toalha, caderno, caneta e um livro sobre xamanismo.

Dormi cedo. Só me lembro de que atracamos, pela madrugada, numa localidade próxima à cidade de Novo Airão para descarregar os primeiros mantimentos. Depois subimos em direção ao médio rio Negro, à cidade de Barcelos, sob um forte temporal que obrigou o proprietário a cobrir as laterais da embarcação com lona grossa, para impedir a entrada da chuva. Por causa disso, a maioria dos passageiros permaneceu em suas redes, privada de apreciar a belíssima paisagem do arquipélago fluvial de Mariuá – o maior do mundo, com cerca de mil e quatrocentas ilhas a se estenderem plana e suavemente entre paranás, rios e lagos –, desvendando parques e áreas protegidas por legislação ambiental.

“Daqui saem mais de setecentas espécies de peixes comestíveis e ornamentais para os mercados da Europa, Ásia e América”, disse um dos passageiros.

Pequenos sítios e povoados espalhados pela região indicavam que nos aproximávamos do município de Santa Isabel. A partir dali, seguiríamos em lanchas de pequeno calado para atravessar o caminho encachoeirado, de difícil acesso às embarcações.

A viagem fora extremamente penosa. De repente, a paisagem nos desvendou um cenário de belas praias. Chegávamos, finalmente, ao alto rio Negro, à cidade de São Gabriel da Cachoeira, situada na margem esquerda do rio Negro.

Enormes pedras a circundar suas praias desnudavam a cidade do meio da floresta. De cima do morro onde ela está assentada, o rio convidava-me a olhar a imponente Serra do Curicuriari, conhecida como *Bela Adormecida*. Parei, por alguns instantes, a admirar esse espetáculo da natureza, ainda que o céu permanecesse sombrio.

Segui a indicação do professor Benjamim e procurei a sede da organização indígena, que trabalha com os grupos étnicos do rio Negro. Lá, busquei apoio para empreender a viagem à região do rio Tiquié. Consegui uma acomodação modesta num hotel da cidade e, no dia seguinte, parti num barco ao lugar indicado por Benjamim, entre a Cachoeira Tukano e Pari-Cachoeira, no médio Tiquié. Extensas caatingas e igapós entremeados por terras altas indicavam os sítios abandonados por indígenas que migraram para a cidade de São Gabriel e vilarejos do

rio Negro. Nas proximidades do povoado conhecido como *Buraco da Cobra*, entre a Cachoeira de Ipanoré e Urubucuará, desembarquei.

Encontrei o pajé Arlindo, um senhor idoso, vivendo em absoluto isolamento, algo que, a princípio, surpreendeu-me.

Agradei à equipe que me transportou até o local, pois não sabia exatamente qual seria o meu tempo de permanência na companhia do pajé. Ele era um kumu, um rezador, espécie de sacerdote da tribo Tuyuka, que deixara a maloca para viver tal qual eremita. Contou-me que seu povo se dispersara e que preferiu o isolamento na floresta ao suicídio na cidade, situação que vinha se agravando nos últimos tempos, em São Gabriel da Cachoeira.

Disse-lhe que buscava a cura para um problema no corpo. Mostrei-lhe as costas escamadas.

– Venha comigo! – chamou-me.

Mancava de uma das pernas, porém demonstrava firmeza. Enveredou pelo terreno, e eu o segui.

– A energia da floresta é a energia da cura. Nossos ancestrais já sabiam disso! – exclamou.

Segui-o por uma trilha para dentro da mata. Com um facão, ele retirou o breu branco do tronco da sapopema. A resina macia, ainda fresca, de odor agradável, disse que seria usada como incenso e defumador na cerimônia de cura. Também apanhou ipadu para a benzedura, além de folhas de chacrona e certo cipó, de nome caapi, que seriam utilizados na preparação da bebida de acompanhamento da reza.

Conhecedor dos mistérios da natureza, o pajé Arlindo sabia que algumas doenças não são de causa natural, originam-se no mundo dos espíritos. Então, começou a preparar o chá, que disse “despertar o inconsciente”.

– A Terra está doente. Precisa da energia da floresta para se curar.

Fiquei em silêncio, ouvindo-o dizer, na sua sabedoria, que rezaria sobre o meu corpo o ipadu, que era a forma de invocar os espíritos curadores das enfermidades para agirem sobre a minha pessoa.

Antes, porém, convidou-me a ir até o rio. Lá chegando, tirou as roupas que vestia e falou para que eu me desnudasse também.

Fazia frio. Entramos na água. A princípio, senti arder minha pele, mas em seguida as águas esquentaram meu corpo, como se fora a mãe que abraça o filho.

– Estamos no Rio de Leite, que deu origem à Humanidade – revelou.

Depois de nos banharmos, deixamos o rio e nos vestimos. Do lado de fora da maloca ele falou novamente para que eu tirasse a roupa e estendesse meu corpo sobre enormes folhas de bananeira.

– Você está precisando reequilibrar suas energias. Seu corpo está muito quente, mas vai melhorar. E, entregando-me uma cuia de chá, disse: – Tome!

Peguei a cuia com o chá e bebi. Ele continuou:

– Você é Filho da Cobra-Pedra, que emergiu da Casa da Transformação.

Eu nada disse. Era um alívio estar ali, dentro da floresta, numa cerimônia xamânica, que me punha em contato com minha ancestralidade.

Arlindo recitou um encantamento de purificação e proteção, que denominou de “renascimento”, rezando o cigarro de ipadu, e soprando o breu e o caapi sobre o meu corpo. Dessa forma, invocava a mediação dos seres sobrenaturais, os espíritos protetores da floresta...

– *Wai masã... Wai masã...*

Gente-Peixe... Gente-Peixe...

Gente da Transformação... Wai masã...

Wai masã... Gente-Peixe...

Gente-Peixe... Gente da Transformação...

Aos poucos, aquela melodia foi me levando ao Buraco do Surgimento, local sagrado para o povo Tukano.

– A origem da humanidade está no Lago do Leite. Do Buraco do Surgimento saiu a Cobra-Pedra¹ para povoar o Mundo, trazendo em seu ventre a primeira Humanidade, a Gente-Peixe.²

...A Cobra-Pedra também é Gente-Peixe. Ela é a mãe da Gente da Transformação que habitou o Rio de Leite.

...A Gente da Transformação foi gerada no Rio de Leite, no Buraco da Cachoeira. Eles são os mais antigos dos nossos antepassados, que fizeram a viagem pelo Rio de Leite, na Canoa dos Ancestrais.

...No rio, na terra, nas serras, nas montanhas rochosas e nos paranás estão os sinais da Gente da Transformação. Os ancestrais dos povos do alto rio Negro. Dessana, Pira-Tapuia, Arapasso, Tuyuka, Baniwa, Baré – povos que saíram do Buraco do Surgimento.

Abri os olhos. O dia estava clareando. Arlindo se encontrava, ainda, rezando o cigarro no meu corpo.

1 Cobra-Pedra – Pamëri Mahsä

2 Gente-Peixe – Wai Masã

Durante a reza, fui levado a visitar o Buraco da Cobra, no Lago do Leite, chamado de “porta de leite”, local de origem do povo Tukano.

Seria outra revelação?

Estirado sobre as folhas de bananeira, semiacordado, ouvi-o contar:

– Quando o Avô e a Avó do Universo, que viviam na Maloca do Céu, criaram o Mundo (Ati pati), utilizaram para isso o lança-chocalho, a forquilha de cigarro, a cuia de ipadu, o suporte de cuia, o banco e o cabo-de-enxó. O mundo foi criado por camadas. Primeira Camada: Camada das águas. Segunda Camada: Camada das terras e matas. Terceira Camada: Camada de dia e ar. Quarta Camada: Camada de peneira de chuva. Quinta Camada: Camada de nuvens. Sexta Camada: Camada de ventos fortes... Assim o mundo foi criado!

Benzendo meu corpo, pajé Arlindo prosseguiu:

– ...Quando a Cobra-Pedra ultrapassou a camada das águas para a camada das terras e das matas é que começou a grande transformação. Os peixes passaram a se transformar em gente...

...Todos os animais podem se transformar em gente. Peixes, pássaros, animais terrestres... Mas Gente-Peixe não só troca de pele com peixes e animais, como opera a transformação de outros seres.

A benzedura do pajé Arlindo fazia-me sentir como um anfíbio. À medida que pronunciava palavras mágicas, meu corpo dava a impressão de obrar um milagre, como se outrora eu tivesse sido um peixe e ainda mantivesse características anfíbias; como se pudesse viver tanto na terra como na água.

Sonolento, escutei-o contar:

– ...O espírito da Gente-Peixe está em você. Você é a Cobra-Gente,³ que veio do Lago do Leite. Fez a viagem pelo Rio de Leite, na Canoa da Transformação, no universo ancestral. Como todos os povos do alto rio Negro, os “filhos da cobra”. Da Cobra-Terra, como os Tukano. Da Cobra-Peixe, como os Baré. Da Cobra-Remédio, como os Taiwano. Da Cobra-Água, como os Uanano. Da Cobra-Pedra, como os Tuyuka...

– Sinto-me filho da Cobra-Pedra.

– Você reencontrou a sua casa. Sinal de que o Rio de Leite ainda corre no corpo da Terra.

Aos poucos, fui despertando. O pajé Arlindo acompanhava todos os meus movimentos. Sentei-me ao seu lado, para ouvi-lo contar a história de seu povo. Segundo os povos antigos da floresta, a origem do mundo ocorreu no Buraco da Pedra, a primeira Casa da Terra.

3 Cobra-Gente – Masã-Pirô

Dali explodiu o grande fogo que deu surgimento a outras vidas, outros mundos. Os primeiros filhos da Terra foram os filhos da Cobra-Pedra, que saíram do Buraco da Transformação: a Gente-Pedra, que surgiu da Pedra de Quartzo Branco, o Sol. A Casa de Deus-Pedra foi construída com materiais trazidos do rio subterrâneo Wamedia, que entrava pela terra e saía no lago Titicaca, no Peru.

Na Índia, a agitação do Mar de Leite representa a criação do mundo, do macrocosmo, que também é simbolizado pela pedra, pensei. Reencontrei o Rio de Leite, noutra lugar da Terra. Ou seria o mesmo, que o primeiro oceano dividiu?

– ...O Lago de Leite é o lugar mais antigo da terra para os povos do alto, e se encontra embaixo da terra – repetia o pajé Arlindo. – Os povos de língua Tukano chamam-no de Casa de Rio.⁴ Essa é uma história bem antiga, contada pelos povos de língua Aruak e assimilada pelos índios Tukano – disse.

Ouvia atentamente a sua versão para o mito da criação.

– ...Os povos do alto guardam conhecimentos milenares que foram levados para outras partes do mundo, quando a grande pedra se rompeu. A pedra que se sustentou sobre o Mar de Leite deu início à atual Humanidade, a Gente da Transformação. Vou lhe mostrar uma coisa. Venha comigo.

Entramos na maloca. Ele explicou que a porta representava a boca do criador. A viga central, a coluna vertebral. Os caibros, as costelas. Os cipós amarrados, as veias ligadas ao cérebro do criador. Os esteios centrais principais, os deuses e deusas que habitam a Casa do Céu.⁵

– Por essa razão, estar na maloca significa estar no mundo!

– Quando bebemos caapi, fazemos a ligação com o criador – revelou, passando-me a cuia.

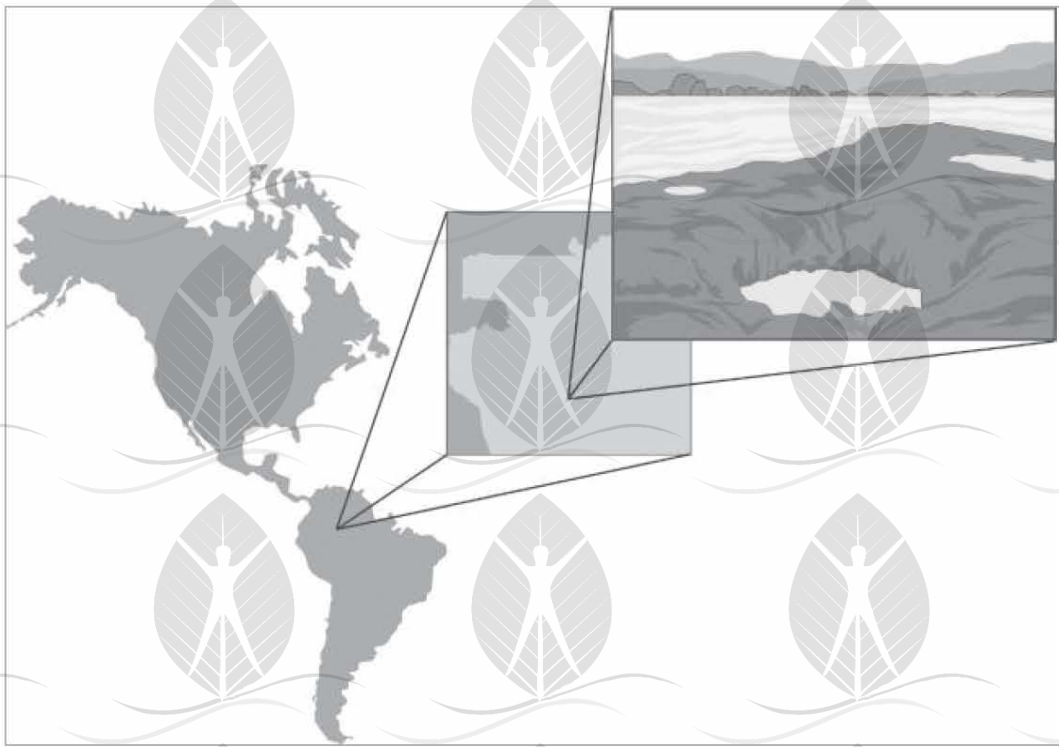
Então, pegou o tambor torocano e começou a tocar o coração do criador, para fazer chegar até nós a sua alma.

Dessa forma nos conectamos com o Deus-Pedra.⁶

4 Casa de Rio – Ôhpekô wii

5 Casa do Céu – Êmëse wii

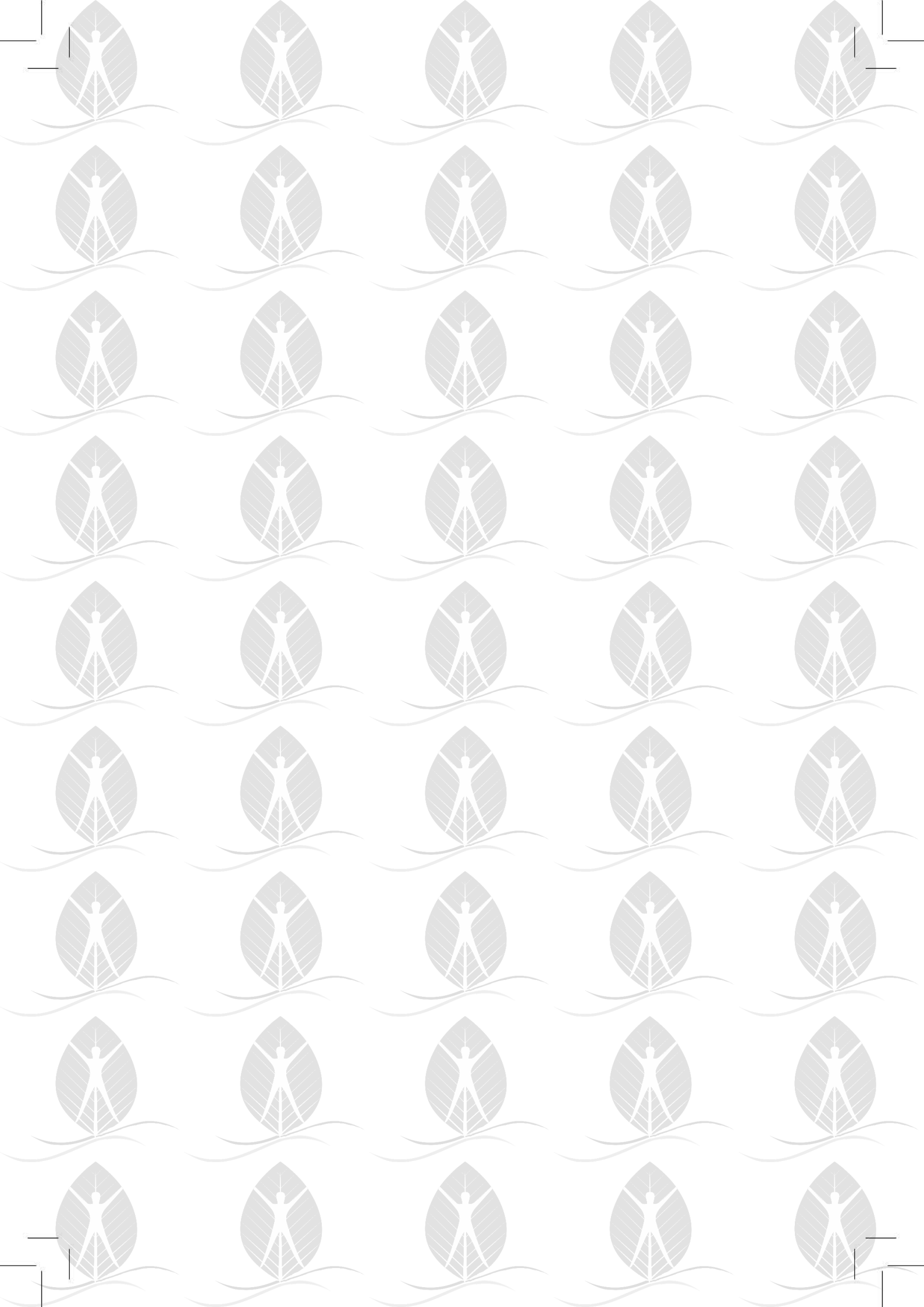
6 Deus-Pedra – Êhtábho Ôakhë



Buraco da Cobra, alto rio Negro.



A serpente nutridora da vida, símbolo de Mu



XXIV
YEPÁ-BURÓ — A INCRIADA

Falando ou agindo, não penses, embora te aches só, que não és visto, nem ouvido; os Espíritos são testemunhas de tudo

G. Pauthier

No Lago do Leite, no seu quarto de quartzo branco, Yepá-Buró apanhou seu tabaco, acendeu e deu umas baforadas. Precisava criar a futura humanidade! Sentada sobre a Canoa da Transformação, pensava. Misturando as folhas de ipadu, de wayuko – a bebida dos imortais – e as ervas medicinais, como o paricá, ela soprou sobre a pedra em que sentava.

A Incriada ou Criadora – porque nasceu de si mesma – segurou a pedra de cristal e, soprando-a, fez surgir o cérebro humano. De dentro do próprio ventre, ela puxou uma corda de cipó kãradá, e, esticando as veias do sangue, juntou coração e alma.

Yepá-Buró não tinha pressa, fez tudo devagar. Pegou a sua cuia de pedra de quartzo branco, onde havia outras pedras de cristal de várias cores e transformou-as em células vitais de reprodução. Em seguida fez as pernas. Segurando a sua lança transformadora, ela distendeu os nervos reprodutores para fazer as gentes; e com duas cuias de apito de pedras, ela produziu a língua e as vozes. As cuias tinham luz que brilharam que nem ouro, porque continham a bebida dos imortais, com as forças criativas da vida e da sabedoria.

Yepá-Buró bebeu wayuko e perto dela, em forma de relâmpagos, surgiram redemoinhos.

Todas essas coisas juntas formaram o primeiro homem Tukano Doétiro. Depois nasceram os outros Tukano.

Arlindo narrara o mito da Gente-Pedra, que muito antes já havia sido Gente-Peixe.

Pedi-lhe que me contasse mais sobre a Gente-Pedra. Arlindo me revelou como os ancestrais do povo Tukano fizeram a travessia pelo Rio de Leite.

– Antigamente, todos os homens eram Gente-Pedra.⁷ Cultuavam o Deus-Pedra, falavam a mesma língua e viviam na Casa-Terra⁸ – a

7 Gente-Pedra – Èhtã-Mahsã ou Pamëri-Mahsã

8 Casa da Terra – Yepá wii

primeira maloca. Nada sabiam. Não conheciam o fogo. Comiam alimentos crus. Não tinham roupas. Andavam nus. Não plantavam. Não tinham mandioca.

Os homens Gente-Pedra pediram ao Deus-Pedra para que fosse possível casar com as mulheres da tribo. Deus-Pedra consentiu para que eles pudessem povoar a humanidade. Dessa forma, surgiram os ancestrais do grupo Tukano, que se espalharam pelo rio e construíram suas malocas. No Buraco da Cachoeira, no Rio de Leite, perto da Grande Montanha, eles passaram a se chamar Gente-Terra,⁹ os primeiros Tukano.

Minha mente se encheu de perguntas: As brigas do Deus-Trovão com o Deus-Pedra seriam os mesmos eventos que levaram Mu à destruição? Como os ancestrais dos Tukano deixaram o Lago de Leite? A Grande Montanha seriam os Andes? Quando eles trocaram de Deus?

Arlindo confirmou que as brigas do Deus-Trovão com o Deus-Sol empurraram os ancestrais dos Tukano de suas terras. “Foi por causa dessa briga que a Gente-Pedra¹⁰ abandonou sua antiga morada, no bojo da Cobra da Transformação.¹¹ Os ancestrais dos Tukano deixaram o Lago de Leite na Canoa da Cobra-Grande até a Ilha da Gente-Terra, a segunda Maloca”.

Também confirmou que a Grande Montanha era a cadeia dos Andes, onde ficava a Maloca Casa da Noite¹² da Gente-Terra, próxima a uma cachoeira chamada Wamëpoea, no rio Casca de Umari,¹³ um lugar muito frio. Ali, os ancestrais dos Tukano plantaram banana, mandioca, milho, ipadu, tabaco e frutos.

“O Lago de Leite, que hoje está embaixo da Terra, na Casa de Rio, foi alagado com chuvas de pedras e água, provocadas pelas brigas do Deus-Trovão com o Deus-Pedra.¹⁴ A Deusa-Terra,¹⁵ Yepá-Buró, surgiu após essas brigas. O Lago de Leite, Ôhpekõ wii, agora é o mar”.

O pajé Arlindo explicou que, do Lago de Leite, o povo Gente-Terra, Aruak, subiu o rio Wuapés, deixando em cada território parte de sua gente. E tal como a Gente-Pedra, que havia trocado o Deus-Pedra pela Deusa-Terra, os ancestrais dos Tukano também resolveram trocar

9 Gente-Terra – Yepá Mahsã.

10 Ilha da Gente-Pedra – Èhtã Miriãpõrã Nèhkèrõ.

11 Cobra da Transformação – Pãmëri piroYukèsë.

12 Maloca Casa da Noite – Nãmiri wii.

13 Casca de Umari – Wamë Kahserim.

14 Deus-Pedra – Èhtã-Ôakhë.

15 Deusa-Terra, na língua antiga dos Aruak, da tribo Gente-Pedra – Yepá-Buró.

de Deus, substituindo o Deus-Sol pelo Deus-Lua.¹⁶ Eles se aborreceram com o Filho do Deus-Sol, Jurupari – o Deus-Pedra Quartzo Carne Gente –, que havia se instalado nas malocas Tariano, depois de ser expulso dos Andes por ter matado de inveja e ciúmes um irmão menor.

“É por isso que os Tukano ainda mantêm o Deus-Lua como o pai criador, junto à Deusa-Terra, Yepá-Buró”.

Todos esses conhecimentos foram herdados do povo Aruak, disse o pajé Arlindo. “Nunca o povo do alto rio Negro esqueceu suas antigas origens, na Casa da Terra. Os antigos pajés da tribo Gente-Terra ensinaram a todos os novos pajés o segredo da origem do mundo e a cura das doenças”.

Os antigos Aruak percorreram vastas regiões da América. Das Bahamas, ao norte; até o Paraguai, ao sul. Dos Andes, a oeste, à foz do Amazonas, a leste. Traziam na memória e no coração o mesmo símbolo da serpente nutridora da vida e o mesmo emblemático Lago de Leite.

Seriam os Aruak descendentes do povo de Mu, que utilizaram, para alcançar a terra segura, os canais do Pacífico (a oeste) e o estreito do oceano Atlântico (a leste)?

O mar amazônico se quebrava ao pé das colinas da Venezuela, onde são encontrados blocos de quartzo branco. Limitava-se também ao sul, ao longo das montanhas Pan Alto, e a oeste com os primeiros contrafortes dos Andes. Com o afundamento de Atlântida, várias partes do planeta foram inundadas e esse mar interior, semelhante ao mar Mediterrâneo, transformou-se num pântano de onde se originaram os cursos d’água que se tornaram seus afluentes.

– O Lago de Leite tem muitos nomes, contou o pajé Arlindo: Casa Rio Abaixo,¹⁷ Casa Rio de Leite,¹⁸ Casa do Lago de Leite,¹⁹ Casa de emergir,²⁰ Lago de emergir,²¹ Casa rio Paricá,²² Casa emergir de enfeites,²³ Casa de Leite Ossos de Peixes²⁴ Casa onde senta coração, alma²⁵ Casa onde volta coração e vida²⁶ e Casa onde coração vida escapole, continua

16 Deus-Lua – Yepá-Öakhë.

17 Casa Rio Abaixo – Dia Sirokhãwii.

18 Casa Rio de Leite – Dia Öhpekõwii.

19 Casa do Lago de Leite – Dia Öhpekõ dihtara.

20 Casa de emergir – Pamëriwii.

21 Lago de emergir – Pamëridihtara.

22 Casa rio Paricá – Dia wihõwii.

23 Casa emergir de enfeites – Pamëribusawii.

24 Casa de Leite Ossos de Peixes – Öhpekõ wai õawii.

25 Casa onde senta coração, alma – Heripõrä duhiriwii.

26 Casa onde volta coração e vida – Heripõrä dahariwii.

a viver.²⁷ Por isso, quando os Tukano morrem, suas almas retornam à casa de origem, perto da Grande Montanha, no Rio de Leite. E, de lá, voltam à Terra várias vezes, nas mais diversas formas de vida.

– A maloca da Gente-Terra?

– A Casa-Terra.²⁸

– A segunda morada da Gente-Pedra?

– Sim. Os ancestrais dos Aruak vieram da Ilha da Gente-Pedra para os Andes, a Casa da Noite; e desta para a Amazônia. Eles chegaram à cabeceira do Japurá, desceram pelo Ucayale, rio Amazonas, onde construíram suas malocas. Quando subiram o rio Negro, construíram a quarta Maloca, em Ipanoré Cachoeira, no Uaupés. Em Ipanoré Cachoeira, os pajés, chefes da tribo, fizeram cerimônia de surgimento, emersão,²⁹ repetindo como eles haviam feito noutros lugares, por onde passaram: “É aqui que nós nascemos, nosso mundo é aqui”. Então, espalharam-se pelo rio Papuri, Tiquiê e outros rios. Por isso, todos os povos do alto rio Negro são também Gente-Pedra.³⁰ Carregam a ancestralidade dos Filhos da Cobra da Transformação, na primeira maloca da Gente-Pedra.

27 Casa onde coração vida escapole, continua viver – Heripōrā dohkewehtiriwii.

28 Casa-Terra, Maloca da Gente-Pedra – Yepá wii.

29 Cerimônia de surgimento, emersão – pamësé kihti.

30 Gente-Pedra – Ĕhtā Mahsā.

XXV PEIXE-GENTE

Quando a gente pensa na maloca da gente, pensa que ela é espinhaço e costelas da Cobra-Grande: é a imagem da Cobra da Transformação. Mas quando a Cobra-Grande pensa em sua própria maloca, já pensa que esta é espinhaço e costelas do Yepa Oāku (Deus da Transformação). Quer dizer, a sabedoria vai aumentando. E assim mesmo acontece com o canto, com o tamanho do espaço, com o aumento das cerimônias. Uma cerimônia reflete outra maior ainda
Kumu do Tiquié, Béksta, 1988

Ainda permaneci alguns dias com o pajé tuyuka, ouvindo as narrativas mitológicas dos povos da região do alto rio Negro. Reencontrava meu universo mítico no bojo do Mar de Leite, onde ocorreu a gestação humana, no ventre da Cobra da Transformação. Sentia-me filho da Cobra-Pedra. Sentia-me Gente-Pedra, Ĕhtā Mahsã ou Pamëri Mahsã.

Chovia muito. Amanhecia chovendo, anoitecia chovendo. O barulho dos trovões, lá fora, era um aviso para não sairmos da maloca. O povo Tuyuka é descendente da Gente-Peixe, por isso sabe conviver com os elementos e as forças do mundo natural.

Ao contrário da maioria dos humanos, que não aprendeu a lidar com a natureza dos outros animais, os Tuyuka conhecem bem as características e as peculiaridades de cada um, especialmente dos peixes. Sabem como se aproximar, o que devem e o que não devem fazer. Isso porque, num tempo muito antigo, eles sabem, também já foram peixes. Conhecem a singularidade de cada animal e em quais condições determinada espécie pode se tornar agressiva, ou mesmo perigosa.

A hostilidade hoje existente entre diferentes animais, explicou-me, é muito antiga. Ocorreu durante a passagem de uma camada à outra, quando uma parte da Gente-Peixe conseguiu atravessar a camada de água para a camada de terras e matas. A partir daí a Gente da Transformação iniciou uma reação de ataque e defesa, passando a se alimentar de Gente-Peixe.

Arlindo disse que os Tuyuka sabem conviver com a Gente-Peixe que continuou nos rios. Eles se protegem, evitando a gordura nociva que atrai

os animais carnívoros e peçonhentos. Por essa razão, durante o período da confecção de adornos rituais, fica proibida a bebida e a alimentação. É uma forma de evitar que o cheiro dos alimentos venha a atraí-los.

“Quando os Tuyuka chegaram ao rio Tiquié, não sabiam a origem dos peixes, mas tinham em mente que muitos deles não deveriam ser comidos. Por isso, benziam os peixes que pescavam com receio de que pudessem vir a fazer mal, principalmente às crianças. A partir de então, buscaram conhecer as condições dos peixes com os antigos habitantes, que lhes contaram a história de Kamaueni”.

Pedi-lhe que me contasse o mito que ensinou os Tuyuka a conviver com a Gente-Peixe.

Ele me contou que...

“Dois irmãos – ambos eram pajés – viviam abaixo de uma corredeira chamada Jirau dos Fantasmas,³¹ a jusante do Lago Traíra e à esquerda da Casa de Fantasmas.³² Havia vários dias eles estavam sem comer, fazendo adornos de plumas e colares.

Kamaueni, o mais novo, sentiu sede. O irmão mais velho falou para ele resistir até os adornos ficarem prontos, porque depois fariam reza para se alimentar, pegariam peixe e dançariam com todos aqueles enfeites. Mas Kamaueni sentia muita sede, queria beber água. Inventou que queria fazer necessidade. O irmão mais velho avisou para ele não beber ou comer nada.

Kamaueni, que era viúvo, desceu ao porto e viu mulheres-fantasma moqueando peixe. Ouviu a voz da sua mulher, que tinha morrido. Viu que riam dele. Elas convidaram Kamaueni para comer aracu assado e ele não resistiu. Quando comeu, o adorno que estava confeccionando ficou preto e cheio de manchas de gordura. O irmão mais velho, no mesmo instante, entendeu que ele estava comendo peixe gorduroso. ‘Meu irmão se deu mal’, ele disse.

Quando Kamaueni chegou e viu que o adorno de plumas estava manchado, ficou triste, mas continuou o trabalho. O irmão mais velho disse: ‘Avissei você, mas você me desobedeceu. Agora vai ter de assumir seu erro.’

Depois dos adornos prontos, eles saíram para pegar peixe e ir à festa. No igarapé Abiu, nada conseguiram; os peixes tinham virado camarões e se esconderam entre os tocos e folhas.

Nesse momento, Kamaueni começou a inchar, pois era só gordura.

31 Jirau dos Fantasmas – watiakasa.

32 Casa de Fantasmas – watiaewa.

Desceram para outro igarapé, o Guariba;³³ lá não havia peixes. Foram ao Kumena, os peixes tinham virado folhas podres. Seguiram para o Waniserora, os peixes haviam se transformado em acarás, que se escondem no poceiro. Por último, seguiram para o Mariyãa; dessa vez com pari, para fechar o igarapé.

Kamaueni estava inchando. Disse ao irmão: ‘Vou ver se tem peixe, se vai dar pra gente pegar’. O irmão mais velho ficou esperando ele espantar os peixes para pegar com o puçá, a jusante.

Nesse instante, apareceu um cardume de peixes.

O irmão pensou: ‘Kamaueni está derretendo e sua gordura se transformando em peixe’. Quando avistou Kamaueni, no alto do pau, o irmão mais velho viu que derretia. Kamaueni dizia: ‘Maldição daquele peixe! Maldição dos peixes! Esse peixe não vai servir! Quem comer desse peixe vai encontrar briga. Quem comer vai ficar agressivo.’

O irmão mais velho decidiu abandoná-lo. Saiu escondido, sem fazer barulho.

Kamaueni foi se deformando mais e mais, até ficar só a cabeça. Quando o irmão mais velho passou remando, devagar, Kamaueni viu o reflexo do remo e pensou: ‘Meu irmão está me desprezando, vou me vingar’. Por meio de sua força xamânica, ele veio como cabeça e se entranhou no buraco entre a clavícula e o alto do ombro do irmão mais velho, que ficou com duas cabeças. As veias de Kamaueni se incorporaram ao seu corpo.

Em casa, os outros irmãos tentavam encontrar um meio de livrá-lo da cabeça que não sossegava, não deixava o irmão mais velho comer – ele estava ficando cada vez mais debilitado. Então, tiveram um plano: como era época de ucuqui, uma fruta muito doce, rezaram para o ucuqui ficar cortante e inventaram que tinha muito ucuqui por perto.

– Eu quero comer! – falou a cabeça de Kamaueni.

Os irmãos levaram ucuqui em panacus, que são cestos grandes, feitos de talas de palmeira, mas só a cabeça comia. Ela pedia mais e mais ucuquis.

Os irmãos sabiam que na boca do igarapé Puniva também tinha muito ucuqui. Então, levaram o irmão com a cabeça de Kamaueni para comer ucuquis. Ele comeu à vontade, até a boca sangrar. Pediu água, mas os irmãos negavam-lhe. Ao invés da água, colocaram pimenta socada para ele comer. Ele sentia mais sede ainda. Tornava a pedir água, mas os irmãos não davam.

33 Guariba – Emõya

Os caroços de ucuqui se transformaram em sapinhos que saíram coaxando até o local onde havia água. Desesperada, a cabeça de Kamaueni se desprende do corpo do irmão mais velho para seguir o caminho que os sapinhos faziam na direção da água. Enquanto isso, o irmão mais velho era levado para dentro da maloca, fechada com paus para que a cabeça de Kamaueni não entrasse.

De repente, ela apareceu voando... Buruburuburuburu... Trazendo temporal e relâmpago. Ficou pendurada à maloca, pedindo dia e noite para ver o irmão.

Ninguém mais saía. Até que os alimentos acabaram. Os velhos pajés atraíram um bando de queixada, acreditando que a cabeça de Kamaueni pudesse se encarnar numa delas e partir junto. Mas ela se soltava e tornava a voltar. Fizeram o mesmo com os veados. Até com a onça-pintada... Mas nada! Foi quando resolveram trazer leões que finalmente devoraram a cabeça de Kamaueni.

Assim, a maloca ficou livre e as pessoas puderam voltar à sua vida normal. O miolo de Kamaueni se transformou em vários sapinhos, que aparentam ter só a cabeça”.

O mito ilustra a relação dos Tuyuka com a Gente-Peixe, a forma correta de eles se alimentarem sem se tornarem predadores. No entanto, os Tuyuka não deixaram de comer peixe. Apenas respeitam os seus ciclos.

Veio-me à lembrança a relação de Ubiracy com os caititus. Ele também tinha uma ligação forte com os porcos-do-mato. Algo que o impedia de obter ganho comercial. Esse conflito todos nós vivemos hoje, quando questionamos, principalmente, a forma cruel com a qual a maioria dos animais é morta para abastecer de carne a população humana.

Imaginei-me um peixe, sendo pescado por piabeiros da região. Como me sentiria?

O medo tomou conta de mim. Logo eu, que me gabava de ser amigo do dragão, de repente me sentia abocanhado por outro animal. Recordei-me da “lei dos peixes”, como reza a doutrina matsyanyāya, ou seja: os peixes grandes comem os pequenos.

Perguntei a Arlindo quem os ensinou a se protegerem dos peixes remosos e gordurosos.

– O pajé wiribasuku – ele revelou.
Era um antigo pajé Tuyuka.

XXVI O BURACO DO MEDO

Vive, como se o dia tivesse chegado
Nietzsche

Bebíamos o chá na maloca solitária de Arlindo, que ele construía para a sua meditação pessoal e curas xamânicas. Era estranho que preferisse esse isolamento ao invés dos rituais coletivos, mas ele disse estar muito bem convivendo com as gentes do mato e recebendo esporadicamente um ou outro visitante que vinha buscar o seu conhecimento curativo.

– Você não sente medo? – perguntei.

– Medo do quê?

– De algo que você não espera e que de repente venha a surgir na sua frente, sem que possa se defender?

E Arlindo me disse:

– Vou lhe contar o mito do Diabo sem Cu.

Então, contou que:

“Diabo sem Cu e Wasu eram dois amigos, até que o primeiro, na sua ausência, resolveu queimar suas crianças e trancar-se num lugar de difícil acesso, protegido por cipoal, paliçada, tiririca e jacitara, matos de embaraçado fechado.

Wasu quis vingança. Pediu ajuda da saúva da noite, ñamimekã; das formigas dusas, que limpavam o caminho, por cima; da saúva mekâsia, que abriu o caminho para ele chegar até o Diabo sem Cu. Wasu rezava muito para que o Diabo sem Cu tivesse esquecido o que havia feito.

Quando chegou e chamou o Diabo sem Cu de grande amigo, este se lembrou de que havia matado seus filhos. Mesmo assim, a reza tinha dado certo: Diabo sem Cu ficou sossegado na presença de Wasu.

Diabo sem Cu chamou Wasu para recolher ipadu. Wasu disfarçou, dizendo que estava ali só de visita. Mas chamou Diabo sem Cu para tomar banho.

Wasu levou consigo uma buwa, cuia de cutia, que fazia ‘kou kou kou’ quando borbulhava na água.

Diabo sem Cu perguntou a Wasu que barulho era aquele e ele respondeu que não era nada, que estava só peidando. Diabo sem Cu quis saber por onde e ele respondeu: ‘pelo cu’.

‘Eu também queria ter um cu assim como o seu, porque o meu fica aqui, bem embaixo da boca’, disse Diabo sem Cu.

Era o que Wasu esperava ouvir.

‘Pois é, meu amigo. Eu tenho o meu aqui atrás. Você não sente nojo, não? Caga e cheira ao mesmo tempo pelo mesmo lugar?’

Wasu continuava a provocar Diabo sem Cu, chamando a atenção para o seu problema: ‘Deve ser um horror. Quando você caga, deve cheirar mal’, falava.

Diabo sem Cu concordou e disse desejar ter o cu atrás. Perguntou a Wasu quem tinha ajeitado o dele.

‘Foi meu pai. Foi ele que furou o meu aqui no fundo’, respondeu Wasu.

Diabo sem Cu quis saber como.

‘Com varas’, Wasu respondeu.

Diabo sem Cu perguntou se tinha doído.

‘Não. Não dói nada’.

Então, Diabo sem Cu perguntou se Wasu tinha aprendido a fazer cu com o seu pai e ele respondeu que sim.

Foi nesse instante que aconteceu o que Wasu esperava. Diabo sem Cu pediu para que Wasu fizesse um cu, nele. ‘Então, meu amigo, não quer furar um cu em mim?’ – ele pediu.

‘Isso é galho fraco. A gente faz isso num instante’, Wasu falou.

Assim, eles subiram, conversando, até a casa do Diabo sem Cu.

Diabo sem Cu ficou torrando ipadu, enquanto Wasu foi buscar as varas. Quando chegou, trazia arumã novo, um feixe de arumã de sapo, varas de caniço, palmas de espinho usado na zarabatana, cipó de espinho, añaupida e varas fortes.

Inicialmente, com o arumã na mão, ele falou: ‘Meu amigo, já trouxe aqui tudo de que preciso para fazer o cu’.

Diabo sem Cu ficou animado.

‘Vamos logo, quero te ajeitar quanto antes. Quero que, nesta tarde, você já tenha o cu pronto’. Wasu falava, mas em seus pensamentos estava bravo, desejava se vingar do Diabo sem Cu, embora fingisse que não. ‘Agache bem’, ele dizia. ‘Feche os olhos. Não olhe pra trás, pra não sentir dor. Vai doer só na hora que entrar, depois não dói mais’.

Diabo sem Cu, acreditando, fazia tudo o que Wasu mandava.

Com o arumã novo, mole, Wasu cutucou com força e o arumã cedeu, fazendo um barulho: womm... rorõn.

Wasu perguntou se tinha doído, e ele respondeu que não.

‘Já entrou um pouco’, mentiu Wasu. ‘Agora vou ajeitar mais’. E repetiu o mesmo com outro arumã novo. ‘Já entrou bastante. Você sentiu dor?’

Diabo sem Cu tornou a dizer que não.

‘Pois é! Você não vai sentir dor.’

Foi então que ele pegou a vara forte do lança-chocalho e enfiou com toda a força. No mesmo instante, Diabo sem Cu perdeu os sentidos, caindo morto. Wasu tinha conseguido se vingar. Continuou enfiando o cipó de espinhos, retirando as tripas e jogando na água.

As tripas do Diabo sem Cu deram origem aos peixes sarapós e ituins, que têm o ânus pertinho da boca. As serras onde eles moram ficam próximas do rio Traíra. Uma se chama Wasugututu, e a outra Diabo sem Cu”.

O mito do *Diabo sem Cu* me fez lembrar expressões como “quem tem cu, tem medo”; “estou com o cu na mão”, e outras. Haja vista o Diabo não ter cu e não ter medo, “prender o cu” não significa exatamente evitar que algo de ruim possa nos acontecer. Mas não fomos preparados para enfrentar o inesperado. Aliás, contribuímos muito para que o “inesperado” faça uma surpresa.

– Existe um medo em mim para o qual ainda não tinha me dado conta.

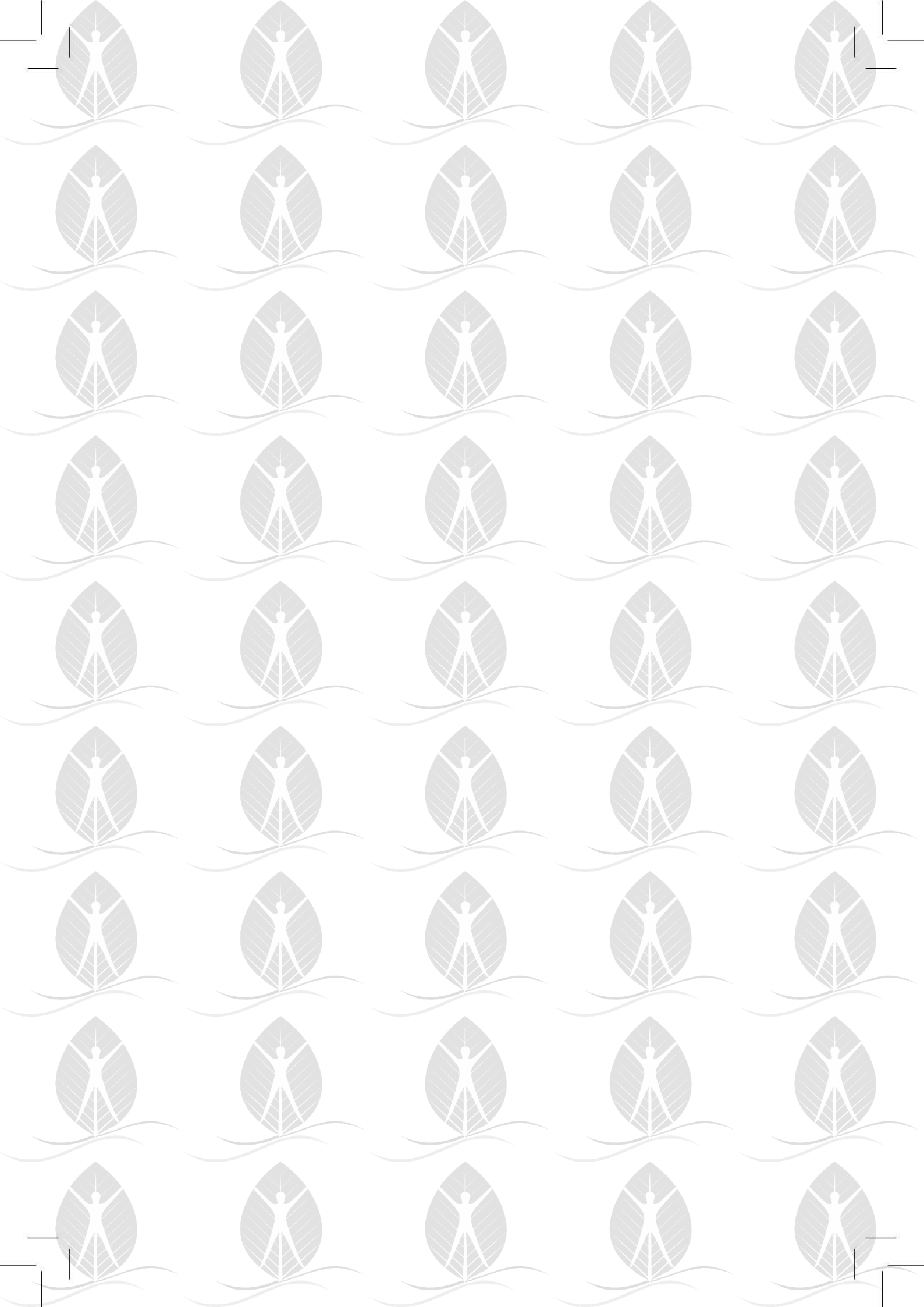
– Qual? – perguntou o pajé Arlindo.

– Medo de que a Terra não suporte tanta pressão. É esse o meu medo! – reconheci.

Ele respondeu:

– Pode ter certeza de que ela não suportará. Cuspirá fogo. Fará inundar rios e mares. Todos serão castigados com a sua fúria. Yepá-Buró não perdoa quem desrespeita suas leis.

O que Arlindo dizia era a mais pura verdade. A natureza nos castiga e nos assusta também. Não há como negar que centauros, minotauros, lobisomens assustam menos que tufões, vulcões em erupção, tempestades, inundações e ciclones. Hoje, os monstros mudaram de feição.



XXVII O FOGO DIVINO

Ohne Phosphor Kein gedanke – sem fósforo não há pensamento
Ludwig Büchner

Deixei o médio Tiquié, pela manhã, numa embarcação cujo proprietário habitava aquelas paragens. Do noroeste amazônico, segui para São Gabriel da Cachoeira, com a convicção de que estava a um passo da cura. As rezas do pajé Arlindo me fizeram sentir melhor. O espírito parecia se renovar, afastando os males do corpo.

Apesar dos dias frios e de intensas chuvas, todo o tempo que passei ao seu lado foi de importante aprendizagem. Ele havia dito que, daquele momento em diante, a cura estava comigo; a decisão, em minhas mãos.

Em São Gabriel, dirigi-me à sede da organização indígena para agradecer o apoio prestado à viagem.

O barco com retorno à capital partiria somente no final da tarde, razão pela qual optei por conhecer o lugar que recebe gente do mundo inteiro, mas que tem em sua população mais de noventa por cento de habitantes indígenas.

Uma cidade cosmopolita, com feições amazônicas, a revelar um mundo ignoto de belas praias, cachoeiras e gigantescas pedras consideradas sagradas. Passear pela sua orla curvilínea, apreciando as corredeiras, dá-me a sensação de adentrar um santuário. Cada parte de sua geografia parece carregada de significado espiritual.

Sentei-me numa das enormes pedras calçadas na beirada do rio para admirar a paisagem – ilhas e serras a perderem-se de vista. Almocei num restaurante próximo, e novamente saí a perambular pela cidade. Dessa vez, pelo lado oposto ao que fizera antes. Uma paisagem exuberante também se desvendou aos meus olhos: a Serra do Uanari. Visitei lojinhas de artesanato, cumprimentei habitantes e retornei à praia, onde, não resistindo a um banho de rio, permaneci de molho até a saída do barco.

Vinha deitado na rede, entre tantas outras atadas nas vigas da embarcação, acompanhando o ritmo do motor de linha que cruzava o rio cor de âmbar.

O tempo continuava o mesmo, não dava trégua, com ventos fortes e muita chuva. As paisagens se repetiam em sentido contrário ao da viagem anterior.

Pensei em Nonô. Se estivesse comigo decerto diria que essas águas têm a cor de chá. Pobre em nutrientes, mas rico em variedades e quantidade de peixes, o Negro impressiona pela cor, tamanho e beleza de suas praias e arquipélagos.

Parece incrível, mas a verdade é que a floresta amazônica sobrevive num solo muito pobre. Ela se sustenta pela reabsorção dos nutrientes decompostos que se acumulam sobre suas raízes. É uma floresta que vive do seu material orgânico, protegida pelas chuvas que caem sobre suas densas folhagens. Não fosse isso, ela seria literalmente lavada do solo, levando junto todos os sais minerais. Tão delicado o seu equilíbrio ecológico, mas tão importante para as condições de vida do rio, de seus habitantes e até do clima do planeta, que, ao olhá-la, assim, de longe, sob esse céu cinza, torna-se bucólica, e me faz sentir, lá no fundo, como realmente precisa de proteção. Era como se todos os seus habitantes clamassem por socorro. Como se dessem as mãos para proteger a vida e dissessem: somos todos, um! Não me mate, pois é você que está se matando...

Por isso sentia-me parte dela, dependente de todo esse sistema que utiliza oxigênio para sobreviver... A teia da vida, tecida magicamente na Terra...

Pensei como em pouco tempo subira e descera o rio, como se essa estrada de águas sempre tivesse feito parte do meu cotidiano. E sinto que fazia. Depois que renasci das entranhas da cobra, no Lago de Leite, tudo estava claro para mim.

O final do ano se aproximava. Combináramos de nos encontrar no sítio, durante o Natal, para a inauguração do bai. Como estariam todos? Dona Maria, Nonô, Ubiracy, menina Cíntia, Júlia...? Será que já deixara o hospital?

O barco seguia seu destino, rumo à capital. Pedi ao comandante que providenciasse uma das canoas de apoio, que costumam viajar amarradas à popa do barco, para me deixar à entrada do sítio. Depois de duas semanas de viagem pelo alto rio Negro, eu estava de volta.

Cheguei no início da tarde, molhado de chuva. Tomei uma surpresa ao ver o bai já estruturado, faltando, apenas, a cobertura. Nonô correu ao meu encontro assim que me viu, gritando pelo meu nome. Dona Maria apareceu à janela.

– “Os homens do teu planeta cultivam cinco mil rosas num mesmo jardim... E não encontram o que procuram”...

– “...E, no entanto, o que eles procuram poderia ser encontrado numa só rosa” – completei.

Era uma das passagens do livro *O Pequeno Príncipe*, que Nonô decorara para me receber.

– Conseguiu terminar o livro?

– Li todinho.

Entramos na casa. Dentro, mais uma surpresa: Cíntia estava acompanhada da sua mais nova amiga.

– Olá! – cumprimentou-me Simone.

– Que surpresa boa. Como estão?

– Estamos ótimas. E você? Como foi a viagem?

– Não poderia ter sido melhor...

– Você parece bem. – comentou Cíntia, aproximando-se.

– Sinto-me bem. O alto rio Negro também é parte deste paraíso aqui.

– Visitei Júlia, no hospital. Ela está bem melhor. Dona Maria está indo buscá-la.

– Que ótimo! E vocês, a que estão assistindo?

As duas amigas encontravam-se à frente de uma televisão a cabo, que Ubiracy instalara na sala.

– Um programa sobre previsões climáticas. E não são nada boas! – informou Cíntia – Ciclones, tornados, furacões, tempestades, cheias são o que nos aguardam.

– No ritmo com que o gelo dos polos e das cordilheiras está derretendo, não é de estranhar que isso venha a ocorrer – rematei.

– Há perigo de inundações por aqui também.

– Apesar de não se ter uma estimativa de quanto o mar vai subir, as previsões são de proporções catastróficas. Falam de modificação no relevo do planeta e do surgimento de novos acidentes geográficos – disse a amiga Simone.

– Tem chovido bastante. Não apenas aqui, mas em várias partes do país. E já se fala em mais uma cheia acima do normal para o ano que vem... Parece que essas alterações estão se tornando cada vez mais comuns – emendou Cíntia.

Apesar das péssimas notícias, encontrar minhas amigas e ser recebido por Nonô com uma das frases do livro que lhe presenteara,

trouxeram-me uma sensação de felicidade, nunca experimentada. Era bom estar com eles, novamente. Dava-me a impressão de estar protegido.

Cíntia lembrou-se da antiga proposta de visitar o centro de mamíferos aquáticos e propôs-nos visitá-lo no dia seguinte. Apesar de me sentir bastante cansado, aprovei a ideia e aceitei o convite.

– Papai disse que nos levará. Assim, aproveitamos para ver o lago de Balbina.

– Só assim conhecerei o trabalho com os mamíferos aquáticos, que dona Maria fala tão bem.

Pedi licença para deixar a bagagem no quarto. Peguei uma toalha limpa e descí com as roupas sujas, entregando-as à dona Maria, que já se encontrava com as mãos estendidas para recebê-las. Dessa vez, não tive receios.

Depois do banho, fui até Ubiracy, no criatório. Os filhotes haviam crescido e estavam adaptados ao novo ambiente. Nonô me acompanhou, protegendo-se da chuva, entre as árvores. Estava ansioso para contar-me que escolhera os nomes para os filhotes.

– Itaji, Aracy e Jacy – ele falou.

– São nomes bonitos! – elogiei.

– Itaji quer dizer “machado de pedra”; Aracy, “mãe do dia”; e Jacy, “Lua”. E aí, você gostou?

– Muito! Como você conseguiu achar esses nomes?

– Num livro que a Cíntia me deu.

– Agora cada um vai ter um nome pelo qual poderá ser identificado. Concluímos a vistoria no criatório e fomos até o bai.

Ubiracy comentou que estava se decidindo pela comercialização dos caimitos, mas que ainda era uma decisão difícil.

Mostrando-se feliz, disse que no Natal estaríamos inaugurando a casa da ancestralidade Boe. Animava-se com a possibilidade de resgatar, ali, um pouco da cultura do seu povo, ainda que de maneira bem pessoal.

Deixei-o com os vizinhos que tinham vindo para ajudá-lo e fui à cozinha tomar o café de dona Maria. Ela me contou que Júlia só aguardava a sua presença para receber alta do hospital.

– Então ela virá passar o Natal conosco?

– Sim. Estou indo buscá-la. Já falei com o seu Ubiracy.

– Ela vai ficar bem! A senhora vai ver!

– A culpa é minha, por ela estar assim.

– A senhora não pode se sentir culpada pelo que aconteceu.

– Eu deixei que ela ficasse ao léu. Se tivesse ficado mais tempo com ela...

– Como poderia?

– Foi por isso que ela ficou com ele. Não devia ter deixado... – tornava a dizer – Homem não sabe cuidar de filha mulher.

– Devem existir homens que saibam. Veja Ubiracy...

– O seu Ubiracy pode ser. Mas não aquele traste!

– A propósito, dona Maria, onde se encontra esse homem?

– Morreu já faz algum tempo, pelo que fiquei sabendo.

– Ele vivia em Novo Airão?

– Abandonou a casa, logo depois. Quando Nonô nasceu, ele já não estava mais na cidade.

– A senhora não o via?

– Estive com ele algumas vezes, quando ia à cidade. Mas, como disse ao senhor, ele sumiu depois que Júlia engravidou.

– E o pai de Nonô? – perguntei.

– E o senhor acha que eu sei? Júlia nunca falou nada, nem a mim, nem a ninguém. Acho que ficou com medo da gente ir tomar satisfação com o pai. O que a gente ia poder fazer, não é mesmo? Imagina se eu ia sair por aí, procurando o homem que fez isso com ela...

Lembrei-me da conversa com o especialista. Se Júlia perdesse o medo e contasse o que houve naquela visita, isso iria ajudá-la. Era importante abrir a cortina do seu passado, saber como aconteceram os primeiros surtos.

‘Há algo por trás de tudo isso, que eu preciso descobrir.’

– Gostaria de conversar com Júlia sobre a visita que fez com o pai a Velho Airão.

– Ela nunca quis falar sobre isso, seu Oannes. Mas agora, do que vai adiantar saber?

– Vai adiantar, sim. Podemos evitar que se sinta culpada ou castigada, que é como se sente, ainda...

– Se ela tivesse me ouvido, não estaria assim. Podia estar trabalhando e ganhando o seu dinheirinho, mas era um chamego com esse pai...

‘Júlia teve um conflito com o pai. Isso está claro para mim.’

Ela prosseguiu:

– Podia estar estudando...

– ...E por que não estudou?

– Porque ela fazia tudo para aquele homem, que era um preguiçoso.

– A senhora nunca achou estranho o comportamento dos dois?
– Seu Oannes, o senhor quer dizer o que com isso? Que o pai fez mal à menina?

– Desculpe-me, dona Maria. Mas é o que parece! Ela era uma mocinha quando tudo aconteceu, não era? Depois, adoeceu...

– Ele era uma peste! Mas não acredito que seria capaz de uma coisa dessas...

– Vocês moravam em Novo Airão?

– Morávamos, sim. Depois precisei trabalhar e eles ficaram por lá. Arranjei um emprego na capital, que pouco me dava condições de ir a Novo Airão. Não sei se o senhor sabe, mas até bem pouco tempo aquela estrada era péssima. E a viagem de barco é muito demorada.

Perguntei pela família de dona Maria: – E sua mãe? Onde se encontra? Ainda vive? – finalmente fazia essas perguntas a ela.

– Minha mãe morreu faz tempo. Era agricultora, vendia seus produtos na feira. Meu pai, também já não existe. Meus irmãos estão pelo mundo. Só eu fiquei por aqui.

Dona Maria explicou que teve uma infância difícil, tendo de cuidar dos três irmãos, porque a mãe passava a maior parte do tempo no roçado ou nas feiras.

A história se repete! – pensei. – Hoje, ela se culpa por ter deixado a filha sozinha.

A ideia de trazer Júlia para passar o Natal conosco era uma forma de iniciar o seu tratamento. Sabíamos que seu estado de saúde exigia atenção e disposição para lidar com suas dificuldades, mas todos nos empenharíamos para ela ficar bem.

A chuva estancara. Deu vontade de percorrer a praia, como sempre fazia nas tardes ensolaradas. Deixei a casa e caminhei na beirada do rio.

Durante a viagem sentira saudades deste lugar onde encontrei pela primeira vez minha melusina. No rio Tiquié chegara a pensar algumas vezes em mergulhar, mas os dias de chuva mantiveram-me na maloca durante quase todo o tempo. Aqui algo mais forte me atraía para suas águas.

Era final de tarde. Sentado numa pedra, olhava o horizonte, com o rio a perder-se de vista. O sol não havia aparecido durante todo o dia. A noite chegava escura. Provavelmente minha melusina não estaria ali. Sempre escolhia o último raio do poente, para surgir.

Recordei minha trajetória pelo Rio de Leite Tukano. A decisão estava comigo, Arlindo dissera. Caberia a mim escolher qual destino

tomar. Seguir o caminho de parte da Gente da Transformação, perdida num labirinto de concreto armado, era o que menos queria. O fundo do oceano também poderia não ser um lugar seguro. A Gente-Peixe morre pela boca!

O mar e o rio não estão pra peixe. Estamos todos no mesmo buraco do medo, concluí.

Gostaria de não ter medo. De poder deixar o Buraco da Pedra do Surgimento sem nenhum temor, como na aventura inicial da vida.

‘A vida é o próprio fogo, consome-se a si mesma. Tudo tem seu tempo, seu fluxo normal. Manipular esse tempo pode ser muito perigoso; implica em alterar o fluxo normal da própria vida. É preciso observar o tempo. O tempo da grande explosão e o tempo do repouso.’

Repensei os ensinamentos da sabedoria Pratyabhijña, que me foram confiados à observação para alcançar a luz de Shiva. Os princípios da ação, do conhecimento, da vontade, da percepção de si mesmo e da consciência pura.

Sentei-me na posição de lótus, com os olhos fechados, para me concentrar e executar melhor a respiração. Fiquei assim por algum tempo. Quando os abri, uma luz violeta, de contornos esverdeados, iluminava o ambiente.


Ela está aqui. Eu sinto!

Fechei novamente os olhos e respirei longamente, soltando o ar dos pulmões. Ao abri-los, lá estava ela, a figura majestosa, a derramar-se em fogo.

– Ignis! – balbuciei.

Ela veio. Tocou com seus dedos meus lábios, prostrando-se à minha frente. As chamas escorriam do seu corpo como se fosse água, mas ela queimava. No entanto, seu toque era gelado. Tive frio, quando se aproximou. Disse-me que, tendo passado da condição etérea ao estado fluídico, seu espírito era o sopro ígneo manifestado na natureza.

A Senhora das Águas de Fogo havia principiado a minha iniciação nos mistérios da natureza. Ensinou-me que o elemento primordial, de onde tudo emana, é o hidrogênio. Do sopro da luz ao sopro da vida. E mostrou-me que o primeiro elemento é a única forma da matéria existente que se encontra em tudo: no ar, na água e na terra. No ar, é fogo fluídico; na água, fogo líquido; e na terra, fogo sólido. O hidrogênio é o elemento da natureza. Entretanto, não é água, apesar de gerá-la; não é fogo, apesar de manifestá-lo ou criá-lo; e não é ar, mesmo que seja produto da água e do fogo.



Dessa vez, ela cantou para mim:

*Vim com o vento
Espalhando luzes pelo ar
Vim das estrelas da noite
Molhando a Terra e o Mar*

*Vim do divino fogo
Da primeira forma de amar
Vim com todos os deuses
Água, terra, fogo e ar*

*Dançando a dança das cores
Espalhando cinzas pelo ar
Gerando a Cobra da Pedra
Que no mar vai navegar*

*Sou o fogo primeiro que,
Na pureza da forma,
Vai se desmanchar...*

A chama violeta e esverdeada traduzia aquele momento único. Não era preciso que mais nada acontecesse, além do que já estava acontecendo. Ela já estava totalmente em mim. A minha melusina tomara meu corpo, injetara fluidos elétricos nas minhas veias e me transbordara de luz.

Senti que se cumpria a sexta revelação.

XXVIII A FRÁGIL VIDA AQUÁTICA

Quando o homem aprender a respeitar até o menor ser da criação, seja animal ou vegetal, ninguém precisará ensiná-lo a amar seus semelhantes
Albert Schweitzer

Dona Maria seguiu viagem logo cedo, assim que passou a primeira embarcação com destino à capital. Lá ficaria hospedada na casa de Elisa, filha de dona Vera, como das outras vezes em que precisou ir à capital, conforme nos dissera antes de partir. E nós, como havíamos combinado, saímos para visitar o Centro de Mamíferos Aquáticos, na Vila de Balbina.

Embarcamos no barco grande, com a cobertura de lona para nos proteger da chuva. Nonô não cabia em si de sorrisos. Com as mãos, levantava as espumas que o movimento do motor fazia nas águas.

Descemos o Negro para adentrarmos outro rio de águas pretas: o Uatumã! Tão imponente quanto o primeiro! Com baixa declividade na maior parte de sua extensão, exceto nas zonas de corredeiras, para onde nos dirigíamos agora.

Quando chegamos ao lago de Balbina, a paisagem mudou bruscamente. Demos de chofre com um mar de lama, que foi me deixando deprimido. Ubiracy contou-nos que se tratava da floresta alagada após a construção da hidrelétrica, na década de oitenta.

– Inundaram uma floresta de mais de dois mil quilômetros quadrados para construir uma usina de um bilhão e meio de dólares, que não atendeu ao fornecimento de energia previsto e causou prejuízo ambiental irreversível à região – ele disse. – Na época, houve reação internacional contra a sua instalação, mas de nada adiantou.

– Que horror! – exclamei.

– Balbina chegou a ser considerada um “erro histórico na Amazônia”. Houve quem propusesse desativá-la e deixá-la como um grande monumento à estupidez que representou a sua construção.

Fiquei assombrado com o cenário que mais se assemelhava a um rio morto. Imaginei a região outrora coberta pela floresta e seus moradores.

Atracamos no píer do lago, de onde continuamos a pé até a sede do centro de pesquisas. Uma longa caminhada, mas que valeu a pena.

Lá, conhecemos a turma considerada “linha de frente” no trabalho de preservação dos mamíferos aquáticos. Foi exatamente Márcia, o xodó de dona Maria, quem nos recebeu.

Nonô ia à frente, interessado em conhecer o ambiente dos animais: o berçário para os filhotes de peixe-boi, a creche para os jovens e adultos... Corria de um lado a outro dos tanques, fazendo pose para Simone fotografá-lo.

No recinto das ariranhas, chegou a se assustar com a gritaria que fizeram.

– São muito escandalosas... – ele disse.

Márcia nos informou sobre os esforços para conseguir parcerias ao projeto. Disse que as campanhas de educação e conscientização, apesar de inibirem a caça e ajudarem na reabilitação dos filhotes órfãos, não os têm livrado da captura, que continua a ser feita.

A bióloga explicou-nos que as pessoas, em sua maioria, desconhecem a importância desses animais para o equilíbrio dos ecossistemas e até para a sua subsistência. Mantê-los vivos, disse, ajuda a controlar o crescimento das plantas aquáticas e a fertilizar a água com suas fezes, colaborando com o povoamento de outras espécies, o que é interessante para a atividade pesqueira.

– É uma questão de bom-senso! – ressaltou Ubiracy.

– Acho a pesca do peixe-boi uma atividade tão covarde! – confessou Cíntia. – Ele é um animal tão dócil. Só tem tamanho!

– Por isso mesmo é que se torna uma presa fácil. Quando conseguem ser resgatados, já estão em estado bastante precário, feridos por arpões e muito machucados por remos, porretes, pedaços de pau e coisas desse tipo... É comum serem encontrados com rolhas enfiadas nas suas narinas, o que nos leva a crer terem sido sufocados e, ao mergulharem assustados, morreram afogados ou a pauladas...

– Nossa! Quanta crueldade!

Márcia convidou-nos a conhecer a parte interna do centro. Entramos na lojinha de souvenirs que ajuda a levantar recursos para as campanhas de proteção. Comprei um boné e uma camiseta para Nonô.

“Agora eu também vou ser amigo do peixe-boi”, ele disse.

Ao final da visita, agradecemos a atenção da bióloga e desejamos sucesso nas atividades do centro.

– Dê lembranças à dona Maria. E voltem outras vezes! – ela disse.

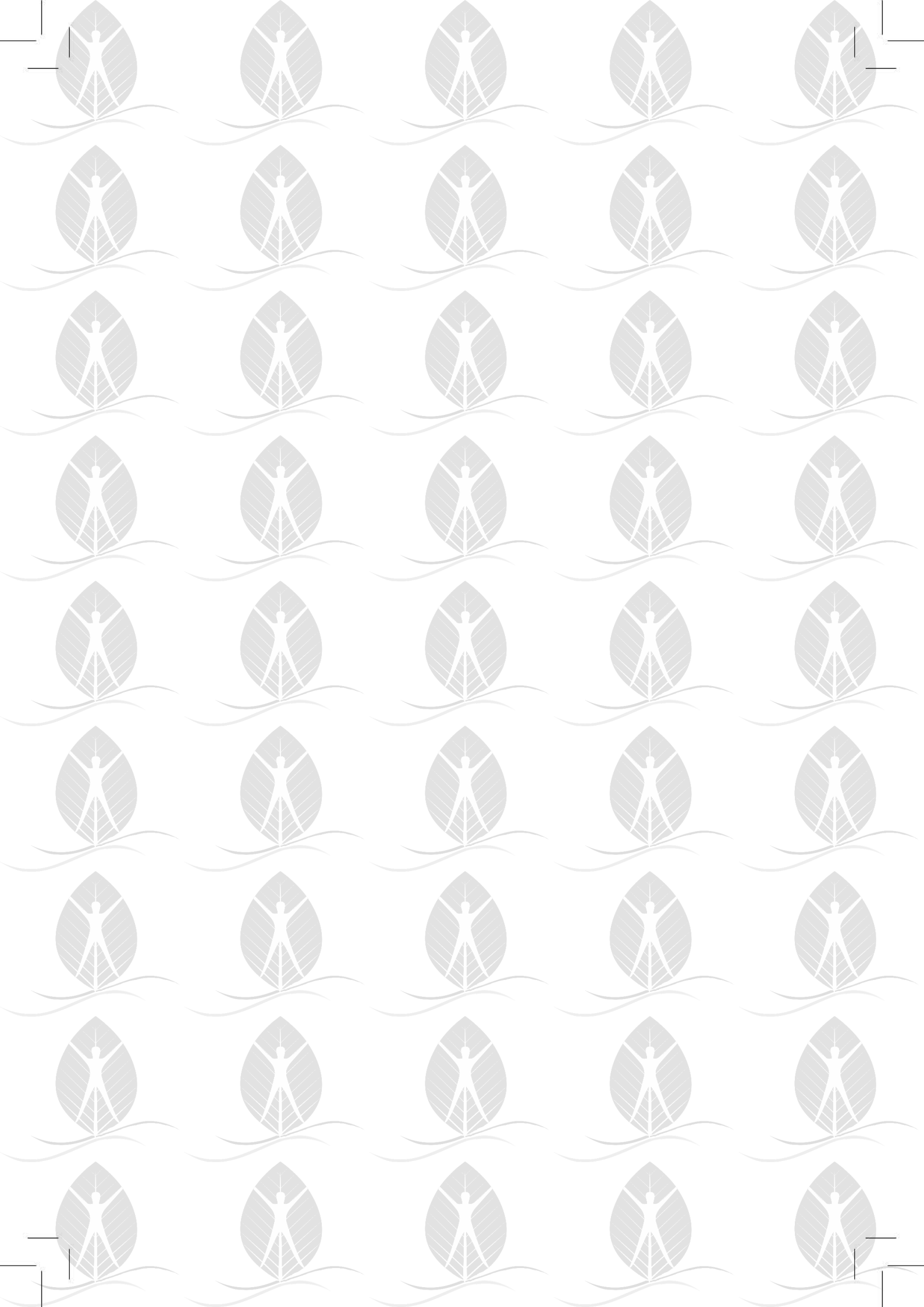
– Pode deixar! – respondeu Ubiracy.



De volta ao píer, Nonô comentou conosco que em Novo Airão os botos costumavam brincar com turistas.

– Na verdade, Nonô, todos esses mamíferos deveriam estar mais protegidos – falei.

Entramos no barco e retornamos ao sítio. Fomos direto à cozinha, preparar o almoço. Só não Ubiracy, que foi verificar a criação de caititus.



XXIX DESASTRE ANUNCIADO

Nosso futuro é como o dos passageiros em um barquinho de passeio navegando tranquilamente sobre as cataratas do Niágara, sem saber que os motores em breve sofrerão pane
James Lovelock

Fiquei impactado com o lago de Balbina. Eu, que abandonara o inferno da cidade pela tranquilidade da floresta, sofria nessa hora o primeiro desencanto. Bem que o professor Benjamim alertara-me sobre essa possível desilusão amazônica. “Por aqui também estamos cheios de problemas”, dissera.

O crime cometido num dos mais importantes afluentes do rio Amazonas, o Uatumã, era um disparate, um acinte, uma vergonha mundial. O desastre ambiental de proporções gigantescas, escondidinho pelo governo brasileiro, fere tudo que se pretenda realizar para proteger a Amazônia. Ao invés de um rico ecossistema, um lago morto, cujas margens fedem à podridão de vidas decompostas.

– Fiquei deprimido com o lago de Balbina – disse às minhas amigas.

Cíntia nos contou que a área alagada corresponde a sete vezes o tamanho da baía da Guanabara e que quinhentos quilômetros de rio foram interrompidos para executar o empreendimento que acabou não dando certo.

– Uma estupidez! – exclamei. – Há quanto tempo a hidrelétrica foi construída?

– Há duas décadas – respondeu – E pelo que sei, gera dez vezes mais metano e gás carbônico do que uma termelétrica movida a carvão mineral, com o mesmo potencial energético.

‘De desastre anunciado à impunidade e ao descaso! O que ainda estão esperando para substituir o metano da usina por outra fonte de energia, menos nociva ao meio ambiente?’

– O ser humano tem sido a pior ameaça à vida no planeta – resmunguei.

Cíntia ligou a televisão para assistirmos ao noticiário. “Furacões nas costas americanas”...

– Está ficando complicada a situação – comentou. – São muitas catástrofes acontecendo...

– Não sei a resposta que a Terra dará a tudo isso, se não diminuirmos a poluição do ar, pararmos de derrubar florestas, provocar queimadas e emitir gases poluentes na atmosfera, principalmente os que resultam da queima de combustíveis fósseis.

– E se todas essas coisas ruins continuarem? – perguntou Nonô.

– Se isso continuar, Nonô, não teremos tempo suficiente para evitar o pior. Vamos ter cada vez mais tufões, furacões, maremotos, enchentes... O gelo da Terra vai derreter mais rapidamente, alagando ilhas e regiões que ficam perto do mar. Os animais vão ser os primeiros prejudicados, possivelmente até extintos, como já vem acontecendo.

– Assim como aconteceu em Balbina?

– Bem pior, porque não vamos ter como evitar.

– Poxa! – resmungou Nonô. – E ninguém está fazendo nada para que isso não aconteça, Oannes?

Nesse momento, Ubiracy desceu as escadas.

– Vocês ainda estão acordados?

– Seu Ubiracy, o senhor sabia que o aquecimento global está ameaçando a Terra? – perguntou, aos gritos, Nonô.

– Infelizmente isso parece ser verdade, Nonô. Nunca vimos acontecer tanta coisa ao mesmo tempo.

Ubiracy sentou-se conosco e continuamos a conversa, até tarde da noite.

XXX FLORESTAS SAQUEADAS

*É triste pensar que a natureza fala e que o gênero humano não a
ouve*
Victor Hugo

Acordei com a barulheira que vinha do lado de fora da casa. Da janela, vi que Ubiracy corria de um lado a outro na tentativa de fazer os caititus voltarem ao criatório. Dessa vez, sobrou para ele, pensei. Seguido por Nonô, desci, apressadamente, as escadas, para ajudá-lo a reunir os animais que se dispersavam.

- Não tem jeito. Eles sempre conseguem derrubar a cancela.
- Vamos ajudá-lo.

Conseguimos levar para o criatório alguns deles, mas muitos ficaram à solta.

– Preciso repensar a forma de alimentá-los. Talvez deixá-los um pouco à vontade no pomar para se alimentarem...

‘Quem não vai gostar é dona Maria’, pensei.

- Volte ao criatório, Ubiracy. Deixe esses conosco – disse.

Corremos para alcançar os fujões que se embrenhavam mata adentro. Eu e Nonô pusemo-nos a persegui-los, mas acabamos enveredando, cada vez mais, para o interior da floresta. Quando percebi, havíamos percorrido quase um quilômetro de trilha, sem que conseguíssemos acuar os animais. Parei um pouco para tomar fôlego. Ao olhar em volta, não vi mais Nonô. Saí gritando seu nome pelo meio do mato, sem que o encontrasse. Decidi voltar e refazer o caminho, empreendido sem sucesso. Mas já não sabia onde estava. Aventurei outra direção, seguindo uma pista aberta na floresta. Andei mais um pouco e percebi que entrara num igapó. Garças, jaçanãs, biguás e outras aves comuns desse tipo de floresta sobrevoavam as árvores.

Contornei a área alagada, entre canaranas e sapopemas, e descobri um igarapé, cujas águas escuras reluziam qual espelho ante o reflexo do sol, convidando-me ao seu deleite.

Tirei sandálias, camisa e entrei no paraíso escondido dentro da selva, observado por alguns de seus moradores locais: pica-paus, papagaios, tucanos e ciganas – essas últimas, aves bastante conhecidas

dos habitantes do rio Negro. Os saúns, pequenos macacos insetívoros, pulavam entre galhos de árvores a distâncias inimagináveis. Pequenos cardumes de peixes, comedores de frutos de palmeiras encontradas em igapós – imbaúbas e buritis – também buscavam sua alimentação abaixo das árvores que cercavam o igarapé.

Por alguns instantes permaneci seduzido dentro daquele ambiente de luz, cor e vida, onde, extasiado, fiquei que nem um caboclo da região: de bubuia, a me banhar nas suas águas frias e cristalinas.

De repente, lembrei-me de Nonô. Levantei-me, num salto, e, rapidamente, saí à sua procura.

Próximo dali comecei a escutar o barulho de motosserra, uma ferramenta portátil, comumente usada na poda e corte de árvores, que muitos madeireiros usam para desmatar a floresta. Assustado, e com cuidado, procurei chegar mais perto para saber do que se tratava, sem ser visto. À medida que me aproximava, o barulho ia se tornando mais forte. Foi então que vi enormes árvores nobres tombadas no chão – duas castanheiras e uma copaibeira – e três homens a cortarem outras, consideradas de igual importância. Resolvi me aproximar para lhes perguntar com que autorização retiravam as árvores. Eles responderam que estavam a serviço de um fulano de nome Moreno, que contratara seus serviços.

– Não sei quem é esse senhor, mas vocês não podem retirar madeira assim, desse jeito.

– Que jeito? – um deles perguntou. – Você sabe outro jeito de cortar a madeira? Então nos mostre!

Riram de mim. Saí furioso, sem nada poder fazer. Eles estavam desmatando um pedaço da floresta, provavelmente sem autorização alguma, talvez dentro do terreno de Ubiracy, ou em alguma área protegida por lei. Meti-me no meio da mata, tentando encontrar o caminho de volta ao sítio, mas somente depois de muito andar pelas trilhas, percebi que me encontrava num lugar conhecido. Continuei andando até que, finalmente, cheguei à casa de Ubiracy.

Quando Nonô me avistou, correu ao meu encontro.

– Tudo bem com você? – perguntei, esbaforido.

– Sim. E com você?

– Acho que estou mal. Cadê Ubiracy?

– Está no bai, com Clóvis e Tião.

– Vamos até lá. Como você chegou até aqui?

Nonô, todo orgulhoso, explicou-me como conseguiu, sozinho, trazer os caititus de volta:

– Enquanto você foi por um lado, eu fui por outro e acabei me enfiando na frente deles. Daí em diante, foi fácil. Foi só sair correndo atrás deles até aqui.

– Muito bem, Nonô!

Ubiracy e os dois vizinhos retomavam os trabalhos de cobertura do bai, que haviam paralisado no dia anterior.

– Onde esteve? Andou se perdendo? – ele perguntou.

– Perdi-me. Mas você não sabe o que acabei encontrando. Há uns homens retirando árvores a duas horas de caminhada daqui.

– O quê?

– É verdade. Não pude fazer nada, a não ser rezar para encontrar o caminho de volta.

– Quantos são?

– Três. Talvez você os conheça... Eles disseram estar a serviço de um homem chamado Moreno.

– Vixe Maria!

– Quem é?

– Um madeireiro que vive se metendo em encrenca. Contrata pessoas para retirar árvores da região, e depois some. Mas por aqui ele não vai encontrar moleza, não! Vamos até lá? – Ubiracy chamou os vizinhos para ajudá-lo.

– O que vocês vão fazer?

– Impedi-los, é claro! Fique com as meninas e Nonô. Não se preocupem conosco.

Expliquei, dentro do possível, o local onde os havia encontrado. Ubiracy, Clóvis e Sebastião, munidos de facões, adentraram a floresta.

Eu estava muito cansado da caminhada. Pela primeira vez, depois da viagem ao alto rio Negro, voltava a sentir a coceira nas costas e nádegas. Subi ao quarto para pegar toalha e roupas limpas e descí as escadas, rumo ao banheiro. Ao passar pela porta que dá acesso à cozinha, vi que Simone e Cíntia preparavam o almoço. Expliquei o que havia acontecido e segui para o banheiro, enquanto Nonô lhes fazia companhia.

Apesar da minha cor escura, minha pele estava muito vermelha, talvez pela tensão que suportara. Massageei levemente todo o corpo com o sabonete medicinal, enxugando-o devagar, para não irritá-lo mais. Retornei à cozinha, para o almoço, com as meninas e Nonô.

Contei-lhes que três grandes árvores já haviam sido cortadas, e que outras, menores, tombaram juntas. Um tremendo prejuízo para o solo, que ficará vulnerável à erosão.

– Papai não vai permitir que eles continuem desmatando...

– Uma pessoa que faz uma coisa dessas é um bandido! – disse Simone.

– Ele é um empresário que tem permanecido impune, cometendo esse tipo de crime – revelou Cíntia.

– É um criminoso, sim! – insistiu.

Nós, que discutíamos na noite anterior o assunto, agora tínhamos de encarar uma situação bem complicada. Pensei no equilíbrio frágil da floresta, que não tem como resistir a essa cobiça insana.

– Minhas amigas e meu amigo Nonô, o desmatamento na Amazônia já é um dos graves problemas a serem enfrentados, atualmente.

– É verdade. Mas não é só o Brasil que desmata! – ressaltou Cíntia.

A amiga tinha razão. O planeta quase não tem mais florestas. As Américas, a Europa, a Ásia, a África e a Oceania, todas desmataram e continuam desmatando. Seja em troca de capital, para expansão ou comércio, com guerras ou quaisquer outras intenções.

– ...O mundo todo tem colocado em risco suas florestas, essa é a verdade! – afirmou Cíntia.

– Êita! Desse jeito não vai sobrar mais nada! – bradou Nonô.

– Infelizmente, isso já resultou no desaparecimento de grande parte da vegetação natural do planeta – acrescentei.

– Oannes! Sem árvores, a floresta vai morrer, não vai? – perguntou Nonô, repassando os talheres para que eu os arrumasse à mesa.

– Vai, Nonô. Vai mesmo! O solo ficará destruído e o leito dos rios prejudicado. Se as árvores morrerem, a região vai virar um deserto e o clima vai mudar. Também vai afetar o ciclo das águas. A cheia e a vazante dos rios não vão existir mais.

– Que horror! – exclamou.

Nonô e eu começamos a colocar os pratos e talheres sobre a mesa. Simone, com um garfo, mexia o macarrão na panela. Cíntia separava os tomates para o molho. Escorrido o macarrão, Simone lavou-o, separando-o numa travessa. Também separou queijo ralado. Cíntia colocou os tomates na água quente para retirar-lhes as peles. Aproximei-me para ver como fazia e ela sorriu, respondendo-me:

– Aprendi com dona Maria.

– Bendita dona Maria! – disse. – Como cozinha bem!

Aguardamos à mesa Cíntia terminar de preparar o molho, colocando coentro, cebolinha, sal e azeite português. Simone repicava manjericão e separava-o numa pequena tigela, ao lado da pia, tal como fizera com o queijo ralado. Eu e Nonô, atentos, observávamos as duas. Quando o molho ficou pronto, Cíntia colocou-o sobre o macarrão e Simone salpicou queijo e manjericão por cima. O almoço estava servido. Só então nos demos conta de que estávamos com fome e esquecêramos um pouco a gravidade da situação que estivéramos discutindo.

Em silêncio, saboreamos o delicioso macarrão ao sugo, preparado com esmero, pelas amigas. Ao final, eu e Nonô nos oferecemos para lavar e enxugar a louça, enquanto as duas amigas guardavam-nas.

– Será que papai vai demorar?

– Não temos como saber. Vamos aguardar! – respondi.

– O que o seu Ubiracy vai fazer com os homens que estão desmatando? – perguntou Nonô.

– Tenho até receio de responder. Papai não aceita esse tipo de conduta. É muito rígido quando vê alguma coisa errada.

– Tudo vai ficar bem! Não se preocupem! – acalmei-os.

– Oannes, por que as pessoas cortam as árvores?

– Pela ganância, Nonô. Pela ganância!

– Eu pensei que fosse por causa do progresso.

Rimos.

– Você tem razão. Em nome do progresso muito já se destruiu. Talvez, por causa disso, as florestas sempre tenham estado ameaçadas. Todas as vezes que se precisou falar em nome do progresso, avançou-se para a floresta. Hoje, quase não se fala mais em progresso, mas em desenvolvimento sustentável. Infelizmente, apesar de sugerir uma nova forma de lidar com a floresta, os desmatamentos continuam ocorrendo.

– Por que a ganância destrói a floresta, Oannes? – insistiu Nonô.

– Porque a madeira representa um lucro rápido, imediato. Mas não é só por isso. É por ignorância também! As pessoas pensam que a floresta vale mais no chão do que em pé, o que não é verdade. Por isso, ela vira um empecilho. Passa a servir apenas para a fabricação de produtos, cultivo da agricultura, construção de estradas e pasto para gado.

– Desmatar a floresta traz muitos prejuízos, isso sim! – afirmou Cíntia.

– É uma reação em cadeia. O desmatamento emite gases que aceleram as mudanças climáticas. Essas tornam as florestas tropicais vulneráveis a incêndios e a novos desmatamentos. Os desmatamentos

deixam as florestas secas, empobrecidas. E, com isso, mais gases são emitidos.

Sabíamos que a questão do desmatamento não podia ser resolvida pelo senso comum, visto que este se encontrava desprovido de bom-senso, de senso crítico, de sensatez... Enfim, de uma compreensão sobre o que é permitido, ou não, fazermos contra nós mesmos. Não fomos preparados para entender que o caminho necessário ao nosso bem-estar é também o mais simples, o mais coerente a ser percorrido.

Deixamos a mesa arrumada para Ubiracy, Clóvis e Sebastião.

– Eles vão chegar mortos de fome. Andar pelo mato dá fome! – disse Nonô.

As meninas subiram para a sesta. Nonô perguntou quando sua mãe chegaria. Respondi-lhe que dentro das próximas horas: – Se não hoje, amanhã, decerto! – Ele ficou animado.

Sentamo-nos nas cadeiras de embalo, na sala. Cochilamos ali mesmo, eu e Nonô.

Acordamos com a chegada de Ubiracy e dos amigos vizinhos. Levantamo-nos depressa, assim que ouvimos suas vozes à entrada da casa.

Nonô perguntou se eles conseguiram espantar os cortadores de árvores, ou deixaram que eles escapassem.

– Escapar? Bem que tentaram, assim que nos viram. Tivemos de agir com dureza com eles, claro! – revelou Ubiracy.

– Como assim? – perguntei.

– Ah! Tivemos de aplicar-lhes um corretivo. Não foi, Clóvis? Estão acostumados a fazer esse tipo de coisa...

– O que vocês fizeram? – perguntei, preocupado.

– Não podíamos permitir que escapassem mais uma vez! Senão, como iríamos provar que foram eles? Deixamos todos presos nas árvores que cortaram. Eles que arranjem um jeito de se soltarem. Amanhã

mesmo vamos denunciá-los. Eu não vou sossegar enquanto não os ver punidos pelo que fizeram. Eles que aguardem!

– Quem é esse Moreno?

– É um homem cheio de pose, mais conhecido como “Senhor Peia” – respondeu Clóvis.

– “Senhor Peia”? Por quê?

– O pessoal do *Santo-Daime*³⁴ costuma utilizar esse termo para pessoas que fazem besteiras. Apanham, apanham, mas não aprendem – respondeu Clóvis.

– Eles pertencem ao *Santo-Daime*? – perguntei.

– Não pertencem! – respondeu. – ...Apesar de já terem estado por lá. Eles têm causado muita confusão, porque estão aqui com um objetivo que só prejudica a floresta e a comunidade.

– Será que eles ficarão impunes?

– Isso eu não sei dizer, Oannes. Porque essas pessoas costumam arranjar um jeito de driblar a justiça, com ajuda de alguma autoridade ligada ao poder, às vezes envolvida em corrupção. Mas garanto a você que eu vou lutar para que não aconteça; não nesse caso.

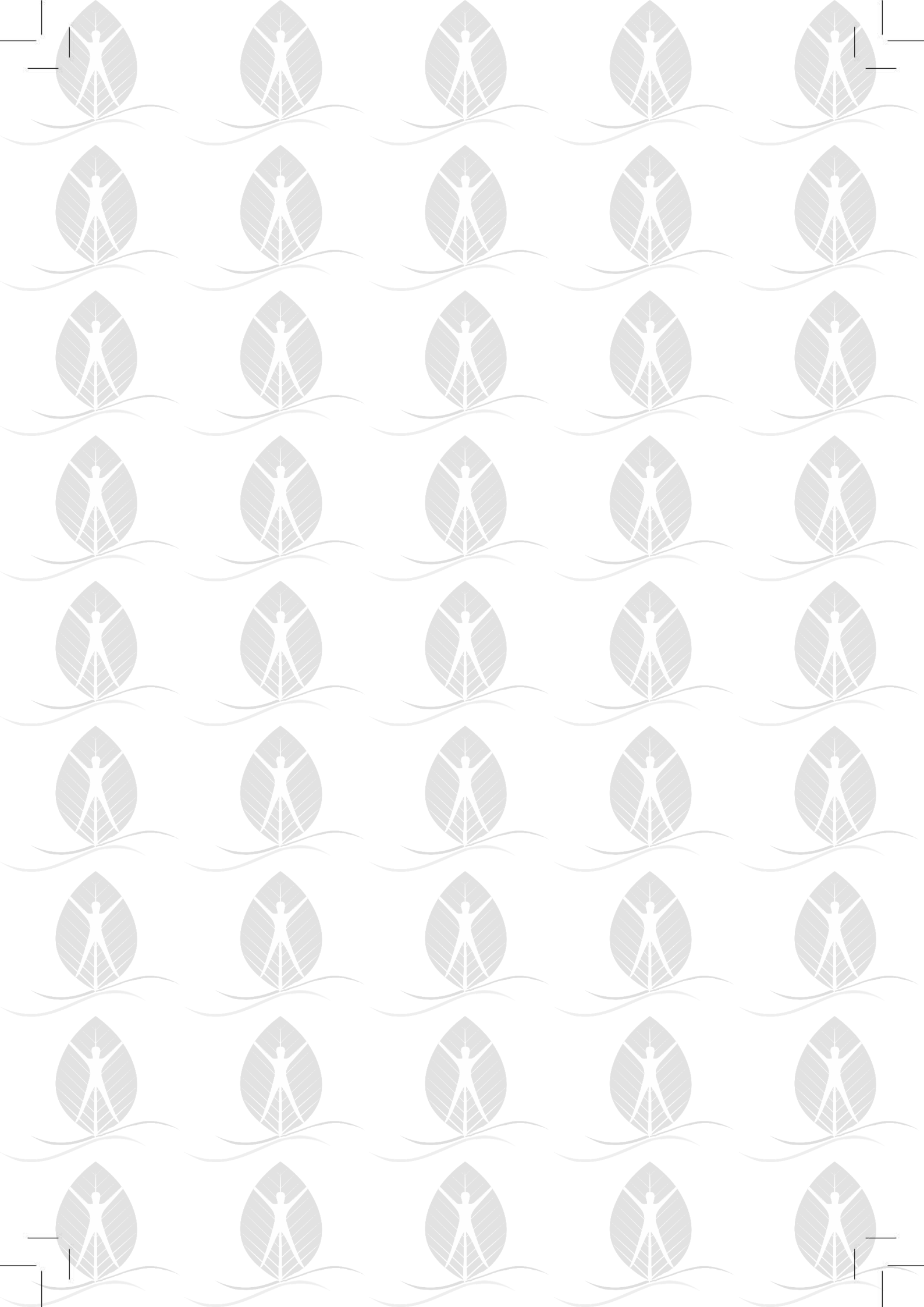
– E o estrago? Foi grande?

– Foi. Eles fizeram algo muito feio. Árvores centenárias, nobres... Mais de oito, arriadas em meio a muitas outras, que pereceram juntas. E ali é uma área de proteção. Mas eles vão ver, não perdem por esperar...

‘Então, eles já tinham estado pelo *Santo-Daime*? E fizeram um péssimo uso da bebida sagrada, que é um costume antigo dos povos da floresta.’

34 O Santo-Daime, assim como a União do Vegetal, são, hoje, doutrinas dos povos da floresta. São cerimônias religiosas espiritualistas, com forte influência cristã, que utilizam durante os rituais a ayahuasca – uma combinação de duas plantas que estimulam o sistema nervoso central e ativam a percepção e os sentidos, ajudando no tratamento de doenças nervosas e mentais. Na linguagem quéchua, *aya* significa espírito ou ancestral; e *huasca*, vinho ou chá. A ayahuasca é um vinho feito do mariri, ou jagube – cipó que contém uma substância alucinógena curativa – e a chacrona, uma raiz que contém alcalóides psicotrópicos. Seu poder curativo e psicoativo pode contribuir para a decifração de muitos enigmas da humanidade. Tal como o Soma, no Vale do Indo, a ayahuasca foi muito utilizada pelos povos pré-colombianos para se conectarem com o Grande Espírito. A experiência de êxtase místico que proporciona tem a função de suscitar a expansão da consciência de Deus, em nós.

Hoje, o caboclo amazônico incorporou às suas crenças religiosas a experiência do Santo-Daime, fundada por Irineu Serra, maranhense, que sacramentou a antiga tradição dos povos indígenas.



XXXI
ECOSSISTEMAS AMEAÇADOS

A floresta precede os homens e o deserto os segue
René Chateaubriand

Acordei cedinho. Desci as escadas silenciosamente, para não acordar ninguém. Abri a porta da casa e saí. Caminhei pela praia até as pedras, às margens do rio, onde escorei minhas costas. Os raios vermelhos do sol vinham rasgando o dia. Logo chegou Ubiracy.

– Madrugou?

– Pois é. Despertei antes que os caititus.

Rimos.

– Estou indo a Novo Airão. Vou buscar o material que está faltando para concluirmos o bai... E cumprir com aquela obrigação.

– Claro!

– Não podemos deixar por menos!

– Fique tranquilo, quanto ao sítio.

– Obrigado. Deixe o rádio ligado, pela manhã.

– Está bem.

– Vou ao município vizinho tomar algumas providências e aproveitarei para falar a uma rádio local.

– Não me diga que...

– ...Isso mesmo! Vou contar o que aconteceu, na rádio. Mas antes farei queixa à polícia. Vou dar “nome aos bois”.

Dar “nome aos bois” significava dizer quem estava por trás do desmatamento, o mandante do crime, algo que muitas pessoas evitam fazer, com medo de represálias.

– Vou buscar Clóvis e Sebastião para me acompanharem – falou.

– Boa sorte!

– Obrigado!

Ubiracy deixou o sítio, com destino à casa dos vizinhos. Voltei para preparar o café.

Na cozinha, encontrei Nonô.

– Já acordou? Caiu da cama?

– É hoje que a minha mãe chega?

– Provavelmente! – respondi. – Venha cá, ajude-me a arrumar a mesa.

Abri o armário e comecei a retirar as xícaras de café para que Nonô as colocasse na mesa.

– Deixa comigo! – ele disse.

– Vamos preparar um belo café da manhã!

Enquanto eu coava o café, Nonô retirava do armário o leite, a manteiga, o açúcar, a geleia e os biscoitos. Abrimos a caixa de leite para esquentá-lo.

– A mesa vai ficar bonita! – exclamou.

Peguei os talos da macaxeira, colhida por dona Maria, dias antes; cortei-os em pequenos pedaços, retirei-lhes as cascas e coloquei-os para cozinhar.

– Que tal colhermos alguns mamões?

– Eu gosto de mamão.

– Vamos lá.

Com uma vara, cutucamos os galhos das árvores para facilitar a retirada das frutas, que caíram nas mãos de Nonô.

– Vamos também pegar laranjas para fazermos suco.

Colhemos as laranjas e entramos na cozinha. Liguei o rádio, baixinho.

– Hoje, pela manhã, Ubiracy vai falar à rádio... – contei a Nonô.

– O que ele vai falar?

– Vai contar o que aconteceu ontem. Denunciar os homens que cortaram as árvores...

– Vai ser agora?

– Não. Ainda é cedo. Vamos tomar o nosso café e preparar a ração dos caititus... Antes que eles arranquem a cerca de fome.

Assim, eu e Nonô conseguimos, durante a manhã, executar as tarefas do sítio. Alimentamos os caititus, irrigamos as plantas e a horta, colhemos frutas caídas das árvores e limpamos a frente da casa. Fiquei com o corpo todo suado.

– E pensar que esse é o trabalho diário de dona Maria!

– A vovó gosta de trabalhar! – ele respondeu.

Simone e Cíntia demoraram a descer para o café, e quando o fizeram já se aproximava da hora do almoço. Contei sobre a decisão de Ubiracy de falar à rádio sobre o que acontecera no dia anterior. Aumentamos o volume do aparelho e aguardamos.

Como prometera, Ubiracy se fez presente nos estúdios da rádio para falar sobre o episódio do desmatamento em área de proteção ambiental. A rádio anunciou uma denúncia importante para a população e autoridades do governo e meio ambiente.

Ubiracy contou o que sucedera, citou o nome dos envolvidos e revelou já ter estado no Ibama e na Polícia Federal para prestar queixa e cobrar providências.

Diante do ocorrido, a entrevistadora quis saber:

– Eles fugiram?

– Se não se soltaram, estão amarrados aos troncos de madeira que eles mesmos derrubaram. Deixei-os assim para aprenderem a não destruir a floresta.

– O senhor fez isso mesmo que está falando? – perguntou-lhe a repórter.

– Se não tivesse feito, eles fugiriam, como das outras vezes. Por que eles devem ser poupados, e as árvores, não?

– Mas as árvores já não estavam mortas?

– Pois é. Esse é o nosso erro: pensar que as árvores, os animais, os rios, todos podem morrer e nós ficaremos impunes.

– O senhor não acha que foi radical agindo assim? Afinal, existem autoridades para cumprir com esse papel.

– Pois é! Eu só dei uma ajudazinha...

– O senhor é um ativista ambiental?

– Não, senhora! Mas sei que isso é um crime contra a natureza e contra nós mesmos.

– Explique melhor...

– Nós não nos damos conta de que, assim como a Terra, todos nós também adoecemos. Se a Terra e os rios adoecem, nós adoecemos junto com eles. Se as águas se contaminam, nós também nos contaminamos. Tudo o que acontece à Terra, acontece também a todos nós.

– Um momento, por favor... – dizia a repórter da rádio.

– O que será que houve? – perguntou Cíntia.

A entrevistadora continuou:

– Estamos recebendo telefonemas de pessoas que querem fazer perguntas para o senhor...

– Podem perguntar!

– Uma ouvinte daqui de Manacapuru está lhe dando os parabéns, pela sua atitude de denunciar. Mas pergunta se o senhor acredita que as pessoas podem mudar, com atitudes como a que teve? – a apresentadora

arranhou a garganta, para continuar: – ...Bem, ela deve estar se referindo ao fato de o senhor tê-los amarrado...

Ubiracy respondeu:

– Primeiro, quero agradecer à ouvinte e lhe dizer que eu não fiz mais do que a minha obrigação de denunciar. Quanto à pergunta, vou ser bem sincero: não se trata de acreditar ou não. Tive de agir assim para que não escapassem. Se não fizesse isso, hoje eles estariam cortando a floresta mais adiante. Sei que agi de forma radical, mas acredito que fiz o que devia e podia, naquele momento, pois, muitas vezes, assistimos calados e impotentes a ações como essa, sem nada fazermos. Quanto à mudança de comportamento das pessoas, gostaria de dizer à ouvinte que acredito pouco, mas ainda assim, acredito. Caso contrário, não teria denunciado. Infelizmente existem pessoas que gozam da proteção da lei, quando cometem esse ou outro tipo de crime.

A entrevistadora continuou:

– Os ouvintes da rádio estão participando... Perguntam se o senhor sabe que a cidade está avançando pra cá, com a criação da região metropolitana. O que o senhor tem a dizer sobre isso?


– Eu temo que o ecossistema do baixo rio Negro não resista a essa urbanização. E que a especulação imobiliária acabe com a floresta, avançando, cada vez mais, para dentro...

– O que leva o senhor a pensar assim?

– As cidades sofrem com seu trânsito conturbado, suas concentrações de calor. Sofrem as consequências do desprezo, da desatenção ao meio ambiente, da retirada de sua vegetação, de seus parques, seus rios, suas florestas... E tudo vira concreto, poeira, poluição. A cidade acabou com praticamente todas as suas florestas. Não tem mais pra onde avançar. E vai avançar pra cá...

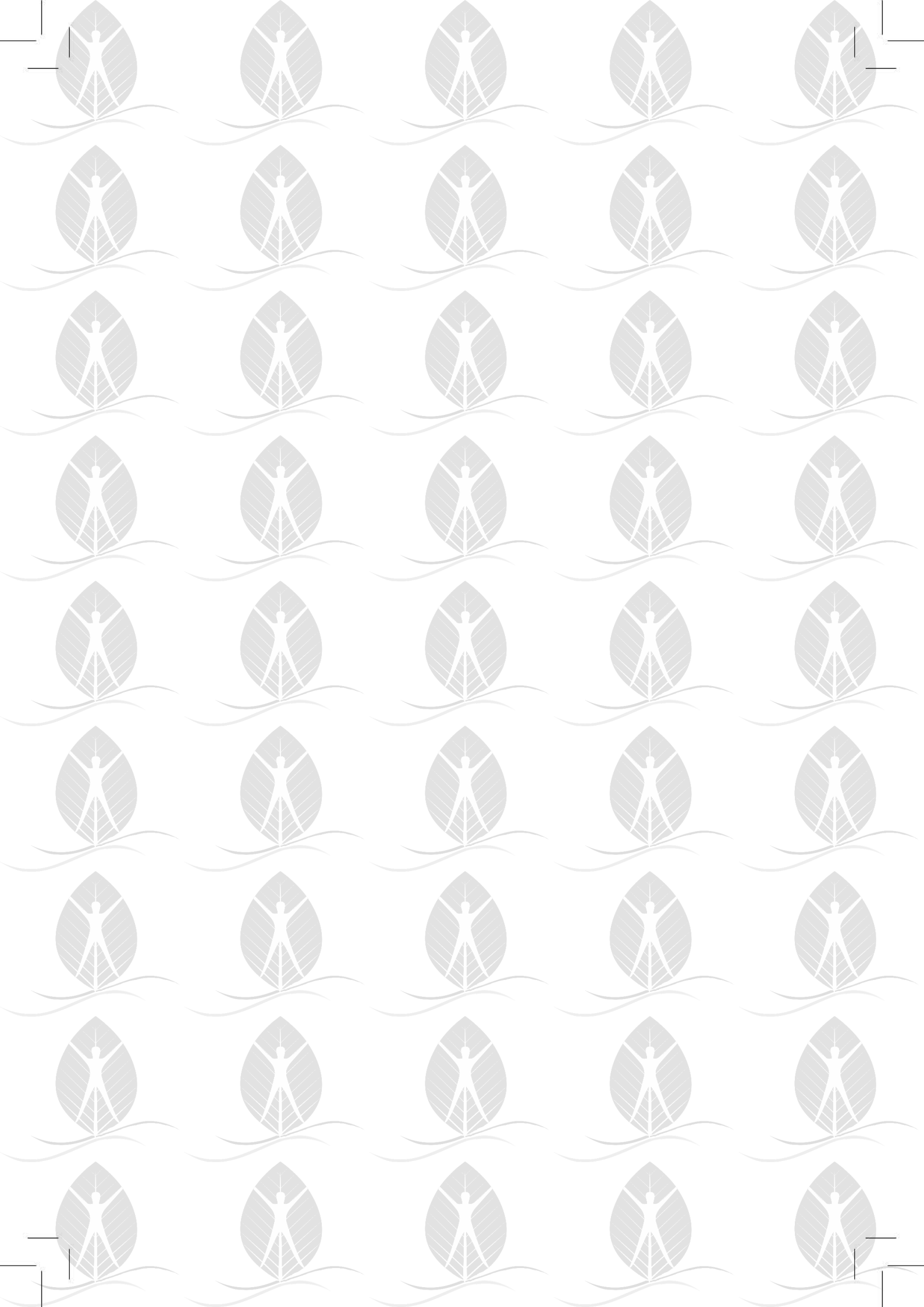
– Obrigada pela sua participação em nosso programa. – concluiu a apresentadora. – Com certeza suas palavras vão servir de reflexão para todos nós. O senhor quer falar mais alguma coisa, fazer um apelo?...

– Sim. Gostaria de aproveitar a oportunidade para dizer às pessoas que tratem com mais respeito o lugar onde moram. A Terra é a nossa casa. A floresta é um ambiente frágil, precisa de proteção. Ela abriga milhões de seres visíveis e invisíveis, do bem, que ajudam na preservação da vida. Os rios existem por causa da floresta. Se a floresta desaparecer, o rio vai morrer. Se o rio morrer, as outras águas também morrerão. Porque todas as águas formam um rio único, um oceano. Para que a águas se renovem, suas nascentes devem ser preservadas. As nascentes



geralmente são locais bem pequeninos, protegidos por algum tipo de vegetação. Se não protegermos nossas florestas, as nascentes vão morrer, o rio vai morrer, o mar vai morrer e a vida vai deixar de existir, porque precisa de oxigênio. E o oxigênio existe nas algas e no fitoplâncton dos mares, que dependem dos rios para continuar a viver. É um sistema integrado. Nós vivemos de oxigênio. Vivemos, porque respiramos... Era o que eu tinha a dizer!

Nem preciso dizer quanto ficamos orgulhosos de Ubiracy.



XXXII OS INIMIGOS INVISÍVEIS

Se alguém chega a uma cidade e olha para ela de longe, ele terá a impressão de que a cidade está escondida atrás de seus prédios. Mas onde está a cidade? Ele tenta entrar na cidade para encontrá-la atrás dos edifícios. Ele continuará vendo apenas aspectos da cidade, o 'de trás' será sempre um mistério para ele...

Pedro Hussak Van Velthen Ramos

Depois da entrevista de Ubiracy, pus-me a pensar sobre as condições das cidades. Meu pensamento se reportou mais uma vez aos seus ruídos insuportáveis, seus cheiros nocivos e suas aberrantes cenas de desperdício, que vão dos gases tóxicos emitidos pelos automóveis na atmosfera ao acúmulo de lixo e outros prejuízos ambientais, que nos impedem de respirar adequadamente oxigênio. Viver na cidade cada vez mais tem se transformado num desafio à nossa saúde.

A pressa das cidades não dá tempo de olharmos, à nossa volta, a natureza. Se ela começa a morrer, se as nascentes dos rios e igarapés são poluídas, poucos notam. A quantidade excessiva de veículos que circulam nas ruas, a perda das matas ciliares, o ultimato à fauna silvestre, tudo isso tem feito da cidade um local ruim pra se viver.

A poluição salta aos olhos e aos ouvidos. Do lixo espalhado nas ruas ao barulho excessivo e intermitente a infernizar nossos ouvidos. Viver nesse tipo de ambiente tem se tornado doentio. Como se fôssemos obrigados a tolerar quem nos agride.

Por isso, apoiava Ubiracy, em que pesem as consequências de seu ato intempestivo. Sei que não podemos incorrer nessas atitudes, mas permitir que certos abusos aconteçam diante do nosso nariz, também é antiético.

Simone e Cíntia subiram, após o tardio café. Deixei a casa, acompanhado de Nonô, que aguardava, com expectativa, o retorno da mãe.

- Nonô, vamos até a beira do rio?
- Lá no barranco que as águas estão levando?
- Sim. Lá onde as águas não cansam de repuxar a terra para o fundo do rio...

– Vamos!

Ao chegarmos junto à pedra na qual costumávamos sentar para jogar conversa fora, ele me olhou, cabreiro:

– Você parece triste, Oannes...

– Estou mesmo, Nonô! Estou deprimido...

– Por quê?

– Sinto que estou no lugar errado...

– Como assim? Você não saiu da cidade pra viver aqui?

– Mas até viver aqui está se tornando difícil.

– Eu sei porque você ficou assim! Primeiro, foi porque viu aquele rio podre. E, segundo, porque os homens estavam cortando a floresta.

– Foi por essas razões que você falou, mas também porque constatei que muitas pessoas não respeitam sequer o lugar onde vivem.

Calados, ficamos a olhar o rio. Nonô quebrou o silêncio:

– Por que você não gosta da cidade, Oannes? A cidade tem muita coisa legal, também.

– É verdade, Nonô. Mas a cidade está se transformando num lugar ruim para se viver. Acabaram com os igarapés, quase não existem árvores, as pessoas vivem correndo e se agredindo... Não fazem o mínimo esforço para melhorar a sua qualidade de vida... Pelo contrário, estão cada vez mais tornando suas vidas insuportáveis. Eu não quero viver desse jeito. Prefiro ser levado por essas águas.

– Êita, Oannes. Você ficou triste mesmo!

Nonô sentou-se mais perto de mim, encostando a cabeça em meu braço.

– Você não gosta do barulho da cidade, não é?

– Não. Não gosto! Mas há outras coisas também que detesto. Por exemplo: fico irritado quando as pessoas jogam lixo de dentro dos carros nas ruas.

– Você sabia que fazem isso também nos rios? Eu já vi muita gente jogando lata de refrigerante, de cerveja e copo plástico no rio.

– Então, você não acha isso um absurdo?

– Eu acho que as pessoas fazem de propósito.

– Pode ser. Outra coisa que me irrita...

– ...O que é?

– ...Um péssimo costume que vi lá na cidade...

– Qual?

– Muitas pessoas limpam as calçadas com a mangueira de água. Ficam horas e horas empurrando a terra acumulada com o jato de água. Passa a ser até uma terapia. “Jatoterapia”. Um absurdo!

– Por que será que elas fazem isso?

– Primeiro, acho que é ignorância sobre a importância da água, de como ela deve ser utilizada. Depois, acho que é descaso mesmo. Não querem se preocupar com isso. Mas tem outra coisa que eu acho que altera o comportamento das pessoas, especialmente da cidade de onde vim.

– O que é?

– A cidade foi construída de costas para o rio. A maioria das pessoas não vê o rio. Só as casas que já foram construídas há muito tempo nessas áreas, ou as mansões e condomínios de luxo. Se as pessoas olhassem mais os rios, teriam outro comportamento porque se sentiriam parte dele.

– Eu gosto de olhar o rio. Mas eu não sujo!

– Sabe de uma coisa? Também acho que não é por isso, não! Porque, se fosse assim, a orla da cidade não viveria tão suja. As pessoas usam o rio como depósito de lixo, sem saber que essa sujeira vai se voltar contra elas. É um péssimo hábito. Elas nem se dão conta de que estão convivendo com inimigos invisíveis.

– Os inimigos invisíveis estão na cidade?

– Estão, Nonô! A fumaça que sai dos combustíveis e das fábricas reduz a oxigenação do cérebro e das células e provoca dores de cabeça e vertigens. A poluição do ar causa irritação nos olhos e problemas respiratórios sérios, como a asma, a bronquite, a pneumonia. Hoje, as cidades também ficaram mais quentes, porque foi retirada a sua vegetação para construir prédios, casas... Até os animais desapareceram!

– Nas cidades agora só há animal de estimação, não é?

– Só se for de estimação mesmo. Os animais que costumavam habitar as áreas verdes da cidade estão perdendo a sua casa, como a preguiça, o tamanduá, a coruja, o pequeno gavião, os lagartos e outros répteis. Até o sauím-de-coleira está ameaçado, porque a floresta onde ele vivia está ficando cada vez menor.

– O sauím é aquele macaquinho bem pequeno?

– É ele mesmo. De pelos castanhos no corpo e pelos brancos no pescoço, que nem uma coleira.

– É por isso que ele tem esse nome? Por que tem coleira, que nem os caititus?

– Sim. Como ele está ficando sem a sua casa, acaba aparecendo nas estradas, com risco de ser atropelado. Outra coisa que algumas

peças gostam de fazer é persegui-lo com estilingue. Como ele é todo pequenininho, não chega a pesar mais que seiscentos gramas, é uma das vítimas preferidas desse tipo de gente.

- O que é estilingue?
- Estilingue é uma “baladeira”, como se diz por aqui.
- Eu já tive “baladeira”, mas nunca “balei” passarinho.
- É terrível maltratar os animais. Se pudermos evitar, não devemos deixar isso acontecer, Nonô.
- Eu sei. Tem gente que prende os animais só pra eles sofrerem...
- Isso se chama crueldade! Capturar animais para a prática de sacrifício.
- Oannes, vamos entrar. Estou começando a ficar com frio.
- É mesmo, Nonô! Também estou começando a sentir frio. Parece que vem chuva por aí.

Lá dentro, fizemos um lanche. Subi, e ele ficou prostrado à janela da casa, esperando a chegada da mãe, enquanto a chuva caía.

XXXIII O INFERNO DA CULPA

Deus é uma ferida que o homem deve curar
Carl Jung

Finalmente, elas chegaram. Ajudei-as a carregar as malas para o quarto, seguido de Nonô que, atento aos movimentos da mãe, parecia aguardar o momento certo de chegar mais perto, trocar um carinho, um abraço. Deixei o quarto discretamente para que eles tivessem a oportunidade de ficarem a sós. Dona Maria também desceu, em seguida.

Nonô havia esperado a tarde inteira a sua chegada. Até colheira flores para arrumar o quarto da avó, onde ela ficaria. Ansioso, olhava da janela, a cada instante, e me dizia que agora eles poderiam voltar pra casa, porque a mãe “já ia ficar boa”.

Nos dias em que dona Maria esteve ausente, todos nos ajudamos com as tarefas do sítio, inclusive Cíntia e Simone. Fiquei feliz porque as duas estavam firmando amizade. Simone tinha um temperamento dócil e bom coração, certamente faria bem à Cíntia, que, por sua vez, com seu valoroso caráter e determinação, muito teria a engrandecer a personalidade da amiga.

O dia tinha sido de muita chuva e trovoadas, o que as levou a permanecerem no quarto durante toda a tarde, enquanto eu, acompanhado de Nonô, à janela, lia um livro numa das cadeiras de embalo da sala. Ainda agora, no início da noite, elas não haviam descido.

Logo que o cheiro da sopa, preparada por dona Maria, começou a se espalhar pelo ar, elas desceram. Vinham às gargalhadas, porque até do almoço haviam se esquecido.

– Salvas pelo gongo! – dizia Cíntia, dançando pelos degraus da escada.

– Pelo gongo, não! Por dona Maria! – corrigi-a.

– Ah, então elas chegaram? E Júlia, como está?

– Parece tranquila.

– Que bom! E papai... Chegou?

– Ainda não.

Ligamos a televisão para ouvir o noticiário. Não demorou, Ubiracy adentrou a casa. Demos-lhe os parabéns pela entrevista. Bastante

cansado, subiu para pegar as peças de roupa e descer ao banheiro, enquanto as meninas arrumavam a mesa.

Estávamos a poucos dias do Natal, ocasião em que, segundo previra Ubiracy, seria inaugurado o bai, a despeito do evento cristão pouco representar para os donos da casa. A escolha da data acabou recaindo para o período de férias de Cíntia e pelo significado da festa religiosa para a comunidade, já que os vizinhos haviam sido convidados. O fato mais importante, no entanto, fora a decisão que levou Ubiracy a “imolar” – conforme dissera – um de seus caititus, o que, para ele, se constituía num verdadeiro assassinato.

Não adiantou livrá-lo do peso moral que significava sacrificar o caititu para um evento importante, porque na sua visão isso representava uma falta grave, implicava numa transgressão cultural. Para ele, a sua produção era algo a que devia renunciar em benefício do repovoamento da espécie. No fundo, porém, estava incomodado, pois teria de decidir logo.

Sabia, apesar do drama pessoal, que a inauguração da casa tinha um significado bem maior que as recordações da vida na aldeia – era a confirmação de que conseguira se fixar em seu local sagrado. Portanto, o sacrifício tinha a conotação de uma oferenda. Sob esse ponto de vista, talvez não viesse a sofrer tanto.

Enfim, tomou a decisão de abrir mão de um dos seus caititus e também se decidiu pela comercialização dos animais. Conforme nos confidenciou, precisava de recursos financeiros para manter os estudos da menina Cíntia. O valor do aluguel do imóvel de sua propriedade na capital federal já não supria as necessidades, e o sítio, por sua vez, precisava tornar-se sustentável.

Os serviços de instalação elétrica do bai foram concluídos na véspera do Natal.

Agora lhe caberia a parte mais difícil.

Com a ajuda dos vizinhos Clóvis e Sebastião, ele conseguiu realizar o que seria, talvez, a tarefa mais difícil da sua vida. Entrou na casa, vertendo suor pelos poros, socorrido por dona Maria, que lhe entregou uma toalha para que fosse banhar-se.

Ubiracy chorava que nem criança, deixando-me nervoso. Pela primeira vez, depois de quase dois meses, senti novamente vontade de fumar, mas controlei aquele péssimo hábito.

Saiu do banheiro, enxugando os cabelos lisos a escorrerem água pelo corpo.

- Desculpem-me por isso. Chega a ser patético...
- Não é patético! – respondi. – Faz-nos refletir sobre a nossa condição humana.
- Mas é algo que tenho de superar.
- Você está conseguindo.
- Vamos até o bai? – ele pediu.

A construção chegara ao final. O bai estava pronto! Com duas portas que, na concepção Boe, dão, respectivamente, para o pátio da aldeia e para o quintal, a casa tinha a forma circular, só que num tamanho bem menor que o tradicional, de cem metros de diâmetro.

Ubiracy me convidou a entrar pela porta principal. Entrar no bai significa adentrar a cultura Boe.

As paredes se constituíam num prolongamento da cobertura de palha, toda em folhas de babaçu, sendo que mais novas. Os detalhes da amarração dos caibros, na cumeeira e os esteios com forquilha e ripas revelavam o empenho com que fora construído. Ali estava o centro do mundo dos Boe, o local sagrado de Ubiracy. Ele havia ultrapassado o tempo para construí-lo, remetendo-se ao período anterior à grande inundação, à cabana primitiva de seu povo, cuja cultura remonta ao holoceno, há mais de dez mil anos.

Todos participaram da arrumação da festa, até mesmo Júlia que ajudou na preparação dos doces. No final da tarde da véspera de Natal, o bai se iluminou. Começamos a levar os pratos, copos e talheres para a mesa circular montada no esteio principal e arrumada com folhas de bananeira. A entrada e o interior do bai haviam sido decorados com talos de palmeiras pelas duas amigas. Quando a noite chegou, os vizinhos Clóvis e Sebastião atracaram as canoas à praia e desceram com suas esposas e filhos.

Dona Maria, Simone e Cíntia terminavam de colocar os alimentos à mesa. Nonô, vestido com a camisa que lhe fora presenteada durante a visita ao Centro de Mamíferos Aquáticos, chegou de mãos dadas com a mãe, e os dois se recostaram no banco que circundava a parede cônica da casa Boe.

Ubiracy adentrou o bai, com os olhos pintados de preto, adornado de colares e brincos que se estendiam por um longo cordel, do lóbulo das orelhas ao peito. Soprando uma ika (flauta de taquara), deu início à cerimônia conhecida como móri, que tem o significado de “recompensa”. Celebrava, assim, a paz com a natureza e o mundo dos antepassados.

Em Boe Wadáru, sua língua original, ele proferiu palavras de agradecimento às forças mágicas do Bari, espécie de xamã Bororo, enaltecendo o ciclo anual de Joru Butu (seca) e Butao Butu (chuva) e pedindo permissão para o consumo de carne. Assim, o Bari, possuído por um bope (entidade sobrenatural), devia comer porções desses alimentos, de modo a pô-los em disponibilidade para os demais convidados. Protegidos por Bari, estaríamos isentos dos males provenientes do consumo irregular dos alimentos.

Sob aplausos, Ubiracy provou um pedaço da carne de cateto, rompendo com a abstinência que havia feito desde a infância e consagrando a oferenda ao seu lugar sagrado. Todos conheciam o significado desse gesto, sabiam o que isso lhe custava; por essa razão, aplaudiam.

A ceia foi servida. A partir daí, todos se aproximaram da mesa, menos Ubiracy, que ficou a um canto, com o olhar observador sobre todos nós.

Simone e Cíntia colocaram música para animar a festa. Dona Maria conversava alegremente com os vizinhos. Todos pareciam se divertir.

Aproximei-me de Júlia, sentando-me a seu lado. Perguntei-lhe como estava e ela me respondeu que estava melhor.

– Não sinto mais queimar meu corpo – ela disse.

– Que bom.

– Eu me queimava toda.

– Por quê? – perguntei, mas ela não me respondeu. – Por que você se queimava? – insisti.

Ela titubeou. Respondeu-me compassadamente:

– Não sei. Eu não posso mais entrar na casa de Deus.

– Como assim?

– Eu deixei o fogo queimar meu corpo.

Pensei no que poderia significar aquela metáfora do fogo. Algo a incomodava. Tornei a perguntar:

– Isso a impedia de andar?

– O chão vai se partir.

– Você ainda acha que o chão vai se partir?

– Nós estamos em cima de um formigueiro... Eu estou me queimando...

– Você está sentindo seu corpo queimar, agora?

– Não. Mas tenho medo!

– Do que você tem medo?

- Do fogo.
- Por que o fogo queimaria você?
- É castigo de Deus.
- Mas por que Deus castigaria você?
- Eu não posso andar...

Nonô apertou sua mão e abraçou-a. Júlia ficou em silêncio. Tinha no seu comportamento algo de medo e culpa que fazia com que seu chão fosse arrancado, deixando-a desprotegida. 'Se essa pista for o que penso, será necessário juntar as partes do que foi quebrado, pra que consiga reestruturar seus pensamentos.'

Algo, desde o começo, chamara minha atenção. O fato de pouco ou nada se comentar a respeito do pai que a acompanhou às ruínas de Velho Airão – ou mesmo do pai de Nonô. Por que não comentavam nada sobre ambos? Quem seria um e quem seria o outro? Ambos seriam o mesmo?

Vários dias se passaram, sem que Júlia demonstrasse nenhuma alteração em seu comportamento. Nonô era quem mais aproveitava. Dona Maria demonstrava estar tranquila. Simone e Cíntia estavam bem afinadas. O inverno rigoroso parecia não atrapalhar as férias de ambas, a julgar pelo perfeito entrosamento.

Caminhei, como de costume, pela praia. Um vento gelado batia no meu rosto, lacrimejando meus olhos. Cheguei mais perto do rio, sentando-me sobre uma pedra.

Era final de tarde, mas o céu parecia não ter cor. Senti Nonô aproximar-se com a mãe. As águas batiam nas pedras... Slop... Slop... E voltavam ao rio, trinando... Blou...Blou...Blou...

Sentados, os três, passamos a acompanhar esse movimento repetitivo, que era quase um ritual.

Foi quando, de repente, aquilo que, a princípio, costumava ser a minha experiência individual, emergiu das águas num solavanco de ondas, espargindo luzes para todos os lados.

- Minha Nossa Senhora do Perpétuo Socorro! – gritou Júlia, assustada.

- Calma, mamãe! – reagiu Nonô.

Júlia levantou-se rapidamente, e eu precisei ampará-la. Nonô abraçou-a, pela cintura.

- Veja... É castigo! É castigo! – ela repetia.

O evento cessou, nivelando o rio. O corpo de Júlia tremia. Procurei acalmá-la, massageando seus ombros, enquanto Nonô permanecia

agarrado à sua cintura. Levamo-la para dentro da casa e lhe demos um calmante. Ela me olhava como se algo inesperado fosse acontecer a qualquer momento.

Percebi que havia mesmo algo que Júlia escondia para se proteger – algo preso entre as rochas que ela expunha sobre seus pés.

Não tocamos no assunto durante o jantar. Júlia mostrava-se visivelmente nervosa.

No dia seguinte, depois do café, convidei-a para uma conversa. Pedi a Nonô que aguardasse o nosso retorno, porque precisava conversar com a sua mãe, em particular. Seguimos até a beira do rio e sentamos num tronco de uma árvore caída. Perguntei à Júlia se ela tinha medo de algum castigo.

– Eu tenho uma dívida com Deus! – confessou.

– Como assim?

– O fogo vai queimar meu corpo.

– Júlia... O que aconteceu na sua viagem a Velho Airão?

Nervosa, ela abriu a boca, mas não conseguiu pronunciar palavra alguma. Balbuciou, apenas.

Arrisquei a tão adiada pergunta:

– Seu pai machucou você?

Ela se levantou, bruscamente.

– Calma! Eu só quero ajudá-la.

– Eu não tive culpa!

– Eu sei. Você não teve culpa, Júlia!

– Eu não tive culpa! – repetiu.

– Conte para mim o que aconteceu naquele dia...

Agitada e gesticulando muito com as mãos, Júlia levantou-se. Mas não conseguiu falar.

Foi então que, segurando suas mãos firmemente, perguntei:

– Seu pai... Seu pai violentou você, Júlia?

– Ähn... Ähn... – ela hesitou...

– Diga, Júlia! É importante você falar!

Ela se levantou, mas não tinha forças para se segurar. Apoiei-a pelos braços e disse:

– Tudo bem! Fique tranquila! Já passou!

Soletrando as palavras, ela respondeu, devagar:

– E... le ras... gou a minha rou... pa. E man... dou que eu não con... tas... se a nin... guém..., por... que senão as for... migas me ata... cariam.

Nervosa, ela tremia.

– Por favor... Me a... jude! Elas podem... me a... tacar.

– Ninguém mais vai atacar ou tocar em você, Júlia.

Agora tudo se tornava claro. Nonô era o filho proibido de Júlia, fruto da relação incestuosa com o pai. Dona Maria havia me contado que ele sumira, logo depois da viagem a Velho Airão e que Júlia fora amparada por dona Vera. Isso despertou minhas suspeitas.

Júlia precisava de apoio psicológico no seu tratamento. ‘Como aquele homem não foi punido pelo que fez? Ou será que foi?’

Depois de acalmá-la, passeamos pela praia, antes de voltarmos a casa. Fiquei imaginando se dona Maria era sabedora daquele fato e se ocultava nos véus da igreja. Era necessário pôr essa história a limpo. Pensei em conversar com as duas amigas. Depois, considerei que o correto seria tratar o caso com discrição.

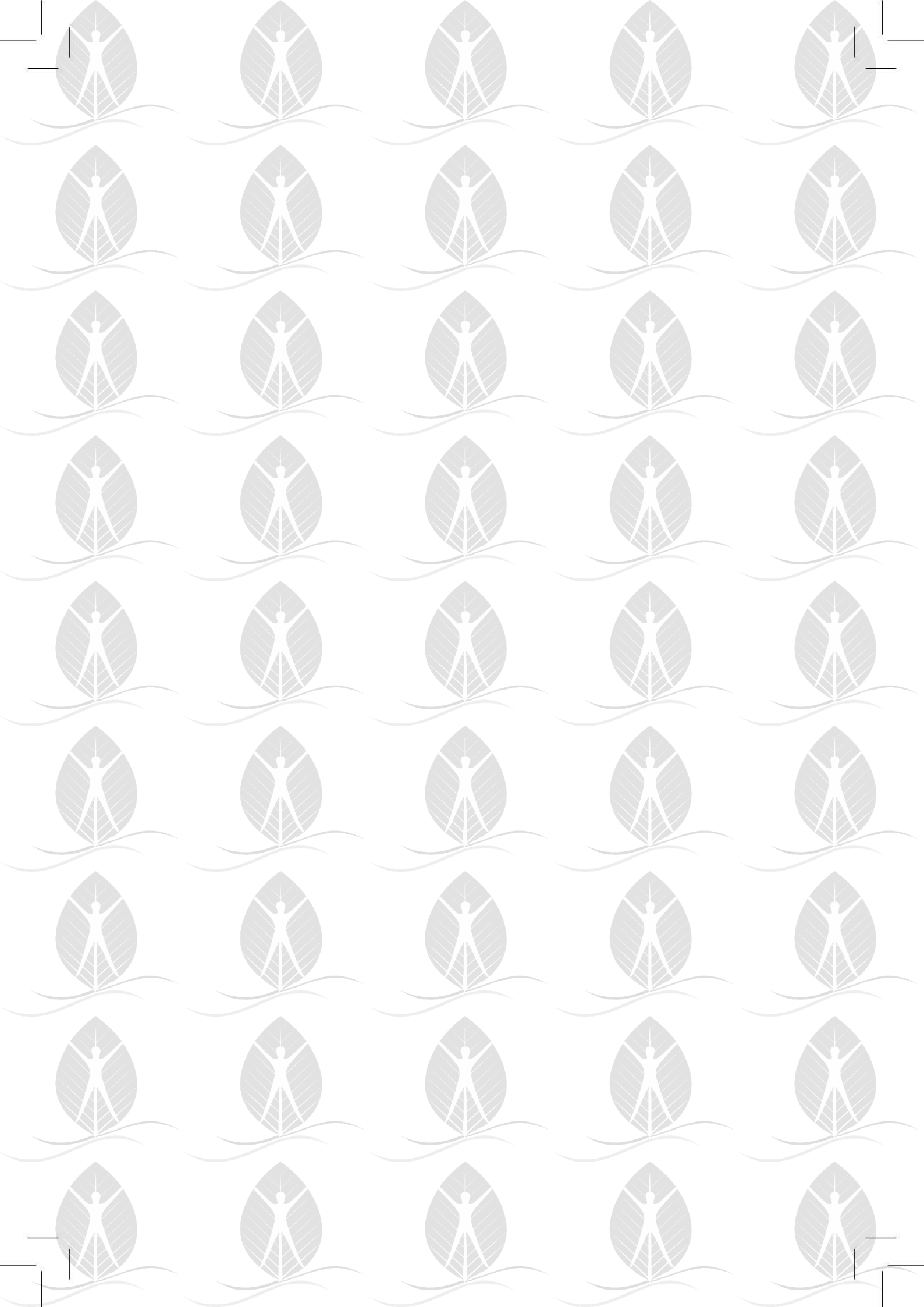
Procurei dona Maria, num momento em que se encontrava sozinha. Expliquei que havia um agravante no problema que Júlia apresentava, decorrente da violência que sofrera do pai. Ela ficou tão assustada, que também precisei dar-lhe um calmante para continuar a conversa.

– A senhora nunca desconfiou de que isso pudesse ter ocorrido?

– Eu nunca quis pensar numa coisa dessas.

Como dizer àquela senhora que ela deveria ter ouvido mais a sua filha, procurado entendê-la?

Era difícil.



XXXIV COMPAIXÃO FAMILIAR

Por que é que o sofrimento dos animais me comove tanto? Porque fazem parte da mesma comunidade a que pertença, da mesma forma que meus próprios semelhantes
Émile Zola

– Seu Oannes... Preciso falar com o senhor.

Dona Maria me chamava. Abri a porta do quarto e convidei-a a entrar.

Todos dormiam a sua sesta.

– Pois não. A senhora está precisando de alguma coisa?

Ela não respondeu. Colocou as mãos no rosto e começou a chorar. Disse que gostaria muito de ter evitado o que aconteceu, mas era tarde.

– Eu sei que a Igreja diz que precisamos perdoar. Sei que ele já morreu, mas eu tenho um ódio desse homem... Um ódio... Que, se ele não estivesse morto, eu matava...

– Agora a senhora tem de olhar pra Júlia e Nonô. Eles precisam da sua atenção e do seu carinho... – respondi.

– Eu sei. Muito obrigada por tudo que o senhor fez pela gente – respondeu, enxugando o rosto.

– É muito bom quando podemos ajudar.

– O senhor é uma boa pessoa.

– Obrigado.

– O senhor me desculpe se fiz algo que não gostou. Posso ter sido injusta. Às vezes falamos e fazemos coisas que não queremos.

– É verdade. A senhora tem razão.

– Esse homem me maltratou muito, sabe? Dei graças a Deus, quando consegui emprego fora da cidade. Mas errei ao deixar Júlia sozinha com ele. Eu podia ter pensado que ele era capaz de fazer isso. Agora “não adianta chorar pelo leite derramado”.

– Isso mesmo! De agora em diante é aceitar a situação.

– “O que não tem remédio, remediado está”. Mas Deus é justo e fará a sua alma penar muito.

– Dona Maria, é difícil saber o que se passa na mente de alguém que comete um ato como esse, mas com certeza é uma pessoa desequilibrada.

– Desequilibrada ficou minha filha, que nunca mais vai ficar boa.
– Ela já está melhor, o que é muito importante. Júlia precisa ser ressocializada, voltar à sua convivência com as pessoas que fazem parte de sua vida. Produzir seus doces, fazer seus pães, vai ajudá-la muito. Nós podemos contribuir para que ela fique bem e tente não se lembrar desses acontecimentos que a fizeram e ainda a fazem sofrer.

– Ninguém esquece uma coisa dessas, essa é a verdade, seu Oannes.

– Mas podemos tirar a culpa que ela carrega e que continua a lhe fazer mal. Podemos amenizar seu sofrimento. Outras pessoas já viveram situações parecidas e conseguiram superar o trauma.

– Sei que a Igreja pode ajudar Júlia.

– Acredito que até possa. Mas tome cuidado para não a machucar, pois no momento ela precisa resolver junto com a senhora essas questões relacionadas à culpa e ao pecado. Ela ou a senhora não tem culpa. Júlia não cometeu pecado. Foi vítima das patologias sociais das quais precisamos aprender a nos defender e a sociedade precisa tratar. Talvez ela estivesse despreparada para isso, é quase certo. As coisas, porém, acontecem independentes de querermos, ou não. Em alguns casos, cabe-nos aceitá-las e trabalharmos para a sua superação. Acho que isso a senhora poderia buscar na religião... – olhei-a nos olhos e lhe sugeri: – Abrace a sua cruz!

– Uma vez eu disse que o senhor era uma pessoa esquisita, quero que o senhor releve, pois sou muito nervosa.

– Sei que a senhora é uma boa pessoa...

– Eu acredito em Deus, seu Oannes!

– Que bom!

– Ao contrário do senhor...

– ...Dona Maria, cada pessoa enxerga Deus do seu modo, seu jeito.

Todos nós temos a nossa maneira de ser, de pensar, de ver Deus, mas Ele está presente em toda a humanidade. Precisamos parar de disputar Deus.

– Desculpe-me, seu Oannes. Mas o senhor não acredita em Deus, não é verdade?

– Não é bem assim...

– Diga a verdade, seu Oannes!

– Eu apenas vejo Deus de uma forma diferente!

– Você não conhece o meu Deus. Caso contrário, não diria isso!

– Eu respeito o seu Deus, dona Maria. Mas não preciso trocar de Deus! – rebati, firmemente.

– Está bem! Não vou me chatear com o senhor. Sei que preciso ter mais paciência com as pessoas.

– Apoie Júlia em algum trabalho criativo. No hospital, o médico disse que ela melhorou com as atividades terapêuticas. Não esqueça que cada um de nós lida à sua maneira com as dificuldades, e reage a elas ao seu modo. Todos nós temos situações a serem superadas. Júlia não pode ficar isolada, precisa ser aceita para que possa melhorar, cada vez mais.

– Vou falar com a dona Vera. Quero estar mais perto deles. Mas não quero sair daqui, não.

– Claro...

– O seu Ubiracy precisa dos meus serviços.

– Sei. Os porcos...

Ela sorriu.

Não é que dona Maria gostava mesmo de lidar com os bichos? Acho até que, com seu jeito engraçado, ela se comunica com os animais.

– O seu Ubiracy há de se dar muito bem com esse tipo de negócio, porque ele gosta de criar os animais. Agora que ele resolveu vender mesmo, pelo menos vai parar de ficar sofrendo com essa história de se cria ou se não cria; se vende ou se não vende... Por que cria ou por que vende... Senão, pra que vai encher o sítio de porcos, se não vai vender?

Dona Maria tinha razão. A atividade comercial, apesar de não ser a forma adequada de defender os peccaris ou qualquer outro animal da extinção, foi a que Ubiracy encontrou para realizar o repovoamento da espécie e resolver sua situação financeira.

– O senhor reparou como eles quase não comem carne?

– É bom não comer...

– Mas se não comer carne, vai comer o quê?

– Grãos, frutas, cereais... Assim como faziam muitos povos antigos.

– O que eles faziam?

– Evitavam o consumo de animais.

– Por quê?

– Eles acreditavam que as divindades encarnavam nos animais.

– Cruz! Credo!

– Existem pessoas que também não comem carne porque concordam com a tese de que todos nós somos parentes e que sentimos dor e sofrimento...

– A Igreja só não come carne na sexta-feira santa – interferiu dona Maria.

– ...É como se alimentassem uma culpa... – continuei.

– Uma coisa que eu não tenho é culpa! Como é que vou comer algo e depois achar que não devia ter comido?

– A senhora tem razão! – concordei. Minha preocupação se devia à crescente pressão para a matança dos animais, motivada pela demanda da população em consumir, cada vez mais, carne.

– A forma com que são levados a abastecer a população humana é muito cruel, causa dor e sofrimento aos animais – argumentei.

– O senhor não devia sofrer por isso. Faz parte da vida!

Mais uma vez aquela senhora demonstrava sua sabedoria.

– Algumas pessoas se preocupam mais com isso do que outras – eu disse.

– Eu não, embora agradeça muito a Deus. Todo alimento é sagrado!

– Sim. Todo alimento é sagrado!

– O importante que eu acho é não matarmos por matar. Isso que é pecado.

– Acredito que haverá um tempo em que as pessoas comerão cada vez menos carne.

– Aqui no sítio estamos comendo cada vez menos.

– Sei o que a criação de animais representa para Ubiracy...

– Seu Oannes, a natureza é assim mesmo! O senhor não vê que os bichos se alimentam de outros bichos?

– Não acho que devemos nos comer assim, uns aos outros...

– Se não for assim, o mundo vai passar fome, seu Oannes... De alguma forma as pessoas têm de comer.

E, retirando-se, disse:

– Vou cuidar do meu trabalho. Fique em paz com seus pensamentos.

Dona Maria saiu e eu fiquei refletindo sobre a nossa condição humana. Vivemos ainda sob os estigmas da culpa e do pecado. Não superamos, ainda, a visão antropocêntrica de que o homem é o centro do universo. A relação predatória com outros seres da natureza e com ela própria é pernicioso, e prejudica o equilíbrio da vida no planeta, colocando-a sob ameaça. Se os rios, as florestas, as montanhas, as aves, os répteis, os peixes e os outros animais forem explorados inconsequentemente, todos terão o mesmo destino.

Se bem observarmos, os animais se tornaram escravos dos seres humanos. Transformados em servos, atendem às necessidades de consumo, pesquisa e lazer. São produtos comestíveis, cobaias de laboratório e bichos de estimação; nem mesmo depois de a ciência nos dizer que eles possuem sistema nervoso central similar ao nosso e que as funções das emoções instintivas e das funções consideradas nobres, como vontade, atitude, sofrimento e dor são correspondentes às nossas; ainda

assim, sequer pensamos em estabelecer uma relação diferente com eles, como nos ensinam os Tuyuka.

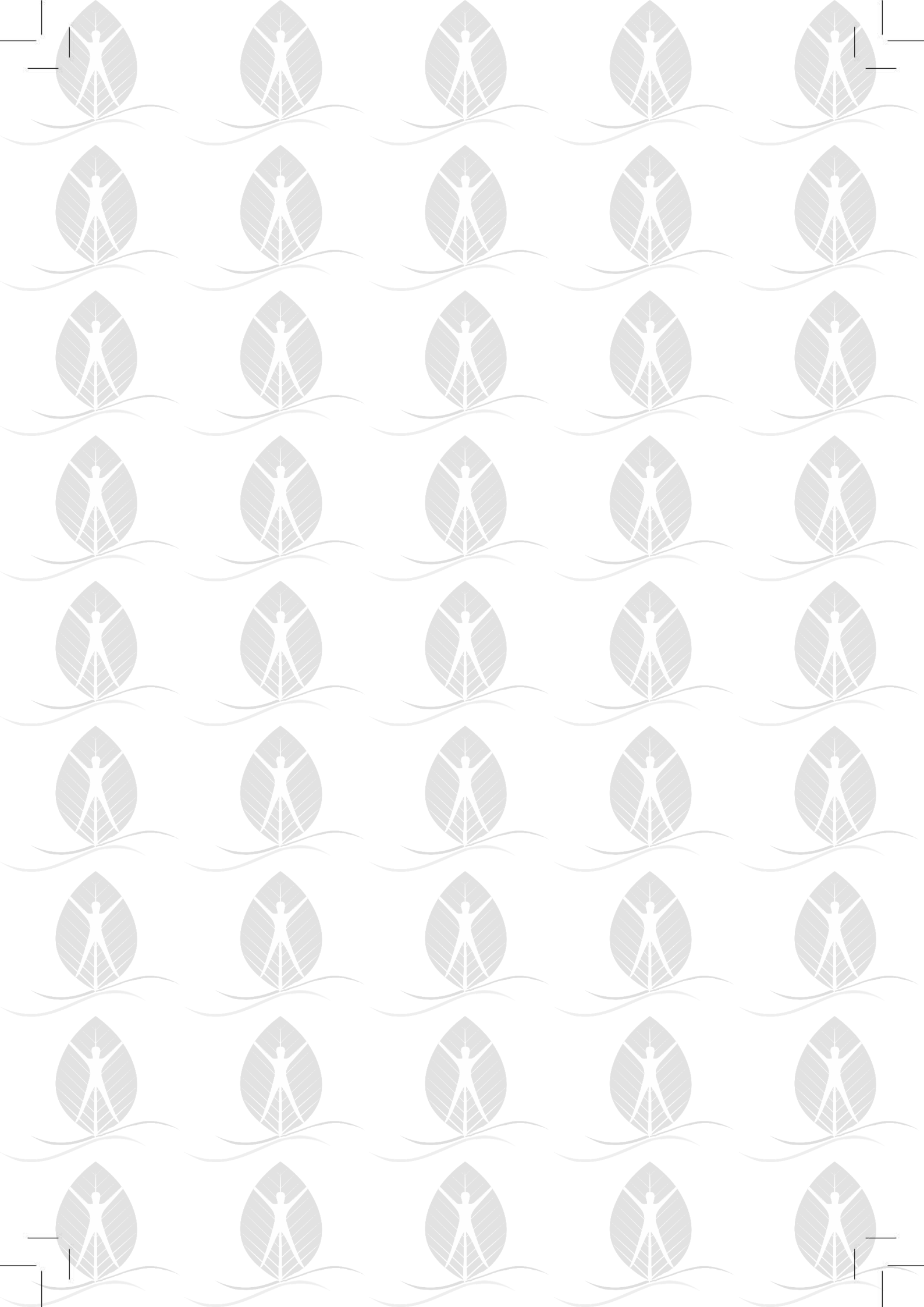
Vende ou não vende os caititus? As palavras de dona Maria ecoavam na memória, como a me cobrar também uma atitude com relação às minhas convicções, aos meus objetivos. Aquilo para o qual havia me preparado e haveria de me consagrar. “A decisão estava comigo”, dissera o pajé Arlindo.

Come ou não come a carne? Nossos ancestrais foram vegetarianos, há milhões de anos. O nosso antepassado mais antigo de que temos notícia, o *Australopithecus anamensis*, alimentava-se de frutas, folhas e sementes. O consumo de pão, queijo, mel em muitas culturas diminuiu o consumo de carne. Antes que as populações passassem a consumir a carne de animais selvagens, algumas civilizações antigas do Vale do Mediterrâneo estimularam o plantio de vegetais. Portanto, não basta tencionarmos mudar, é preciso que criemos atitudes que reforcem o pensamento de mudança, porque é difícil mudarmos. O consumo de carne faz parte da alimentação humana. Mas o fato de as pessoas estarem sendo levadas a comer, cada vez mais, carne, desencadeia dois graves problemas: um de ordem interna, e outro, externa. O primeiro, relacionado à própria saúde humana: o excesso de proteína animal prejudica o organismo. E o segundo, a criação desses animais em cativeiro é feita de forma criminoso, tanto pela quantidade de hormônios que eles são levados a ingerir quanto pelo sacrifício com que são abatidos para abastecer a demanda humana, cada vez maior.

Na época medieval, a classe dominante do clero fez uso abusivo do abate dos animais. Os que se posicionaram contra foram perseguidos e queimados vivos pela Igreja. Nesse tempo, o consumo de carne era símbolo de status da classe alta. As pessoas que comiam carne mantinham elevada posição social. Houve quem resgatasse a importância do consumo das plantas e introduzisse novos vegetais, como a batata, a couve-flor e o milho, oferecendo, assim, uma nova perspectiva de alimentação para os seres humanos, segundo o argumento de que os animais têm sensibilidade e inteligência.

Ora, a questão é tão antiga que Pitágoras chegou a argumentar sobre as vantagens de um alimento vegetariano, a favor de uma dieta baseada nos princípios da veneração religiosa, saúde física e responsabilidade ecológica. Isso há mais de dois mil e quinhentos anos.

Por que não poderíamos mudar?



XXXV JOANNES DECIDE O SEU CAMINHO

Sushumna é conhecido como Saraswati e outros nadis são simplesmente conhecidos como rios. Diferentes dhatus (tecidos corporais) são ilhas: a saliva os sete oceanos; na base (Muladhara) está o Kalagni, no meio da pélvis está o Badava, no sushumna tem um fogo energizante: na região do umbigo existe o elemento terreno, na região do coração está Kalagni, na testa a lua, e as estrelas é dito que são várias outras regiões, isto pessoas sábias devem saber

Hatha Ratnavali

Também possuía algo em comum com Júlia. Os laços que nos prendiam ao meio social haviam sido brutalmente cortados. O limiar que ambos atravessamos foi pesadamente escuro, feito chumbo. Mas também é essa metamorfose que transforma a lagarta em borboleta. Atravessar a dura matéria para encontrar o nosso segundo nascimento é uma tarefa penosa e longa. Não importa o tempo que estabelecamos; não dá para medi-lo.

No caso de Júlia, a cisão com o mundo exterior levou-a a estados catatônicos para o mundo interior. Livrá-la da camisa de força, com a qual estava moralmente vestida, era como fazê-la atravessar um labirinto interno, tarefa que, sozinha, não era capaz de executar. Entretanto, propor-lhe o reconhecimento da situação e mostrar-lhe as possibilidades de superar o trauma desse sofrimento seria o primeiro passo para o restabelecimento de sua saúde.

Reconheço que nada acontece de forma isolada, nem mesmo a vida que surge da composição dos elementos. O processo que desencadeia o surgimento da vida é inteiramente dependente. Da mesma forma, não importa qual seja o fardo a se carregar, sempre se precisará de alguém para ajudar a carregá-lo. Assim é a vida, somos todos um e um em todos. É uma dependência necessária, como a que estabelecera com meus amigos.

Deixamos Júlia e Nonô em Novo Airão. Despedi-me dela, com carinho, desejando-lhe muita saúde e felicidade, junto ao filho e dona Vera. Em seguida, dei um abraço especial no pequeno príncipe baré.

– Cuide bem da sua flor! – desejei-lhe, retirando-me para voltar ao barco.

– Oannes! – ele me chamou.

– Diga!

– “Que planeta engraçado!”.

Fiquei feliz, pois compreendi que ele gostara do livro.

– Adeus, Nonô!

– Adeus, Oannes!

Dona Maria aproveitara a missa do domingo para acompanhá-los e só deveria retornar no dia seguinte. Ubiracy acertara a sua primeira produção de caititus em cativeiro para a venda, por meio de um projeto que o amigo Daniel ajudara a aprovar. O mais interessante é que os caititus iriam repovoar a área dos Boe, no Estado do Mato Grosso.

Cíntia e a amiga Simone preparavam-se para voltar à capital.

Ajudei-as a carregar as malas, enquanto Ubiracy se aproximava da praia com o barco maior, guardado mais para o interior do sítio.

– A propósito, por que, mesmo, resolveu me chamar de menina Cíntia? – ela insinuou, aproximando-se de mim, toda em sorrisos.

Respondendo à expressão daquela mulher singela, que me inspirara inocência, apesar de sustentar firmes convicções, disse-lhe:

– Ora! E é preciso responder? Com esse jeitinho de menina...

– Hum! – ela suspirou, ao se despedir: – Quando você vai à cidade?

– Sem chances, por enquanto!

– Então, até qualquer dia! – disse, com o sorriso preso nos lábios.

– Ah! E solte mais os seus cabelos...

Então fora ela que me avistara naquela noite, no rio.

– Boa viagem! – desejei-lhe.

– Fique bem, Oannes! – disse Simone.

– Você também, Simone!

Abraçamo-nos fortemente, como dois amigos que se separam e não sabem se irão se encontrar novamente.

E olhando para as duas, já tão amigas, desejei-lhes felicidades:

– Cuidem-se!

“Menina Cíntia”. Desde o início tive vontade de chamá-la assim, como se juntasse carinho e respeito nessa expressão. Talvez por perceber, no seu jeito sincero, uma rara espontaneidade. Por ter um quê de franqueza e inocência que me encantara. Apesar do seu jeito de menina, ingênua é que não era, apesar de sua pouca idade.

Tinha a história da mãe-atriz, mas em momento algum ela me pareceu carente de seu amor – essa ausência, talvez, tenha sido compensada pela presença da avó. Julguei-a verdadeiramente forte, quando me contou que, por enquanto, não desejava encontrá-la. Quem sabe um dia, como ela mesma falou... Quando estivesse preparada, se é que já não estava se preparando...

Lembrei-me das suas risadas bem-humoradas... E que respostas inteligentes! Ubiracy devia sentir muito orgulho da filha, pois ela era, realmente, uma pessoa com muitas qualidades. Deixei-a ir, sem cultivar nenhuma possibilidade de afeto, cumprindo com a minha renúncia, sem culpas. Não alimentaria um sentimento para o qual não poderia me dedicar. Manteria meus votos de celibato e castidade. Era melhor que fosse assim.

Fitava-os de longe, enquanto o barco se aproximava do gaiola, que diminuía sua velocidade para recebê-las a bordo.

Mais uma vez, Ubiracy embarcava a filha para um de seus retornos à capital. Talvez um dia ela voltasse para ficar mais tempo por aqui. Também se não ficasse, não seria o fim do mundo. A cidade estava a algumas horas do sítio.

Senti que também meu tempo na localidade expirava, não obstante a gratidão pela acolhida e a amizade plantada junto a essa família.

Agora era comigo: a cura estava em mim, como dissera o pajé Arlindo.

Ubiracy subira para descansar. Já havia acertado o embarque da primeira produção de caítitus em cativado para o dia seguinte. Ele mesmo acompanharia o trajeto até Novo Airão, quando traria dona Maria de volta pra casa.

A vida seguiria seu curso.

Meus banhos de rio nos finais de tarde passaram a ser de completa solidão. Não que os achasse ruins, mas sentia falta de Nonô e da presença da minha melusina. Ela nunca mais aparecera.

Permaneci, ainda, por alguns meses, na companhia de Ubiracy, cuidando dos caítitus e ajudando nas tarefas do sítio. Ele fora intimado a responder a inquérito policial, que virou um processo judicial criminal por cárcere privado, culminando numa condenação branda, em que deveria passar um ano proferindo aulas e palestras sobre preservação ambiental, nas comunidades próximas. Assumiu tudo sozinho. Mas nem se incomodou por isso, até agradeceu, considerando importante prevenir a vizinhança sobre o que classificou de “irresponsabilidade

ecológica”. Por outro lado, o tal Moreno acabou enrolado com a justiça, foi preso e aguardava julgamento.

Retrocedi ao início da viagem. Percebi que fizera o percurso do herói, como diria Campbell. Não me furtei a desempenhar as ações inicialmente observadas.

Quando deixei a capital do Estado, estava convicto de que deveria afastar-me de tudo que me incomodava até então. Queria o isolamento, ficar sozinho. Ao chegar aqui, não tive escolha. Ao encontrar em meus amigos um porto seguro, não me privei de experimentar da solidariedade, da compaixão, do amor; enfim, de tantos sentimentos sublimes com os quais eles me brindaram sua amizade.

Aqui, pude retomar meus exercícios espirituais. A rede de princípios da escola tântrica me acompanhara durante todo o percurso. Nesse caminho, revi as cinco tarefas que deveriam ser realizadas para o encontro com a divindade – os princípios da filosofia Pratyabhijña. Tinha a convicção de que me esforçara para executar cada um deles: desde o princípio da ação, quando parti em busca de uma saída; ao do conhecimento, quando meu coração se abriu para as revelações dos mistérios da luz; o da vontade, quando decidi pelo meu caminho; e o da percepção, quando me descobri em Shiva. Faltava cumprir o quinto princípio: o da consciência pura, sem objetos.

Sentia-me mais leve. As escamações na pele já não incomodavam, faziam parte do meu corpo. Olhei para os lados, como se procurasse ainda algo a ser resolvido. Em volta da casa e do bai, tudo parecia estar bem. Era domingo. Ubiracy deixara o sítio, logo de manhãzinha, para resolver algumas pendências em Novo Airão. Dona Maria aproveitara para visitar a filha e o neto. Os dois só deveriam regressar no final do dia seguinte.

Em meio a tantas lembranças vividas nos últimos tempos com aquela nova família, agora eu ia ficando cada vez mais só. Tudo, porém, transcorria conforme o esperado, não havia com que me preocupar. Agora era tocar para frente, seguir o destino das águas.

Estava em casa, no meu local sagrado. No lugar onde encontrara Deus em diferentes formas e corações. Onde vivera meses de profundas reflexões, sem que fosse preciso deslocá-lo para outro lugar, ou substituí-lo, como fizeram os ancestrais dos Tukano.

As pessoas passam muito tempo de suas vidas brigando com Deus, até aceitá-lo em seus corações. Outras trocam de Deus, tentando entranhá-lo nas suas vidas, nas suas almas. Mas embora as entidades

divinas divirjam em sua forma, o conteúdo é energia ígnea, é sopro que emana da matéria sutil que se dissolve em partículas dentro de cada um de nós.

Assim me ensinou a Hierarquia da Serpente e Dragões da Sabedoria, no início dos tempos: não importa o Deus que elejamos. Com o tempo, percebemos que ele cabe dentro de nós. Foi assim comigo!

Nessa viagem do inconsciente pela memória da Terra, compreendi que não escolhemos Deus. É Ele quem nos escolhe. Deus é o dragão da Atlântida que nos acolheu em seu coração. Hoje, o dragão está envelhecido, como se chamasse a nossa atenção para a morte do paraíso. O paraíso que criamos para reverenciá-lo.

O quinto princípio a mim confiado era a chave para atingir a unidade espiritual, ou o princípio imutável da consciência pura...

Andei pela beira da praia, agora bem próxima da casa de Ubiracy. O nível do rio subira muito nas últimas semanas. Havia uma passividade latente em seu leito, cujas águas aparentavam dormir sobre aquele vale. As pedras onde eu e Nonô nos sentávamos para apreciar a passagem e conversarmos sobre o destino das águas estavam, agora, submersas. Mais uma vez, lembrei-me do pequeno grande amigo. Ele, que acompanhara parte de minhas descobertas.

Um forte vento esfriou meu rosto. Notei que as águas se agitavam como se precipitassem rumo ao oceano. Pareciam ter pressa.

Pensei no pecado e na culpa que tanto oprimiam Júlia e dona Maria. Às vezes, é preciso que nos voltemos para dentro de nós mesmos para descobrirmos a nossa identidade. Ainda assim, na maioria das vezes, negamo-nos a olhar para ela. Pensei, também, na minha intolerância com relação à cidade, aos gestos rudes e grosseiros de muitos dos habitantes. E me lembrei da lição de Ubiracy aos infratores ambientais. Ele, que agira por conta própria para punir a forma leviana com que aqueles homens haviam retirado as árvores da floresta, recebera da justiça a sentença de uma pena alternativa que consistia em conscientizar a população sobre os problemas ambientais advindos dos descasos e da forma irresponsável com que muitos costumam tratar nossas florestas. Por certo, haveria de obter ganhos com essa atitude, entre os quais o respeito da gente que ama e cuida do nosso planeta.

Sentei-me no pedaço de praia, ainda não submerso, para olhar o rio, conectar-me com a energia da Terra, sentir sua alma dentro do meu corpo...

Nuvens escuras começavam a formar-se sobre o rio. Relâmpagos cortavam os céus, ressonando nas pedras próximas à casa de Ubiracy o barulho dos trovões.

Num piscar de olhos, percebi a presença de Tiamat sobre as pedras ainda visíveis. Ele que nunca me abandonara!

Sentou-se com suas leves patas ao meu lado. Esse quadrúpede que se dava melhor no ar do que na terra, mas que ainda descansava seu dorso no ombro do amigo, precisava das águas, agora, mais do que do ar ou da terra.

Nós, que estivemos juntos em tantos eventos importantes... Enfrentamos a fúria do fogo, das águas e dos homens, mas nunca nos separamos... Nem mesmo quando a grande “Cidade dos Portões Dourados” sucumbiu... Como sempre, no momento certo, ele aparecia.

Pois bem, agora ele estava comigo novamente. Precisava ver o amigo, até que viéssemos a nos encontrar novamente. Afaguei seu comprido pescoço, quando baixou a cabeça sobre o meu colo. “Bravo Tiamat!”, exclamei. Mais uma vez era necessário manter a tenacidade, a paciência e a coragem. E essas virtudes ele tinha!

Seu olhar me fitava, longa e profundamente.

– Agharta! – pronunciei.

Invocava o mundo subterrâneo, que nunca conheci, mas que Tiamat conhecera como ninguém.

Tiamat me trouxera a sétima revelação.

Era preciso que entendêssemos a lição dos atlantes, que um novo dilúvio estava prestes a ocorrer. Onde há terra haverá água; e onde houver água, a terra retornará.

XXXVI A GRANDE INUNDAÇÃO

Tudo está em mudança; nada morre.

O espírito vagueia, ora está aqui, ora ali, e ocupa o recipiente que lhe agrada... Pois o que existiu já não é, e o que não existiu começou a ser; e assim todo ciclo de movimento se reinicia

Ovídio, Metamorfoses

O órfão era eu. Sem pai, nem mãe, ou consorte, tal qual Urano, deus do firmamento, filho e marido de Gaya, progenitor dos Titãs, Ciclopes e outras criaturas estranhas. Não os queria, porém, banir, ou castrar-lhes, tal como fora feito com seu filho mais novo, Cronos. Pelas águas, abdicaria qualquer reino e me personificaria no mais velho de seus filhos, Oceano. Nele me diluiria.

Havia escolhido as escuras águas para meu mergulho interior. Aqui, onde experimentara várias revelações de luz e realizara a alquimia da transformação – circundando as duras arestas que separam o bem do mal, estimulando o fogo e abrandando a dor –, a exemplo da pedra, que, para atingir a cor definitiva, passa do vermelho ao grená e ao violeta. Sentia-me, finalmente, preparado para diluir-me no Rio de Leite, espargir-me nas águas mercuriais do Negro.

Era um dia diferente, de brumas, quase sem luz. Algo de misterioso projetava-se na paisagem. O vento suave, o céu cinzento... Como se a natureza predissesse uma situação de perigo. Vivemos num tempo de trepidação, tinha certeza! Seria preciso que a humanidade percebesse o ritmo com que as alterações vinham sendo processadas para minimizar os terríveis impactos, de forma a superar aquilo que ela mesma ajudou a promover.

Meus sentidos previam que as mudanças não tardariam, mudando a paisagem do planeta, de forma voraz.

Embora nossa condição humana nos tenha deixado insensíveis, nossa herança anfíbia ainda podia detectar a iminência de perigo, bastava que não bloqueássemos nossas reações e prestássemos mais atenção aos sinais de evidência.

Caminhei pelo rio, à beira da praia. Apesar do nebuloso silêncio, era possível ver peixinhos de várias cores aos meus pés e botos saltitando,

mais adiante. Refleti sobre quão terrível e doloroso deve ser morrer pela boca, como também ser pego desprevenido, tanto fora quanto dentro d'água. Ser puxado por um arpão equivale a ter o peito atravessado por uma lança. Morrer por asfixia, ou sentir a dor de ser repuxado pelos genitais – que é a dor que o peixe sente ao ser puxado pela boca – deve ser algo difícil de suportar. Ser fígado é algo que ninguém quer!

Minha atenção voltava-se para a Terra, nosso planeta. Ele já se encontrava de banda, isso era um indicador de mudanças. Com um peso de aproximadamente seis sextilhões de toneladas, o seu manto estaria pesando para um dos lados. A inclinação do seu eixo me levava a pensar se já não se preparava para mudar de fisionomia.

O que acontece em cima da crosta provoca reações embaixo, no seu manto – o mesmo princípio hermético das sete leis da sabedoria. A substância quente e pastosa que se move no interior da Terra interage com as mudanças que ocorrem na sua atmosfera. Transformações mais rápidas e drásticas estariam a caminho, desencadeando alterações na sua superfície, relevo e paisagem.

As águas voltariam a tomar conta de tudo, dando origem a um novo dilúvio.

O sol se punha. O crepúsculo abria o cenário de um mundo aquático nas cores marrom e cobre-dourado.

Ainda havia o quinto princípio da imaculada pureza: o segredo da consciência pura, o princípio imutável de todas as mudanças. Então, gritei: – Sou Oannes-Dagon, aquele que mora sobre as águas!

‘É tempo de rever minha melusina! Ela que me trouxe a revelação dos sete mistérios, que me levaram a renascer no Rio de Leite.

Sou o homem-peixe de Lemúria, o titã de Atlântida que retorna ao oceano. Vivi com seres antropomórficos, homens alados, humanos de duas cabeças, touros com cabeças de homem, cães com cauda de peixe... Renasço sem escamas de queratina, para consagrar-me a essas águas, meu lugar sagrado. Posso brincar no fundo dos rios com seres aquáticos, viajar pelo fundo dos mares, mergulhar em suas águas maternas, nutritoras... Não temo ser fígado! Um ser das águas não a teme, é atraído para elas! Águas que não cessam de correr desde tempos imemoriais... Águas do oceano primevo, primordial. Útero do planeta.

Deixo-me levar pelo feixe de luz que risca o rio. O horizonte cinge de matiz púrpuro-esfumado os raios do sol. Centelhas douradas espalham-se no ar. Entro em sintonia divina para pronunciar meu

mantra que saúda a energia do planeta. Quero ser tocado por Ignis. Não há mais tempo!

Aum Suryaya Swaha Suryaya Idam Na Mama! Prayapataye Swaha Prayapataye Idam Na Mama...

Início a respiração da água, inspirando pelo nariz, sustentando a respiração e expirando pela boca. Procuo por minha melusina no manto líquido que parece subir ininterruptamente. Levito entre os cardumes, embalado pela correnteza. O sono parece quedar-me...

Estou, finalmente, em casa. Quero adormecer à sombra da sua luz... Mergulho nas águas maternas que me recebem com o calor de seu extenso e caudaloso leite negro.

Um redemoinho se forma em torno de mim. Da espiral, o fogo começa a surgir. Sou puxado, entre círculos, de volta para cima.

Meu sonar detecta o que está ao meu redor... É ela!

Finalmente ela surge, minha melusina! Minha Ignis! De dentro do magma terrestre. Estende-me do fundo das águas, lançando-me no ar. Seu hálito quente me dissolve, espalhando cinzas no céu.

Lá, no alto, garças voam em círculos...

...

Sou a Serpente de Sete Cabeças, naga-maya... A Serpente Emplumada, de Iucatã... A Serpente de Pedra, de Nazca... A Cobra do Surgimento, do rio Negro... A Serpente do Sol que guiou seus filhos a uma terra segura.

Sou a Serpente que está em todos os cantos da Terra. Mãe de todas as Águas. Filha do Fogo Primevo.

Sou Oceano Primeiro – Mar de Leite, Rio da Criação.


Sigo à deriva...

FIM

CULTURA



Este livro foi composto pela Gráfica Ziló para Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas, em Minion/kalinga no corpo 11/20 pro e impresso sobre papel offset 90g/m² em abril de 2012.



*Você pode afastar-se dos
sofrimentos do mundo, isto é
algo que está livre pra fazer e
de acordo com sua natureza,
mas este recuo talvez seja
precisamente o único sofrimento
capaz de evitar.*

Franz Kafka

ISBN 85-65407-18-X



7 768565 40718 X

Secretaria de
Estado de Cultura



TRABALHANDO PARA
CRIAR OPORTUNIDADES



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA